

**MD Magno**



**SóPapos**  
**2 0 1 3**

**NOVamente**  
editora

**SóPapos**  
**2 0 1 3**



**MD Magno**

# **SóPapos**

**2 0 1 3**



**NOVAMENTE**  
editora

**NOVamente**  
editora  
é uma editora da  
***UNIVERCIDADEDEDEUS***

Presidente  
Rosane Araujo

Diretor  
Aristides Alonso

Copyright 2015 MD Magno

Texto preparado por  
Nelma Medeiros  
Patrícia Netto Alves Coelho  
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Diagramação e editoração eletrônica: Wallace Thimoteo e Thyana Azevedo  
Editado por  
Rosane Araujo  
Aristides Alonso

**...etc.**  
Estudos Transitivos do Contemporâneo

---

M198r

Magno, M. D. (Machado Dias), 1938-  
SóPapos 2013 / MD Magno. – Rio de Janeiro : Novamente,  
2015.  
214 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-87727-68-8

1. Psicanálise. I. Título.

---

CDD- 150.195

Direitos de edição reservados à:

***UNIVERCIDADEDEDEUS***

Rua Sericita, 391 – Jacarepaguá  
22763-260 Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (021) 2445-3177  
[www.novamente.org.br](http://www.novamente.org.br)

Estilo Manuelino:  
Não a nave romântica  
onde a regra  
Da semente sobe  
da terra  
Nem o fuste de espiga  
Da coluna grega  
Mas a flor dos acasos  
que a errância  
Em sua deriva agrega.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Assim, a psicanálise deve se inventar com as palavras e através dos riscos do jogo histórico do momento em que ela é praticada. Pois *‘aquele que não puder juntar em seu horizonte a subjetividade de sua época’* deverá renunciar a exercê-la: este é o conselho que Lacan dava ao futuro psicanalista.

[Ainsi, la psychanalyse doit-elle s’inventer avec les mots, et à travers les enjeux historiques du moment où elle se pratique. Car *‘celui qui ne peut rejoindre à son horizon la subjectivité de son époque’* devra renoncer à l’exercer: tel est le conseil qui donnait Lacan au futur psychanalyste].

ALAIN VANIER



# SUMÁRIO

## 1, 15

Anterioridade da Bifididade em relação à oposição – Estrutura bífida da linguagem e regime opositivo das línguas – Distinção entre oposição vetorial na Bifididade e variação quantitativa de gradientes sintomáticos – Revirão como *competência* e deslizamento linguageiro como *performance*.

## 2, 23

Diferenças e aproximações entre as perspectivas clínicas freudiana, lacaniana e da NovaMente – “A língua que o Inconsciente fala é o pornuguês”.

## 3, 26

Comentários sobre o texto “Da linguística à linguisteria”, de Jean-Claude Milner – Esclarecimento sobre a ideia de “retorno de Freud” na NovaMente – Apropriação do dito emersoniano “Nature is language” para a ideia de linguagem segundo a NovaMente.

## 4, 32

Continuação dos comentários sobre o texto “Da linguística à linguisteria”, de Jean-Claude Milner, com destaque para a relação Lacan-Wittgenstein – Considerações sobre a proposição lacaniana de que “não há metalinguagem”.

## 5, 43

Relação entre Instituição e Perversidade Social – Análise sintomal da ideia de instituição: referência ao Creodo Antrópico – “A constituição institucional é neurótica” – Segundo Império se estatui sobre patriarcalismo como ideia hegemônica na organização institucional – Burocracia é regime de perversidade social.



## 6, 48

Administração institucional está a serviço da Formação do Psicanalista, e não o contrário – Instituição psicanalítica depende de transferência, que é dissimétrica.

## 7, 52

Fundação patriarcal do patrimonialismo – Característica de emergência de Quarto Império: função analítica exercida à revelia de analista nomeado; perda dos parâmetros e fundamentos do conhecimento; dispersividade do gênero – Instituição psicanalítica é exercício de e para a Diferocracia.

## 8, 55

Relação sociedade/estado do ponto de vista psicanalítico – Três níveis de instalação de referência: nomeação (dependente de transferência), apropriação e titulação (regime de Estado).

## 9, 60

Instituição psicanalítica é lugar terceiro entre nomeação e titulação – Comentários sobre a ideia lacaniana de passe à luz da questão da instituição – Família é instituição estatal – Noção de titulação na universidade – Crítica à ideia de estado em Pierre Clastres – Fanatismo é hipóstase retrogressiva de transferência – Comentários sobre nomeação, apropriação e titulação na história da psicanálise.

## 10, 77

Lembretes da teoria psicanalítica NovaMente – Esclarecimentos sobre as ideias freudianas de Verdrängung (recalque), Verneinung (denegação), Verleugung (renegação) e Verwerfung (foraclusão).

**11, 80**

Morfoses e sua correlação com a Teoria das Formações – Morfose Estacionária, Progressiva e Regressiva a partir do Revirão – Apoio jurídico da tradução lacaniana de Verwerfung como forclusão – HiperRealque é negação + clausura (sonegação) – Primário e Secundário: mesmo processo de recalque com gradientes diferentes.

**12, 95**

Relação entre Perversidade e Morfose Progressiva – Formações da Patemática independem da relação Metanoia/Paranoia.

**13, 99**

Tanatose se apresenta como melancolia em gradiente positivo e negativo – Teoria NovaMente é melancólica e gnóstica – Questão sobre gradientes no autismo e na melancolia.

**14, 101**

Reconhecimento do Primário autossomático e etossomático como força recalcante dada – Esclarecimento sobre a concepção de tecnologia para a NovaMente.

**15, 105**

Instituição psicanalítica e a necessidade de exercício diferocrático.

**16, 107**

Função dos *Grupos de Formação* (um dos quatro dispositivos da Formação do Analista): exposição da situação analítica atual e da disposição postural de cada um.

**17, 110**

Análise das formações e a exemplaridade da análise morfológica musical.

**18, 113**

Positividade do sintoma vira-lata para formação Brasil; viés (antropo)fágico e maneirista do vira-lata; o sintoma do mazombismo.

**19, 120**

Testemunhos da patologia, da filosofia e do pensamento oriental sobre a percepção do Haver; tipos de hipocondria: sensitivas e delirantes; tipos de hipocondria sensitiva: positiva e negativa; Artaud e o corpo sem órgãos como exemplar de percepção do Haver como pura presença; Espinosa é o inventor da modernidade; corpo sem órgãos é o Haver enquanto tal.

**20, 128**

Sobre Anísio Teixeira.

**21, 129**

Crítica da terminologia psicanalítica pregressa: perversão, psicose, nome do pai; confusão entre os níveis simbolizante e simbolizado da metáfora; confusão entre polimorfia sexual e perversão; autismo não é morfose.

**22, 135**

Proposição do conceito de Autarcia; autarcia comparece funcionalmente em Morfofos Progressivas, Estacionárias e Regressivas.

**23, 144**

Políticas *ad hoc* são anti-partidárias e anti-ideológicas; pensar a política contemporânea a partir de esquemas vetoriais; equilíbrio entre os vetores liberais e os de esquerda.

**24, 148**

Os estudos históricos sobre o Inconsciente de Henri F. Ellenberger; algumas condições para a eficácia da magia.

**25, 151**

Neguentropia é emergência de Quebra de Simetria.

**26, 153**

Pulverização dos conhecimentos na situação contemporânea; Gnômica e o uso *ad hoc* dos conhecimentos.

**27, 155**

Posição de indiferenciação nas oposições do Inconsciente em Freud.

**28, 156**

Valor das Tópicas pregressas da psicanálise; releitura da Tópica freudiana: Inconsciente = O Articulatório; Pré-consciente = O Bífido; Consciente = O Binário.

**29, 161**

Tópica NovaMente aplicada à linguagem: competência secundária ou articulatória, desempenho pré-linguístico ou bífido e desempenho linguístico ou binário; o erro (cartesiano) de Chomsky.

**30, 163**

Haver havente e o Haver havido; Gnômica é pulverização radical do conhecimento.

**31, 166**

Inconsciente como puro processo articulatório afirmativo; pedagogia de *modus vivendi* da psicanálise.

**32, 170**

O problema da imanência transcendente de Deus em Espinosa; para Nova-Mente, Deus é o ponto G do Haver.

**33, 178**

Competências e entraves para o dispositivo da Oficina Clínica.

**34, 181**

Necessidade de aparelho de referência para operar clínica e teoricamente.

**35, 182**

Teoria das Formações é denominador clínico comum para entender as demais teorias da NovaMente: Gnômica, Transformática, Cinco impérios, Est'Ética, Diferocracia, Economia Pulsional, Pedagogia Freudiana, Poder das Formações.

**36, 185**

Teoria das Formações exige conceito de Pessoa descentrado; Pessoa é: pulverização e polarização de formações.

Teoria das Formações é a efetiva microfísica do poder; recomposição da definição de poder: “competência que tem uma formação de exercer sua pulsionalidade contra outras formações”.

### **Anexos**

**Emails enviados**, 201

**Sobre o Autor**, 209

**Ensino de MD Magno**, 210

### **DATAS**

Os números abaixo correspondem às seções e datas dos SóPapos realizados na *UniverCidadeDeDeus*, sede da NovaMente:

Seções **1 e 2**: 02 março – **3 e 4**: 23 março – **5 a 7**: 13 abril – **8 e 9**: 04 maio – **10 e 11**: 25 maio – **12 a 14**: 22 junho – **15 a 17**: 29 junho – **18**: 10 agosto – **19**: 24 agosto – **20 a 22**: 21 setembro – **23 a 25**: 05 outubro – **26 a 31**: 19 outubro – **32 a 34**: 09 novembro – **35**: 23 novembro – **36 e 37**: 14 dezembro.



# 1

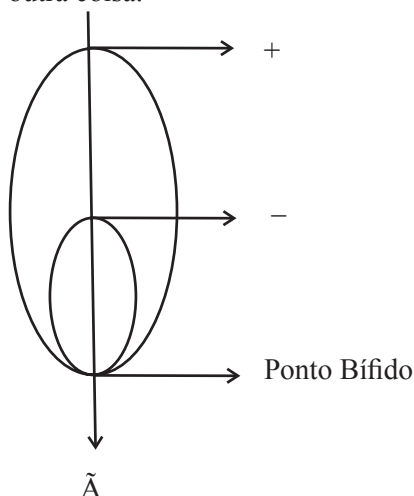
O que é uma **oposição**? Foi dito aqui, na Oficina Clínica da semana passada, que o oposto do amor é o ódio, mas não teria necessariamente que ser, pois o avesso seria não-isso, não-ódio... Isto é pertinente, mas quero retornar e lembrar que trabalhamos com a ideia de que o Inconsciente é constituído por bifididades. Tomarei a configuração da banda de Moebius para orientar a questão, pois o Revirão foi representado geometricamente como o oito interior que está sobre ela como percurso.

Qualquer ponto sobre essa formação topológica é considerado bífido por nós, e não sem sentido, como pensam os matemáticos. Se o ponto é bífido, é porque tem um percurso sobre a banda. Então, se o supomos positivo (+) de início, ele só se negativiza (–) por completo, isto é, avessa esta posição, após fazer meio percurso e cair na situação oposta. Oposta *mesmo*! O lado é o mesmo, mas se o ponto muda de sentido, então é oposto. Ele, enquanto ponto, é bífido, vem para cá, vai para lá: seu percurso lhe dá duas posições em oposição mesmo, em sentido contrário, são dois vetores contrários. É preciso ter isto na cabeça, pois foi o que orientou meu entendimento do que Freud colocou. Se ele não escreveu a frase por extenso, pelo menos deixou isto claro quando disse que o Inconsciente não tem tempo, não tem “não” e revira para o oposto. Então, primeiro, não tem negatividade porque, nele, tudo se diz positivamente. Só é “não” em relação à outra posição quando se diz de dentro da língua, mas no Inconsciente tudo é positivo. Segundo ponto, nada desaparece do Inconsciente enquanto ele estiver funcionando (o que não quer dizer que, quando alguém tem Alzheimer, a memória não suma). Pode ser recalçado, mas está lá e é sempre positivado. E, último ponto, o Inconsciente vira ao contrário com a maior facilidade. Isto, enquanto Inconsciente, pois se houver repressão, recalque, fica difícil.

Qualquer formação que se dê é pura **resistência**, só por ser formação. É, inclusive, resistência à análise. Por isso, a psicanálise é impossível: a



formação é resistência a ser desmembrada, ela resiste. O raciocínio é parecido com o do *conatus*, de Espinosa. Então, quando uma posição se coloca a partir de um ponto bífido, isto é, quando vira ao contrário, quando seus vetores são opostos em relação à oposição original, é preciso entender que, *do ponto de vista de sua existência material*, o oposto é oposto mesmo. Não confundamos com as manobras da língua e com o gradiente. Ou seja, não confundir a estrutura bífida dos pontos do Inconsciente, ou do que chamei de Halo signifiante, com os gradientes, que são outra coisa.



O desenho acima é apenas uma maneira de representar, pois isto não existe sobre a banda. Então, repetindo, quando se parte de (+), faz-se meio percurso e chega-se ao contrário (-) é oposto mesmo.

Temos que separar as competências da língua da estrutura do Inconsciente. Quando Lacan diz “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, não está dizendo que seja estruturado segundo a língua francesa, nem segundo a nossa. Quanto a mim, estou dizendo que essa linguagem – que ninguém descreve – é da ordem do bífido, e não da ordem das línguas. Isto é algo que não tem em Lacan. Como sabem, há tempo digo que a estrutura do que chamo de Linguagem é bífida. As línguas são decadentes, só sabem falar tomando um lado da oposição. Na melhor das hipóteses, sofrendo interferências do Inconsciente, resvalam como acontece na poesia e como fica absolutamente claro na obra de um Joyce. Por isso, brincando com a frase de Lacan, disse

que “l’Inconscient est structuré comme on l’engage”: o Inconsciente se estrutura quando a gente o engaja. Ele se estrutura em termos de língua, de fala, quando é engajado numa língua. Isto porque ele não pensa assim. Lacan pensa que o Inconsciente funciona como uma linguagem e se aproveita da língua como exemplar. Digo que o Inconsciente se estrutura como bífido, decanta-se eventualmente numa língua, e se engaja num modelo linguístico para podermos falar. É quando a língua resvala, ou seja, quando não é imperativa, que mostra o Inconsciente. Quando não resvala, não o mostra. O Inconsciente só aparece na língua quando ela escorrega. Quando não escorrega, ela é careta, é da ordem do saber – filosófico, por exemplo –, e não do que Lacan chama “verdade”.

Estou, portanto, dizendo que o ponto bífido, quando comparece para uma pessoa, comparece em sua posição hálica, absolutamente enquanto completo. Isto será aplicado, em termos de língua e de experiência de vida, para um lado e para outro – e a pessoa se confunde com a maior facilidade. Lacan conta uma história que, embora se referindo a seu significante, pode nos servir para ilustrar isso: o garotinho leva uma bofetada e fica na dúvida se é carinho ou agressão, pois ele não sabe. Ele tem razão, pois um tabefe um pouco de leve pode ser uma brincadeira. É preciso ser muito neurótico ou psicótico para já saber o que é. Não podemos confundir isto que é estrutura com sua decadência. Não é preciso ser estruturalista para pensar em estrutura, pois estrutura existe. Já o estruturalista é aquele que sempre nos obriga a sempre sacar uma estrutura, e isto deu muito erro na história da própria psicanálise.

Se pudermos, então, nomear o que é a posição inconsciente desse Halo significante em suas manifestações, não poderemos sair da ideia de que o oposto de amor é ódio. Quando dizemos isto, estamos aprisionados na língua, mas, do ponto de vista do *sentido*, não há outro oposto para amor, é ódio, e vice-versa. Mesmo distinguindo da língua, é preciso entender isto.

• P – *Por que o oposto de “dia” não pode ser “lua”, em vez de noite?*

Separe o que a língua pode fazer de metáforas e metonímias do que é

a bifididade. “Dia”, desde a Grécia, quer dizer “claro”. Então, não no sentido em que a língua pode resvalar como metáforas e metonímias, mas, no sentido da vivência com as coisas, isso é oposto àquilo, não tem o contrário. Infelizmente, quando se fala na língua, diz-se dia e o oposto é noite – e se pode fazer qualquer metáfora, qualquer metonímia dentro desta oposição. Mas – e agora direi uma palavra péssima – o sentimento desta oposição é radicalmente o contrário, não tem meio termo, nem metáfora ou metonímia.

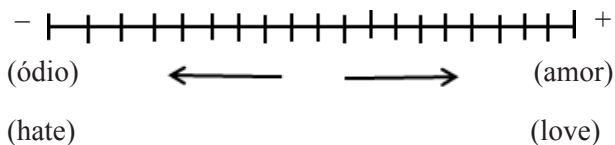
• P – *Não entendo por que você localiza isto só na língua. Na experiência de alguém, o oposto de noite pode ser lua. Qual é, por exemplo, o oposto de “flor”?*

Não sei. Deve ter.

• P – *Então, como você sabe que o oposto de “dia” é “noite”?*

Em termos de língua, podemos colocar qualquer metáfora ou metonímia. Retiremos a língua e tomemos uma tecnologia qualquer. Por exemplo, uma luz e uma escuridão extremamente fortes, e, no meio, muitos gradientes. Em termos de experiência de Inconsciente, o oposto da luz é a escuridão, seja qual for o nome que dermos. Então, se chamarmos a noite de lua ou de qualquer outra coisa, isso é resvalo dentro da língua, e não nossa experiência de vetor. Por isso, invoco os vetores, e não necessariamente a língua imediatamente. Se tirarmos os nomes, teremos que o oposto do vetor (+) é (–), e acabou-se!

Se abrir o desenho do Revirão, terei as duas oposições (+) e (–), com um vetor para lá e outro para cá. Coloquei as palavras entre parênteses para fugir da língua. Chamarei um extremo de (ódio) e outro de (amor), mas pode-se chamar isso de qualquer coisa resvalando-se metafórica e metonimicamente, ou de araque, poeticamente. Estas são operações da língua.



Como não estou considerando a Linguagem que qualifica o Inconsciente como necessariamente adscrita à língua – estou, sim, afirmando que ela é adscrita à ordem do bífido –, pode-se dizer essa oposição em português com mais contundência talvez assim: (amor) e (ódio). Na língua, podemos fazer o que quisermos, mas, se tirarmos a língua, esta oposição não tem outra forma. Se não pensarmos assim, escaparemos da teoria das formações e da teoria da bifididade do Inconsciente. Se temos gradientes e formos representar em termos de língua, poderemos dizer com um zilhão de palavras. Para um lado, é amor demais; para outro, é ódio demais; no meio, é mais ou menos e tem milhares de nomes na língua.

Como estou fazendo o entendimento para *antes* de uma língua, prefiro lidar em termos de vetores, de situações e gradientes, para, depois, procurar nas línguas, textos e poesias o que quer que digam. Se temos o mesmo sentimento – a palavra é péssima –, a mesma pressão de possível significação no Inconsciente, vale para os dois lados, o vetor é que muda. Os vetores são radicalmente opostos, de tal maneira que é melhor pensar que o oposto de amor é ódio e vice-versa do que sair logo resvalando na língua. Isto, sobretudo quando se escuta um analisando: vemos o vetor ir para seu contrário de modo muito brusco e, às vezes, violento. Quando se desce para o nível da língua, podemos chamar de (love) e (hate), que nada têm a ver com (amor) e (ódio), pois é outra língua, mas que tentam exprimir a bifididade violenta dessa oposição. É possível, então, na história de cada um, ou numa tribo indígena, ver que lá o oposto de “dia” é chamado de “lua”. Não há problema algum.

• P – *Mas não estou falando de uma tribo. Posso dizer, por exemplo, que o oposto de “dia” seja “computador”. Há milhares de formações cujos avessos não sabemos. Então, como você supõe que sabe que o oposto de amor é ódio?*

Tenho que supor que, do ponto de vista da vetorização, fica claro. Como isto se situa na expressão e no entendimento é outra coisa. Pode-se caminhar poeticamente da “noite” para o “computador”.

• P – *Mas não estou falando de poesia, quero um exemplo claro dessa oposição.*

Este exemplo não existe! Você pode tomar qualquer formação de língua, ou uma criança, e ver que ela fará assentamentos de significação dentro da língua e, depois, metaforizará e metonimizará o que assentou.

É o caso da **fantasia**. Por que ela é uma para cada um? Porque é. Se a fantasia existe e faz sentido na teoria e no Inconsciente, quando alguém, em sua fantasia, faz os movimentos eróticos que ela permite para lá, para cá e acolá, a pessoa está resvalando metafórica e metonimicamente. O embasamento é experiencial e com ligação direta. Como a pessoa não é um animal, ela resvala. Por exemplo, um cachorro da raça considerada a mais inteligente foi treinado para aprender mais de mil palavras. Quando lhe é dito “vá buscar o lápis”, ele vai e traz *o lápis*. Isto é falar uma língua? Não. Ele é praticamente o neurótico absoluto. Quanto mais neurótico, mais se pensa que cada coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. O neurótico fica em cima daquela coisa como se ela só significasse aquilo. Ele ouve uma piada e leva a sério. Quando não se é muito neurótico, sabe-se que uma coisa é outra coisa. O comportamento neurótico é o que vemos nas igrejas e nas forças armadas. Lá, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. São absolutamente positivistas.

Preciso do tipo de distinção que estou fazendo para operar no nível dos vetores e do Revirão como *antecessores* das possibilidades nas línguas. Por isso, há tempo digo que Revirão = Linguagem. Ela se aprisionará em decantações languageiras na transa com dispositivos de Mundo, mas, do ponto de vista do Inconsciente, em sua movimentação, é Revirão. Gradiente é uma coisa, oposição vetorial, outra. Quando se cai no regime da língua e das histórias pessoais, aí está valendo tudo que se diz. Se não, não existiriam expressividade, poesia... Só invoquei “amor” e “ódio” para radicalizar dentro da língua a oposição em vetorização forte. Como, infelizmente, tenho que falar a porcaria da língua, ela pode resvalar para onde for empurrada.

Quero, portanto, deixar claro que, no nível da bifididade, a oposição é sempre radical. Por isso, falo não em palavras, e sim em vetores, pois estes são radicalmente opostos e com gradientes. Não confundir o gradiente com a estrutura que, esta, é opositiva. Desculpem-me os anti-chomskianos e os chomskianos, mas há, sim, uma **competência**, que é esta de que estou falando.

Chomsky procura uma estrutura languageira como competência. Não é esta a competência de que falo. Ele fica fazendo análise transformacional e gerativa *dentro* das estruturas languageiras, procurando, por ali, chegar a uma estrutura de base que chama de competência linguística, a qual vai gerar performance em língua. Não adianta procurar porque não tem isso lá. O que tem é a competência das marcações mentais e a estrutura Linguagem de reviramento. Isto, nesta espécie. Nas outras não tem.

Se Chomsky procurasse o Revirão como competência, perceberia que a performance não é senão o grude, o encosto de dispositivos de Mundo nesta competência, o qual encosto vai gerando processos. A diferença está em que ele procura uma construção languageira para explicar a competência, ao passo que digo que isto não existe. O que existe é A Linguagem como processo de reviramento. O Inconsciente não fala língua alguma a não ser que se engaje nessa língua – esta foi minha brincadeira com Lacan quando disse “l’Inconscient est structuré comme on l’engage”. Ou seja, se engajamos a estrutura que está lá numa organização qualquer de significação – língua ou não: podem ser atos, gestos sociais... –, o Inconsciente começa a se decantar, a entrar em formações e a ficar resistente. Qualquer criança, por exemplo, mesmo não sendo tábula rasa, está disponível. Enfia-se nela a cultura e a língua que enfiarmos. Isto é que é o engajamento. Uma vez que foi engajado, começa a ficar resistente. Como o Inconsciente revira, dentro desta resistência vem deslizamento para lá e para cá: o oposto de dia pode ser lua, computador, o que quisermos. Um bom poeta começa falando da lua e termina dizendo que é um computador.

Isto é diferente do que coloco sobre pensar o Inconsciente como bifididade. Cada ponto que nele aparece é bífido, traduz-se em oposições. É quando haverá recalque e, geralmente, ficar-se-á com apenas um lado. Isto, na performance, e não na competência. Na performance, vai-se longe. Se, dentro da performance, procurarmos radicalidade em oposição, usaremos quaisquer palavras como amor e ódio, por exemplo. Então, se começarmos a resvalar logo de saída, não entenderemos a força vetorial. É preciso, portanto, primeiro, entender que é bífido e vetorial, e que, se engajarmos isto num processo de cultura, aí estragou, irá para qualquer lado. Em termos de psicanálise, temos

que pensar que este resvalo está, por exemplo, no ponto de partida de Freud como vemos nos textos *Interpretação dos Sonhos* (1900), *O Chiste e suas relações com o Inconsciente* (1905) e *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), que, aliás, felizmente, foram os três primeiros textos de Freud que li, aos dezessete anos. Foi aí embaixo, na performance, que ele descobriu a bifididade e a competência. Ele demorou a sacar, por exemplo, o sentido opositivo das palavras primitivas, o sentido de Revirão das pulsões, o *Unheimliche*, a pulsão de morte... Isto porque estava jogando ali, ninguém dissera nada a respeito ainda. Lacan se aproveita deste momento para dizer que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem, e que, então, entendamos a língua. Em última instância, *alíngua* é a vontade lacaniana de entender o que Freud disse no nível das transações languageiras. Lacan não produziu construção alguma que pudesse apontar o que está antes disso. Assim como Freud não recuou em seu trabalho com a noção de Pulsão de Morte para reconsiderar o que colocara antes.

No fundo, a questão é com Chomsky, que lida com a performance languageira – e até acha essas coisas resvalando o tempo todo lá dentro – e tenta pensar uma estrutura anterior que gera isso. A linguística não vai a lugar algum porque ou fica no rebarbativo de Saussure, que, na melhor das hipóteses vai bater no significante independente, de Lacan, ou, por outro lado, fica em Chomsky, fica procurando uma construção da mesma ordem da performance para ser a competência. Quando me vi premido por estas questões, pensei que era preciso, sim, haver uma competência para qualquer construção languageira. Isto porque a criança nasce e aprende o que se coloca nela. Na ordem do Ser, só podemos falar em termos de construções languageiras, não tem saída. Ou, se não, podemos procurar expressões que, às vezes, são mais diretas como gestos, pintura, etc. Quando se pinta num quadro preto sobre branco é preto sobre branco, e acabou! Ao olhar o quadro, poderemos dizer o que quisermos, que estamos vendo azul, por exemplo. Tenho, portanto, que sair da ordem do Ser, da performance languageira, e perguntar como é lá no *antes*, lá em cima. Por que a criança pode aprender qualquer língua, qualquer cultura? Porque a disponibilidade é o que Chomsky chama de *competência*. Só que não é da ordem de uma formação languageira. Minha aposta é, pois, que essa competência que vira performance sequer tem semelhança com as línguas.

## 2

A teoria de Lacan, por ele insistir no estruturalismo, abandona a ideia de quantidade, deixa-a para a psicologia. Gradiente, como está em Freud, é quantitativo. Ele tem uma economia e uma ideia de quantidade de investimento. Então, posso amar e odiar fracamente porque sou um bundão, ou sou uma pessoa que ama ou odeia violentamente. Isto é gradiente.

Se pensarmos de maneira estruturalista, o analisando, qualquer que seja sua quantidade de investimento, será igual a outro. Mas não é. Temos que entender qual gradiente ele ocupa, pois batemos em certos gradientes que estão praticamente fora do alcance psicanalítico. Se são gradientes genéticos ou epigenéticos, poderemos, no máximo, aconselhar processos educativos. A psiquiatria, por exemplo, chama TDO o transtorno de desafio e oposição, que é gradiente odiento de alto nível inscrito genética ou epigeneticamente, talvez. Psicanaliticamente, podemos apenas dizer que, fora do nome psiquiátrico, parece ser alguém que lida com o outro a partir de uma posição odienta elevada, de tal maneira que o outro lado dificilmente comparece. E, frequentemente, quando comparece, é fingimento de ódio manipulado. Nada podemos fazer. Nem informar a pessoa adianta, pois é preciso um expediente qualquer: educação, prisão, porrada...

• P – *Quando algo antes oculto aparece na análise, ele é o oposto de algo?*

Depende. Só sei que isso que estava oculto é oposto de algo. A ocultação não é por oposição, é por pressão, por recalque, por alguma coisa. Vocês nunca se depararam com aquela pessoa boazinha, educadinha, que vem fazer análise e voa no seu pescoço? Quando suspende o recalque de ódio que teve durante toda a vida, quer matar o analista? Isto é o oposto do que estava apresentando, mas não estava encoberto por ser oposto, e sim porque estava recalcado.

Retomando nossa questão inicial, lembrem-se de que, linguisticamente, pode-se resvalar, mas, na estrutura de base, a vetorização é radi-



calmente oposta. Arranijemos um nome radical para isto, e saibamos que não servirá. Façamos de conta que é um conceito, chamemos de amor e de ódio aqui e agora. Na língua, na expressão, valerá qualquer coisa, mas é preciso sempre procurar uma imagem mais radical para a oposição e dizer: “Sabe o que é isso? Não é isso!” Assim, ficou dito, pois quando se coloca um “não” não se tira a afirmação. O Inconsciente é assim. Se dizemos não-isso, estamos dizendo isso com “não”. É o problema da denegação. E mais, quando falo em bifididade, não estou falando em *coincidentia oppositorum*, pois, neste caso, teria que dizer que os opostos coincidem. É o contrário: os opostos emergem da bifididade, que, esta, é primeira. Trata-se de produção de oposições pelo bífido. Quando Freud começa sua obra, vê que comparece resvalando, assim e assado, mas não é o que me interessa. O que me interessa é que há a oposição radical lá em cima e quero saber quais são os gradientes, se é para cá, para lá. Assim, fico mais livre dos sentidos da língua. Se observarem – e que ninguém nos ouça –, verão que isto, do ponto de vista de estrutura, é muito mais radical do que o estruturalismo.

Imaginem, então, Freud escutando essa baboseira toda e procurando teorizar. Já que partiu da lama, o que pôde fazer foi uma teoria extremamente complicada. Lacan vem, dá uma limpada, seca um pouco, e vamos percebendo que tem coisa por trás da lama. A vantagem da NovaMente – se ela tem alguma – é a da *faxina*, como, aliás, já vinha sendo feita por vários ao procurarem detalhes e outras coisas aí. Isto até o ponto de dizer que a meta de uma boa formação analítica é passar por tudo isso e só enxergar os movimentos vetoriais que estão recortando ou embargando a manifestação. É a isso que é preciso chegar. Se limparmos, seja qual for a língua ou a cultura, entenderemos os movimentos vetoriais de uma pessoa, a qual, na performance, manifesta-se de maneira aprisionada. É o caso, por exemplo, da dureza, da frequência e da repetição da fantasia, no sentido erótico, no sentido sexual de gozo. A pessoa lá está deblaterando, o freudiano procura o entendimento para intervir, e o lacaniano procura os significantes, mas, se a pessoa se expuser bastante e você ficar bastante indiferente, o quadro que temos é: “É isso, acabou!” Se usarmos a perspectiva que apresento, interferiremos até nos ditos. Então, é o contrário, em vez de entender aqui e interferir lá, entende-se lá e interfere-se aqui.

Depois de Freud, Lacan e da minha apresentação, não podemos nos esquecer de que, primeiro, a realidade do Inconsciente é sexual. Isto, em última instância, é “Haver desejo de não-Haver” e quebra a cara. Se há gozo, é um gozo que representa o fracasso. Segundo, se tirarmos amor e ódio e colocarmos tesão e rejeição, o que veremos é uma violência. Freud só podia dizer “prazer e desprazer”, e não ficar resvalando demais com a língua, pois não entenderíamos. Ele fala em princípio do prazer e princípio de realidade e, em última instância, o que descobre é que o princípio de realidade está a serviço do princípio do prazer. Por isso, no final dos anos 1980, eu disse: “nada além do princípio de prazer”. A realidade do Inconsciente é sexual em vários sentidos, inclusive de que a polícia, a censura, a cultura bem-pensante, vivem retirando de nossa expressão imediata o vigor da realidade pornográfica do Inconsciente. Livros de medicina ou psicologia não têm a palavra “caralho”, o que têm é “pênis”, “vulva”, “vagina”, “buceta”, não. Em meus textos, de vez em quando, solto uma palavras dessas porque **a língua que o Inconsciente fala é o pornuguês**. O grande exemplo é o de Georges Bataille, que, para mostrar como o troço funciona, disse que se trata de pornografia transcendental. Agora, no mundo da censura, que evita a exposição imediata do tesão, as palavras mais diretamente ligadas ao Inconsciente, em sua força erótica, são abolidas para não movimentarem o tesão das pessoas.

É isto que eu gostaria de transmitir, mas acho que não consigo porque ninguém disse deste modo. Leio isso em Freud e Lacan, vejo que percebem, mas dizem de outra maneira. Isso vai até o dia em que você está pouco se lixando para o que a pessoa diz, o que não quer dizer que está deixando de escutar. É o contrário, pois interessa saber o que está segurando aquilo por trás, como são os movimentos, como é a maré, a tempestade, o raio. Se observarmos nossos analisandos, por mais brandos que pareçam, veremos que, um dia, chegam nublados, outro, tempestuosos, soltando raios... É parecido com a meteorologia. É esta postura que permite o que chamo de Teoria das Formações, pois paramos até de ouvir a língua que está sendo falada, paramos de cair no que Lacan chamava de *semblant*. Isto porque vemos, escutamos, apenas formações, todas resistentes, aliás. Inclusive, em nós mesmos. O que estamos vendo é um pobre diabo soterrado por formações, e nós lá tentando tirar aquela terra toda para ver se ele respira.

## 3

• Aristides Alonso – *Vamos comentar um pouco o texto de Jean-Claude Milner “Da linguística à linguisteria”, de 2000, incluído no livro Lacan: o Escrito, a Imagem, com textos de François Cheng – “Lacan e o pensamento chinês”, que comentamos aqui semana passada –, Gérard Wajcman, Jacques Aubert e François Regnault, publicado no Brasil pela editora Autêntica, de São Paulo, em 2012. O que Milner apresenta de maneira sumária já tinha sido desdobrado em L’Oeuvre Claire: Lacan, la Science, la Philosophie (Paris: Seuil, 1995) e continuará a ser trabalhado em Le Périple Structural: Figures et Paradigme (Paris: Seuil, 2002).*

*É um texto cerrado, em que ele apresenta a passagem do modelo da linguística, que não foi adotado propriamente como tal, e sim em função do que aquilo ensinava como ciência para Lacan, até o fracasso desse projeto e a entrada de um segundo tempo que é nomeado linguisteria. Isto viria desde o Discurso de Roma (Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse), de 1953, até o Seminário XX (Encore), de 1972-3, traduzido como Mais, Ainda, por MD Magno. Diz, então, Milner que, inicialmente para Lacan, a questão da língua era fundamental e que houve três grandes momentos de articulação. Um primeiro momento, em que Lacan enverga a língua pela vertente da dialética, sob influência hegeliana, via Kojève. Um segundo momento, em que Lacan passa por um modelo barroco, pré-clássico, com palavras raras e rupturas sintáticas, como vemos nos Écrits. E um terceiro momento, com a descoberta da escrita literária de Joyce e ajuda de François Cheng quanto à língua e à caligrafia chinesas.*

*No Seminário XX, Lacan faz a separação entre o campo da linguística, deixando-a com Jakobson, e propõe o que chama de linguisteria. Nesta, ele sai do modelo da linguística e da filosofia pelo pensamento de Wittgenstein. Diz Milner que a linguística interessou a Lacan enquanto ciência e que,*

*“entre o antes e o após 1953, os traços diferenciais pertinentes se ordenaram em torno de uma única palavra de ordem: tomar finalmente a medida de um novo factum scientiae, do qual a linguística dá testemunho e que torna obsoletas todas as epistemologias anteriores” (p. 35). A referência de ciência como matematizável é basicamente ao modelo da física, modelo este que chama de galileano e que é o modelo que Koyré apresentou. Então, como se pôde tomar o estudo sobre o que era considerado não da ordem da ciência – a cultura, as línguas, etc. – como uma abordagem que fosse compatível com o que era chamado de ciência? Neste ponto, Milner diz que o Curso de linguística geral (1916), de Saussure, foi decisivo. O Curso traz os conceitos básicos da linguística, a descrição tanto do signo linguístico quanto das noções de paradigma e sintagma, da abordagem sincrônica da língua e da grande arma da ordem estrutural que é o conceito de fonema, que será largamente desenvolvido por Jakobson, por Trubetsky, Lévi-Straus e tomado como o modelo de algebrização, digamos, do sistema linguístico e da própria noção de estrutura.*

*Segundo Milner, o dispositivo matricial foi o Curso, mas “nada disso é mais admitido hoje em dia: toda evidência foi perdida” (p. 37). O trabalho construído sobre a linguística estrutural começa, nas vertentes posteriores, a ser tomado por outro entendimento que é o do triunfo da doxa, “da visão sociológica do mundo (seja em sua versão histórica, seja em sua versão jornalística)” (p. 38), e também o de certa concessão da própria linguística. Assim, soçobra o modelo construído a partir do fonema, da noção de diferença, de estrutura, de operação lógica, e voltamos a uma situação em que seríamos praticamente pré-saussureanos. Ou seja, todo esse trabalho desenvolvido no século XX, que Lacan levou às últimas consequências, estaria sem desdobramento nas novas vertentes.*

É preciso deixar claro que a própria linguística, em suas diversas vertentes, perdeu as possibilidades de encaminhamento. O que os chamados lacanianos não querem entender é que aquilo morreu.

• P – Milner parte da ideia de que a língua não é uma superestrutura. Como se passou a achar que é, ele mostra que houve uma forçação de barra.

*No Brasil, vemos hoje a suposição de que se pode regular a língua por decreto estatal – com Portugal, por exemplo –, ou mesmo por determinações de ordem sociológica do “politicamente correto”: É “presidente” ou “presidenta”? Aldo Rebelo, atual ministro dos Esportes do Governo Federal, buscando legislar sobre entradas e saídas de nomes na língua, como se esta fosse da ordem do meramente convencional, do que se pode resolver por acordo... A linguística já tinha resolvido isto de maneira muito mais sintética com a própria noção de estrutura, que se colocava relativamente a superestrutura e infraestrutura. Interessa a nós pensar que Lacan vai, primeiro, do conceitual de ciência; segundo, da linguística; terceiro, chega ao nó borromeano e fica emaranhado aí com a noção de linguagem. É justo neste ponto que você vai desenvolver seu trabalho.*

Posso não conseguir, mas tento.

• P – O próprio Milner aponta que Lacan, embora diga que a linguagem não é redutível à língua e que a linguística não dá conta da linguagem, não tem uma definição de Linguagem. Jakobson já faz um esforço de ampliar a linguística quando nela inclui a questão da construção poética, da linguagem literária, mas sua saída foi transformá-la numa função, linguística, inclusive. Lacan, então, deixa essa parte para ele – pois isso não resolve o problema do lado do Inconsciente –, e, no Seminário XX, abandona de vez o modelo linguístico que lhe foi muito caro tanto em seu primeiro, quanto em seu segundo classicismo, como Milner chama.

Temos que entender que isso é o que havia a fazer naquele momento. E ele fez. Era esta a disponibilidade. Não foi uma escolha de araque.

• P – Milner denuncia também que a visão sociologizante contaminou a própria psicanálise. Ela está sendo convocada a ser a gestora dos conflitos de último grau dentro da cultura, como se pudesse fazer a regulação dos sistemas da pátria, família e trabalho, isto é, como se fosse “capaz de fazer de modo que o próprio inconsciente se torne superestrutural e, de reacionário, se torne progressista” (p. 38).

• P – Para efeitos de nosso estudo, parece que Milner tem uma visão

*um tanto reduzida da linguística de Chomsky. Ele reconhece ali uma regressão, em vez de outra solução para o problema com que Lacan se deparou. Ele não aceita a hipótese de um órgão de linguagem...*

Também não aceito. A intuição de Chomsky é perfeita, mas a solução é péssima. Está errado imaginar que, mediante os efeitos da linguagem, mesmo que seja na poesia, vai-se sacar a construção de um órgão de base. A intuição é, sim, que há lá um troço anterior e dado. Aí é que entro com o Revirão, que chamo de A Linguagem. Minha hipótese não é Chomsky, Jakobson ou Lacan. Para mim, há um desastre, um acidente, dentro do Haver, que é repetição de sua própria estrutura nesta nossa espécie. Supõe-se que existam outras, mas só conhecemos esta. É esse acidente que “gera” – no sentido de Chomsky – o Secundário. Existe, então, um gerador, ou geratriz, do Secundário que não é senão a própria estrutura do Haver. Onde, eventualmente, houver funcionamento desse motor aparecerá o Secundário. Isto faz grande diferença, pois todo o percurso de Lacan fica dentro das manifestações do Secundário, inclusive sua definição de Inconsciente. O percurso de Freud não fica aí. Então, ou Lacan generaliza o conceito de linguagem, que nunca foi generalizado por ele como Milner demonstra, ou tem que partir para a *physis*, como Freud e eu fizemos. **A isto é que chamo de retorno de Freud**, e não retorno a Freud como fez Lacan. Freud sabia que o Primário existia e nunca o desdenhou. Ele não operou apenas no nível secundário, apesar da *Interpretação dos Sonhos*, do *Chiste e suas Relações com o Inconsciente*, e da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, que são os três monumentos que Lacan reaproveita. Freud está sempre fazendo referência ao fato de haver algo predisponível na ordem do Primário. Lacan vigora dentro do Secundário, todas as suas teorias são referidas a ele. Prefiro retornar e dizer que a *physis* se comporta assim. Não é algo só da linguagem dos homens.

Lacan diz que “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, então é preciso escolher se isso é metáfora, que tipo de retórica é essa. Prefiro me reportar à frase de alguém que parece nada ter a ver com a psicanálise, que é Emerson, filósofo americano da melhor qualidade. Diz ele: *Nature is language*. Prefiro assim. Atribuo a esta espécie falante a mesma realidade do

Haver. Digo mais, nem precisa ser natural, basta ser um artifício espontâneo, que é igualzinho ao nosso artifício.

• P – *Mas a frase de Emerson também poderia ser aceita pela interpretação de Milner quanto ao galileísmo estendido, que foi importante para Lacan pensar a psicanálise como ciência e aliar-se à proposta estruturalista. O modo de colocar da Nova Psicanálise não é este. O galileísmo estendido ainda é um esforço epistemológico, ele é pouco estendido diante de sua proposta, que é a de um esforço cosmológico.*

Existe, na fraseologia (e não na realização) de Lacan, a promessa de uma reversão, de que a psicanálise é ciência, sim. Ela é A ciência, que não existe: *Aciência*. As outras ciências é que têm que se adequar a ela, e não a psicanálise que tem que se epistemologizar para chegar à condição de ciência como a bobagem de um Popper pediria. As ciências que se virem para chegar à condição do conhecimento psicanalítico. Isto é arquipretensioso. Aliás, o próprio Popper, nos textos em que faz a reconsideração de sua produção, diz que, em última instância, é uma questão de crença. Não estou falando de seu livro *A Lógica da pesquisa científica* (1934), e sim de seus textos últimos. O século XX quebrou a cara, acabou junto com Lacan, em 1981. As construções que ele ofereceu como capazes de referências mais ou menos sólidas para o pensamento entraram em impasse: a linguística, a epistemologia... Nós outros temos que inventar tudo de novo. Ou, se não, sermos idiotas e ficar repetindo o que já caiu. A igreja lacaniana, por exemplo, sobretudo no Brasil, é repetitiva do fracassado e não faz esforço algum para sair do buraco.

• P – *Milner diz que o galileísmo estendido foi um combate perdido, embora Lacan, por um tempo, tenha achado que ganhou. Quando ele forja a “linguisteria”, é importante observar, como aponta Milner, que é uma palavra com a sufixação que remete a “escroqueria, galanteio, pedantismo, plágio”, putaria, tabacaria, porcaria... Interessa aí mais a atitude dos linguistas, que é de onde vem o termo (e não de “linguística”), em busca de uma expressão de último grau que a linguagem possa permitir junto a poetas e escritores, valorando assim a “aventura de alguns sujeitos” (p. 42), mais do que a expressão de uma ciência segundo as bases epistemológicas em que a linguística estava sendo forjada.*

Ou seja, o que interessa é a HiperDeterminação. Lacan não era burro. Os lacanianos pensam que o nome dele era Jacques Lecon. Ele disse tudo antes de morrer, tudo que podia dizer. Disse mesmo que, se a psicanálise é uma operação que se realiza sobre a linguagem, logo é uma *escroquerie*. Saíam dessa!

• P – *Você disse que a psicanálise é Aciência. Isto é também no sentido que há ciência à medida que há conhecimento positivo?*

É posituação da psicanálise não em sentido positivista, e sim do aproveitamento gnômico, portanto gnóstico, de qualquer possibilidade criativa de conhecimento – em qualquer área, de qualquer jeito. Não há hegemonia de física ou de matemática. É preciso ler o último Lacan, de 1972 para cá, que as pessoas não leem. Depois de escrever matemas e matemas, no final, diz que o truque psicanalítico não é e nem será matemático. Ele quer dizer que a matemática é inferior às possibilidades do Inconsciente.

• P – *A ideia dele da linguística como linguisteria parte de que ela pudesse incluir as outras ciências como parte de seu movimento.*

Sim. Estamos lidando com algo muito mais sutil, difícil, escorregadio do que qualquer desses aparelhos científicos. Uma vez no regime da HiperDeterminação, uma vez a HiperDeterminação considerada, os saberes estão em xeque. Servem para muita coisa, mas são meros saberes.

• P – *Lacan diz que seu dizer “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” não é do campo da linguística.*

É das últimas coisas que disse, mas, antes, era. No tempo em que tomava a benção a Jakobson, Lévi-Strauss... Ele tinha que passar por isso, não tinha saída.

• P – *Quando você fala em physis, sua referência não é heideggeriana.*

A referência é a Empédocles, que é a referência de Freud.

• P – *Então, para Milner, quando Lacan fala em linguisteria ele reconhece que “o que importa ao inconsciente é não a ciência linguística como tal, mas a linguagem”. Por linguagem entende-se “o estenograma nominal desta proposição de fato: ‘os homens falam’” (p. 41).*



Vocês entendem que a linguagem é pega nas pessoas? Aí é a frase de Emerson: “nature is language”. Ou seja, o Haver fala. Não estão escutando? Estão surdos?

• P – *Ainda, segundo Milner, “intervir nos homens em nome do fato de eles serem falantes poderia ser uma maneira de descrever a praxis da psicanálise” (p. 41). Isto é até consoante a Lacan, mas é menor do que o que se propõe com a Nova Psicanálise.*

Eles são franceses. Portanto, cheios de limitações sociais e culturais. Não podem dizer qualquer besteira. É proibido.

• P – *O importante a perceber no passo da linguística à linguística é, primeiro, o movimento de começar em determinado modelo e adotá-lo. Lacan nunca acompanha tal qual o modelo. O tempo todo vai recortando os conceitos, mesmo o de signo, o de metáfora e metonímia, o de langue... Ele queria enfiar aí o conceito de Inconsciente. Num segundo tempo, percebe que esse aparelho é insuficiente e então amplia. Vai passando do modelo galileano para o do matema e deste para o do nó, até chegar ao impasse final que Milner descreve n’A Obra Clara. É importante para nós notar que a Nova Psicanálise brota justamente deste último ponto.*

Ela é filha do fracasso.

## 4

• Patrícia Netto Coelho – *Como foi colocado, a primeira parte do texto de Milner considera a relação de Lacan com a linguística, o que ela pode trazer para pensar a questão de uma ciência renovada pelo galileísmo estendido.*

Mas, além disso, o recurso à linguística traz uma reflexão epistemológica que seria importante para definir o estatuto da linguagem para a psicanálise. Aí entra a interlocução de Lacan com Wittgenstein, que é pontual em sua obra e que está, sobretudo, no Seminário XVII (L'Envers de la Psychanalyse), de 1969-1970, e no texto *Télévision*, de 1974. Sua referência parece ser o *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1921, correspondente à primeira fase, logizante, de Wittgenstein. Lacan vai se referir a esse esforço de Wittgenstein chamando-o de “ferocidade psicótica”. O que Milner afirma, e que nos serve, é que as tentativas de Lacan de aproximação com a linguística e de desenhar o que é a linguagem para a psicanálise afastam-se de alguns movimentos do século XX, que se aglutinaram em torno da questão da linguagem. Ele cita a virada linguística da década de 1930, em que Wittgenstein é justamente um protagonista, e o desenvolvimento da confluência de teorias e questões sobre a linguagem que vai ocorrer até a década de 1960. Portanto, nem a lógica, de um lado, nem a linguística, de outro, a psicanálise precisa se situar fora dessas duas referências para pensar a linguagem. Mas é útil entender qual seria a participação de Wittgenstein na tentativa de considerar a linguagem pela via da lógica.

Que já é um confronto com o *Principia Mathematica*, de Bertrand Russell e Alfred North Whitehead (publicado em 1910-1913). Depois da publicação do *Tractatus*, Russell caiu fora, meteu-se com a política, e Whitehead virou completamente ao contrário. Gosto muito de Whitehead, ele serve para nós. O Whitehead de Harvard, não o de Londres. Quando foi para Harvard, mudou tudo. Aliás, todos caíram fora. O próprio Wittgenstein também, com seus jogos de linguagem. Os lacanianos ficam escrevendo textos até hoje como se Wittgenstein fosse o *Tractatus*, e não é.

• P – Wittgenstein tenta estabelecer uma fronteira, um limite preciso entre o que pode e não pode ser significado pela própria linguagem. Segundo Milner, as principais proposições do *Tractatus* são: (1) entre o que se pode dizer e o que não se pode dizer há uma fronteira real e incontornável; (2) sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar; e (3) sobre o que não se pode falar, só se pode mostrar (p. 43). Parece que este último ponto é o que

*vai persistir em seu pensamento até sua obra final, que é Investigações Filosóficas, de 1930, já não mais dentro de uma abordagem lógica.*

Este é o primeiro Wittgenstein, quando era jovem e doido, que escreveu o *Tractatus* dentro da trincheira na Primeira Guerra. As bombas explodindo e ele fugindo delas... Ele escreve o *Tractatus* para fazer frente a Russell e Whitehead e chega a essas três conclusões. Retomando, na primeira – “entre o que se pode dizer e o que não se pode dizer há uma fronteira real e incontornável” –, temos o “poder” no sentido de potência. Não é que esteja proibido, e sim que não dá para dizer. Na segunda – “sobre o que não se pode falar, deve-se calar a respeito disso” –, já que não posso falar disso que bateu na fronteira, então calo a boca. E na terceira – “sobre o que não se pode falar, só se pode mostrar” –, bateu na fronteira, não posso falar, calo a boca, o máximo que posso fazer é tentar apontar. E essa fronteira só pode ser definida de dentro da própria linguagem. A fronteira é da linguagem; a linguagem tem limite, esbarra num impossível de dizer.

• P – *Diz Wittgenstein no prefácio do Tractatus, citado por Milner (p. 42), e talvez tenha sido o que Lacan achou de uma ferocidade psicótica: “Para traçar um limite ao pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado)”.*

Isto é uma bobagem.

• P – *Isso que não se deixa pensar não pode se articular de dentro, não tem significação, não se expressa em proposições. A preocupação de Wittgenstein nesse momento é criar uma espécie de terapêutica que pudesse reger o uso da linguagem obedecendo a essa impossibilidade. Milner analisa essa primeira iniciativa do ponto de vista da própria linguística, para a qual não há a dissociação entre o que é e o que não é significado ou entre o sentido e o não sentido. Esse debate sobre a existência da fronteira remontaria ao debate entre os gramáticos e os lógicos da Idade Média. A primeira fase de Wittgenstein está do lado da lógica, que busca uma regra, um critério lógico para estabelecer a fronteira. Ao passo que os gramáticos desconsideram a questão, não há fronteira. No século XX, o debate lógico*

*se bifurca: de um lado, Russell; de outro, Gödel e Bourbaki, que querem dar uma versão algébrica, calculatória, matemática, operativa e menos filosófica. Aí também entra Alan Turing, que deu uma vertente tecnológica ao debate. Enfim, o que se costuma comentar sobre os Principia Mathematica é que é de dentro da lógica que se pensam todas as possibilidades de significação.*

Exceto o paradoxo de Russell, sobre o qual fiz a metáfora do barbeiro: numa cidade, um único barbeiro faz a barba de todos que não fazem a própria barba. Então, quem faz a barba do barbeiro?

• P – *Segundo Milner, a conclusão da primeira obra de Wittgenstein interessa de forma indireta a Lacan, pois eles chegam à mesma conclusão: não há metalinguagem. Não há uma linguagem capaz de recobrir a possibilidade de significação e não significação. A não significação está fora dessa fronteira, sobre ela não se pode falar nem através de metalinguagem.*

Vamos simplificar. Dada uma língua ou uma linguagem, não existe linguagem que seja capaz de dar conta dessa primeira linguagem, que é o conceito que Lacan guarda para si de metalinguagem. Repetindo, dada uma linguagem, não existe linguagem alguma, chamada metalinguagem, que seja capaz de dar conta da outra linguagem. Isto bate com Gödel. Lacan afirma que não há metalinguagem. Se o conceito de metalinguagem é dar conta da outra linguagem, então não há metalinguagem, mas se o conceito de metalinguagem é considerar outra linguagem, então há metalinguagem, escolham. *Considerar* não é dar conta. Se tomo uma linguagem e começo, com ela, mediante ela, a considerar outra linguagem, esta linguagem também está sendo considerada pela outra.

• P – *Esta parece ser a função metalinguística de Jakobson.*

Jakobson está mais perto do que estou dizendo.

• P – *Milner, em uma nota (p. 45), afirma que há dois sentidos de metalinguagem. Um, mais trivial, em que uma linguagem pode ser mais abrangente e abarcar uma segunda linguagem, sem pretensões de estabelecer os limites.*

Isto é uma bobagem. Não existe uma linguagem abrangente de outra. Como sabe ele a poesia que vou fazer com a linguagem dada? Ele não sabe.

• P – *A posição de Lacan quanto ao projeto lógico de Wittgenstein foi, desde sempre, dizer não à tentativa de estabelecer a fronteira e, durante um bom tempo de sua obra, dizer sim à linguística. Isto porque lhe pareceu a alternativa possível à consideração da questão relativa à linguagem.*

O que não é.

• P – Não há terapêutica da linguagem, não há metalinguagem e não há possibilidade de estabelecer uma descrição lógica e regrada dos limites da linguagem colocando algo exterior a ela.

Se quiserem regar isto pela NovaMente, é só pensar que o Haver há e o não-Haver não há, então tudo acontece dentro do Haver. O não-Haver é apenas *causa*, não há nada do lado de fora.

• P – *Milner lembra que Lacan nega que exista a fronteira. Dado que existe Inconsciente, o próprio conceito de Inconsciente suspende a ideia de fronteira.*

E qual conceito de Inconsciente suspende isso? Qual a definição que Lacan tem para Inconsciente?

• P – *O de não sabido.*

Mas é estruturado como uma linguagem, e...

• P – *...você está dizendo que não é suficiente.*

Não é. Quando ele diz que o Inconsciente é o não-saber, está, em minha linguagem, dizendo que o Inconsciente depende de HiperDeterminação. Não se sabe aonde ele vai, pois, se há HiperDeterminação, não sei colocar fronteira alguma. Não sei o que a Hiper é capaz de fazer, nem saberei nunca. É aí que Lacan bate de frente com o Wittgenstein do *Tractatus*.

• P – *Mas o recurso à topologia, a ideia do saber que não sabe, esses truques de Lacan não são uma tentativa de construir algo solto em relação a fronteiras?*

São uma tentativa, mas fracassada. Aonde ele chegou? É um problema seriíssimo. O próprio Milner, nesse texto, fala de **Lacan, o taciturno**. O que quer dizer o último Lacan, o taciturno, aquele que não consegue mais falar? Lacan morreu calado. Ele estava calado por quê? Por que calou a boca? Não vi seus últimos seminários, mas deve ter sido extremamente angustiante. Vi alguns seminários angustiantes, horríveis, mas não os últimos. Todos ficavam passando mal porque Lacan perdeu a fala. Perdeu a fala como? Está afirmando Wittgenstein? Ninguém sabe responder a isto. Ele não está falando mais por que ficou completamente gagá ou por que não conseguia mais dizer, chegou no limite? A tese de Lacan é contrária, é o bem-dizer, apesar de tudo. Então, não pode parar de dizer. Se para de dizer, é uma demissão ou é o quê?

• P – *Aí que sua virada sobre os registros – de RSI para Primário, Secundário e Originário – foi fundamental quanto à questão da heterogeneidade e da homogeneidade. Há uma grande limitação na heterogeneidade quando, dentro de um registro, vai-se alargando aquilo até o máximo e que o outro de qualquer maneira não contribui decisivamente para este aí, a não ser como furo, vazamento.*

A HiperDeterminação para de funcionar em algum lugar? Ou seja, a HiperDeterminação obedece ao primeiro Wittgenstein ou não? Como resolver isso?

• P – *Não poderia funcionar em outro registro?*

Onde? Do lado de fora? Aí é Deus.

• P – *Em práticas como a do taoísmo, que também levam ao silêncio?*

Não tem nada *fora* no taoísmo, ele não é budismo. Onde tem do lado de fora é lá no Vaticano. Tem que falar com o Chicão, ele resolve esse problema. Saiu o Bené, entrou o Chicão. Lá eles têm metalinguagem e tudo. Têm a Meta e a Mêta. Esta é a saída ignóbil. A humanidade, quando esbarra nesse lugar, inventa um lugar do lado de fora. É a ideia de transcendência e de Deus transcendente. Esbarra lá, não consegue mais e inventa um troço do lado de fora. Só que esse troço só fala a língua do lado de dentro. Tomem textos

como os da Bíblia e vejam como estão falando do lado de fora, mas é o lado de dentro que se está falando. Dizem que o lado de fora falou com o profeta, tipo Mohamed, que estava lá delirando, ouvindo vozes e anotando. Eles supõem que a voz que o psicótico escuta vem do lado de fora, como o psicótico supõe. Já pararam todos juntos para ficar escutando a voz que vem do lado de fora? Só se for a da televisão. Então, há transcendente? Não há transcendente, e quando o transcendente finge que está se manifestando, é dentro, um maluco qualquer que começou a falar com Deus. Ora, assim eu também falo, é fácil, é só delirar um pouco.

Esse limite, essa barreira, existente ou não, é o problema do pensamento, é o problema da psicanálise. As filosofias não querem lidar com isso, inventam um sistema de responsabilidade pelo conhecimento e caem fora. As religiões dizem que tem lá fora, pois esse lá fora falou com fulano. Mas foi fulano quem disse que o lá fora falou com ele. Como sair dessa? Lacan inventou que não tem lá fora, mas também não tem limite. Isto porque o lá fora que não existe é causa de tudo que se passa aqui dentro. Meu não-Haver é igual. Já que não-Haver não há, falamos que nem malucos, sem parar. Mas conseguimos dizer? Uma coisa, é falarmos infinitamente, outra, é conseguir dizer.

• P – *O que você está chamando de dizer?*

Dizer o não-Haver por exemplo. Não há a menor possibilidade de alguém sequer simplesmente imaginar o Nada, quanto mais o não-Haver. Então, façam jogo, apostem em Wittgenstein ou em Lacan.

• P – *Deus é uma decadência?*

É claro que Deus existe. Se não, não falaríamos nele. Não somos loucos a ponto de falar do que não existe. Se a gente falou, é porque existe. Resta saber em que registro. Como nossos registros não são o de real, simbólico e imaginário, de Lacan, tenho o registro do Secundário. Então, como o unicórnio, por exemplo, não existiria se vi seu desenho. Ele existe – produzido via Secundário. E mais, se houver um desenvolvimento adequado

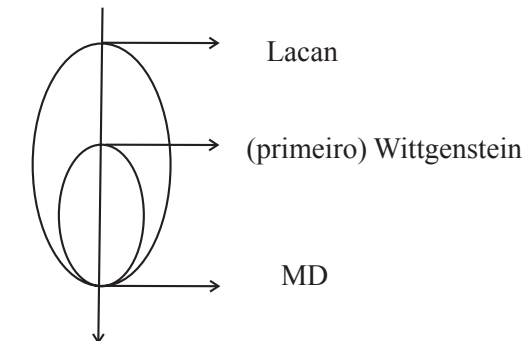
da biologia, daqui a pouco se fabrica um unicórnio de carne e osso. Quero ver é fabricar Deus de carne e osso. Pelo fato de termos mudado a tópica, caído fora de real, simbólico e imaginário, e passado para Primário, Secundário e Originário, não temos o que discutir a respeito dessas existências. É a anedota contada por Guimarães Rosa, em suas *Terceiras Estórias*, que sempre repito: o bom português chamou o outro de “hipotrérico”, ao que o outro respondeu que essa não existia. Retruca ele: “Como não existe se a estou a dizere?!” Então, Deus é hipotrérico.

• P – *E Guimarães Rosa dá a entender que esse tipo de reação é coisa de hipotrérico.*

Esta foi a vantagem de cair fora dos registros lacanianos e ir para outra tópica. Não temos o que discutir. Quem não acredita em Deus são os teólogos, pois ficam querendo provar que Ele existe.

• P – *A tópica do Lacan é construída sobre a ideia de impossível. Tem um limite ali.*

A minha tem o *Impossível Absoluto* e tem os *impossíveis modais*, que são possibilitáveis, têm historia possível. O impossível absoluto é o não-Haver, que, aliás, nem há. Então, o bem-dizer de Lacan, em nossos termos, é falar causado pelo impossível absoluto, que é o não-Haver, ou dizer o não-Haver? Lacan tem que escolher. Se ele estivesse vivo, eu iria lá perguntar. Falar infinitamente causado pelo impossível, tudo bem. Ou seja, falar infinitamente, sim, mas não dizer o impossível, pois isto é impossível, tem um limite. Prefiro colocar assim:





Então, como o Inconsciente diria a partir desse lugar terceiro? Diria assim: “Tem limite? Claro que tem. Por quê? Porque não tem. Mas você não disse que tem? Tem. Por que? Porque não tem”... Isto é o Inconsciente. A prova de que há limite é que não há limite; a prova de que não há limite é que há limite. Esta é a loucura da espécie, o Inconsciente é assim: “Eu te amo. Por quê? Porque eu te odeio”. É o que está em Freud lá em seu comecinho. Aliás, quero aproveitar para retomar a questão que tratei em nosso encontro anterior sobre a *oposição*. Freud diz, acho que nos *Três Ensaio*s, que a oposição fundamental é entre amor e ódio. Por quê? Porque está ancorada na pulsão parcial. Ou seja, a ancoragem no Primário põe a oposição na radicalidade. Os animais, entre si, ou estão se amando ou se odiando. Isto é animal, é Primário. Não tem meio termo, como Freud esclareceu desde o começo.

O difícil da possibilidade de a psicanálise vir a regular as ciências e se tomar como a referência epistemológica fundamental – como Gnômica, digo eu – é termos que conviver com a situação esdrúxula de que a explicação de um lado é o outro. O que é amar? É odiar. O ódio é igualzinho, só que do outro lado. Por que Freud criou o termo *ambivalência*? Justamente porque o que descobriu como Inconsciente é o Revirão. Fiquei perplexo – mas só pude ficar perplexo depois da existência de Lacan, antes não dava – diante de como não se percebeu que o fundamento do pensamento de Freud sobre o Inconsciente é o Revirão. Lacan trabalhou sobre os resultados disso – os deslizamentos, a metáfora, a metonímia –, sobre as resultantes de o Inconsciente ser assim, mas nem ele nem ninguém levantou a ficha de que a loucura do Haver (que aparece em nossa espécie como movimento de Inconsciente) é que o Inconsciente é bífido, e que o significante mesmo é um Halo.

Basta escutar os analisandos, procurar na literatura, para ver o amor virar ódio. Não é preciso quase nada, apenas, como diz Chico Buarque, uma gota d’água. Qualquer coisinha vira porque é a **mesma** coisa, que, dentro do mundo binarizado, aparece como oposição, pois não tem outro jeito de aparecer. Mas a continuidade de passagem de um para outro é absolutamente a mesma. O Inconsciente é isso: disponibilidade para revirar. Em termos de produção de cultura, de mundo, tentamos controlar isso o tempo todo. O pior é

que conseguimos. Se não conseguíssemos, todos estariam atirando em todos, comendo todos, ou os carros estariam todos batendo uns nos outros o dia inteiro. Isto por motivo de tédio ou de horror. Ou seja, *consegue-se controlar bastante o Inconsciente*. Vemos, por exemplo que, numa tensão qualquer entre Estados, aquilo fica aos tapas e beijos, mas se deslizar, se der um pequeno escorregão, cairá uma bomba atômica aqui.

É possível formular uma **Gnômica**, uma teoria do conhecimento, inteiramente referida a essa posição terceira. Constituir uma Gnômica é saber que é assim, então recorta-se aqui e dá para cá, mas dá para cá apenas no recorte, se for outro recorte não dá, aí dá para lá. Podemos pensar todos os conhecimentos e saberes sempre lembrando que tudo é hemiplégico. Até nosso universo é hemiplégico. Só se constituiu esse panorama, que está aí por Quebra de Simetria. Cadê o outro lado? Tivemos que chegar ao século XXI para os físicos perceberem que não sabiam quase nada. Só há quatro por cento de matéria bariônica. E o resto? A matéria escura, a energia escura, onde estão? Precisamos, então, entender e mostrar para as outras possibilidades de produção de conhecimento que o fundamental é o **pensamento perplexo**, que é o nosso. A psicanálise pensa de maneira perplexa.

• P – *No segundo Wittgenstein, a ideia de regra vai para o espaço, já não é mais capaz de estabelecer fronteira. Ela vira jogo de linguagem e, com isso, vem a questão da impossibilidade da linguagem privada.*

Mas Lacan diz que há linguagem privada.

• P – *Lacan insiste e precisa manter em algum nível essa distinção entre público e privado, não no sentido sociológico.*

E sim no sentido sintomático. Lacan afirma que há linguagem privada e chama de *lalangue*, que traduzi por *alíngua*. Alguns lacanianos fizeram a besteira de perguntar para Haroldo de Campos. O Haroldo, que é o tradutor oficial do país, inventou o termo *lalingua* [cf. seu artigo, de 1989, intitulado *O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalingua (Freud, Lacan a Escritura)*], que considero uma bobagem. A justificativa dele é que não se pode chamar *alíngua* porque o *a* de *alíngua* é ambíguo, pode ser um artigo ou um prefixo

de negação. Ora, é exatamente isto! Então, ele sugeriu *lalíngua* e tem lacanianamente utilizando esta tradução. Existe o artigo *la* em português? Ou seja, esses daqui acreditam em metalinguagem. Quando Lacan diz que existe linguagem privada, quer dizer que *fingimos* que nos entendemos. Isto porque jamais vou entender *sua* língua. A gente faz de conta e vai levando, pois sua língua não pode ser submetida a minha metalinguagem. Jamais vou entender você. Por isso, Lacan diz que, em análise, não se trata de entender o outro. Logo, Haroldo está errado. Alguém o avise.

• P – *Em determinado momento, você pensou em traduzir lalange por sólíngua.*

É a língua sozinha. Mas *alíngua* é melhor, pois é a língua e não língua. Quando você fala para mim, sou estrangeiro, não sei falar sua língua. Aí, vou Tateando igual a quando viajamos para o estrangeiro e fingimos falar a língua deles. É a *solitariedade*. Sei lá o que você quer dizer quando você diz. Não faço a menor ideia. Achei isso uma tolice de Haroldo. Logo ele, tão inteligente. É ignorância a respeito da psicanálise.

Lacan disse que há língua privada. É extremamente importante aceitar a ideia de língua privada, pois substitui a ideia de indivíduo e está mais perto de Emerson quando dizia que era preciso, em palavras minhas, realizar a administração do mundo baseado no *private man*. Não é o indivíduo, é o *homem privado*, o *homem singular*. É uma Pessoa, no meu sentido. O que chamo de Pessoa é o *private man*. É a noção de que cada falante, cada Pessoa, é solitária, inteiramente singular. A comunicação é – e isto faz parte da Transformática – fingimento de comunicação, pois jamais você será metalinguagem do outro. Não há como.

• P – *Esse é o limite?*

Desse ponto de vista, tem limite. Lacan diz que não há limite para o dizer e ao mesmo tempo diz que há uma linguagem privada. Se você só fala sintomaticamente, você é um fóssil. A comunicação é resvalante. Você pensa que está falando com o outro, mas está falando sozinho.

• P – *E o Vínculo Absoluto de que você fala?*

O Vínculo Absoluto existe porque não tem conteúdo. Logo, não tem nenhuma diferença, é tudo idêntico. O Vínculo Absoluto é o lugar da Identidade de todos os privados.

• P – *Mas nesse ponto não podemos aceitar as diferenças e ouvir melhor?*

Por saber que eu sou você, quando me dou conta disto – e esta é a loucura –, aí posso tentar escutar você. Mas se penso que eu sou eu e você é você, nunca vou escutar. Só posso escutar o analisando porque fico pensando que sou ele, e ele pensa que é eu. Mas ele está falando sozinho. É uma loucura.

## 5

Vou tratar da **relação da ideia de Instituição** – em sentido genérico – **com a Perversidade Social**, que se reflete na possibilidade de Instituição Psicanalítica, ou orientada pela psicanálise. Isto é possível? Existe a menor condição de construir uma instituição de orientação psicanalítica, inclusive para formação de analistas? Qual é a possibilidade de relação entre instituição e psicanálise? Este é um problema que existe desde os primeiros grupos de associação de Freud, passando pela Escola de Lacan, que deu no que deu. Freud situou a psicanálise como algo impossível. Qual é o Impossível da psicanálise? É uma questão em aberto, já trabalhada por muita gente. Mas, junto com a impossibilidade típica da psicanálise, é possível uma instituição psicanalítica? Uma instituição psicanalítica, se tem referência psicanalítica, lida com algo da ordem do impossível. Se lida com o impossível, que tipo de Impossível é este? É o Impossível Absoluto, por um lado, que faz parte de nossa reflexão, mas, do ponto de vista da existência da instituição, trata-se de um impossível modal.

Ou seja, que recursos podem ser necessários para que subsista uma instituição cujo referencial lida com o Impossível Absoluto?

Quanto ao que trarei a esse respeito, não se trata de uma análise sociológica, política ou antropológica. É uma **análise sintomal**, é trabalho de psicanálise. Os vícios institucionais são muitos, estão no próprio cerne da produção das instituições desde o começo da ideia de instituição, logo depois da pré-história. Se tomarmos o **Creodo Antrópico**, não poderemos dizer que, no Primeiro Império – que é da ordem do bando e em torno da ideia da Mãe –, haja possibilidade de pensar alguma instituição, pois é um império diretamente sintomático, referido ao Primário. Então, a coisa começa no Segundo Império, no qual, quando se institui a ideia de **paternidade**, com os artifícios que foram montados para fundar este sintoma, temos a maior desgraça da humanidade enquanto civilização. Começa-se, pois, a ordenação da Instituição pela ideia de paternidade. Por isso, chamo-o de Império d’Opai. Isto dura e vai bater na obra de Lacan como Nome do Pai. Vejam que até hoje continuamos neste inferno. Pior, os Impérios vão sendo superados, surgem outros Impérios, mas os antigos não desaparecem: a sintomática dos Impérios anteriores atravessa por extenso um Império seguinte. A emergência de um Império novo regulando o macro do sistema não elimina o sintoma do Império velho, que permanece atravessando e, frequentemente, atrapalhando a plena realização do novo Império.

Podemos perfeitamente entender que a formação do Segundo Império só é consecutível segundo Morfose Estacionária. Não há como simplesmente abstrair e fundar o Segundo Império sem que, imediatamente, apareça uma Morfose Estacionária. Ou seja, **a constituição institucional é neurótica**. E a Morfose Estacionária atravessa o Terceiro Império, mas mudando de postura: o Pai vira genérico. Precisamos, então, pensar qual é a recalcitrância disso no Quarto Império, que começa, de maneira abrupta, a comparecer.

O que acontece na fundação do Segundo Império não é senão o estatuto do **Patriarcalismo**. Ele nasce como patriarcal, o que atravessa todos os impérios até hoje, causando danos às vezes irremediáveis. Conseguirá o Quarto Império extinguir este sintoma? O texto de Freud sobre o assassinato

do pai é da ordem do patriarcalismo, uma vez que a ideia de pai, que se constituiu no Segundo Império, é hegemônica no processo de organização institucional. Ora, isto gera imediata e necessariamente, porque a vontade do pai é que manda, a ideia de **nepotismo**. Basta ler o Velho Testamento para ver que está cheio disso. Se há patriarca, há *nepotas*. Ruth Cardoso tentou substituir esta ideia pela de *filhotismo*, pois, na verdade, não se trata sobrinho aí. Ela pregava sociologicamente contra o filhotismo no poder.

Um dos efeitos imediatos do patriarcalismo, além do nepotismo e de ele excluir muita gente, é: “os meus descendentes são gente, os dos outros não”. É a produção de **Castas**. Então, se temos uma instituição constituída como casta, temos leis diferentes para cidadanias diferentes. É o que acontece na Índia, que, até hoje, se organiza em termos de castas. Junto com o poder e o governo na mão da ideia de patriarcado, nesta linhagem, vem imediatamente o **patrimonialismo**. É a ideia de que, para quem está no poder, não há distância entre o público e o privado. O Brasil é exemplo claro disto. Aqui qualquer político pensa que a ordem pública é patrimônio dele. Qualquer deputado-zinho, ignorante, analfabeto, age assim. Ele mete a mão no dinheiro do país porque, se está no poder, não há mais diferença entre público e privado. Isto vai bater nas pessoas comuns, que, lá embaixo, no regime de última instância, tampouco fazem esta diferença. Qualquer madame, dentro de *shopping center*, fala aos berros no telefone celular: ela está em casa falando com sua filha, gritando. Ela não reconhece que está em um lugar público, que ali não é para ficar cagando nos ouvidos dos outros. O que é preciso entender é que este sintoma é diretamente herdeiro da ideia de paternidade.

Junto com o patrimonialismo, vem a **cleptocracia**. No Brasil, basta ver os maranhões, que pensam que podem meter a mão à vontade no que é dos outros, sobretudo no que é público. Vejam que herança “bacana” esta da ideia de instituição. Pior ainda, somos herdeiros da Península Ibérica, que gerou essa coisa chamada América Latina. Espanha e Portugal são a pátria do patrimonialismo, que não existe desse modo em outras regiões da Europa. A América do Sul é inteiramente patrimonialista. É onde não há vergonha na cara, não há distância entre o público e o privado nem do ponto de vista da

educação social. As pessoas estão em casa em qualquer lugar. A tão falada falta de educação do brasileiro é notória no mundo. Se formos passear em Paris ou Nova York e ouvirmos um grupo de gente espalhafatosa, podemos certificar que são brasileiros. Na pior das hipóteses, são italianos, mas nem eles conseguem fazer isto direito como os latino-americanos, sobretudo os brasileiros. Fazem merda com uma competência que não se vê em muitos lugares. A nobreza e a realeza eram os donos do poder na Espanha e em Portugal, era tudo deles, e chegaram aqui fazendo as monstruosidades que fizeram, inclusive eliminando civilizações talvez melhores que as deles. Isso tudo para reconhecermos nossa herança – que vai chegar aqui nesta instituição.

Recentemente, por iniciativa do governo federal – que não estou aqui necessariamente defendendo –, aprovou-se a lei dos empregados domésticos. A burguesia está apavorada, insultada, pressionada por uma lei que acaba com uma casta. Os empregados domésticos faziam casta, o que é uma vergonha. Não somos a Índia, pelo menos. Haver uma lei para uns cidadãos e outra para outros e ainda se ter a cara de pau de chamar isto de democracia... Vejam aonde chega essa herança: em 2013, uma lei tentando acabar com uma casta. Imagino que ainda haja outras castas com leis específicas para elas. Então, como chamar de democracia um país que tem casta com legislação diferente? E nós aqui, tolamente, pensando em Diferocracia...

Vejam também que as **empresas** brasileiras são da ordem do patrimonialismo. Se qualquer empresa é gerida de maneira patrimonialista, não se está assegurando uma eficácia técnica, e sim o nepotismo. Essa herança chega igualmente às **escolas**. Hoje, isto está mais disfarçado, mas me lembro bem das décadas em que Pedro Calmon foi dono da Universidade do Brasil. Naquele tempo, quando eu era professor do Colégio de Aplicação, ele nos pagava uma vez por ano, na véspera do natal. É o governo patrimonialista do país, que pega alguém que está de acordo com ele, coloca lá e não tira mais. Hoje, escolas e universidades fingem que não são assim, mas, se pesquisarmos, certamente veremos o contrário. Há também, nessa linhagem, as **famílias**, com a ideia de que só os casamentos reprodutivos são válidos. Ou seja, outra constituição de castas. Se alguém quiser fazer uma associação de casal com qualquer pessoa,

no nível dos direitos, estará fora da casta, terá outra lei, pois a casta brasileira superior é a de fazer neném.

Pasmem, pois até as **epistemologias**, as filosofias e suas ideias de ciência, são patrimonialistas e patriarcais. No campo da teoria do conhecimento, estamos começando a sair da ideia de que uma coisa chamada filosofia, com seus lacaios, que são os filósofos, seja capaz de discernir o que é e o que não é conhecimento e determinar a que casta você pertence. De tal maneira que, num país como o Brasil, você está proibido de pensar, pois não pertence à casta dos pensadores que geralmente, para nós, é estrangeira. Então, aqui fingimos que não podemos pensar.

A emergência do patriarcado, o crescimento das instituições a partir deste núcleo sintomático, vai gerar o **Estado**, o Leviatã, que continua sendo patriarcal e patrimonialista. Ele mete a mão onde não tem direito, e mete o nariz na vida das pessoas para além do que é necessário para sua subsistência. O estado existe para servir à sociedade, ou é a sociedade que existe para servir ao estado? Ao nos depararmos com o estado, com seus poderes, suas instituições, a pergunta é: aquilo foi feito para quê? Para se autoproclamar e obrigar as pessoas a se submeterem à sua ordem, e, além disso, estarem a serviço desta constituição? Ou a fundação do estado é no sentido de que possa haver uma instituição, com suas garantias e poderes, para servir à boa sociedade? Para que as pessoas vivam bem por estarem sendo cuidadas pelo estado? Podemos escolher entre as duas, podemos fazer uma baderna, uma primavera árabe, por exemplo... O que acontece é que as pessoas se apoderam da instituição do estado para obrigar a sociedade a viver na insatisfação do serviço ao estado. Isto, ao invés de constituir uma instituição para que haja uma boa sociedade e melhor vida possível para seus cidadãos. Esta é a maior discussão da ordem política e histórica.

Toco agora num pequeno ponto que é polêmico. Barack Obama está fazendo leis para tirar as armas das pessoas. Dificilmente conseguirá, pois os Estados Unidos não são patrimonialistas. No Brasil, as pessoas entregam as armas para ganhar cem merréis. Para um americano, se o estado está armado, eu também devo estar. Vou ficar sem arma em casa contra a bandidagem que



pode estar no poder? Lá morrem algumas pessoas em escolas, etc., mas a sociedade vai bem. Toma-se a comoção popular, porque algum maluco pegou uma arma e matou gente, como argumento para desarmar a sociedade. Isto, ao invés de o estado ter o cuidado de, por exemplo – e é uma das teses do Obama –, verificar a quem as armas são vendidas, se a pessoa não tem histórico de maluquice, psicose, algo assim. Regular a compra, tudo bem, mas não como no Brasil onde há busca de lei para retirar as armas das mãos dos cidadãos. Aliás, por que o Brasil não tem bomba atômica (coisa de que os milicos reclamam)? Estão vendo como o sintoma funciona direitinho?

Se estudarmos autores como Max Weber, Raymundo Faoro ou mesmo Francis Fukuyama, veremos como é claro que, quando o estado põe a sociedade a seu serviço, isto é, quando impera a burocracia, o nome disso em nossa linguagem é **Perversidade Social**: o fato de a ordem burocrática ser mais importante do que as pessoas. É o estado contra a sociedade. O estado tem que ser forte, capaz de regular, mas tem que lá estar a serviço da sociedade, e não para reduzir a sociedade à ordem burocrática. Onde isto ficou mais claro na história da humanidade foi na União Soviética, com a chamada Nomenklatura, que era pura burocracia. Era tão burocrática que sucumbiu, estragou-se por dentro. A própria economia foi tão burocratizada que se perdeu.

## 6

Tomemos agora nossa convivência, nossa instituição, nosso trabalho, que é herdeiro de tudo que acabo de falar. Não nos enganemos, pois somos herdeiros de toda essa joça sintomática. Então, começa-se um trabalho de ensino, de disseminação, para tentar implantar não apenas teoria, mas um **comporta-**

**mento psicanalítico.** Ora, se você faz parte de uma instituição de orientação psicanalítica, esta não é uma instituição qualquer. É uma instituição cuja referência é a Psicanálise, e não a burocracia. A instituição tem que se burocratizar, tem que ter regras às vezes bastante rígidas, mas, repito, a referência é a Psicanálise. Encontramos esse problema em todas as instituições desde Freud: a instituição lá está a serviço da psicanálise, e não a psicanálise a serviço da instituição. O esforço para implantar um pensamento e um comportamento psicanalíticos é, hoje, um esforço de Quarto Império. E de se deparar com a frequente reação sintomática de puxar isto para baixo. Este é o problema com que lidamos numa instituição psicanalítica. Estamos todos impregnados da sintomática estatal e burocrática – e tentando fazer uma instituição psicanalítica. Mas a instituição de referência psicanalítica é extremamente difícil, ainda mais quando nossa sintomática puxa para baixo o que é da ordem da instituição psicanalítica.

A reação sempre está presente. O que tem estragado as instituições psicanalíticas a ponto de chegar o momento em que explodem, dissolvem-se ou viram outra coisa, é a dificuldade de operar com vistas à Psicanálise, e não à burocracia. Vejamos alguns exemplos de reação à Psicanálise como referência da instituição: (1) O péssimo **comportamento entre pares**: a referência fica sempre em relação a quisquilhas burocráticas. Não é preciso estar escrito num papel ou ser da ordem da instituição enquanto organizada, mas criar caso porque alguém é mais antigo e outro chegou ontem, isto não cabe no comportamento analítico de que estou falando. Se aquele que chegou ontem for melhor do que eu, o quê fazer? A psicanálise tem condições de pensar que o Inconsciente não tem tempo, não tem morte, não tem burocracia... (2) A redução das falas e pensamento dos autores a **artigos acadêmicos**. Depois, então, que a psicanálise entrou na universidade, apareceu esta indecência. Como se pode reduzir qualquer fala de Lacan a artigo acadêmico? Isto é impossível. O estilo de Lacan é absolutamente um estilo de ensaio, não é o do débil mental acadêmico que cita autores e datas. A primeira coisa é reduzir a fala a uma estrutura acadêmica, esta é a ideia de burocracia e de perversidade social. (3) A **administração** de uma instituição psicanalítica é importante, se

não, vira bagunça. Entretanto, a administração está a serviço da formação do psicanalista, e não o contrário. Se isto não estiver claro, fica-se com vontade de ordenar todas as situações. As regras institucionais têm que ser respeitadas, mas com vistas ao interesse da instituição, que, como disse, é, o tempo todo, a formação do analista. Se as pessoas começam a ficar educadas demais, isto é, burocráticas, qualquer conversa nas Oficinas Clínicas, por exemplo, é falsa.

Ser comportado na hora de dizer a **verdade** chama-se: burocracia. A psicanálise tem compromisso com a verdade. A verdade, no sentido da psicanálise (que é o que está em Lacan): a historização das fundações sintomáticas de cada um. Quando você diz a verdade? Ou quando você esconde a verdade? Se você está num regime de análise, você *diz*. Não qualifica ninguém, é simplesmente manter o processo analítico. Sinto nossas Oficinas Clínicas como burocráticas. Não se trata de ficar ofendendo os outros, e sim de considerar que os sintomas são impostos. Então, como se considera essa ordem sintomática? Entender assim é ter referência na Psicanálise. Não é a educação burocrática, que esconde as questões, e tampouco o insulto estatal, que agride as pessoas. Precisamos saber que é difícil – por isso, Freud dizia que era impossível – manter uma ordenação desse tipo, manter uma instituição cuja referência seja psicanalítica. Isto, sobretudo porque a movimentação dos processos de fala e de apresentação de verdade são referidos à ordem da **transferência**, onde quer que ela se coloque.

A **transferência** é o artigo da psicanálise, é com ela que se trabalha – por mais que ela atrapalhe nossa vida. A propósito de instituição, temos que lembrar que transferência não inclui *simetria*. Se houver simetria, estaremos na burocracia dos cargos e postos. Então, estaremos trabalhando numa igreja ou no exército. A dissimetria na igreja e no exército é fundada pela hierarquia. Na psicanálise, não há hierarquia. Se a instituição precisa de um mínimo de hierarquia para funcionar, ela tem que ser sempre reconsiderada pela psicanálise. Assim como, se a instituição é de ordem psicanalítica, a relação entre as pessoas depende de referência transferencial, que não tem simetria de espécie alguma, nem do ponto de vista da hierarquia, nem do saber, de nada disso. Isto é algo que facilmente se perde, inclusive na análise. Não se pode burocratizar

a psicanálise. Burocratizou, encerra, para! Escolho um analista, mas o analista só escolhe o analisando que o escolheu. Uma pessoa que se supõe capaz de ocupar o lugar do analista – como sabem, analista é um lugar, uma função – pode se oferecer, ou seja, estar disponível para ser nomeada por futuros analisandos como seu analista. Quem nomeia o analista é o analisando. Uma vez que este nomeia o analista, o analista pode não querer nomear o analisando: “Você está dizendo que me quer como seu analista, mas não quero você como meu analisando”. Ou: “Você está me nomeando como analista, vou aceitar”. Isto significa: “Você acabou de declarar que não há simetria alguma entre nós”. Ou seja, como diz Lacan, a relação sexual é impossível: “Não adianta tentar, pois você não vai gozar comigo”. É a dissimetria radical que está no Haver – e o neurótico pensa que vai conseguir a simetria de qualquer maneira. Um dia, ele goza junto com o outro: isto não existe!

Transferência tampouco é função de identificação. Não há que se identificar com o analista, há que fazer sua análise na transferência *com* aquele analista. Ora, se, mesmo tendo nomeado um analista, você resolve destituí-lo, isto é, você resolve discutir com ele uma relação de simetria, vá embora! E o analista deve colocar o analisando para fora se ele insistir nesta posição. Isto é fundamental, pois, em nível institucional, a burocracia necessária não funda simetria alguma no nível da referência à psicanálise. Não pode existir instituição psicanalítica democrática, como já foi dito por tantos autores. Isto porque não se pode decidir sobre a psicanálise e o pensamento psicanalítico na base do voto. Ou se nomeia transferencialmente a fonte, ou acabou.

As pessoas acham esquisito Lacan, em dado momento, após as peripécias de sua Escola maldita, dissolvê-la. Ele é maluco? Não. É porque não será possível manter e resolver a instituição na base da democracia, da burocracia. Ou se sustenta a transferência em relação a ele, Lacan, ou, repito, acabou, não há motivo algum para ele estar ensinando. Ninguém tem *obrigação* de sustentar transferência. Manter a presença quase de terror do impossível absoluto exige esta postura. O analista lá está não para fazer você feliz ou para corrigir suas mazelas. Ele lá está justamente para jogá-lo nesse buraco – com cuidado, pois, caso contrário, você pode pirar ou morrer. Há uma técnica de ir

levando, dependente do tamanho da goela do analisando, como dizia Lacan. Como dizia Nietzsche, depende de quanta verdade se consegue aguentar.

## 7

Existe uma tese antropológica sobre a **origem patriarcal das religiões**. Considero-a importantíssima: as religiões são fundadas no patriarcalismo. A impressão dos antropólogos ao estudar sociedades antigas é de que as religiões começam sempre como culto dos antepassados, culto do pai morto, da ancestralidade. É como se os antepassados estivessem em algum outro lugar – no céu, por exemplo – de olho na gente. E estamos nós aqui cultuando o chefe antigo, buscando não mexer demais, pois o Pai disse assim ou assado. Não dizemos ainda hoje “pai nosso que estás...”? Isto é a história da função religiosa na humanidade inteira. Pensamos que é uma necessidade, mas é o culto do Segundo Império, que atravessa o creodo até hoje. Vejam que o maluco do Augusto Comte, um positivista de coturno, tentou fazer uma religião da ciência. Em Paris e no Brasil, há igreja dele. Ele tentou retirar a ideia de religião das ideias de ancestralidade e de patriarcalismo para fundá-la sobre uma ideia tão ruim quanto: a ideia de que a ciência sabe o que está fazendo. Ou seja, é ideia de que o *saber* e a *verdade* são a mesma coisa. Então, a tentativa de sair do culto dos antepassados caiu no culto do saber sabido, que é pior. O antepassado pode ser doido, o saber sabido é exato. Aí é um perigo, estamos amarrados para sempre.

O que acontece agora, com a emergência do Quarto Império? Ele está emergindo à revelia de nós todos como efeito das próprias conquistas da civilização. Tecnologias, informações, etc., estão produzindo a entrada

do Quarto Império à revelia dos governos e das instituições. Isto significa que **a função analítica está funcionando sozinha, sem analista nomeado**. Dá a impressão de que a Psicanálise está em decadência, mas, ao contrário, ela colou à revelia. Repetindo, a função analítica está funcionando à revelia da pessoa dos analistas. O fenômeno analisa, fracionaliza, as instituições, os conceitos, os parâmetros... A *função* psicanalista funciona por si mesma. A internet tem uma função analítica. Pode ser completamente desvairada, mas tem. Ela está dissolvendo sintomas, esfrangalhando referenciais sintomáticos, e os ditos analistas estão correndo atrás, quando deveriam estar à frente desse processo que não se consegue mais segurar. É como a Aids: a internet é a Aids da informação. A psicanálise é que deveria ser a Aids da cultura, mas não tem conseguido ser. A Aids destrói a imunologia, a psicanálise destrói as ideologias. A imunologia se ferra com a Aids, a ideologia devia se ferrar com a psicanálise. Ela está se ferrando com a *internet*. Vejam, então, o absurdo: a humanidade produz uma *prótese* que começa a funcionar analiticamente à revelia de qualquer personagem analítico. Saiam dessa, se puderem! Ai, temos as primaveras árabes, nas quais o pessoal não tem ideologia, só quer derrubar o sintoma. Para fazer o quê? Não sabem, depois verão. É como o analista, que quer derrubar o sintoma, para, depois, ver o que se faz. Não está derrubando o sintoma *para* isto ou para aquilo, simplesmente quer desfazê-lo.

Vocês viram que gracinha foi a troca do Papa. O Chicão é muito inteligente, quer recuperar os fieis que foram perdidos para os evangélicos. É o populismo papal: o Lula chegou ao Vaticano. Fico de olho em tudo que o Chicão faz, como ficava de olho no Bené que, este, era o contrário: fascista e burocratizante. O Chicão desce do carro, dá beijinho em aleijão... É capaz de vir para cá e passar a conversa na garotada.

As **formações familiares** estão se diversificando por causa de alguma análise, alguma crítica? Não, e sim por causa da dispersividade da informação, da internet e de outras coisas quetais. Afora isto, os **parâmetros** e os **fundamentos dos conhecimentos** se perderam. Antes, era possível brandir os fundamentos até da física, mas agora cadê esses fundamentos, cadê a energia

escura, a matéria escura? É esta a situação em que estamos: entrada de Quarto Império e as coisas se ana-lisando à revelia. Há também a **dispersividade do gênero**. Um grupo de trabalho numa universidade americana, com maioria de estudantes, resolveu eliminar o conceito de gênero. Nem esse negócio de *gay* eles aceitam pois isto para eles é careta. Se tem masculino, feminino, *gay*, travesti, é caretice. Gênero é aquilo que você inventa na hora que quer. Posso andar de saia, com uma metralhadora embaixo do braço, com um chapéu de bombeiro, usar batom, botas: este é meu gênero.

Então, uma instituição psicanalítica, se conseguir existir, não será feudo ou democracia. Ela deverá ser o exercício da **Diferocracia**. A instituição a serviço da implantação de seu aparelho específico. Somos capazes de pensar assim? É o desafio que faço a todos. O exercício *da e para* a Diferocracia, nada melhor para isto do que uma instituição referida à psicanálise e para a experiência desta prática. A crítica que faço é que, em vez de sermos exemplares para o mundo, estamos inferiores à internet. Ao invés de exemplo da futura instalação do mundo, queremos burocratizar e discutir besteiras.

Então, pergunto: qual é a posição da UniverCidadeDeDeus, que é esta instituição aqui? Ela está a serviço da NovaMente, ou é a NovaMente que está a serviço da UniverCidadeDeDeus? Se estiver a serviço da NovaMente, a UniverCidadeDeDeus vai agir com referência analítica. Se formos a barra para o segundo caso, da NovaMente estar a serviço da UniverCidadeDeDeus, a UniverCidadeDeDeus não interessa à NovaMente. Ela é mais um clube de pessoas que gostam de, aos sábados, falar besteiras umas para as outras. Igual a qualquer madame que vai ao clube jogar conversa fora. Pode-se até fazer isto aqui, mas não se pode chamar de instituição psicanalítica. Ou seja, uma instituição psicanalítica é uma instituição submetida à análise interminável. Sugiro, então, que façam um Mutirão de estudo sobre a Instituição Psicanalítica e a nossa instituição. Quão perto ou quão longe ela está de ser psicanalítica? O que se faz com isto? Um governo com vocação à Diferocracia tem regras, leis – pois a materialidade tem regras –, mas age com as pessoas caso a caso, *ad hoc*, como o analista faz. O analista não recebe pessoas diferentes do mesmo modo: um caso recebe muita pressão, outro menos. E por aí vai.

Então, como estamos todos muito ignorantes, vamos estudar a Instituição. Estudemos Freud, Lacan e outros – e façamos a inteligência da nossa instituição. Vamos entender o que acontece aqui. Sejam Analistas *da* Instituição.

## 8

Da vez anterior, coloquei que era preciso dar conta, de nosso ponto de vista, da **oposição Sociedade/Estado**, que já foi repetidamente pensada das mais diversas maneiras. Da obra de Freud para cá, não conheço, em psicanálise, texto específico sobre o assunto. Há várias considerações sociológicas, psicológicas, antropológicas, com todas as “-lógicas”, mas não considero nenhuma psicanalítica. Trago, então, agora, a visão da relação sociedade / estado do ponto de vista da psicanálise que nós operamos.

Toda e qualquer instituição tem uma péssima tendência. “Institucionou”, é de se desconfiar. Tudo que é institucional merece desconfiança porque **qualquer instituição, por ser uma formação institucional, tem forte tendência à totalização, ao totalitarismo**. Então, como fica a relação da psicanálise, em sua instalação social, constituindo alguma instituição, dentro dessa perspectiva tão ruim? O que pode ser uma instituição psicanalítica, se é que isto é possível? É claro que não é possível e veremos por quê. Mas há que fazer.

A propósito do tema, vocês já indicaram a leitura de *A Sociedade contra o Estado* (1974), de Pierre Clastres. Ele foi um antropólogo e etnólogo importante em sua época. Seu livro também é importante porque... está errado, de nosso ponto de vista. Vou lhes mostrar por quê e qual é o processo



de instalação de uma referência. Por exemplo, de uma chefia, de uma mestria. É um processo em que ocorrem **três níveis**:

Em primeiro lugar, há o nível da **nomeação**. Desde já, chamo atenção para o fato de que, na psicanálise, as transas interpessoais, de nomeação ou de paridade, etc., têm que ser pensadas no âmbito da **Transferência**. É mediante o conceito e o pensamento da transferência que entendemos o que é o processo de associação até à produção eventual de uma instituição. **A transferência é um fenômeno de transitividade interpessoal**. Freud associou a ideia de transferência à de uma transa amorosa. Amorosa, portanto odienta. Ele estava correto porque alguém nomeia um outro para certo lugar, que é praticamente impossível de ocupar, mas que esse outro pode aceitar desempenhar. Em nosso caso, chama-se: analista e analisando. Como sabem, segundo o que tenho apresentado, não existe analista como pessoa, ou como profissão. Qualquer pessoa pode exercer sua profissão – porque profissão é algo estatal – mediante o pensamento psicanalítico, mas quando alguém é, de cima para baixo, nomeado psicanalista, ou se nomeia psicanalista, ou mesmo se a instituição o nomeia psicanalista, acabou o psicanalista. Isto porque **quem nomeia o analista é o analisando, mais ninguém**. O analista aceitará ou não. Este é o jogo transferencial.

Quando o analisando nomeia o analista e este aceita a nomeação, criou-se aí uma *dissimetria* para sempre irrecuperável. Não há possibilidade de recuperar simetria **na transa analítica** porque **o que se dá aí é o reconhecimento da quebra de simetria originária, que será repercutida em tudo**. Então se, dentro de uma suposta psicanálise cria-se uma transa simétrica, não é análise, é outra coisa. A dissimetria tem que ser sustentada para sempre e, se for quebrada, a análise tem que ser interrompida. Seja porque o analista não quer ou reconhece algo no analisando que ele recusa tratar, seja porque o analisando perdeu as estribeiras e quer discutir a relação, entabular uma DR com o analista. É hora de o analista mandá-lo embora, ou de o analisando se mancar e procurar outro tipo de transa, porque aquela morreu. Não pode haver simetria, pois se nomeio o analista, falo para ele, ele faz suas intervenções, eu que me vire com elas. Não tenho que discutir a intervenção do analista, pois

posso ir embora. Se ele disse algo que me fez achá-lo uma besta, vou embora, acabou. Discutir isto é impossível. Não porque é proibido, e sim porque não há discussão possível dentro do campo da análise. Vira discussão de namorado, de marido e mulher, de amigo, e já não é mais psicanálise.

Reitero então que, sempre que algo se reúne como uma sociedade – lembro que estou tratando da oposição sociedade/estado –, isto só é possível no nível transferencial. É preciso que um grupo de pessoas, espontaneamente – sabe-se lá por que, é sintoma de cada um –, passe a nomear alguém como referência para suas moções. Isto – e Clastres, em seu texto, está falando da *chefia* nas tribos primitivas – instala uma referência. Toda sociedade – e, sobretudo, aquele que a chefia, que recebeu os nomes e teve funções as mais diversas ao longo da história – é assentada em transferência. Lacan nomeou muito bem a transferência: uma suposição que faço de que tal pessoa tem a competência de me orientar. Ele a chama de *sujeito suposto saber*. As pessoas supõem que essa pessoa tem as condições de dirigir o processo do grupo, dirigir a sociedade, orientar, etc. Esta suposição, assim como a transferência em análise, tem que ser sustentada, pois, se for rompida, acabarão a sociedade e a chefia. Clastres chama atenção para isto quando diz, por exemplo, que, no caso da sociedade contra o estado, não há instalação de estado e o chefe, geralmente, é uma pessoa que as pessoas consultam e obedecem porque lhes parece que ele é razoável. Se ele fizer uma merda muito grande, a sociedade o destituirá. Aí acabou a transferência. Ele não tem, em seus poderes – por serem poderes que ele tem quando se atribui a ele a transferência –, o poder de mando *apesar* da sociedade.

Temos, então, uma *sociedade* constituída mediante *nomeação* por *transferência*, a qual é o processo que as sociedades ditas democráticas pretendem instaurar numa eleição: as pessoas se apresentam, ou o grupo apresenta uma pessoa em quem vão votar para chefiá-las, orientá-las. Ou seja, vão nomear essa pessoa pra esse lugar. Então, sociedade depende de nomeação, por transferência, eleição, etc., e ninguém dentro da sociedade, senão os transferidos, têm poder de destituir ou constituir esta chefia, esta mestria, ou este analista. Estamos pois aí, no âmbito do que, em política, se chama *uma sociedade*.

Acontece que, uma vez alguém nomeado, este alguém se apropria – ou não – da nomeação. É um ato de **apropriação**, que é o segundo nível do processo de instalação de uma referência: “Vocês me nomearam, eu aceito, me apropriro desse lugar, mas ele não é meu, ele está apropriado pela minha situação”. Quando Lacan faz um texto chamado *A Direção do Tratamento...*, quer dizer que o analista aceitou a nomeação do analisando e a partir daí, enquanto houver transa analítica, transferência, o analista dirige o tratamento. Aliás, traduzem errado por direção da *cura*. *La Direction de la Cure*, em português, é: *A Direção do Tratamento*. Em português, *cura* é ficar bom de algo e Lacan não está falando disto. Em francês, *cure* não é o que chamamos de *cura* em português, e sim *tratamento*. Então, quem dirige o tratamento é o analista porque o analisando o está transferidamente nomeando para esse lugar. Parou de nomear, o analista só pode fazer uma coisa: analisar a resistência. Se a resistência for grande demais, acabou, desfigurou, não tem mais análise. Do ponto de vista social, isto constitui uma chefia, seja qual for o nome que se dê: o morubixaba, o cacique... Ou seja, qualquer coisa que se nomeie como chefia é constituída do mesmíssimo modo: nomeação por transferência eletiva.

Nesta transa não há *estado* porque não há *instituição*. A constituição de uma sociedade não institucionaliza nada. Veremos qual é a diferença entre constituir uma sociedade e instituir um estado. Mesmo que nessa sociedade exista um governo, este governo é transferencial, eleito, nomeado permanentemente, pois, se acabar a nomeação, acabou o governo. *A apropriação*, portanto, designa um chefe, um analista, algo assim, para dirigir o processo, seja o tratamento, o grupo, a sociedade, e isto constitui, sim, uma *chefia*. Então, uma análise ou uma associação ou sociedade de psicanalistas se funda e se sustenta transferencialmente. No caso de associação, é uma constituição de pessoas que nomearam algum polo transferencial, esteja ele presente ou não. Pode-se, por exemplo, juntar um bando de ditos psicanalistas que resolvem fundar uma sociedade referida a Freud, o qual já morreu, mas ela está referida aos textos, etc., e ali há a discussão sobre qual é o Freud verdadeiro, por exemplo. E se, além disso, ainda se nomeia um suposto analista para o lugar de chefia da associação, então a transferência é para esta pessoa e continua

sendo absolutamente dissimétrica. Isto até que a sociedade diga que não quer aquela referência. Aí acabou a sociedade. Muitas já acabaram assim, inclusive a de Freud.

Outra coisa, radicalmente diferente de uma sociedade constituída transferencialmente, é quando, por algum processo de mais do que apropriação do lugar indicado, passa-se a constituir uma *instituição*. Estamos, então, no regime do *Estado*. A chefia de uma sociedade depende de sustentação da transferência, mas a chefia de um estado não depende disto porque não é mais um processo de nomeação, de atribuição transferencial, e sim um processo de **titulação**. Tanto é que quando se elege alguém, ele é um eleito transferencialmente pelo chamado povo. Numa democracia, ele ganha por quantidade, mas, quando termina o processo eleitoral, ele não fica apenas sendo nomeado, ele é *empossado*, recebe um *diploma de chefia*. A *titulação* é o terceiro nível do processo de instalação de uma referência.

É a mesma situação horrorosa da Universidade. Alguém faz um curso, etc., e lhe pespegam uma titulação. Acabou! Ele pode ser uma besta, mas está titulado e, então, exerce uma profissão, às vezes incompetentemente, porque não depende de transferência, a não ser eventualmente, na hora que ofereça seu serviço. O lugar dele é por titulação, e não por nomeação. Por exemplo, alguém faz um concurso para o *estado*, para o *serviço público*, e, se passar, será empossado. Ele tomará posse e receberá a titulação que ninguém lhe tirará mais. Alguns artigos da lei dizem que há um limite, o qual, se for ultrapassado, ele perderá a titulação. O Presidente da República, se passar dos limites que a sociedade suporta, poderá receber impedimento, *impeachment*, mas, comportando-se dentro dos limites da aceitação, o lugar, o cargo, o título e o poder são dele. É uma diferença radical, pois não se pode a qualquer momento discordar do presidente e ele cair. Há muita discussão, muita coisa antes para saber se ele fica ou sai. Na sociedade, não, aquilo é sensível, vê-se, é evidente que aquele que antes foi nomeado já não manda mais.

## 9

A **instituição psicanalítica** é a mesma coisa, mas é um lugar *terceiro*. Como instituição psicanalítica, ela não pode se sustentar somente da nomeação ou somente da titulação. É exatamente o que digo que acontece no Inconsciente: a oposição tem uma causação anterior onde essas duas coisas são unificadas. Não é conjunção delas, e sim um lugar terceiro desde onde comparece a oposição. A instituição psicanalítica é, portanto, praticamente impossível, pois, sendo psicanalítica, depende da sustentação da transferência, mas se não se organizar numa instituição capaz de gerir, ela se perderá. É, então, o balanço permanente entre a nomeação e a titulação.

Por isso, aquele que é a referência psicanalítica da instituição não deve ser o que a dirige. Lacan nunca foi *diretor* de sua Escola. Quando conheci a Escola Freudiana de Paris, o diretor era Christian Simatos, uma pessoa sem muito prestígio analítico ou intelectual. Vejam a inteligência de Lacan: a direção é da ordem da administração do processo. Já a mestria e a análise são de Lacan. Isto porque, **numa instituição analítica, não é permitido que a titulação determine a nomeação**. É aquilo de que eu falava da outra vez: a sociedade lá está para servir ao estado, ou o estado lá está para servir à sociedade? Temos, nos governos, a fortíssima tendência de o estado colocar a sociedade a seu serviço. É a burocracia. Ele se mete em tudo a que não foi chamado, quer determinar tudo na vida das pessoas. É a vontade totalitária, a vontade de totalização. O estado deveria ter um expediente de governo, mantendo a relação transferencial e reconhecendo os desejos pessoais. Ele não faz isto e diz como *deve* ser: faz leis que dizem que *tem* que ser assim.

Sempre fui contra a ideia de **Passe** na instituição de Lacan. Ele o inventou com boas intenções, pois parecia ser algo meio *floou*, meio transferencial. No momento em que Lacan o criou, Piera Aulagnier e François Perrier junto com um grupo de analistas não aceitaram, se retiraram e fundaram o

chamado Quarto Grupo. Não acreditaram que o passe fosse ficar no regime da transferência e denunciaram que iria acabar se institucionalizando. E é verdade. Também não o aceito, pois fica parecendo que há um jogo transferencial de se reconhecer um analista, quando na verdade a instituição acaba nomeando o analista no sentido da titulação. A instituição pode acolher supostos analistas, mas não pode titular o analista. Se o fizer, acabou a ideia de psicanálise. A titulação – Psicanalista Membro da Escola, Psicanalista da Escola, etc. – é titulação igual à de Professor Titular na Universidade. Isto não pode na instituição psicanalítica.

O estado tem necessariamente tendência totalitária? Não só tem como exerce. Por exemplo, sem o estado, num regime social brando, as pessoas devem e podem escolher o tipo de vida que querem ter. O estado não tem o direito de dizer que tal comportamento – mero comportamento, sem fazer mal a ninguém – é crime. Ele só diz isto por ter o poder de titulação e os poderes de armas, etc., para obrigar as pessoas.

Estamos, contemporaneamente, na celeuma do **casamento**, que é uma instituição do estado da pior espécie. Isto porque se alguém quer viver com uma pessoa, procriando ou não, o estado se mete e diz que essa transa só tem validade se for institucionalizada. E mais, só pode ser de homem com mulher, e de preferência tendo filhos. Se não, o casamento fica sem estatuto. Isto é totalitarismo. O estado tem o poder, mas, no sentido ético, não tem o direito de agir assim. Estamos, então, agora, numa guerra de re-institucionalização do casamento, o que é uma idiotice ou mesmo uma imbecilidade. Mas vai-se fazer o quê se o pessoal está sendo tratado como cidadão sem assentamento político? Então, querem casamento gay, casamento isso, aquilo... O certo seria abolir o casamento e não, como querem, fazer outros casamentos. Abolir o casamento como? Cada um vive com quem quiser, faz o que quiser. Se precisar proteger os filhos, ele se responsabiliza pela paternidade e pode viver de qualquer maneira. Isto não interessa, pois é ele o responsável pelo filho, e não o casamento. Não suportam isto porque há a Sagrada Família, como dizia Marx. A família não é um grupo de gente que nasceu ali e lá está vivendo, e sim uma *instituição estatal*. Por isso, não dá certo. Ela é a base do estado.

Dizem que é a base da sociedade para tapear a sociedade. Se não, os governos não se metiam na vida das pessoas. Viver-se-ia como se quisesse e isto seria registrado em algum lugar. Na polícia, por exemplo. No Brasil, para abrir uma instituição, há um processo burocrático complicado. Na França, escrevem os estatutos, entregam na polícia e está registrado.

Vejam também **a noção de titulação na Universidade**. A Universidade gradua uma pessoa, muitas vezes culturalmente analfabeta. Ela dá um título de Mestre, de Doutor. A pessoa vai lá e pega porque, para se instalar bem dentro do estado, precisa desses papéis. Mas é falso, pois não é um reconhecimento de mestria ou de sapiência, e sim um ritual burocrático de titulação. É notório que as pessoas, no Brasil, fazem uma graduação da pior espécie. Saem da Universidade e não sabem quase nada. Se têm umas frases na cabeça, é uma colcha de retalhos. Aí, fazem um Mestrado. Escrevem um texto da pior espécie, serão aprovadas e receberão o título porque seus orientadores precisam ter não sei quantos mestrados aprovados para uma instituição governamental de pesquisa dar bolsa de estudos e reconhecer Programas de Pós-graduação da Universidade. Então, é venal. O que seria um Mestrado de verdade? Como a pessoa poderia ser chamada de Mestre sem a Universidade, sem a instituição? Na base da sociedade. É um reconhecimento de saber. Tem gente que sabe tanto quanto ou igual a ela e sabe que ela sabe. Alguém é um mestre e quando transmite, acrescenta.

Pior é o doutorado. Dizem – e seria o correto – que a ideia de doutorado foi inventada pela Sorbonne, de Paris, para titular pessoas com conhecimento – mestres, portanto – e originalidade de pensamento e criação. Não é verdade, pois a pessoa cata uns troços aqui, o orientador diz uma coisa ali, corrige o texto, diz o título e se acha importante por fazer um orientando virar doutor. É trabalho braçal de ajuntamento de peças. Ao contrário, para termos um doutor, seria preciso alguém, além de mestre, saber bastante, ter opinião própria e inventar um discurso. Este é doutor. Sem isto, no máximo, é um re-mestre. Aliás, isto ocorre em qualquer lugar. Quem não quer ser membro da Academia Brasileira de Letras? Lá, você tem prestígio, dinheiro, etc.

• P – *Você está expondo a maneira pela qual a titulação, por ser concedida dessa forma, esconde e solapa inteiramente eventuais mestrias.*

E se alguém dentro da universidade deixa de ser um tolo e se torna realmente uma potência de produção, vão querer calá-lo, vem a pressão de calar quem pensa para que os demais não pareçam falsos. O pessoal da universidade perguntava a Anísio Teixeira, meu mestre, se não ia fazer concurso para ser titular. Ele respondia: “Não preciso disso, sei o que estou dizendo, fui eu que inventei. Se acham que devo ser titular, imprimam um título e me deem. Tenho que ir lá baixar a cabeça para uma banca dizer o que sou? Vocês não precisam dizer o que sou. Eu já sou!”

Eu disse isso tudo para mostrar como poderes constituídos na base da transferência e do reconhecimento, por um deslizamento sintomático, passam a poder instituído que se garante pelo título, e não por uma nomeação.

Da vez anterior, disse que tudo isso é herdado da ideia de *Paternidade*, que é invenção do Segundo Império. Suponhamos, então, que o Segundo Império comece pelo reconhecimento da chefia, de algum modo, e depois passe à imposição de chefia. Mediante o quê isto se faz? O que faz esta passagem? Pierre Clastres diz que não existe isto nas sociedades primitivas, pois lá o pessoal insatisfeito destitui o chefe. Mas, ao procurar por que se passa da chefia para o estado, ele vai buscar no *fanatismo*. Para ele, a ideia de estado não vem da ideia de chefia – lembrem-se de que, em meus termos, a ideia de chefia é transferencial –, mas ocorre porque aparecem uns *profetas* que magnetizam a sociedade e surge o fanatismo que coloca a pessoa com um poder quase absoluto. Acho que está errado, pois o que me parece que acontece é que a simples nomeação de uma chefia – sobretudo no Segundo Império, em que temos a emergência da chefia como paternidade – vai acumulando poderes transferenciais. Ou seja, quando a sociedade cresce muito, fica partida em vários grupos, estes grupos não têm o mesmo nível ou o mesmo conteúdo de transferência e começam a procurar – e aí está o *Leviatã*, de Hobbes – um modo de organizar a guerra entre todos com uma chefia escolhida como institucionalização, uma chefia que mande e tenha poderes de intervenção contra a guerra dos grupos.



Acho que é aí que nasce o estado, e não no fanatismo. O fanatismo não constitui estado, ele é transferência super-alienada e excessiva. O analista tem justamente que derrubar a transferência, coisa que ele faz analisando a transferência no nível de transa, e não permitindo que vire fanatismo. Isto porque o fanatismo é da ordem (não do Segundo, mas) do Primeiro Império: é retrocesso. Passa-se a atribuir valor de poder e de governo como se fosse um valor primário – é Amãe, são hipóstases retrogressivas da transferência. Isto é Primeiro Império, é como a psicose. Fanatismo é funcionar como psicótico. E isso vira igreja. Basta ver hoje a igreja dita de Lacan instalada no planeta. A igreja lacaniana do Brasil...

• P – *A família sustenta a ideia de estado?*

A família de hoje não é um acontecimento social. Ela é um dos sustentáculos do estado, é uma das instituições de uma sociedade, portanto, é estatal.

• P – *Pierre Clastres diz que, nas pequenas sociedades, há a família, que é algo instituído...*

Ela não está instituída, está sintomatizada. Quando surge o Segundo Império, tal pessoa é nomeada pai, tal outra é nomeada mãe, o pai é o proprietário dos filhos, mas ainda não é uma instituição, é uma formação social *via* suposição de transferência por consaguinidade. Já é meio falso. Justamente porque não tem sustentação para além do Primário é que isso vira instituição e obrigação. Nenhuma família, tirado o estado, tem consistência fora da consanguinidade. Ora, família de verdade é aquela que você escolhe. E não é uma instituição. É um grupo de parentes, pares: par-entes, entes pares. A família e o casamento institucionalizados são falsos. Por isso, chega uma hora que aquilo não dá certo, quero ir embora, fazer outra transa, conviver com outras pessoas... Aí, como organizar o que resta? Terei que pedir um divórcio, a ser concedido por um juiz... Ora, o certo seria não casar, não fazer nada disso, ao invés de criar casamento gay, casamento isso e aquilo, que ficam cada vez pior. Mas, se o estado tem esse poder todo, aqueles que lutam por esses casamentos não estão errados, pois precisam ter participação na instituição para não ficarem na pior. Entendam que a instituição obriga a pessoa a ser falsa.

• P – *Você está falando de instituição como titulação?*

Qualquer instituição é *titulação*, funciona da mesma maneira. Se a instituição psicanalítica não tomar cuidado, virará pura instituição. Então, tudo é falso. O que estou denunciando é que não podemos tratar nada psicanaliticamente com base na titulação. Temos que tratar com base na nomeação. Precisamos da instituição? Sim. Mas ela tem que estar a serviço da sociedade, e não o contrário. O estado brasileiro é um estado a serviço da Presidência, do Congresso Nacional, é patrimonialista, todos podendo meter a mão... e quer mandar em nossa vida. Isto, quando devia estar organizando a bagunça para cada um poder se realizar como quiser. É claro que é preciso uma instituição, pois não é possível uma cidade com milhões de pessoas, milhares de carros nas ruas, sem uma regragem. Mas é uma regragem para que eu *possa* me movimentar à vontade dentro da cidade, e não para que *tenha que* me movimentar assim e assado como eles querem. A instituição é caga-regra, a sociedade não. A sociedade é transferencial e pacificadora. O estado vem fingir, como diria Hobbes, que vai pacificar a sociedade, mas está administrando a institucionalidade dos grupos.

• P – *Então, por que não o anarquismo?*

O anarquismo é a vontade de eliminação do estado, das instituições, na suposição de que a sociedade sozinha se organizaria e se garantiria sem precisar de estado, sem precisar de um rei. O anarquismo nasceu dentro dessa configuração de reino, império. Não sou anarquista. Acho que a coisa é tão complexa que é preciso uma instituição reguladora. Mas a instituição se aproveita da titulação e, ao invés de reguladora, é dominadora. Os poderes legislativo, judiciário e executivo deviam ficar conversando sobre qual é a maneira melhor de conduzir a sociedade bem, mas não é o que fazem. O que fazem é dizer que temos que fazer tal coisa porque “está na lei”. Felizmente, há lei que não cola na sociedade e eles ficam com cara de tacho. Quando a sociedade tem o poder de passar por cima da determinação do estado, o estado se ferra.

• P – *Com relação ao raciocínio anterior sobre a instituição obrigar a pessoa a ser falsa, é interessante que Stuart Mill, no texto Sobre a Liberdade, do século XIX, diz que ela obriga você a mentir. No caso lá da Inglaterra, se alguém se declarasse ateu, teria problemas. Seria melhor para ele mentir e*

*dizer que era cristão. Isto, justamente no cristianismo que se diz contrário à mentira.*

Teria problemas só não, ele podia morrer. Vejam que tudo isso é falso. Neste sentido, a Igreja Romana é das piores coisas que aconteceram na história do Ocidente. Ela virou uma instituição poderosíssima, em que ninguém podia pensar, quanto mais dizer o que pensou, pois a fogueira estava lá. Esses nojentos puseram meu colega e amigo Giordano Bruno na fogueira só porque ele ousou pensar o óbvio. Vejam que um troço como o cristianismo começa a grassar na sociedade romana e adjacências como ideia nova de crença, aí vem um imperador espertíssimo, Constantino, que vê que aquilo estava virando maioria e dá um golpe institucional. Ele dá um golpe de estado em cima de uma sociedade de crença religiosa, a qual foi fundada sobre coisa alguma, pois o tal Jesus supostamente jamais existiu. É um mito criado como o de meia dúzia de marginais que ficavam aporrinhando o Império Romano e sendo crucificados. Além disso, pegam o Apolônio de Tiana, suas lendas de magia, misturam aquilo tudo e inventam o tal Paulo que está lá até hoje: São Paulo – que organiza o troço de tal maneira que parece real. Constantino, quando vê que a maioria está virando para esse lado diz: “Também vi lá no céu a cruz dizendo *In hoc signo vinces!* (com este sinal vencerás)”. E conseguiu: assumiu a cruz e ganhou o império de novo. Com a derrocada do Império Romano, mediante a fundação patriarcal dentro da sociedade religiosa, fundam-se bispados poderosos até aparecer o bispado de Roma que herda o Império que fora de Constantino.

Muitos estudos sociológicos batem na tecla de que a base da sociedade são as instituições, mas isto está errado: a base do *estado* é que são as instituições. Eles trocam os termos e os ignorantes, os insensíveis, etc., ficam achando que foi a sociedade quem instituiu. O que instituiu foi o repositório da transferência, ampliando seus poderes e fazendo todos acreditarem. E quando o pessoal, o povo, não acreditava no estado enquanto tal, diziam que não foi a sociedade quem o nomeou, e sim Deus. Como sabem, os reis foram nomeados por Deus e a sociedade aplaudia ou tomava porrada. É assim a história dos poderes. A coisa é tão estúpida que não se pode apresentar *a ideia de*

*poder enquanto tal, como verbo, como poder das formações*, que professores universitários – ou seja, o poder universitário – não aceitam. Isto aconteceu num congresso acadêmico em que esta ideia foi exposta. Não quiseram ouvir o que digo, pois, para eles, o poder é o poder instituído. Eles se esquecem de que existe o poder de alguém, qualquer um, o poder de dizer *não*, ou mesmo de dizer *sim*. Poder é qualquer poder, verbo. O que quer que se possa é um poder. Poder, possibilidade...

Deleuze dizia que “não é vontade de poder, e sim vontade de potência”, mas qual é a diferença? Só que tomam os poderes e os tornam titulação. Aí é o poder instituído que, por regragem, se mune das forças opressoras, os exércitos, os tribunais, etc. Quando temos isto do nosso lado, somos um poder instituído, um poder titularizado, mesmo que a sociedade esteja contra. Então, quando vêm as ideias de rebeldia, de revolução e de revolta temos a retomada pela sociedade do poder que foi institucionalizado pelo estado. Uma revolução, uma rebeldia, é a não aceitação de tal uso de titulação sobre as pessoas. Aí, pega-se em armas. Por isso, disse da outra vez que não aceitava que tirassem as armas dos cidadãos. Isto porque, quando eles abusassem, poder-se-ia chamar os colegas e atirar neles. É a potência do lado de cá. Os republicanos dos EUA têm razão. Para eles, lá é a *res publica*: se folgarem, atiram. Anísio Teixeira me dizia que os Estados Unidos são uma democracia tão institucionalizada que lá existe a instituição “matar presidente”. Aí, já não é mais revolta, é instituição.

Afirmo, então, que essa produção de titulação vem do Segundo Império com a invenção da paternidade. A paternidade começa a receber todas as transferências de poder e deixa de atribuir poder à nomeação e se institui como poder titulado. É daí que digo que nasce o estado, e não do jeito que diz Clastres. Tampouco que o estado nasça hobbesianamente, com a desculpa de que o pessoal dá porrada um no outro e precisa dele. Não! É a paternidade que vai ao patriarcado, que vai à instituição e, quando chega no Terceiro Império, já está tudo instituído. Então, o Terceiro Império é herdeiro da instituição do Segundo. E por baixo está a “psicose” do Primeiro. Vejam a loucura que é isso tudo. Assim, quando se levanta uma bandeira de salvação, às vezes, como diz

Clastres, contra o estado – por exemplo: Antônio Conselheiro e sua bandeira contra o estado –, o que temos é fanatismo de Primeiro Império. Aliás, no caso de Canudos, os facinoras do estado mataram todos, não sobrou ninguém. Ou seja, exterminaram o fanatismo que queria derrubar o estado para a recriação de um Primeiro Império em cima do fanatismo sobre Antônio Conselheiro. O estado ciumento recusou. Outro exemplo, Padre Cícero Romão do Juazeiro, que não fez isto, pois não era bobo – era padre, sabia como fazer –, mas fez um estado secundário, um estado paralelo. Aí, encheram-no de porrada. Agora a Igreja Católica quer salvá-lo e torná-lo santo. Por quê? Respondam se puderem. É assim o jogo.

- P – *Santificar é titular regressivamente?*

A Igreja *canoniza*. Atentem para o termo: canonizar é colocar alguém dentro dos cânones da instituição. Se dizem que alguém é santo, que um monte de gente está rezando para ele, o que a Igreja faz é trazê-lo para ela. Isto é: institucionaliza-se o que é santidade dita pela sociedade. Este é o jogo: se alguém ficar famoso fazendo “milagres”, virará santo, pois precisam canonizar a transferência.

- P – *Foi o entendimento histórico da Igreja lá nos inícios sobre os movimentos monacais.*

Ela chamou gente como Santo Antão, que já estava para lá de Marrakesh, com cem anos ou mais, para testemunhar diante do papa: “Eu vi”. Viu o quê? Não se sabe.

- P – *Há dois mecanismos semelhantes ao que você descreveu sobre o Padre Cícero. Um, é o trabalho lento e progressivo de eliminação da relação transferencial no ensino, na escola, pela titulação. Torna-se mesmo uma questão grave quanto a captações transferenciais, amorosas, que, se ocorrerem dentro da instituição, são vistas como pedofilia, por exemplo.*

É a pedofilia cultural. Há também a sexual.

- P – *A segunda, é algo bem brasileiro de instituir determinada coisa, para a qual converge quase que psicoticamente determinada força de lei para*

*que as outras coisas sejam relegadas. Por exemplo, a Lei Seca. De repente, tomar um chope e ser apanhado dirigindo carro vira crime.*

Não tem, digamos, elasticidade. É vai-ou-racha. Isto porque *instituição* é assim.

Mas a pergunta mais importante é: como será no Quarto Império? Isto porque, além de ele ter sido disseminado em grupos, guerras, etc., está agora pulverizado. Então, como fazer se o estado está lentamente perdendo suas funções, está lentamente ficando desmoralizado? Está incluindo casamento gay, isto e aquilo mais – quando incluir tudo, acabou o estado?

Não é possível uma *instituição psicanalítica* gerida de cima para baixo porque a instituição é top-down e a sociedade é bottom-up. A psicanálise é de baixo para cima, a instituição é de cima para baixo, então *o lugar de uma instituição psicanalítica é terceiro*. É um jogo. Não se pode regrad o caso a caso, o *ad hoc* da situação, por uma regra impositiva de poder. Como o estado faz isto, por exemplo, na ordem jurídica? Com a jurisprudência, que frequentemente está acima da lei para ver se dá uma balanceada. Se não, não dá para segurar. Se aplicarmos a lei, ou estropiamos a sociedade ou a sociedade estrofia o estado.

• P – *Você já desenvolveu isto na história de uma pessoa quanto à relação com a Lei. Trata-se, no Édipo, não de papai-mamãe, e sim dos entendimentos da criança sobre as relações de poder que vão entrar na nomeação, na apropriação e na titulação. São três tempos.*

Quando Lacan formula a Ética da Psicanálise, não fala em Édipo, e sim em Antígona. Para ele – não para mim –, a ética da psicanálise é referida à Antígona, e não ao Édipo. Isto porque, se referirmos a ética da psicanálise ao Édipo, seremos estatais, seremos Creonte. Lacan faz um seminário enorme para dizer que a Ética é Antígona, que disse: “Sua lei [de Creonte, do estado] não passa por cima de mim, não passa por cima da lei maior referida aos meus irmãos”. Então, a ética de Lacan, para a psicanálise, é societária, e não institucional. Para mim, nem societária nem institucional, e sim **Pessoal**. É chegar ao Cais Absoluto, um a um. Nem a sociedade me dirige.

Pessoalmente, em minha pequena história, tive uma bela experiência, tangível e verificável disso tudo. A partir do final 1970 e começo de 1971 – eu vinha estudando Lacan desde 1969, sem conhecê-lo, sem saber nada dele, só de textos –, começou a haver um movimento transferencial ao meu redor, geralmente de alunos, e aproveitei esta transferência para começar a transmitir o pensamento de Lacan. Aquilo virou grupo, grupo de estudos e, em 1975 – vejam que demorei uns quatro anos no “social” da psicanálise lacaniana –, fui a Paris falar com Lacan. Lá, chego à conclusão de que era preciso institucionalizar para poder dar um rosto àquilo. Ainda fiz o seguinte: não farei sozinho, colocarei outra pessoa junto, de preferência mulher. A desaparecida Betty Milan, convoquei-a para fundarmos o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Não chamei “escola”, pois não era o mestre, o mestre era Lacan. Éramos, então, *colegas* do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, fundado em Paris em 1975, se não me engano em outubro. O Colégio Freudiano era essa transferência ao meu redor, agora institucionalizada: um grupo de pessoas que continuava sustentando a instituição e procurando formação em psicanálise. Voltei a Paris, fiz análise com Lacan, estudei, ensinei em seu Departamento de Psicanálise na Universidade, e estava nascido o Colégio Freudiano. Fui trabalhando, trabalhando, na obediência ao pensamento psicanalítico. Não é na *obediência* a Lacan, e sim na transferência com Lacan e com Freud e na obediência ao pensamento psicanalítico. Se você obedece ao pensamento psicanalítico, você tenta produzir – coisa que, aliás, aqui entre nós é falha demais – não apenas saberes de mestria, mas tenta continuar desenvolvendo a psicanálise. Foi o que fiz.

• P – *Por que, ao chamar alguém para co-fundar o Colégio Freudiano, você achou que, de preferência, deveria ser mulher?*

Porque os homens são estúpidos e as mulheres são loucas. Tem que ser completo. Aí, juntamos a estupidez com a loucura.

• P – *Mas isto não é um heterossexualismo?*

A instituição psicanalítica é absolutamente heterossexual. Na definição de Lacan, heterossexuais são aqueles que gostam das mulheres, qualquer que seja o sexo próprio. Se você gosta das mulheres, qualquer que seja

seu sexo – não é gostar para foder –, gosta porque elas são loucas – e gostamos dessas doidas, não é? –então, você é heterossexual.

Depois da fundação do Colégio Freudiano, depois da institucionalização, veio um monte de gente além de meu pequeno grupo de estudos, que tinha umas dez pessoas. Achei aquilo estranho. Por que o Colégio Freudiano encheu de gente se sou um ilustre desconhecido? Porque a transferência não era comigo, era por tabela, com Lacan através de um seu representante, ou de um seu acólito aqui. Alguns poucos fizeram transferência comigo como os outros que já estavam, mas a maioria achava que eu era o representante de Lacan. Então, a transferência era com Lacan, e não comigo. Ai, comecei a pensar alto e se penso alto, se falo em nome próprio, não sou representante de Lacan. Comecei a dizer: “Não me chamo Jacques Lacan e não pensem que sou seu embaixador”. Convidei Lacan para vir ao Rio, mas Jacques-Alain Miller se “esqueceu” de meu convite e fez a merda de levá-lo ao lugar errado: Ca-rá-cas! Quando, depois, nos encontramos no Rio, Jacques-Alain me perguntou: “Por que você não foi a Caracas?” Respondi que Lacan deveria ter vindo ao Rio, pois eu o convidara primeiro. E mais, que sei o que estou fazendo. Pois bem, Lacan chega em Caracas (1980) e – mostrando estar presente diante do que chamava seus *lacano-américains*, esses da América Latrina – diz: “Há umas pessoas que se supõem me representar, e quando chego aqui elas perdem as estribeiras”. Por isso, para não ouvir isto, fiz muito bem em não ir e dizer que não me chamava Jacques Lacan. Ou seja, ele escolheu com muitos, menos comigo. Vejam que é preciso tomar vergonha *antes* do acontecimento.

Retomando, quando o pessoal percebeu que eu estava falando em nome próprio e desenvolvendo teoria própria, resolveu me decapitar. O porquê de assim resolverem é outra questão, outro sintoma. É mazombismo, nada tem a ver com pensarem que eu era embaixador de Lacan. Foi o que aconteceu e, quanto aos que sobraram, supostamente a transferência era comigo. Não sou porta-voz nem de Freud, nem de Lacan. Eles que tragam suas vozes próprias. Não quero ser porta-voz de ninguém. Não sou Constantino. Havia a suposição de que, por ter feito análise com Lacan, por ter trabalhado em seu departamento, eu deveria falar em seu nome. Havia mesmo gente que estava



em Paris quando eu lá estava e que não teve reconhecimento algum, pois lhe foi declaradamente negado: depois, entrou em nossa instituição pensando que eu tinha recebido grau de embaixador, isto porque eu tive o que essa gente não teve, seu pedido foi negado lá mesmo. Observem que não fundei a Escola Freudiana de Paris no Rio. Fundei algo novo supostamente na referência à mestria e ao analista. Fiz na transferência, e não na titulação. Mas chegou um momento em que fui pensando, pensando, e notaram que eu estava falando em nome próprio. Isto, no Brasil, não pode. Como disse antes, é o mazombismo.

• P – *Lacan e Freud não foram colocados pela maioria como titulados?*

Mas Lacan fez melhor. Freud deixou aquela curriola inglesa fazer o que fez; depois teve a curriola americana que também fez o que fez. Lacan dissolveu sua Escola: “Acabou!”. Releiam o texto da *Dissolução*. Não me importa se é um texto roubado, porque é consentâneo com Lacan ter dissolvido. E imediatamente ele fez o quê? Reclamou a transferência: “Quem realmente continua a gostar de mim – ele usou o verbo *aimer* – que venha para a nova instituição”. E a maioria foi, eu inclusive. É claro que um bando de canalhas caiu fora, mas a maioria foi e ainda entrou mais gente, aumentando o que já havia. Era, então, a Causa Freudiana. Eu me inscrevi. Por quê? Porque Lacan lá estava e supostamente teria assinado o papel que conclamava a transferência. Quando ele morreu, imediatamente enviei carta dizendo que estava fora. Não tenho transferência a Jacques-Alain Miller.

Falei em *nomeação*, em *apropriação* pelo nomeado e, por causa desta apropriação, o abuso vai crescendo e vira *titulação*. É preciso apropriar-se. Por exemplo, aqui, me aproprio da nomeação que me deram, mas só me institucionalizo como instituição psicanalítica. Acho que já notaram que, durante esses anos todos na UniverCidadeDeDeus, à medida que a coisa foi ficando apertada, fui me retirando. Isto, a ponto de nem mais querer ser Orientador. Por que isto? Se não for assim, não sustento a transferência, viro uma autoridade. Analista não é autoridade.

• P – *O sintoma, no mínimo Estacionário, da relação com a Lei, covardemente se encosta no processo de estatização. Isto, ao invés de encarar e*

*resolver no nível da transferência. Este é, aliás, outro creodo a ser estudado no percurso da instituição Colégio Freudiano: a confusão dos níveis e o impasse gerado em vários momentos de sua história em que o sintoma colava no institucional, no estatal, pedindo que o estatal resolvesse o analítico, ou seja, solicitando que a lei escamoteasse o analítico. O analítico mostrava uma coisa e se queria que, institucionalmente, fosse reconhecido o contrário.*

Isto é evidente. Basta consultar os textos publicados na época.

• P – *Em geral, somos levados a achar que a instituição é a base da sociedade, quando é o contrário, é a sociedade que dá uma deslocada no sintoma.*

A sociedade não é a instituição. A sociedade são arranjos e coisas do tipo bem mais facilmente modificáveis do que o estado.

• P – *Em termos de Quarto Império, você disse que há uma pulverização da sociedade...*

Ali, sociedade está pulverizada e o estado está se virando para conseguir arrumar. O estado vai incluindo para não pulverizar, pois a pulverização é social. A internet, por exemplo, é uma máquina de moer carne. Ela vai moendo. E o estado, com a ajuda de membros da sociedade que procuram a inclusão para poder ter benefício, está se virando para incluir. Por que gay quer se casar? Para ter benefício, entrar no INSS... Acontece que, à medida que a pulverização na sociedade for crescendo, quando o estado incluir tudo, ele se desfigura. Como vai ser?

• P – *Você diz que o estado é necessário...*

Não sou anarquista. O estado é necessário porque a complexidade é grande demais. Numa pequena tribo o sintoma é mais ou menos igual, não é tão complexo. Mas quando temos uma porção de sintomas e conflitantes – e é aí que entra Hobbes – é necessária uma instituição com poderes para coibir a guerra entre todos. Entretanto, o estado não pode abusar e se meter demais na vida das pessoas.

• P – É o caso do “estado mínimo”?

Robert Nozick, Friedrich Hayek, essa turma de libertários, são uns exagerados, pois parece que querem o governo pelo mercado. Também não acredito no libertarismo generalizado. Nossa posição aqui é: é preciso que haja governo estatal, sem **hegemonia de partidos, nem socialista, nem libertário**. É aí que entra a função *ad hoc* do governo. Tampouco é “adho-cracia” – que, esta, é o poder do caso a caso, da situação –, e sim **Diferocracia**, atuando *ad hoc*.

• P – *Vemos também a dependência das pessoas quando querem culpar o estado por não ser assistencialista...*

Foi o que disse da vez anterior. O Brasil, com sua herança ibérica, espera tudo do governo. Coisa que não há nos Estados Unidos porque, lá, a sociedade se apodera das funções de produção, e não fica esperando que o governo faça tudo. Aqui é hiperinstitucionalizado com todos tomando a benção ao governo.

• P – *E os novos normais do Quinto Império?*

A normalidade antiga era por eleição de certos sintomas privilegiados. Por isso, dizem que a psicanálise não tem normalidade. *Esta psicanálise que apresento tem normalidade, sim. A normalidade da psicanálise é a indiferenciação*: cada vez mais aproximar-se da visão neutra. Ser normal para a psicanálise é isto. Esta é a identidade de última instância: minha vinculação absoluta me proíbe de não tratar as coisas com isenção, de não ouvir com neutralidade. É difícil, ou não é possível chegar lá, mas minha ética manda para esse lugar. É a ética do Cais Absoluto, e não a de Antígona; se estou na ética do Cais, Antígona já está incluída.

• P – *No Falatório de 2006, você diz que “Freud é o Moisés da Psicanálise; Lacan é o Jesus da Psicanálise; Derrida é o Maomé da Psicanálise; e eu tento secularizar a psicanálise”. Você está falando deles como sintoma?*

Em seu tempo, eles estavam cercados por um tipo de sintomática que foi assumido enquanto tal. E estavam certos: assumiram a sintomática do mundo de sua época e produziram dentro dela. Lacan é cristão. A vontade de escrita de Derrida é evidentemente o *Alcorão*. E estou pedindo uma sociedade

laica, que pode até fundar uma religião, que chamei de Arreligião, porque isso faz vínculo, aglomera, mas em vazio. Não é nem Espinosa. Há Deus? É claro. Depende do rosto que pintarmos para Ele. Mesmo que esse rosto seja apenas um monte de letras. Espinosa foi o melhor de todos, antes do que estou dizendo. Disse ele que o Haver é Deus, que Deus é o Haver. Eu nunca disse que Deus era o Haver, e sim que Deus a gente inscreve na exasperação que há entre Haver e não-Haver.

Vejam que, no texto que citei no início, Pierre Clastres apresenta os argumentos sobre a diferença entre sociedade e estado para, na sequência, derrubá-los um a um. Por exemplo, a suposição de que o capitalismo é estatal, de que há capitalismo no estado e de que, nas sociedades primitivas, não há o movimento de acumulação que há no capitalismo. Ele diz que há isto, sim, nas sociedades primitivas. Ou seja, ele vai derrubando esses argumentos todos para, no fim, chegar ao que chamo de erro.

Para ele, se as sociedades primitivas, até as mais recentemente estudadas, destituem o chefe quando este ultrapassa a vontade da sociedade, então não se pode dizer que haja passagem de chefia para estado. Isto é bobagem, pois ele está tomando um grupo apenas. Segundo nossa posição, há passagem, aquela que vai da chefia para o poderoso, para o rei. Como Clastres não acha explicação, coloca a culpa no profeta ao dizer que o estado nasce do fanatismo, mas, como disse antes, fanatismo é transferência radicalmente alienada. Ela não é o poder, não é o estado, não funda estado. Tanto é que, se tirarmos o dono da transferência, desmontamos o aparelho. Por exemplo, quero ver a Venezuela continuar sendo o que foi agora que morreu o causador do fanatismo.

• P – *Em termos dos Impérios, como seria, então, a passagem que vai da chefia para o poderoso, para o rei?*

A passagem é sintomática. A psicanálise qualifica de maneira sintomal. No Primeiro Império, temos a estabilização que aconteceu no Neolítico, a qual não precisa ter sido por vias de organização agrária, coisa que Clastres também diz. Pode-se continuar caçador e fundar o Segundo Império. O que

nele acontece é que a referência sintomática que nomeia cada um deixa de ser primária e passa a ser inventada: a referência é secundária. Sou, então, designado como pessoa por uma referência secundária, há passagem de Primário para Secundário. Isto é que é invenção de Pai. Quando o pai é inventado, ele, por via transferencial e de articulação secundária, começa a receber as transferências, as quais não são aí analisadas e viram novos sintomas, viram Neo-etologia. Então, se vai se apropriando dessas transferências, com toda essa Neo-etologia, o quê ele é? O rei. Aí se institucionaliza. Então, ele não é mais o chefe porque as pessoas o estão garantindo com sua transferência, e sim porque a *nomeação* passou a *titulação*. Aquilo vira sintomaticamente. Precisamos ter cuidado, pois esta é a tendência. Por que quase todas, ou todas, as sociedades psicanalíticas morrem? Porque ou se mantém psicanalíticas, não podem ser tituladas e têm que viver a vida inteira nesse mal-estar, ou viram tituladas, e não são mais psicanalíticas. Ou, então, acabam. Vejam que há três possibilidades: fecham, mantém a nomeação, ou viram titulação, e aí não é mais psicanálise. Vejam também que, no mundo, *tudo* tende a ser totalitário por institucionalização. A tendência não é ser analisado, e sim ser neurótico. Ou psicótico.

• P – *Nas organizações hospitalares, por exemplo, havia um diretor administrativo e um diretor técnico. Os dois sempre se desentendiam, pois um pensava na instituição enquanto titulado e o outro queria progredir nas técnicas, se atualizar, o que, na maioria das vezes, era barrado.*

Essas instituições não são psicanalíticas. Na instituição psicanalítica, mantem-se o processo de análise. Assim fazendo, coíbe-se de um lado e de outro, há que ir jogando. Fui diretor técnico, de ensino, de uma instituição universitária. Havia um diretor administrativo e um financeiro, fora um dono maluquete. Não deu para continuar lá.

• P – *A regência ficaria, então, entre dois processos: a neurose, que pode gerar um processo de nomeação, e a perversidade da instalação do abonamento da titulação?*

E quando a coisa enrijece muito, a suposta neurose vira HiperRe-

calque. Aí é psicose. Nosso destino é este. Quem mandou se meter com psicanálise? Se não pensar assim, é melhor cair fora. O mal-estar é ineliminável. Não tem como não ser. Se o Quarto Império aparecer, todas as instituições têm que ser psicanalíticas. O Quarto Império só sobrevive se as instituições se tornarem psicanalíticas. Não tem saída. E, caso o Quarto Império compareça, se tornarão não porque as pessoas gostaram, e sim porque a Zorra vai pintar e o jeito será este. Ou vocês acham que as pessoas estão modificando as coisas porque estão conscientemente a fim?

## 10

Ouçoo perguntas pertinentes a respeito da Morfose e vejo que, realmente, é preciso continuar retomando a questão. Ela está explicitada, mas não está desenvolvida. Temos, então, que continuar pensando **as Morfofes e sua correlação com a Teoria das Formações**.

Antes, quero fazer alguns lembretes. Do ponto de vista da teoria psicanalítica que apresento, esta teoria enuncia a Verdade. **A verdade é: Haver desejo de não-Haver**. Se tudo parte disto, tenho que considerar que isto seja verdade. Não é verdade no sentido de coincidência com o saber, como pensa a filosofia, e sim no sentido sintomático: o sintoma de Haver é *Haver desejo de não-Haver*. Não é incongruente com a definição de verdade em Lacan. A definição dele é sintomática à medida que está na dependência do **Inconsciente**. Aqui é a mesma coisa, só que Lacan, por exemplo, não enuncia a verdade de coisa alguma. Falar a verdade, para ele, é um processo de enunciação. Ora, o Haver também tem um processo de enunciação: ele fica se mexendo, se movimentando. Então, quando digo que *Haver desejo de não-Haver* é a verdade,

estou dizendo que o Haver enquanto formação porta este sintoma, o qual é necessariamente indutor do Haver enquanto inconsciente. *Haver desejo de não-Haver* é Quebra de Simetria porque *o não-Haver não há*: está aí o Inconsciente. A verdade está dita aí. Embora não sendo TODA a verdade.

Qual é o **Sentido** de Haver? É não-Haver. Este é o sentido da Pulsão. O que é **Real**? Real é o Haver e o Haver é Real, e Real é Haver. **O Haver é homogêneo porque**, em qualquer de suas formações – primárias, secundárias ou originária –, **o Haver é pura Informação**. Trata-se de esperar que os ditos cientistas, para alguém da ideia de informação como *bit*, etc., apresentem o resultado da informação como elemento físico. Isto porque eles garantem que a informação é física. Falta para *alguém* disso, o que é problema deles, nós já estamos partindo daí: o Haver é homogêneo porque é pura informação. Então, diferentemente dos registros de Lacan (Real, Simbólico e Imaginário), nossos registros (Primário, Secundário e Originário) não são heterogêneos. Podem ser parciais ou localmente observados, mas todos são, quiçá, até transformáveis uns nos outros, pois a homogeneidade está no fundo. **Ser** é *o que se diz* sobre Haver. É da ordem da cultura, do mundo, da falação, da interpretação. **Linguagem** é nada mais do que os efeitos de Revirão. O **Revirão** é pura linguagem e seus efeitos são linguagens. **Recalque Originário** é a **Quebra de Simetria**. Efeitos da Quebra de Simetria são o **Recalque Primário** e o **Recalque Secundário**.

Freud produziu as ideias de *Verdrängung*, que, para nós, é *recalque*; de *Verneinung*, traduzido como *denegação*; e de *Verleugnung*, que fui o primeiro a traduzir por *renegação* (antes, chamavam de recusa ou coisa do tipo). Os dois últimos são conceitos freudianos e estão referidos à castração. Não foi Freud quem inventou a ideia de recalque, ela já está em Schopenhauer, em Herbart e em Meynert que, este, foi seu professor. Em 1914, vem, então, a ideia de *Verneinung* como denegação: o recalcado é reconhecido negativamente – ou seja, dizendo *não* –, mas não é aceito. A forma de fingir que não se aceita o recalcado é dizendo *não*. *Verleugnung*, renegação, é de 1925: a realidade negativa é recusada e substituída. Por exemplo, as mulheres não têm pênis e podemos substituir por um *fetice*, negar uma realidade faltosa que está na cara. Esta é a ideia de Freud: negar a castração e substituir por uma

coisa qualquer, no caso do fetiche.

Em 1928, Édouard Pichon colocou a ideia de *forclusif* – deve ser lá que Lacan foi buscar sua ideia de *forclusion* – para discutir a *escotomização* como desaparecimento de fatos ou coisas desagradáveis. Falo disto, pois são coisas importantes neste momento em que vivemos uma época que apresenta até mesmo materialmente recursos muito mais eficazes para sacarmos o que está acontecendo. Existem vários tipos de escotomização. Por exemplo, olhamos para determinada situação e deixamos de ver alguma coisa, não sabemos o quê. Não acredito que não foi visto, e sim que foi visto e excluído, mesmo na escotomização. Onde, Pichon falar da ideia de *forclusif*, ou seja: foi excluído, posto fora. Lacan, em 1953, desenvolve a ideia de *forclusion* – cuja tradução correta é *foraclusão*, e não *forclusão* – partindo da ideia freudiana de *Verwerfung*, cuja tradução mais corriqueira tem sido *rejeição*, mas acho que é exclusão, tirar fora. Embora o ato seja uma rejeição, o efeito é de exclusão, de jogar fora.

Freud trouxe a ideia de *Verwerfung* em seu trabalho com o *Homem dos Lobos*. Sua frase lá, como traduziram, é: “rejeição de uma realidade apresentada como inexistente”. O *como* aí quer dizer que foi apresentada, mas faz-se de conta que não existe. Vejam que não há *foraclusão* na frase. Além disso, diz ele: “não era um recalque, uma *Verdrängung* é algo diferente de uma *Verwerfung*”. É preciso lembrar que Freud nunca produziu conceito para *Verwerfung*. Não há o conceito de *exclusão* em sua obra, é uma palavra que ele usa para *explicar* os acontecimentos. E não existe a afirmação de que a exclusão seja o fundamento da psicose. Quanto à psicose, ele fala tanto em recalque quanto em renegação e permanece completamente ambíguo. Não existe, portanto, *definição* de exclusão. *Verwerfung* é, para Freud, uma palavra explicativa, e não um conceito.

Em 1954, Lacan tenta explicar a *Verwerfung* usando a palavra *retranchement*, que, em francês, é: suprimir, eliminar, excluir. Ele não tinha ainda feito o seminário de 1956, que é o das psicoses, no qual, tardiamente, no finalzinho, faz uma associação com seu conceito de *foraclusão* para o termo *Verwerfung*. Há livros inteiros escritos, uma confusão diabólica para provar



que Freud estava falando da foracclusão, de Lacan. Não estava. Lacan apresenta a tal foracclusão como um mecanismo específico da psicose e entendido a partir da psicose paranoica. Ele cria o conceito em cima da psicose paranoica, não é nem da psicose em geral. E *foracclusão* para ele é a rejeição – o ato de excluir é uma rejeição –, a “exclusão primordial de um significante que é primordial” que ele chamou de *Nome do Pai*. É a rejeição ou exclusão “para fora do universo simbólico do sujeito”. Então, é no nível do Secundário que foi excluído um troço que não está entrando na transa das cadeias significantes.

Vejam que há uma porção de conceitos que não uso mais. Significante primordial, não sei o que é; Nome do Pai, já situei; universo simbólico, é outra coisa; e sujeito, eu despedi por justa causa, ficou desempregado. Sujeito só resta na gramática. Lá ele tem lugar, aqui não.

# 11

Vamos às **Morfoses**, de novo. Temos que pensar as Morfoses e, depois, a Teoria das Formações funcionando nas Morfoses. Eu disse que há três tipos de **Morfoses**: **Estacionárias**, **Progressivas** e **Regressivas**. Ora, Freud vai criando seus conceitos à medida que pode, um pedaço aqui, outro ali, que nem como faço, aliás: tudo esfrangalhado. Lacan, que era organizado e contava com um estruturalismo para governá-lo, fazia tudo direitinho, pois tinha um governo melhor do que o nosso. No que o estruturalismo estava no governo do pensamento lacaniano, ele se viu na obrigação, com razão, de estabelecer uma estrutura para cada fenômeno. Para estabelecer uma diferença entre isto e aquilo, ele procurou por uma estrutura para cada fenômeno. Então, falou da

estrutura da neurose, da psicose e da perversão. Não é o nosso caso, pois não somos estruturalistas, e mesmo que encontremos estruturas, não têm que ser necessariamente uma outra estrutura *de base* para garantir a diferença.

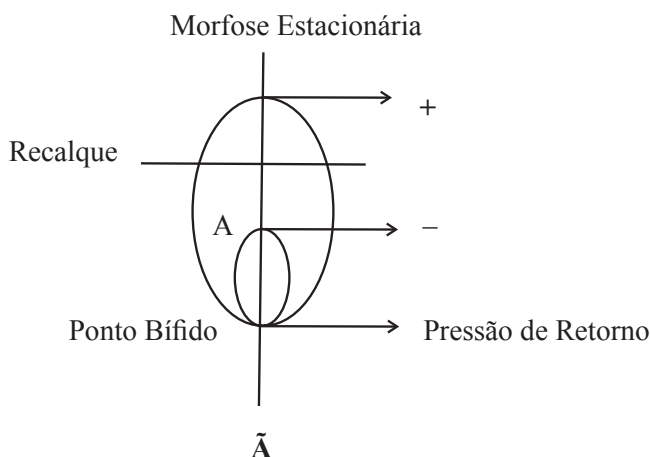
Chamei de **Morfoses Estacionárias** para nos libertar da ideia de neurose, que é velha e se confunde com nervos, com a psiquiatria, com a neurologia. Chamei assim mais ou menos o que chamavam de neurose, pois não é exatamente a mesma coisa. Freud, para poder pensar o termo *neurose* em sua extensão, apresentou uma lista de neuroses, o que é absolutamente desnecessário. Isto porque, se entendo como ela se formula, outra coisa é entender os conteúdos dos acontecimentos dentro dessa fórmula. Não preciso da proliferação conceitual de Freud. Lacan também não utiliza essa proliferação, simplesmente coloca a neurose na dependência do recalque, como Freud também fez, aliás. Prefiro, então, chamar de Morfose – certa formação – Estacionária, quer dizer: algo que paralisa os movimentos da Pessoa em seu regime secundário, ou não. Isto porque não existem em Lacan, como sugerido em Freud, recalques que não sejam da ordem do Secundário. Se, como coloco, há o Originário, que lá está, o Primário e o Secundário, as formações primárias paralisam, tornam estacionárias várias possibilidades sugeridas pelo Originário. As formações do Primário localizam, excluem possibilidades que só podem ser tomadas por esta espécie por causa do Revirão, o qual vai conseguir negar a formação paralisante, solicitar outras e, por isso, produzir próteses. Faço, portanto, muita questão dos Recalques Primários, pois são os primeiros a nos tornar imbecis.

Acontece que, nas Morfoses Estacionárias, algo é bloqueado por forças recalcentes. Com o quê vai junto a disponibilidade de movimento. O efeito mais evidente deste processo – efeito enquanto negação – é a **denegação**, ou seja, negação que afirma. É uma negação que, na escuta do analista, está afirmando que lá em algum lugar aquilo está *impresso*. Freud falava em inscrição, mas, hoje, prefiro *impressão*. É uma palavra muito boa em português: fulano ficou muito *impressionado*, tenho a *impressão* de que... Algo foi *impresso* em algum lugar, está lá com maior ou menor força, maior ou menor precisão, mas ficou a *impressão*.

- P – Há também o imprinting dos etólogos.

O *imprinting* é uma impressão no sentido etológico. Prefiro *impressão*: a pessoa fica *imprimida* e *impressionada*, as duas coisas. Um dia acharão o carimbo disso. Nada tenho contra a neurologia que, um dia, certamente achará tudo isso. Vai demorar, pois não têm condição ainda.

Vejam, então, que Freud ou Lacan ou o que estou dizendo está falando simplesmente de *recalque* e de *retorno do recalcado*. Como retorna o recalcado? Retorna desviado sintomática ou denegatoriamente, pois denegação é um sintoma. Estamos todos de acordo: há o recalque, há o retorno do recalcado desviado e há a análise que, quem sabe?, consegue desrecalcar e apresentar o recalcado como tal sem desvio. Então, não será um retorno, e sim um esclarecimento, uma permissão de leitura do impresso. Quando desrecalcamos, temos permissão de ler diretamente o texto que estava desviado. Tenho representado isto sobre o Revirão. Não é que tudo funcione reviradamente, mas o Revirão é uma boa expressão disso.



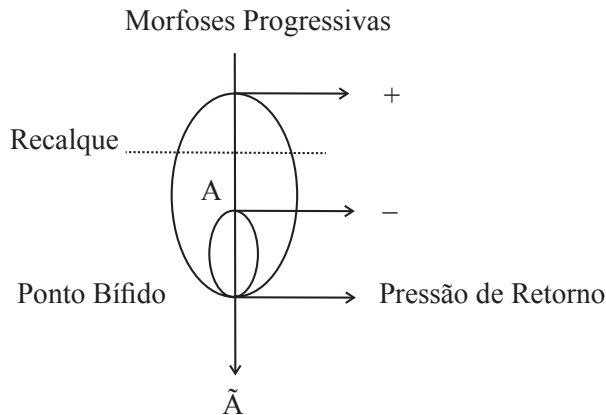
Temos, pois, um Revirão que, conforme combinamos, tem os seguintes pontos: Haver (A), não-Haver ( $\tilde{A}$ ), Pressão de Retorno e a barreira do Recalque. Estamos falando da Morfose Estacionária e de como ela funciona. Haver desejo de não-Haver ( $A \rightarrow \tilde{A}$ ), isso revira e o Ponto Bífido faz Pressão de Retorno. Como está no Inconsciente, mesmo quando há Recalque, o Ponto Bífido fica fazendo pressão, então retorna como Retorno do Recalcado pela

pressão de algo que lá está inscrito e não se cala (está apenas bloqueado). A ideia boa do Revirão é que um alelo está recalcado, que é o de baixo (–), o qual leva junto o Ponto Bífido, mas este está fazendo pressão, então ficamos com um alelo disponível (+) e o outro (–) paralisado. Assim, o alelo de baixo não comparece por estar recalcado e dá a impressão de levar junto o Ponto Bífido, mas este está fazendo pressão porque lá está. Então, o Retorno do Recalcado comparece por outra via, por via de denegação ou sintoma.

Vejamos agora as **Morfoses Progressivas**. Se Freud não definiu a *Verwerfung*, ele realmente definiu a *Verleugnung* com o nome de *perversões*, que prefiro chamar de Morfoses Progressivas. Isto porque não há perversão alguma. Perversão é xingamento da polícia, do jurídico e que acabou virando xingamento médico. Portanto, a palavra não presta, é um abuso. Não existe perversão, existe, sim, *perversidade* quando certo tipo de Morfose Progressiva bate em certo lugar. Mas o processo, que foi apelidado de perversão, é apenas uma Morfose Progressiva porque não abre mão e leva adiante todo o Revirão. Como? Do jeito que Freud explicou. Para ele, *Verleugnung* é afirmação e negação simultâneas da mesma situação. O troço é reconhecido como recalcado – talvez pelos outros, pois existem formações interditórias de determinada formação (de um alelo, por exemplo) –, o qual, no entanto, não retorna por via desviada, retorna ele mesmo.

• P – É a expressão de Octave Manonni: “Eu sei, mas mesmo assim...”?

Traduzindo direito: “Tô sabendo, mas caguei”. Ele tentou explicar assim, mas o que importa é o que podemos ver no Revirão abaixo:



Tenho dito há tempo que, no Inconsciente, os dois alelos estão disponíveis. Portanto, se estão impressos, fazem Pressão de Retorno. Temos os dois alelos (+/-) e o que acontece na *Verleugnung*, na Renegação, poderíamos, em termos de desenho, representar como uma barreira de recalque pontilhada. Há bloqueios, mas há lá uma porosidade: alguma força, digamos, do alelo recalcado força e se apresenta tal como é. Então, a pessoa que está neste regime reconhece o recalçamento e, ao mesmo tempo, suspende o recalque. É o que está em Freud, que diz que as duas coisas são simultâneas, as duas possibilidades permanecem. Ele está dizendo com isto que o chamado progressivo não abandona o Bífido, não sofre paralisia por recalque. É como se fosse um recalque brando: o Bífido força de tal maneira que o recalcado pinta e é expresso diretamente.

Vejam que todas as formações têm consequências boas e ruins. Se não produzirmos alguns recalques, a criança não entrará em regime algum de língua, de cultura, de nada. Então, se somos uma organização progressiva, vamos em frente, não paralisamos. Mas, por outro lado, podemos ir em frente *com certas monstruosidades*: tudo tem duas faces, dois alelos. Não se trata, então, aqui, de dizer que isto está certo e aquilo errado, pois todas as formações nossas têm vantagens e desvantagens: vantagens de recalque, desvantagens de renegação, etc.

• P – A Pressão de Retorno, *neste caso, funciona de maneira suspensiva em relação ao Recalque?*

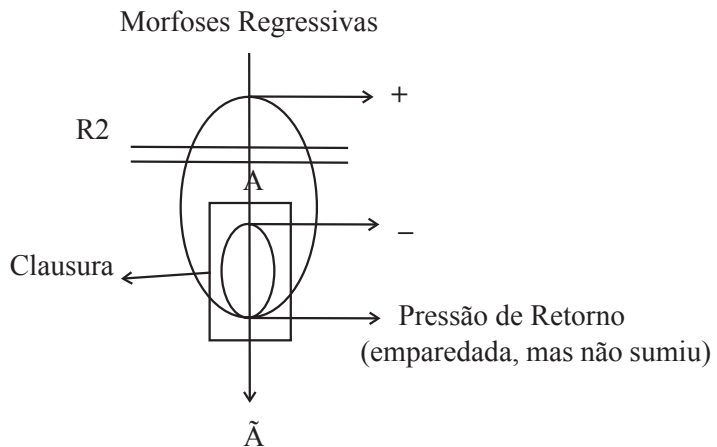
Ela consegue suspender, não é estacionária como a anterior. Ela progride – por isso, chamei de Progressiva –, vai em frente com o recalcado. A Estacionária tem que dar uma volta, fazer um aleijão, ou viver denegando para não assumir o que a Progressiva assume: “Estou sabendo, caguei”. Sem Morfose Progressiva, não há progresso de conhecimento. Se todos ficarem nessa da Estacionária, isso virará uma Neo-etologia absoluta. Chamei de Progressivo porque, apesar dos recalçamentos impostos, pela língua, por exemplo, alguém se torna poeta e questiona: “Por que tem que ser assim?” Dizer “eu sei, mas mesmo assim” ainda é muito eufêmico, o português da rua é mais expressivo e mais contundente contundente: “Tô sabendo, mas caguei”.

Até aqui dá para conversar, mesmo com Lacan.

No caso das **Morfoses Regressivas** é que surge o grande problema. Freud nunca conceituou isso, apenas tentou explicar o caso Schreber e, às vezes, o caso do Homem dos Lobos dizendo que era algo esquisito, um recalque, mas não bem um recalque, pois dá a impressão de que a pessoa trata aquilo como se nunca tivesse existido. É “como se”, isto é, deve estar lá e é tratado *como se não* existisse. Aí esta toda a questão, pois Lacan toma certas frasesinhas de Freud e, em 1956, resolve inventar um conceito para a palavra *Verwerfung* que, tirando da ordem jurídica e também da ideia do *forclusif* de Pichon, ele chama de *foraclusão*. Em português, não se usa *foraclusão* na ordem jurídica, e sim *preclusão*. Em francês, *preclusion* ou *forclusion* são usadas indiferentemente para a *preclusão* do nosso sistema jurídico. É o que ocorre num processo qualquer, quando o juiz dá um prazo para entrar com determinado documento a favor de alguém. Se não entrar até aquele *deadline*, o documento será precluído, foracluído, posto fora dos autos. É, pois, um documento que existe, que o juiz, a pessoa que está processando e o réu sabem que existe, mas, como é preciso encerrar o processo, foi marcado um prazo para sua entrega. Se não for entregue, o documento não será mais considerado, pois ficou foracluído do processo e dos autos. Em inglês, há *foreclusion*, que é a mesma coisa.

Lacan foi, então, buscar o exemplo da ordem jurídica para conceituar a Morfose Regressiva. No caso dele, estava precisamente conceituando a Psicose Paranoica, com a qual, depois, fica embananado ao tentar mostrar a diferença para com a suposta Psicose Esquizofrênica. Ele toma essa ideia, vai buscar termos como *Bejahung*, *Austossung* e faz uma discussão terrível para chegar ao conceito de que alguma coisa não entrou. Ou seja, o juiz já fez a preclusão e alguma coisa não entrou, ficou fora do processo simbólico do sujeito. Dizendo em minha linguagem, não foi inscrita, *impressa*, no Secundário. Ele chamou isto de *Foraclusão* e todos acreditaram. Menos eu, pois sempre foi um problema para mim. Levei anos repetindo isso porque ele disse, mas nunca conseguiu entrar em minha cabeça (há uma diferença entre o papagaio e o pensador).

Para o caso do que chamo de Morfosos Progressivas, Lacan inventou a estrutura perversa, em *Kant com Sade*. É como Freud dizia: suspensão, porosidade de recalque. É como se houvesse recalque, mas fosse meio frouxo, meio condescendente, passa de lado. Ou seja, quando requisitamos, olhamos pela fechadura e podemos ver. No caso das Morfosos Regressivas, que seriam as *psicoses* na velha terminologia, parece que o recalque bloqueia para valer. Lacan disse que não entrou, então o sujeito enlouquece. O significante é requisitado e não comparece, pois não há impressão dele, não está inscrito. As pessoas acharam isto muito bom, mas prefiro falar em **Sonegação**. Se no primeiro caso (Estacionárias) temos *Denegação*; no segundo (Progressivas), *Renegação*; neste, temos *Sonegação*. Pelas experiências que tenho com malucos e de leitura também (de Freud e outros), a impressão que aqui me fica, diferentemente da que ficou em Lacan, é de que não há falta de impressão, de que não é este o mecanismo. Podem até chamar de Foraclusão o mesmo mecanismo sobre o qual vou falar, mas prefiro que não, pois podem achar que é o mesmo de Lacan. Falo, então, em *Sonegação*, em Negação + Clausura. Agora, começam as dificuldades, pois isto é difícil como o diabo. É preciso suspender a ideia de Lacan para entendermos esta.



Por que chamei de *HiperRecalque* o que aí ocorre? Temos o recalque (–) e o recalque potencial (R2) representado com duas barreiras. Barreiras recalcentes são formações de segurança, de polícia, para não deixar falar. Nada fica recalcado porque alguém foi lá e cortou. É preciso um monte de formações primárias e secundárias para dizer “não fale”, “olha o cacete”, pois, sem isso, a formação fala, como é o caso das Progressivas, que driblam a polícia: está recalcado sim, mas, quando a polícia não está vendo, o progressivo vai em frente. No caso das Regressivas, a polícia sequer deixa comparecer ou abrir a boca. É recalque potenciado (R2) como se houvesse uma verdadeira *clausura*: está *encarcerado* e não tem condições de comparecer. Chamo de HiperRecalque porque quero que todas as afetações do Inconsciente, que chamaram de neurose, psicose, perversão, etc., sejam *da mesma estrutura*, no sentido lacaniano de estrutura. *A estrutura é a mesma, é sempre recalque, conforme Freud disse: que o recalque é a pedra angular da psicanálise*. É, portanto, sempre uma situação de recalque, dependendo apenas do tipo: recalque simplesmente (Estacionárias), recalque poroso (Progressivas) e HiperRecalque (Regressivas).

A Pressão de Retorno está emparedada, mas não está morta, não sumiu. Em Lacan, nem existe. Então, como vai “voltar do Real” sem nenhuma pressão de retorno? É aí que está minha dificuldade com Lacan. Se foi jogado fora, caiu no Real e de lá retorna, é preciso haver algum troço que permita retorno. Para não ficar feio, ele diz que retorna do “real do sujeito”. Quanto a mim, não tenho *sujeito* para fazer retornar seu Real. É claro que posso até aceitar que, na cabeça de Lacan, exista um real do sujeito, mas como ele retorna? Então, o real do sujeito é simbólico? Como sair dessa? O que está lá inscrito que faz retornar do real? É isto que nunca entrou em minha cabeça – ou sou burro, ou tenho que repensar.

Faço, então, a opção de que as Regressivas produzem uma Sonegação: está lá, mas não é entregue de maneira alguma, nem indiretamente por via sintomática, como na Estacionária. Digo que é por via sintomática, sim, só que de outro tipo, que chamamos de *delírio* e *alucinação*. Isto porque qualquer pessoa – e não apenas o regressivo – sofre pequenos surtos delirantes,



pequenos surtos alucinatórios. Ou seja, essa coisa é um tipo de sintoma como os outros, no entanto, só alucinamos e deliramos quando o recalque é forte demais, intensivo demais, quando são formações demais que estão a serviço do recalque. E qualquer tipo de formação pode sofrer sonegação, pode ser hiperrecalcada – e Lacan concorda com isto. Podemos ter HiperRecalque de várias Formações. Então, é uma pequena maluquice a respeito de certa formação, uma pequena maluquice cotidiana que vemos na vida de uma pessoa. Por exemplo, alguém que não pode ouvir certa palavra que entra em surto. São certas coisas que não lhe podem ser ditas ou mostradas, pois ele pira e, logo depois, passa. Num programa de televisão de Chico Anysio havia um personagem que não podia ouvir a palavra *camarão*. Ele retrucava imediatamente: “É a mãe!” Na mesma hora, ele surtava um pouquinho. Era um HiperRecalque do... *camarão* seja lá o que isto for. A palavra *camarão* o fazia entrar em surto por causa da pressão de retorno do que foi emparelhado: fica uma loucura, pois não tem a continuidade sintomática comum ou tampouco a progressiva de fazer daquilo alguma sacanagem, alguma operatividade. Ele pira, mas a piração é local e momentânea.

Para explicar porque há piração de HiperRecalque que enlouquece para valer, Lacan fala num certo significante primordial que não entrou, que chamou de *Nome do Pai*. Aliás, Nome do Pai é a formação que nos entra no Segundo Império, mas deixemos para falar disto depois. Há, então, um Significante Primordial para a vida da pessoa que não entrou, o que serve a Lacan para especificar a psicose paranoica como estrutura. Nome do Pai é, para Lacan, “o significante que, no campo do Outro, é o significante do Outro” – é o nome do Outro – “enquanto lugar da Lei”. Vejam que é bem bolado: no campo do Outro, há o lugar da Lei, lugar este que é foracluído. Repetindo, o significante que nomeia o lugar onde se inscreve a Lei no campo do Outro é o que Lacan chamou de Nome do Pai. Há um significante  $x$  que é o nome, significante, do lugar onde se inscreve a ideia de Lei no campo do Outro (no campo do simbólico, no caso de Lacan). Lacan diz que este significante não foi inscrito, mas digo que foi, que está impresso, mas HiperRecalcado.

Não faz sentido para mim o *retorno* se não tiver alguma marca que esteja inscrita, impressa, no Secundário. Acontece que a formação hiperrecalcante é tão poderosa que ela dá para trás, é reificada, hipostasiada. Ou seja, esta formação que está, sim, inscrita no Inconsciente, que está inscrita desta maneira com Pressão de Retorno, é hipostasiada. O que é hipostasiar? O que acontece com a criança que hipostasiou qualquer coisa? Ela começa a tratar essa *impressão*, não a coisa, como se fosse *coisa*. Por exemplo, ela coloca a mão no fogo e queima; com isto, ela pode até aprender que fogo queima e não colocar mais a mão lá, mas, como as crianças geralmente são burras e não aprendem logo, antes que coloquem a mão, um adulto, por via secundária, diz: “Não pode colocar a mão porque queima!” A criança inscreve isto, que é uma interdição, que é da ordem do Secundário. Mas ela, por ser meio progressiva, quando ninguém estiver olhando, coloca a mão lá – mas coloca de modo avisado – e queima. Ela, então, pensa: “Realmente, queima”. Mas o que está valendo mesmo é a impressão interditória, pois a interdição, a barreira de recalque, é secundária, no caso. Não se trata de um Recalque Primário, pois não está inscrito na criança como está em outros animais que eles não devem chegar perto do fogo. Ela não tem esta impressão, ela acha bonito e vai. O que temos a fazer é ir por via secundária e interditar, ou ela vai fazer a experiência de queimar e ficar traumatizada para o resto da vida.

Vejam, pois, como é difícil distinguir isto, uma vez que não há fronteira nítida entre os Recalques Primário e Secundário. Isto porque ambos têm a *mesma* composição. No registro Primário, no que se reifica um braço, tirou-se a asa, mas a asa é requisitada por outro desejo, o de voar. Então, qual é a fronteira? Não tem, é o mesmo processo, com gradientes. Os recalques Primário e Secundário são extremamente parecidos. O que permite que, no caso do HiperRecalque, haja retorno. Como o processo de recalque não é heterogêneo em Primário e Secundário, assim como posso forjar uma interdição para um recalque que seria da ordem do Primário, pode-se também tomar uma interdição que é da ordem do Secundário e começar a tratá-la como se trata o fogo. HiperRecalque queima, funciona como se tivéssemos colocando a mão no fogo. É terrível, pois a multitude das formações começa a tratar essa

região de HiperRecalque como se fosse uma coisa externa. Por isso, Freud diz: cai no real, vai para fora, vem de fora, o real começa a falar na cabeça da pessoa como vozes... As vozes da interdição viram reais, viram vozes que, na imitação das vozes efetivas, posso fabricar em minha cabeça.

Onde está a *Sonegação*? O que fazemos quando sonegamos algo? Trancamos e não apresentamos. Sonegar imposto é não declararmos o ganho, ele “não existiu” – mas está lá. Pode dar a volta e nos pegar, pois, fazendo as contas reais dos outros lados, descobrirão que está faltando um pedaço. Há um exercício de que o HiperRecalque sonega uma formação que está inscrita, mas que, na pressão de retorno, justo porque está inscrita, ela comparece hipostasiada, comparece como em retrocesso. Por isso, chamo de Regressivo. Uma coisa que, de entrada, foi hiperrecalcada, ela dói como se fosse externa, como se fosse fogo. As coisas *de fora* são tratadas como coisas de fora no cotidiano de todos. Aí não colocamos a mão na coisa, e sim no tratamento que temos do que chamamos de coisa. Então, é esse tratamento que temos com a externalidade que passa a ser o tratamento que temos com o Secundário hiperrecalcado, o qual passa a receber o tratamento que damos às coisas de fora. Isto é difícil de sacar, pois, se quisermos teorizar para valer o dentro e o fora, não acharemos clara fronteira, é apenas uma postura nossa. Qual postura temos? Se não somos doidos, sabemos que tal coisa está aí fora, não está aqui dentro, mas está sim aqui dentro tratada como de fora. Esta é a questão. Temos um conjunto de formações que nos indicam por várias experiências, inclusive de nomeação, que isso é fora. Mas fora *mesmo*, quero ver alguém colocar a mão diretamente no Haver, no Real... Era o problema na loucura de Kant.

Quando dizemos “mundo real”, “realidade”, “coisas de fora”, são um modo de tratamento de nossa mente que conseguiu estabelecer modelos de separação do dentro e do fora, mas se, mediante certos processos eletrônicos, etc., confundirmos o modelo, nos perderemos. Por exemplo, nativos primitivos de certa região, pela primeira vez diante de filmes que os antropólogos lhes exibiam, ao verem uma pessoa sair da tela, corriam atrás para procurar onde ela fora. Eles ainda não tinham feito esse tipo de construção mental. Para eles, aquilo era tão fora que, quando desaparecia, iam procurar no fora.

• P – *No início da história da fotografia, algumas pessoas não se deixavam fotografar, pois a fotografia iria capturar sua alma.*

O que realmente acontece, aliás...

Podemos, então, hiperrecalcar qualquer coisa, como o “camarão” do personagem de televisão de que falei há pouco. Lacan tem razão em dizer que a forclusão é de *certo* significante? Sim. Tenho que concordar com ele quanto ao *conteúdo* do HiperRecalque, sem concordar que seja uma forclusão no sentido dele. Para mim, ele acertou em cheio, só que não chamo de Nome do Pai, pois acho que isto é evento de Segundo Império: é neste Império que o Pai é entronizado na espécie. O que fica prejudicado para qualquer pessoa no HiperRecalque (que Lacan chamou de Nome do Pai)? O que é hiperrecalcado, que enlouquece geral, em vez de enlouquecer parcial, como no caso do “camarão”? A criança tem que aprender que a interdição é de nível secundário – “não põe a mão no fogo”, “não faça isso”, “não coma a mamãe” –, o que produz um recalque que faz um comportamento enorme, mas lá está inscrita a interdição (a qual pode até ser suspensa pelo Progressivo: ele dá uma suspensa e, de certo modo, come a mãe). O que acontece no HiperRecalque é que a interdição está lá impressa, registrada, mas a violência com que se imprime essa interdição produz HiperRecalque. É uma questão de *violência*, ou seja, excesso de formações recalcentes. O que chamo de violência é proporção de forças entre interditor e interditado.

• P – *Isso é relacional?*

Sim. Uma criança pode ser *tão forte* que, até quando houve violência, ela pensa: “Tô sabendo, mas caguei”. Mas ela pode ser tão frágil – e isto tem a ver também com o Primário – que o evento se torna *violento demais* para ela. A violência, então, é que parece com o fogo, e funciona como o externo, como a realidade. Não foi que lhe disseram para não colocar a mão no fogo, é que o dizer violento para não colocar a mão no fogo queima como fogo, então ela se confunde. Em suas articulações, lá está a proibição, mas é tratada como se fosse uma coisa, real, de fora. Foi, sim, uma violência de fora, mas não deixou de ser uma interdição inscrita, que está impressa. Lacan aponta

para isto na história de Schreber: a violência pedagógica de seu pai, certos tratamentos excessivos da criança... Estou de acordo, mas minha diferença está em dizer que não há forclusão, não há não-impressão. O que existe é que *a impressão*, porque entrou no tapa, funciona mais como tapa do que como impressão. Vários analisandos dão este depoimento. Não são necessariamente psicóticos, mas pessoas às vezes à beira de entrar na psicose e que às vezes até puxamos de volta.

O recalcado, no HiperRecalque, fica funcionando como um impossível modal. E diante de um impossível modal, começamos a elaborá-lo secundariamente para produzir uma prótese e torná-lo possível – é isto que o *delírio* faz. Para Lacan, a psicose é uma tentativa, um ensaio de rigor. O que é rigor? É que a pessoa ali é um *cientista*, tem um problema concreto e está se virando para fazer aquilo passar à ordem do Ser, à ordem da dissertação sobre o impossível modal a ser modificado. Portanto, ela tem que produzir uma prótese para torná-lo possível. E o que é a alucinação? É o “camarão”. Toda vez que falam “camarão”, o camarão comparece. É isto que Lacan, no começo de sua obra, quer dizer com “a palavra substitui a coisa”. Também é assim na linguística. No HiperRecalque, o Secundário fica tão empedrado que a menção, a mera insurgência do hiperrecalcado comparece como se fosse algo externo. Então, ao invés de ouvir uma interdição, a pessoa ouve, sente, e não sabe dizer sobre esse percebido, pois seu nome está oculto. Então, tentando responder a esse acontecido, ela delira, ou alucina.

Repito que a inscrição está lá. Quando é reclamada, é tratada como se fosse coisa, e não como algo do Secundário. Ela é tratada como do Primário. Ou seja, porque sua homossexualidade é como um dedo, ou um órgão do corpo, e não uma prática, Schreber tem que copular com Deus para fazer os novos filhos. Não é um comportamento pensável secundariamente, ele está no corpo: o corpo dele é fechado, como se dizia na macumba.

• P – *Por um lado, é preciso uma formação que tenha a capacidade de tratar a interdição como interdição, sem fazer a hipóstase. Por outro, haveria pessoas com tendência a hipostasiar, que teriam um mecanismo específico?*

Todos nós temos essa tendência. Como eu disse há pouco, o mecanismo é: como não há fronteira (não há nitidez) entre o Recalque Primário e o Secundário, eles são da mesma natureza, da mesma ordem, então podemos confundir – e confundimos! Não sonhamos?

O Importante de pensar os **sonhos** já não é mais, hoje, ser só freudianos e ficar interpretando o que um sonho quer dizer. Já sabemos: sonhamos porque quisemos, porque desejamos assim – então, não interessa muito mais interpretar. Mas há algo importante que, suponho, ainda não foi levado suficientemente em conta no que toca ao sonho, algo que é mesmo mais importante do que destacar o desejo da pessoa, que lá está. O importante é a **Teoria das Formações**. Se observarmos bem nossos sonhos, veremos: primeiro, que **há sonhos de hipóstase**, onde realizamos uma função secundária que no sonho vira real, parece que é de verdade; segundo, não temos ainda uma arte ou uma tecnologia capaz de *imitar* perfeitamente o sonho. A mais próxima é o cinema, sobretudo com som surround e 3D. É próxima, mas não é igual, porque, nos sonhos, sentimos espaço, temperatura, cheiro, toque... O sonho é de uma grande riqueza de formações, compatível com a riqueza de formações do Inconsciente. Ora, se observarmos os sonhos a partir da Teoria das Formações, descobriremos que é fácil explicar por via das formações oníricas as formações que são capazes de produzir as Morfoses. Isto porque as formações oníricas são morfóticas.

Hoje em dia, temos vários elementos do sonho transportados para a tecnologia, então é mais fácil de entender. Freud e Lacan não tinham *photoshop* para recobrir, misturar, fundir, uma imagem com outra. Olhem uma forma do recalque aí! Podemos colar uma imagem por cima de outra: uma é mais forte, mas vislumbramos a outra atrás. Olhem a renegação aí! Podemos tomar um texto imagético e colocar uma formação tão forte por cima que nunca mais veremos a de trás. Neste caso, há que praticar um processo tecnológico para tirar a da frente e ler a de trás, como se faz, por exemplo, com pinturas antigas. Sem raio x, não se percebe o que está por trás da pintura aparente. Olhem o HiperRecalque aí! O artista pintou o quadro e, depois, modificou várias partes, por cima. Ou seja, ele hiperrecalcou várias formações, que só conseguimos

atingir com raio  $x$  – e conseguimos mal. Vejam como a tecnologia nos ajuda a pensar o que é o Inconsciente... pois, afinal de contas, **foi o Inconsciente que inventou a tecnologia**. Baseado no quê? Em si mesmo! A tecnologia que inventamos não é senão a que temos dentro da cabeça. Não se esqueçam disto: aquilo não veio de fora. Inventou-se o cinema porque se quer produzir um sonho concreto – mas a tecnologia ainda está ruim. Quero ver o dia em que seremos realmente levados pelo ambiente do filme. Este é, aliás, o sonho dos cinerastas.

Não precisamos sonhar futurismos, basta entender que o futuro mora aqui em nossas cabeças: a tecnologia é primeiro aqui, não é lá. Lá é depois daqui, é a imitação da tecnologia de nosso cérebro, de nossa mente. Por isso, as neurociências são importantes. Elas ainda são paupérrimas, não têm ainda muito para nos dizer, mas hão de achar tudo isso.

• P – *Freud dizia que o delírio tem um fragmento de verdade histórica, ou seja, aquilo fez parte do que é, de certa maneira, hiperrecalcado e não consegue se dizer no Secundário, vem cheio de restos.*

Ele diz mais, que o delírio, assim como as alucinações, é como se a pessoa estivesse sonhando acordada. É isto mesmo, as formações tomam o poder e a pessoa está dentro daquele filme. Ela está *naquele* filme, não está mais *neste*. Por que acontece assim? Porque está lá dentro impresso. Se não estivesse, não funcionava. Ou seja, o que há é HiperRecalque. Vejam, então, que é possível abordar o recalcado por via progressiva ou por via alucinatória, como fazem músicos, matemáticos, que alucinam em cima do recalcado, do interditado. Está passando na televisão uma série sobre Wagner. Ele é uma figura insuportável, um nazista filho da puta, com quilos de escritos racistas, dos quais Hitler tirou grande parte de suas loucuras. Wagner era uma espécie de Heidegger antecipado, que queria o retorno do paganismo contra, conforme dizia, a ordem judaica, que acabou gerando a ordem cristã. Ele não falava mal da ordem cristã, pois esta estava então no poder. Ele começou a escrachar com os judeus porque faziam parte do grande momento do século V AEC, a era axial, a qual nada tem nada a ver com o paganismo. A Alemanha

tinha um paganismo próprio que Wagner exaltava e encheu com ele a cabeça de Hitler. Ele foi um dos maiores responsáveis por aquilo, no entanto, era gênio, sua música era excepcional. Excepcional em quê? No delírio contra as interdições musicais. Na rebeldia, produziu uma música inédita. Um autor que aproveitou maravilhosamente a construção de Wagner, foi Lévi-Strauss. Ele é wagneriano. Tirando as *aberturas e algumas árias*, as obras de Wagner são insuportáveis, um saco. Mas o povo alemão se encheu de glória com a obra dele. Notem que, se se tomar algo como HiperRecalque e começar a produzir de maneira delirante, isto não é Progressivo. O Progressivo não produz delírio, e sim, construção.

## 12

Quero hoje, em continuidade à última fala sobre as **Morfoses**, acrescentar alguns pontos relativos à questão da **Perversidade**. A **Morfose Progressiva** tem muitas características e muitos modos de apresentação. Ela pode até ser branda e benéfica – aliás, tudo pode ser benéfico, até a neurose –, mas como se instala a Perversidade dentro da Morfose Progressiva?

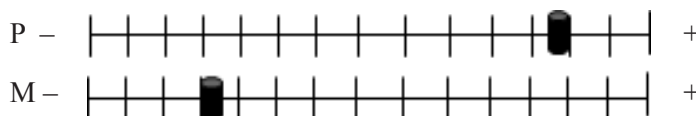
Chamo atenção para dois pontos: 1) Compulsão fortíssima da realização de ato instado por uma *fundação mórfica*: determinada fundação mórfica sofre uma compulsão muito forte de atos apoiados nessa fundação mórfica. 2) Compulsão violenta da realização de ato instado – falo agora um termo que não nos serve, mas que está na cabeça de todos – por algo que costumamos chamar de *ego*, ou seja, pelas formações que a pessoa supõe serem (ou age como se fossem) seu polo pessoal, coisa que, na verdade, é neo-etológica. Assim, a formação neo-etológica que caracteriza a pessoa e a compulsão



violenta da realização de ato instado por essa formação, enquanto fundação mórfica, é o que devemos chamar de *Perversidade*.

Chamo também atenção para o fato de que todas as formações da Patemática, de que falava antes (HiperRecalque, Perversidade, etc.) – e isto é importante, pois não está em Freud ou em Lacan –, independem da **relação Metanoia/Paranoia**, que lhes apresentei em 2009. Se não pensarmos assim, ficaremos com a impressão de que paranoia é necessariamente psicose paranoica. Aqui em nosso projeto, nada têm a ver, são coisas completamente independentes.

Podemos, então, pensar em dois *gradientes*, um da *Paranoia* (P), que vai de (–) a (+); e um da *Metanoia* (M), que também vai de (–) a (+):



Consideraremos, pois, esse esquema cheio de graus, com dois *sliders* como aqueles que há nos aparelhos de som. Por exemplo, no esquema acima, tal fulano está situado mais perto do (+) do ponto de vista da Paranoia, e mais perto do (–) do ponto de vista da Metanoia. Estou independentemente esses gradientes da Patemática porque, a meu ver, isto é constituição dada e investida. Não só faço a suposição de que, do ponto de vista genético e epigenético essa constituição já vem com disponibilidade grande, como ainda por cima há investimentos ou não nisso, investimentos de ordem secundária mesmo. A pergunta então é: em que situação cada um se encontra agoraqui nos gradientes Paranoia/Metanoia?

Vejam, pois, que a Patemática, as Morfofos, ainda por cima, se aplicam sobre essa constituição. Por isso, podemos encontrar uma pessoa com forte tendência paranoica, mas que não é psicótica. Muitas vezes nos confundimos diante de alguém muito paranoico e pensamos que ele é necessariamente psicótico. Não é necessariamente, pois aquilo pode ser da ordem de qualquer Morfofo, com maior tendência paranoica ou metanoica. É como se fosse uma organização de quantidades, de intensidades. Há, portanto, que pensar do

ponto de vista *quantitativo*. Depois do lacanismo, em que tudo virou estrutura e composição matemática, nos esquecemos da ordem quantitativa que está posta desde Freud. Como sabem, faço questão do pensamento quantitativo.

Tenho, portanto, a impressão de que o eixo paranoia / metanoia diz respeito a uma tendência geral, que pode variar nos momentos. Acho que, na convivência analítica, percebemos que a pessoa é mais para um lado ou mais para o outro. Faço a suposição de que, por exemplo, quando entendo a cabeça de Freud, ele é o tipo do cara que está com as duas pelo meio. E acho mesmo que o exercício da função analítica pede que a pessoa saiba transitar ali pelo meio, não puxe nem para um lado nem para o outro. Infelizmente, notamos em certos relatos de analistas que, em sua relação com o analisando, o analista é que é o paranoico. A pessoa tem forte tendência paranoica e entra em conflito com o analisando. Isto quando há que fazer o exercício de equilibrar a paranoia e a metanoia. Basta equilibrar, não é preciso ser muito fraco, pois temos direito a nossas paranoia e metanoia.

Como se lembram, eu disse que a definição da paranoia é a *vinculação*; e a da metanoia, a não-vinculação *pessoal*, embora tenha vinculação, digamos, com as coisas. Não tenho, portanto, permissão, por mera vontade teórica, de dizer que isso pode e aquilo não. Há que ver em nosso *laboratório* clínico. Pode ser que, por exemplo, um dia lá apareça alguém extremamente paranoico e extremamente metanoico. Aí, fazemos o quê com ele? Ele existe. É como dizia Charcot a Freud, teoria é muito bom, mas não impede de existir. Esta é a nossa prática. Por isso, ela não é filosofia, literatura... Ela tem um laboratório, esperem acontecer ali.

• P – *A vantagem de colocar esses eixos do modo que você apresenta é mostrar o processamento em paralelo. Podemos, às vezes, ver a pessoa num e noutro eixo.*

A pessoa, às vezes, tem (+) para o eixo da paranoia e (–) para o da metanoia, ou vice-versa. Aliás, se alguém for destituído de um desses eixos algo não vai bem. Acho que não funcionará, ou é autista ou é psicótico. O resto anda ali pelo meio.

- P – *Lacan seria o quê?*

Ele reconhecia que tinha uma vocação paranoica. Tinha essa vocação até na escrita. Ele tinha partido, era do partido da paranoia.

- P – *E sua vontade matemática, matêmica?*

Tem coisa mais psicótica do que a matemática? Às vezes, pensamos que o rigor matemático é límpido, mas é paranoico. Matemático e músico têm forte tendência à paranoia. Como lidam com aquela coisa abstrata, parece metanoia, e há metanoia lá, mas – e coloquemos os filósofos aí – estão de olho na progressão matemática *de outrem*. É quase que uma disputa permanente, pois fulano fez uma progressão até ali e eles têm que fazer mais. É no sentido de superação, o que é bastante paranoico. Como o material e a resultante são pura articulação, aquilo é Secundário puro. A música é menos secundária, produz certos efeitos materiais que tocam até no Primário... Se bem que os matemáticos ficam muito comovidos pelas equações – mas é problema deles, pois não comovem todo mundo. A postura é rivalitária, paranoide.

- P – *Pensei em Bertrand Russell, um caso de extremação, de olho em toda a matemática.*

O livro *Principia Mathematica* é coisa de maluco. De uma grossura tal que, primeiro, se não formos matemáticos nada entenderemos do que está lá dentro, e, segundo, ele e Whitehead caminharam, caminharam... para lugar algum. *Holzwege*, como disse Heidegger.

- P – *E James Joyce?*

Lacan fez um tremendo esforço para dizer que ele era psicótico, coisa em que não acredito. Ali tem paranoia e metanoia, ele era meio piradinho, não tenho a menor dúvida, mas a maioria é assim. Não creio que seu texto constitua uma aparência de psicose, nem que ele fosse psicótico.

# 13

A **Tanatose** propriamente dita não é senão o próprio movimento da Pulsão, o próprio movimento d'Alei como “de morte”, tal qual está no espírito do que Freud colocou. Mas como ela se apresenta? Fundamentalmente, como *melancolia*. Sendo que posso pensar uma melancolia positiva ou negativa, um gradiente para (+) ou para (-).

Eu diria que uma *melancolia* é *negativa* quando é desembaraçada das resistências primárias e secundárias. É o que comparece no que os psiquiatras chamam de depressão radical, desamparo radical, vontade de morrer. Por exemplo, no caso da vocação suicida que não é lúcida, a compulsão de suicídio. Isto caracteriza a *fuga do Haver*. Não é querer cair fora do Ser, como é o caso do afastamento do Ser, que é o movimento que chamo de *místico*. Nesse caso, é afastamento do Haver: é querer não-Haver mesmo, querer chegar ao não-Haver o mais rápido possível. Já a *melancolia positiva* é aquela que se afasta e fica de costas para o não-Haver, digamos assim. Mas fica a favor do não-Haver, em contemplação do Haver. É quase que divino, quase a posição do ponto G, do Gnoma: fica na exasperação entre Haver e não-Haver, mas considerando o Haver. Já falei bastante sobre isto quanto ao *luto*, quanto ao caso da criação... A posição gnóstica, mesmo a antiga, é assim. A posição da Gnose, em qualquer situação, é contemplar e, além do mais, achar uma merda: “Não só estou contemplando como estou contemplando a merda”. Que pode ser a maravilha.

• P – É possível *pensar a Tanatose em relação com a paranoia e a metanoia*?

Sim. Você pode querer se dissolver no seio do Outro como os místicos que querem encontrar Deus. Basta lembrar daqueles loucos da Tebaida, os estilistas, que ficavam em cima da coluna apodrecendo o corpo porque iriam subir e encontrar Deus. É pura paranoia. Por outro lado, temos a Tanatose fazedora, produtora, produtiva de texto, de obra – mas é um ato melancólico.

Lamento reiterar-lhes que a NovaMente é uma posição melancólica. Por isso, gnóstica. Não que eu necessariamente seja um melancólico. A teoria é melancólica. É o que tem.

• P – *Você colocaria o autismo e a melancolia do lado da Tanatose?*

Eu disse, no início, que os gradientes de paranoia e metanoia nada têm a ver com as Morfoses, mas é claro que há gradientes no autismo e na melancolia. Certo tipo de autismo é extremamente metanoico, neste gradiente da metanoia. Do outro ponto de vista, da paranoia, é suicidário. Talvez aí possamos colocá-lo na Tanatose: seu funcionamento é de sumir, de cair fora, é mortal. Ele também é metanoico: você praticamente não existe para ele, é mais uma *coisa* que funciona ali. E à medida que se afasta não só do Ser como do Haver há autista que é apraxia radical, não faz nada, o que é mortal.

• P – *Em 1991, você diz que “no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego”. Hoje, poderíamos dizer que se trata aí de uma espécie de fraqueza pulsional?*

Podemos tomar um fenômeno, inclusive um fenômeno psíquico, e abordar por diversas vias. Então, o que eu disse vai por uma via. Se for pela via pulsional, acharemos outra coisa. Quando você diz *fraqueza pulsional*, acho pouco, pois, se retiramos as resistências do caminho, a Pulsão corre violentamente para o não-Haver. Acho, então, que ela não fica fraca, mas é a *resistência* que fica fraca. Quando a pessoa diz que não se interessa por mais nada, que não está a fim de nada, isto mostra que acabou a resistência. Assim, do ponto de vista pulsional, ela sente que as resistências ficam frágeis. Quando à pessoa só interessa sumir, ela é extremamente obediente à Alei, a resistência é que acabou. As resistências já não estão valendo nada, os sintomas perderam a razão, não aparece um sintoma que acople a pessoa em algo.

• P – *Aí ela fica sem tesão?*

Ao contrário: *só tem* Tesão, mais nada. Temos que ter tesão em algo para ter tesão, mas ela não tem esse algo. Chesterton, apesar de católico, disse uma coisa interessante: que o louco não é alguém que perdeu a razão, e sim alguém que perdeu tudo, menos a razão. Parece com a ideia de psicose.

# 14

- P – *Há relação entre o esquema paranoia/metanoia e o que você trouxe a respeito do temperamento?*

Tem a ver sim com o que antigamente se chamava de *temperamento* e que a etologia ainda chama assim em relação aos animais. Há algo em Freud que não encontramos com tanta clareza ou encontramos pouco em Lacan, que é o reconhecimento das formações primárias como **predisposições**. Nós aqui temos Primário, Secundário e Originário, que não há em nenhum dos dois. Ou seja, temos o reconhecimento do Primário, autossomático e etossomático: reconhecimento de que isso vem pronto, de que não há tábula rasa. Não só vem pronto, como constitui uma grande massa de formações recalcantes do movimento do Originário. Por isso mesmo, não gosto que se faça o entendimento de uma situação analítica sem levar em conta a observação dessas tendências.

Os etólogos são cautelosos, se não forem medrosos a nós, pois querem ter certeza de que não estão falando de algo cultural, por exemplo. Vocês devem se lembrar de como Antonio Bracinha, que esteve aqui falando para nós, foi cauteloso quanto a isso, pois, com razão, podia ser pichado por seus colegas, que querem ser rigorosos (no sentido deles). Não temos que pensar assim ou ter essa preocupação, pois podemos reconhecer uma enorme quantidade de formações que são primárias, estão na cara, são *dadas* para as pessoas e são evidentes. Não vamos fingir que a aparência física – ser branco, negro, louro, etc. – não seja um fator de determinação. O que vem do Primário é poderoso, tanto é que Freud sempre lembrava da conexão necessária com o Primário. Por exemplo, quando procura pelas pulsões, ele as encaixa em lugares do corpo – oral, anal, fático –, em funcionamentos da espécie que, no caso, são o funcionamento de qualquer mamífero, de muitos bichos. Eles foram feitos assim. Ou vamos fingir que a oralidade não tem importância? Nossa posição

crítica é o fato de, muitas vezes – e Freud também cai nisso –, *partir-se daí*. Ou seja, a conceituação não está, por exemplo, em cima da oralidade. Ela é, sim, da ordem do Secundário, mas temos que reconhecer o fato bruto, mais do que histórico, concretamente biológico, de que há isso.

- P – *Reconhecer isso não é afirmar que “a anatomia é o destino”?*

É uma frase de Napoleão Bonaparte que Freud repetiu. A anatomia, sendo do Primário, determina, mas dizer que é o destino é um pouco demais. Napoleão era um tampinha, tinha um metro e meio. Foram em sua sepultura, cortaram seu pingolim, guardaram, mas depois ele sumiu. Era, aliás, deste tamanho, apesar de todas aquelas mulheres dele: a piroca de Napoleão é um problema histórico e histérico. Ou seja, tudo nele era baixinho. Deve ser por isso que conseguia fazer o que fez. No cavalo, ele pesava pouco, essas coisas que entram na história do herói...

Vejam que há o genético e o epigenético, está tudo ali. Então, cuidado!, pois, para chegarmos a Adolf Hitler, é um passo. Reconhecer que há fortíssimas determinações do Primário – ou seja, que não há tábula rasa – e que há grande quantidade de formações determinantes, sobredeterminantes e recal-cantes do Originário, isto não é um racismo porque temos dois fatores que o suspendem radicalmente: 1) O Originário, que funciona em Revirão – ou seja, tal formação primária pode funcionar justo ao contrário de suas determinações. É o caso de Napoleão. 2) O Vínculo Absoluto, que suspende todas essas determinações. Não é possível, portanto, fazer racismo em cima do reconhecimento disso.

- P – *Há um documentário intitulado Chimpanzé, em que filmaram um grupo de macacos e podemos ver sua relação com a reprodução, suas práticas de adoção, suas sofisticadas técnicas de caça, suas guerras com estratégica de emboscada, indícios de tecnologia...*

Não é tecnologia! Pensar assim não cabe em meu teorema. O problema é que os pesquisadores têm um desejo tal de achar que a função secundária já vem inscrita desde sempre que é preciso ter cuidado com a observação que fazem. Há um livro de Bruce Bagemihl (*Biological Exuberance: Animal Homosexuality and Natural Diversity*. Nova York: St. Martin's Press, 1999,

752p.) sobre sexualidade animal, que citei na época de seu lançamento, em que o autor justamente denuncia os pesquisadores. Eles observam um animal trepando sobre outro e dizem que o de cima é macho e o de baixo fêmea quando, na verdade, não foram lá verificar se eram isso mesmo. Haver Primários sofisticados, produzidos darwinianamente durante milhares e milhares de anos, isto nada tem a ver com a tecnologia, a qual só é produtível a partir do Secundário. É preciso saber que o vetor é o contrário, se não, cairemos nessas lorotas. Bicho fazer adoção? Já se observaram cachorros que adotam gatos, mas isto se deve a alguma configuração – cheiros, etc. – que lhes permitiram, em suas constituições etológicas, assimilar aquilo. Ou seja, podem ser sofisticações primárias ou errâncias do Primário, pois só é considerável tecnologia aquela que é via Secundário. Assim como a adoção.

Mediante o Secundário, abordamos o Primário e tentamos transformá-lo. Não é espontaneidade. Espontaneidade é *artifício espontâneo*, como chamo, e não tecnologia. Eles ficam tão impressionados porque o bicho juntou duas varetas e fez não-sei-o-quê, mas isto é apenas técnica, isto é, arte, do Primário, se quiserem chamar assim, e não tecnologia. Repetindo, temos Primários sofisticados – abelhas, formigas, pássaros migratórios com comportamentos complexíssimos de noção de geografia, etc. –, mas mesmo que deem a impressão de que, de repente, surgiu algo novo, é mero acidente, pois seu Primário é sofisticado. Um cachorro é um troço sofisticado, inteligente, faz coisas incríveis, só não faz nada a partir do Secundário – porque não tem Secundário. Quando o bicho frequenta o *nosso* Secundário, ele tem uma situação que é *gerida* pelo Secundário. Consequência: aprende não sei quantas palavras, mas aprende a língua? Não. Apenas aprende que tal palavra liga com tal coisa, é mera associação. Como não aprende a ler, logo não aprende a palavra, e sim um ruído associado a um evento: se há trovada, vai chover. O que qualquer animal faz é simplesmente tomar elementos do Secundário que se transformam em relações auditivas que ele associa com alguma coisa.

• P – *Se um cachorro não tem Secundário, como, então, entender que ele sonhe?*

Não é preciso Secundário para sonhar. O cachorro tem um cérebro e um corpo bastante complexos. Então, as articulações vividas por ele se repetem



dentro do cérebro: o cérebro é assim. Mas seu sonho não é uma produção que veio pelo Secundário, pois não surge Secundário a não ser pela instalação, digamos mesmo, cerebral de um Originário. É possível dizer que um cachorro parece que revirou, mas o cérebro revira muito. Quero ver ele revirar como produção de Secundário. O cérebro também se engana. Costumo dizer que cachorro parece que tem ato falho: ele vem, percebe que está errado e vai para outro lado, mas isto não é propriamente um ato falho, pois não é um tropeço Secundário. É um reconhecimento de ação, para o qual lhe basta o Primário, o etológico que, como disse, é complexo.

• P – *Sidarta Ribeiro tem um trabalho interessante com sonho com animais, pessoas e doentes mentais. Diz ele que alguns psiquiatras estão trabalhando com gráficos a partir de repetições de fala, do discurso. Assim, diante de duas populações de psicóticos, uma com esquizofrenia e outra com psicose maniaco-depressiva, não há estatisticamente diferença significativa nos gráficos de seus relatos despertos. Mas a diferença é gritante nos relatos de sonho de cada um desses dois grupos. Concluem eles que esses gráficos poderão mapear a atividade pessoal desses grupos e que essa atividade dará a diferença estrutural entre uma coisa e outra, que é a atividade do inconsciente.*

Não é do inconsciente, e sim do cérebro. São processamentos cerebrais que apresentam funcionamento de formações diferentes, diversas. É bem provável que, como dizem, uma população de maníacos-depressivos tenha um conjunto de formações determinantes da significação radicalmente diferente do outro grupo.

• P – *Mas, para Sidarta, isso nada tem a ver com significação.*

Tem sim. Ele diz isto talvez porque não saiba o que é significação.

• P – *Ele disse que são apenas repetições de palavras.*

Repetição de palavras pode não ser significação na linguagem dele, mas aqui é. É preciso entender a cabeça da pessoa em seu laboratório, onde ela precisa fazer de conta que eliminou a semântica para não se perder quanto a seu protocolo. Aqui, não precisamos. E mais, quando os cientistas mapearem tudo, verão que Freud tinha absoluta razão.

- P – *Ele disse, aliás, que Freud era um cientista.*

Eu já disse isto com todas as letras. Temos duas maneiras de abordar um funcionamento cerebral humano: podemos anatomizar, ou ir pelos efeitos. As duas maneiras são compatíveis, têm que ser compatíveis, não há como não ser. Se conseguimos mapear as formações cerebrais em funcionamento, isto não pode ser diferente dos efeitos linguageiros e expressivos. São a mesma coisa. Não há corpo e espírito, é tudo a mesma coisa. Logo, o que vão achar é o que achamos. E faz muito bem para nós que eles achem tudo. Não temos razão alguma para ficar contra a neurologia. Aliás, Freud era neurologista. Começou por aí.

## 15

Trouxe o tema da **Perversidade Social / Instituição Psicanalítica** porque, hoje, em qualquer parte do Planeta, nossa principal questão política é a da oposição **Estado / Sociedade**. Sempre foi uma questão difícil, com muitas soluções propostas por diversos pensadores, as quais nunca funcionaram e acho que nem funcionarão. Como uma suposta instituição psicanalítica é isso exacerbado – e por isso sabemos que ela não é possível, no entanto necessária: é (não um mal, mas) um impossível necessário (saíam dessa com o Aristóteles): O não-Haver é um impossível necessário –, é, portanto, um dos melhores lugares para permanentemente exercitar esse questionamento. Isto porque, nela, já se sabe que não há solução para a oposição sociedade/estado. Sobretudo, é um lugar em que não se pode permitir que o Estado fique muito assanhado, caso contrário, destrói-se qualquer possibilidade de análise.

É preciso, pois, haver recursos teóricos para discutirmos a questão, para configurar em nossas cabeças o que seja uma instituição psicanalítica como esta em que estamos e saber como se comportar dentro dela. Reitero a ideia de que o encaminhamento de um Estado mais compatível com o pensamento psicanalítico seria aquele subdito à ordem do que chamo **Diferocracia**. Isto é muito difícil, não acontecerá tão cedo, mas, na cabeça dos associados a esta instituição, poderia ficar como obrigação de exercício. Há que fazer uma mente disponível para equacionar o jogo das diferenças com referência a um projeto teórico da psicanálise – o que é algo que se faz pouco. É pouco porque, se faço a suposição de que, pelo menos no interior da instituição, o exercício seja o da Diferocracia, temos que ser veementes na crítica de qualquer prática que estrague esse tipo de visão – e temos sido pouco veementes. E mais, precisamos saber que temos tudo contra o tipo de visão diferocrática. Por exemplo, manter-se a referência a algum padrão teórico para poder nos orientar é uma coisa, já lidar com o comportamento de algum colega no nível da paranoia excludente – o que é frequente acontecer – é outra, é estupidez demais.

Como, então, equilibrar uma referência teórica e um acolhimento da conversa, pelo menos? Para que serve a animosidade contra os outros na instituição (esta é, aliás, a história do que se chama democracia)? Não há exercício de Diferocracia com essa postura idiota, de idiotice. Não existe essa postura na psicanálise, e muito menos no tratamento psicanalítico.

• P – *Você disse uma vez que Freud não era paranoico. Não era mesmo, não ficava falando mal dos detratores (Jung, Adler...), pelo menos não em seus escritos. Ao contrário, encareceu suas contribuições, mesmo sendo firme ao afirmar as diferenças quanto ao projeto dele, Freud.*

O exemplo de Freud é *princeps*. Vemos a diferença entre ter que excluir alguém porque está empecilhando o pensamento, ou mesmo porque é um psicopata que fica enchendo o saco, e estar o tempo todo invectivando o outro sem escutar o que está sendo dito. O quanto Freud aturou dessa gente até perceber que não tinha jeito? Há que escutar antes para saber. Desde o começo, Freud ficou encantado com Jung, só por ele ser goy, e não enxergou que era um psiquiatra com vocação conteudística. Freud achava perigoso

estar só cercado de judeus, queria sair do gueto, pois, para ele ser cooptado pelo judaísmo custava pouco. O problema é que Jung não estava entendendo nada. Aliás, fez questão de não chamar o que fazia de psicanálise, e sim de psicologia analítica. Freud fazia um enorme esforço para sair dos conteúdos e achar formações mínimas, que pudessem ser aplicadas, mas Jung só pensava em termos de conteúdo. Basta lê-lo para ver uma psicologia de imagens, de frases. Visitem o trabalho de Nise da Silveira aqui no Brasil e verão que, para ela e para Jung, o Inconsciente é um baú de quinquilharias, e não uma formação, ou, como diria Lacan, uma estrutura.

Qualquer pessoa, de qualquer cultura, tem seu baú, mas isto só interessa se seu conteúdo for tomado como formações sintomáticas. Ou seja, não trataremos de acordo com o conteúdo, e sim de acordo com a formação. Interessa, sim, saber qual é a sintomática de origem de uma pessoa, mas apenas para ver como o sintoma está funcionando, e não para reduzir a prática ou a teoria a esse melê de historinhas. É o contrário: tomar as historinhas e abstrair. É bom saber quais são os conteúdos sintomáticos, pois são as formações que a pessoa porta.

## 16

Nos quatro dispositivos clínicos propostos para a **Formação em Psicanálise**, temos os *Grupos de Formação*, que são um lugar onde as pessoas conversam sobre suas próprias análises. Não é lugar de ninguém falar de seu belo ego ou de teoria. A *Oficina Clínica* é o lugar de tratar de questões clínicas, da teoria ou da prática, e não de discutir texto. O outro dispositivo, dos *Estudos*, é onde acontece o que estamos fazendo aqui agora. É preciso sempre melhorar nosso funcionamento nesses dispositivos.

• P – *De início, final de 2002, quando os Grupos de Formação foram instalados, ocorreu um cruzamento necessário de conversa de pessoas que não se falavam na instituição. Foi mesmo um exercício de anti-racismo e anti-paranoia. Hoje, com o sorteio a cada reunião dos quatro participantes, a situação evoluiu bastante. Quando há exibicionismo de ego, isto é apontado na hora...*

Assim como eu disse que todo Estado tem vocação a ser totalitário, toda formação de grupo tem vocação para cagar regras. É preciso, pois, ter sempre em mente que os Grupos de Formação são um lugar para escutar muito, discutir experiências, acolher o que outro tem a dizer, e não para ninguém bancar o analista. O que eventualmente surgir de analítico virá do cruzamento que lá ocorrer. Trata-se, então, de deixar brotar a situação analítica que cada um tem para narrar. Ninguém nomeou analista lá. Analista é a função que lá está correndo, e não uma pessoa que ocupa esse lugar. Há que deixar a função girar, pois, sobretudo após acabar a *Análise Propedêutica*, não temos a menor ideia de quem nos dará uma dica analítica. De repente, alguém disse algo e aquilo para mim foi uma função analítica. Logo, aquela pessoa não é meu analista, o que há é uma função analista correndo aí pelo espaço. É diferente de nomear uma pessoa para essa função porque, neste caso, pode-se também desnomear quando quiser. Como nos Grupos de Formação é tudo na base do sorteio e da troca, ninguém foi nomeado lá.

Esta é, aliás, minha crítica à ideia de *Cartel*, em Lacan. Quem é lá nomeado *mais-um* fica com ares de analista do resto. O cacoete vem dos dois lados, tanto do nomeado quanto do restante do grupo. Então, não há *mais-um* lá. Por outro lado, se a função analítica surgir não será mérito de ninguém. E mais, não há que contar para outros o que aconteceu nos Grupos de Formação. Foi aquela sessão e acabou. Se não for assim, vira fofoca, juízo sobre as pessoas. Vejam que isto é diferente de alguém, num outro dispositivo da Formação, a Oficina Clínica, por exemplo, querer considerar a situação que lá ocorreu. Aí, trata-se de, em colegiado, estudar a situação, e não de falar como comadres sobre o assunto. É, portanto, o exercício de deixar surgir a função analítica num rodízio.

• P – *Falar de sua análise é diferente de falar em análise?*

Uma coisa nada tem a ver com a outra. Não se trata de contar sua análise, e sim de ver qual é a sua situação analítica atual. Então, em vez de cagar regra, é melhor cada um deixar aparecer o quanto ainda é neurótico, se for o caso. A pergunta é: em que pé você está analiticamente hoje? O dispositivo dos Grupos de Formação foi bolado para, primeiro, vermos se a função analítica surge sem dono e, segundo, para começar o **reconhecimento** de cada um. Neste lugar é que começa a aparecer a *disposição postural* das pessoas. Elas precisam desse reconhecimento para saberem como estão. O dispositivo de Lacan, que pareceu bem feito para a época, foi logo criticado pelo grupo de Piera Aulagnier, que saiu da Escola Freudiana de Paris. Eles perceberam que o dispositivo do *Passe* era burocrático demais. Ao contrário, o reconhecimento tem que ser *floou* e tem que flutuar. Não há que nomear alguém analista da instituição ou coisa que o valha.

• P – *Parece difícil entender o que seja falar de sua análise.*

Será que não percebemos quando alguém está falando de sua situação na análise? Não é muito difícil, basta cada um tomar o próprio rabo e olhar bem. Algo que é evidente, que transparece na hora em qualquer situação de consideração de análise é o grau de *defesa* da pessoa. Por que a atitude defensiva se estamos apenas falando de alguma coisa? Aí, pode-se ver que falta muito em sua análise. Além disso, não há santo em situação alguma. O simples fato de estarmos vivos e de apresentarmos uma formação já é defensivo. Quanto mais quando ficamos fazendo a própria defesa! Inutilmente, aliás.

Sempre que nos pronunciamos defensivamente, estamos falando como psicóticos. É o que Lacan dizia sobre o psicótico falar *com*, instrumentalmente, o ego. Seu órgão de expressão é o ego. Então, quando alguém fala defensivamente, é quase psicótico, é parecido com a estrutura psicótica. Por outro lado, se estou querendo passar a uma postura, a uma inteligência analítica, sintoma meu ou do outro é a mesma coisa. Estamos falando de uma formação que não interessa se está agora situada aqui ou ali, pois ninguém está falando de mim. Cada um, se quiser, que tome a carapuça. Isso é que é lidar

com formações. Então, se a pessoa estiver subdita àquela formação que foi falada, aproveite. A postura ensaiada nos Grupos de Formação é aquela que o analista *tem* que ter, seja em sua casa, seja em seu consultório. Já vi muito dito analista virar pó: ao menor toque no ego, aparece o monstrinho lá. Alguém pode ficar abalado porque seu analista meteu o dedo na feridinha, mas invec-tivar contra a situação analítica só porque seu ego foi mexido e daí surgir esse monstro, isso indica que a pessoa não tem direito a atender ninguém. E mais, essa reação egoica é algo muito notável nos Grupos de Formação.

## 17

Toda formação, só por ser formação, é suspeita de exercício abusivo da diferença. Quando alguém narra uma virtude sua, aquilo é uma virtude ou um defeito? Em que situação o que você tem como formação é virtuoso ou defeituoso? Se não perguntarmos isto, mataremos o Revirão. Dependendo da situação, a aplicação pode ser virtuosa, mas, mudada a situação, pode ser perigosa. Além disso, temos que pensar no que acontece quando precisamos de um sintoma. Ou seja, como fazer na hora da porrada? Pensar assim, sem sujeito ou indivíduo, é que é pensar em termos de formações. Há a Pessoa, que, como defino, é composta de Primário, Secundário e Originário, mas ela é muito elástica, tem muita franja. Ela é polo. Pensar assim é – e nem gosto de dizer isto – quase matemático. Este é o modo de pensar da psicanálise, e não o modo de as pessoas serem, pois elas são as porcarias que conhecemos.

Ao olharmos o quadro de um grande pintor figurativo, um bom impressionista, por exemplo, temos um impacto de significação, um impacto estético no sentido de sensibilidade, sensações, e pensamos que ele, pintor, é

assim. Não é. Se pensar assim, só pintará porcaria. Ele pensa nas articulações que vão produzir o efeito, e não nos efeitos. Ou seja, ele tem uma paleta que é só dele, com a qual *articula* o quadro que vai nos comover. Tanto que um quadro de Renoir é diferente de um de Seurat. O pintor está conseguindo dizer com uma formação inteiramente abstraída: cores, traços... Então, por que um analista pensaria – e este é o problema de Jung – no efeito que o quadro faz? Há que pensar nas formações que lá estão, pois quando chegamos bem perto do quadro vemos que não há nada para ver do que víamos antes. Vemos, sim, a articulação do pintor. Quando estudamos Arte, estamos deslumbrados com as pinturas? Não. Estamos estudando o modo de construção daquela representação que resulta em outra coisa. É possível reconhecer um pintor por sua pincelada, pois é seu gesto que passa inteiro para a tela – e nele vão Primário e Secundário juntos. É o gesto que constitui a obra. Quanto a isto, basta ver a pintura gestual de um Pierre Soulages ou o quadro que toma – ou tomava, pois não sei se resistiu ao incêndio – uma parede inteira do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pintado por Georges Mathieu. Na década de 1960, ele armou a tela na escadaria do Teatro Municipal, colocou música de escola de samba para tocar e pintou aquilo só com gestos.

Tentem escrever um poema, por exemplo. Queremos transmitir o que sentimos, mas se o fizermos diretamente será uma porcaria, uma musiquinha popular da mais vagabunda. É preciso articular. Semestre que vem, pretendo falar sobre a escuta analítica, tomando como paradigma a música. Tomarei uma peça musical, trarei a partitura e farei a comparação com a escuta analítica. Isto só é possível se, em vez de apenas sentirmos os efeitos, percebermos a articulação que está na cabeça do músico. Tomarei um músico que é bem maltratado, pois pensam que ele é cafona, mas é que ele faz um tipo de música que, quando o regente é ruim, fica cafona por causa dos arroubos emocionais. Trata-se de Rachmaninoff, que escreveu quatro concertos. O primeiro é muito ruim, o quarto é uma chatice, portanto escreveu dois grandes concertos, os chamados *Rach 2* e *Rach 3*. Meu preferido é o *Rach 2*, o *Concerto número 2 para piano e orquestra em dó menor*. Prezo-o por duas razões. Primeira, porque Rachmaninoff era tão neurótico que ao terminar de escrever seu



concerto número 1 não conseguiu escrever mais, entrou em estado de Morfose Estacionária e foi fazer análise. Lá foi deslocado e fez a grande obra que é o *Rach 2*, dedicado aliás a seu analista, o Dr. Nikolai Dahl, ex-aluno de Charcot. Segunda razão, se eu tomar uma obra na história da música para me representar, será este concerto número 2, que é a minha cara.

É preciso exercitar, pois, geralmente, o público ouve apenas o grande efeito e, sobretudo, sente as emoções e os impactos estéticos, mas não percebe a construção da peça. Em meu tempo de estudante, Eleazar de Carvalho, o grande maestro, fazia algo formidável: chamava a juventude aos domingos de manhã, de graça, no Teatro Municipal, para assistir aula sobre a construção e a partitura da peça sinfônica. Ele fazia as pessoas reconhecerem um por um os elementos da música, inclusive os timbres da orquestra. Depois, começava tocar mostrando como a música foi montada. A música é exemplar por ter um modo de construção tão visível que ficamos com uma noção mais clara do que na literatura. É mais difícil ver a paleta literária de um autor, embora saibamos reconhecer as diferenças entre os autores. A música é o que tem o efeito mais confuso por não ter semântica, mas sua construção é clara.

• P – *Há aqueles que, além de autores, são didáticos quanto a seus modos de construção. Proust, Eliot e Lawrence, por exemplo, escreveram sobre a arte de escrever. Parece que, para a psicanálise, isto é inerente. Ela não tem como tomar uma formação a não ser se ocupando com seu modo de articulação.*

É raro, nas artes, haver artistas a fim de serem didáticos, mas qualquer autor é doutrinário naquilo que está dizendo: “Quero que a música seja isto!” Podemos tomar a partitura de qualquer músico e fazer a análise morfológica, como chamam. Ou seja, fazer a análise das formações que lá estão. Aí percebemos toda a construção que ele pensou. Não existe isso de inspiração em música, pintura ou qualquer arte séria. Há um cabedal de formações a que os autores *obedecem*. Aquilo é uma teoria. Schoenberg, que já mencionei muitas vezes, tomou toda a ordem tonal ocidental sacudiu, misturou e fez outra ordem tonal. Gosto dos músicos românticos porque têm a cabeça maneirista e todos têm a mesma índole, têm o mesmo *imprinting* musical. Eles,

como os demais grandes músicos, fazem exclusões que, às vezes, são no nível da estrutura de base.

A questão é de riqueza de articulação. Não é difícil tomar qualquer ideinha musical e transformar numa sinfonia. Liszt fez isto, tomou temas folclóricos e transportou para a ordem sinfônica. Ele é mais cerebral que Chopin – que, aliás, também é cerebral, embora gostem de tocá-lo como se fosse música de puteiro, o que não é o caso de Nelson Freire – e, para acompanhá-lo é preciso de uma grande inteligência, pois ele próprio era de grande inteligência.

## 18

Tenho recomendando várias leituras ligadas à política. Leiam o livro de Geofroy de Lagasnerie, *A Última lição de Foucault* (São Paulo: Três Estrelas, 2013), no sentido de preparar algum repertório para abordarmos com mais clareza o que chamo de **Diferocracia**, que é a postura política que nos cabe, ligada à psicanálise. O interesse é fazer a crítica das formações políticas e pensar o que possa ser a Diferocracia – quem sabe se provável no Quarto Império – e mostrar que ela já é e sempre foi, embora não realizada, a política adequada a uma instituição psicanalítica. A forma de governo e de lidar com a política do que possa ser uma instituição psicanalítica é a forma de governo que deveria entrar no Quarto Império no Mundo. Mas, isso, daqui a duzentos anos, pois até lá todos que estão vivos hoje já morreram, então alguma pressão renovatória vai ocorrer nem que seja por força tecnológica. Esta cachorrada acaba e vem outra, que pode estar sintomaticamente diferente e mais adequada para uma instalação nova.

É grande o levantamento de dados do livro que também recomendei, *História do Brasil vira-lata: Razões históricas da tradição autodepreciativa brasileira*, de Aurélio Shommer (São Paulo: Casarão do verbo, 2012). Primeiro, o autor quer demonstrar que o Brasileiro não é vira-lata, mas, digo eu, é sim: **O brasileiro é vira-lata e o portugueses também é vira-lata**. Eu sou brasileiro e português: sou dois vira-latas...

• P – *Um vira-lata tem que ter complexo de autodepreciação?*

Não. O autor quer fazer algo que me parece antiprodutivo, afirmar que *não* somos vira-lata. Não acho que toda a Península Ibérica o seja, mas Portugal, que nos pariu, não tem complexo, é vira-lata sim. Nelson Rodrigues estava errado, o brasileiro não tem complexo de vira-lata, ele é vira-lata. E fica, mazombamente, querendo ter *pedigree*. O erro, então, não é ser vira-lata, é ser um vira-lata com inveja de um cachorro que tem *pedigree*, que é pior do que ele. Cachorro com *pedigree* pode ser bonitinho, mas é fresco, pega doença à toa, morre fácil, não serve para muita coisa. Minha posição é: por que não podemos ser vira-lata direito? O vira-lata é semelhante ao heterofágico, ao antropofágico, de Oswald (não gosto do *antropos* aí, pois trata-se de comer de tudo, ser onívoro). Significa que podemos comer de tudo, transubstanciar e, de maneira vira-lata, continuar virando todas as latas sequer se importando de onde veio a lata. Isto é mais perto de Quarto Império do que o *pedigree*. Portanto, não gosto de autores que afirmam que não somos vira-lata. É o contrário: é bom justo porque é vira-lata. Estão errados em querer desfazer esta imagem. E não há complexo algum, pois nosso “*pedigree*” é: vira-lata.

Trata-se, então, de fazer direito ao invés de ficar um vira-lata querendo imitar cachorro de raça. E também é preciso saber que Portugal é vira-lata, sempre foi. O que aconteceu na Península Ibérica, não para o lado da Espanha, que é menos do que isso, mas especificamente em Portugal, foi a miscigenação de tanta coisa: germanos, visigodos, judeus, romanos, árabes, negros... Não havia índio, mas havia indianos. Portugal é, pois, essa vira-latice. Vejam Fernando Pessoa e outros escritores portugueses vivendo na nostalgia do Grande Portugal, que foi um excelente acidente vira-lata. Por acaso, inventaram uns barquinhos vagabundos, de péssima qualidade, conseguiram atra-

vessar os oceanos a duras penas, morrendo a metade dos que embarcaram... A tal Escola de Sagres foi pura mitologia, o que existiu foram os Templários – mais uma miscigenação –, que fugiram para lá e se chamaram de Ordem de Cristo. Eram uns reis e outros que tinham know-how e dinheiro roubado da França. Os portugueses, então, conseguem fazer esse feito enorme que só um vira-lata consegue, pois aqueles com pedigree pensam duas vezes e não vão sair atravessando o oceano. É preciso, portanto, aproveitar e honrar a herança que se tem, e não ficar invejando a dos outros. A psicanálise ensina que é preciso saber exatamente qual é a construção de cada um, qual é o rol de suas formações e colocar tudo isso em exercício.

Portugal sempre foi uma coisa desarranjada. Os próprios portugueses dizem frases como “lá na Europa”. Isto porque têm tanta confusão genética e cultural que se veem diferentes do resto. Não são gregos, italianos ou latinos propriamente, são e sempre foram esquisitos. A vantagem disso é que nunca conseguiram ser clássicos ou barrocos, foram maneiristas desde o nascimento – o que é virtude do vira-lata, e não do *pedigree*. O resto da Europa sempre os olhou desconfiadamente. Basta ver quantos anos levaram para perceber que Fernando Pessoa era o maior poeta “do lado de lá”. O esquisito em Pessoa é ele ser várias pessoas, brilhantemente vira-lata e maneirista: produzir heterônimos é não acreditar em *pedigree*.

• P – *O autor, Aurélio Shommer, diz que o movimento de globalização começou pelos portugueses.*

E isto já é um fenômeno vira-lata e antropofágico. Oswald tinha sacado que é uma vontade de comer o outro. Os portugueses não podiam ver uma negra que diziam: “Oba! Isso já vem torrado!” Franceses e alemães tinham nojo. Essa mentalidade que está neles é que temos que recuperar. Como português não tem xenofobia pensam que tem complexo de inferioridade, mas o que há é que ele topa conhecer, transar as coisas. O ruim em Portugal é a pressão da igreja católica. Quando se escapa dela, tudo é ótimo. Isto é o que nos interessa, pois é o mais parecido com o século XXI e com o Quarto Império do que o resto. O resto, aliás, está tentando se tornar vira-lata. Globalização é uma tentativa de vira-lata, de não ter *apartheid* e separações.

• P – *O aspecto depreciativo surge também em autores brasileiros como Paulo Prado, que seria alguém do pedigree.*

*Pedigree* é mazombismo. Ao invés de perguntar quem somos nós, que língua falamos, quais aspectos culturais e transas temos, para colocar tudo isso para cima, ficamos de olho na Europa. Essa gente queria ser francesa, alemã, holandesa. Não é, a imitação não dá certo. Por que não ir lá fora e roubar o que eles têm? Quanto a mim, fui à França e roubei tudo que pude, agora falo o que é meu. Nosso jeito de olhar não é aquele, que é coisa de francês, de alemão... Não somos aquilo.

O que é o *Modernismo* em sua emergência brasileira? Cópia da França. Antes do modernismo, o vigor da pintura e da escultura acadêmicas veio da França. O centro da cidade do Rio de Janeiro é francês. A Missão Francesa de 1816 veio estragar a expressão artística que estava começando aqui. Foi uma idiotice, pois tínhamos uma emergência pseudo-barroca no interior de Minas Gerais. Digo “pseudo” porque, na verdade, era maneirista. Ninguém vai me dizer que Aleijadinho e o dito barroco brasileiro sejam barrocos. Aquilo é maneirista, já estava nascendo sem interferência direta de Lisboa. A missão de 1816 foi um desastre. Só fomos nos recuperar muito depois. E mais ou menos, pois também não gosto da construção de Brasília.

Há uma tese do autor do livro *História do Brasil vira-lata* que acho procedente: os portugueses não foram invasores que tomaram as terras dos índios. Se não tivessem invadido, haveria ainda um monte de botocudos aqui morando em casebre de palha. Os portugueses trouxeram a riqueza. Os índios brasileiros, por serem nômades, sequer tinham terra. Os índios norte-americanos são diferentes, tinham assentamento. Os brasileiros eram primitivos e deram graças a Deus de receberem os portugueses. Primeiro, eles eram pouco “dotados” e as índias ficaram muito felizes com os portugueses – o que resultou no monte de mamelucos que é a produção nacional. Foram eles que fizeram o país, as Entradas e Bandeiras... Segundo, os índios não tinham agricultura. A moda é proteger, devolver-lhes a terra, mas eles não tinham terra alguma. Basta ver as imagens das manifestações dos atuais indígenas. Não há um único índio puro, só caboclo. Está tudo misturado. Eles têm certa descen-

dência, mas não há índio, a não ser aqueles perdidos no meio do mato e ainda não “encontrados”, por nós. Além disso, o pior é que, em vez de assimilar, querem infantilizar e regionalizar os tais índios. Seria melhor assimilá-los e torná-los civilizados. Seria bom para eles.

Como sabem, faço uma séria crítica a tribos indígenas, sobretudo brasileiras. Elas são extremamente repressivas. Basta considerar que ao juntarmos um bando de gente, se a cultura que aí brotar não for repressiva, ela crescerá e se civilizará sozinha. Então, se ficou assim primitiva durante tantos séculos é porque são repressivas demais e não deixam mudar. Conheci antropólogos de campo que ficaram espantados com tribos que tinham um código de matar as crianças que consideravam não adequadas. E mais, se a criança faz algo fora do regime tribal, eles a *arranham* em vez de bater. Não se pode sair deste regime. Talvez já haja pesquisas sobre o teor e a pressão repressiva das tribos indígenas que não as deixa crescerem sozinhas. Eles cresceram *copiando* os portugueses. Sozinhos, talvez estivessem até hoje naquela vida de tribo miserável. Mas a porcaria do *bom selvagem* pegou por aqui. Logo o famigerado JiJi Rousseau, que era tão bonzinho que colocava seus filhos, legítimos ou ilegítimos, na roda do convento, na jamela dos enfeitados. O selvagem que não é bom é ele, o bom é o de cá, certamente. Não vi outra pessoa dizer tanta besteira. Seu pensamento pedagógico imperou por causa daquele Iluminismo idiota e totalitário. Esquecemos de ver que o Iluminismo é totalitário ao afirmar que “nós é que sabemos das coisas e o mundo deve ser assim assado”. A única vantagem do Iluminismo chama-se Voltaire, que ficava emulando o JiJi.

Outro tema que o autor aborda é o da **escravidão**, que já veio pronta da África. Ela não foi inventada aqui. A África nunca conseguiu ser unificada. Os territórios brasileiro e norte-americano são enormes, mas cada um é um Estado. Não existe A África, os Estados Unidos da África, porque eles são tribais demais, vivem brigando uns com os outros, escravizando e vendendo as tribos inimigas. Ou seja, no tempo da escravidão, eles já vinham escravizados, não se tornavam escravos *aqui*. Isto, aliás, não é diferente do que ocorre na história do Ocidente. Basta ver a escravidão romana, que não é de negros, e sim de inimigos.

• P – *Duas tendências se estabelecem aqui. Uma, por parte dos índios, repressiva e infanticida. Outra, por parte dos africanos, fratricida, contra a tribo vizinha.*

Os portugueses não tinham nenhum desses dois sintomas em sua história, eram sempre assimilativos e de mistura. Portugal é tão misturado do ponto de vista genético que existem defeitos genéticos específicos dos portugueses. Já notaram que meu nariz é torto para a esquerda? É uma “quebra de simetria” portuguesa, o lado esquerdo é um pouco menor do que o direito. Há certos portugueses em que o lado esquerdo é quase dois terços do rosto em relação ao lado direito. Portugal é uma suruba de etnias.

• P – *Então, no processo de miscigenação que houve aqui, predominou o traço português sobre as tendências presentes nos índios e nos africanos?*

O português era mais rico. O Brasil é português: fala-se a língua, herdou-se a história e toda a riqueza cultural. A miscigenação é um efeito do português. Sobretudo, o que é importante para nós, do ponto de vista erótico, sexual. Qualquer menino da minha geração quase que só transava com as negras, que eram as que davam para nós. As branqueiras eram cabaçadas, as empregadinhas eram dadivosas. Não era preciso forçá-las, elas não tinham os complexos da filha do patrão.

• P – *E como surge o racismo aqui?*

Somos racistas não por sermos portugueses, e sim porque somos gente. **Gente é racista toda vez que se depara com a diferença.** Basta observar que, sempre que se introduz uma pequena diferença aqui nesta nossa instituição, leva um tempo enorme para acabar o racismo e a xenofobia. São o racismo e a xenofobia da espécie que têm que ser diluídos.

• P – *A principal base da ideia de racismo enquanto tal é originária de Segundo Império?*

É, sobretudo, de Primeiro Império. Quando nossa identificação é primária, começamos a tratar a diferença imediata, “corporal”, como exótica

ou até como inimiga. É só depois que aquilo será assimilado, no Secundário. Se temos tal origem e essa origem que temos é menos poderosa que a do outro, este outro começará a nos tratar com desprezo, não por causa da origem, mas por causa do **poder**. É isto que não se entende. Se alguém tiver mais poder – político, financeiro, qualquer tipo de poder –, aquele que tiver menos sofrerá certo desprezo. A pessoa se apoiará no poder que tem para pensar que ela é gente. As pessoas em geral, sobretudo as que não passaram por análise, para se sentirem importantes, precisam minimizar o outro. Isto é um sintoma brasileiro típico. No sintoma norte-americano, por exemplo, quando alguém se sobressai, o outro quer ser igual, a rivalidade é de ser igual ou melhor do que o outro. No Brasil, a rivalidade é de diminuir o outro para parecer que não somos uma merda. Isto não está no livro de Aurélio Shommer, mas precisava ser pesquisado, pois, aqui, as pessoas se sentem melhores diminuindo os outros, diferentemente de certos lugares em que elas se sentem melhores querendo ser tão grandes quanto ou maiores que os outros.

• P – *No livro de Raymundo Faoro, Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro, de 1957, é dito que os portugueses, ao chegarem aqui, delegaram suas atribuições braçais aos escravos, pois qualquer trabalho manual era considerado menor.*

É certa herança aristocrática da Europa inteira: um aristocrata não bota a mão na massa. Mas isto já diminuiu, era muito pior. Os filhos da classe média brasileira, de brancos sobretudo, eram criados de tal maneira que não podiam participar da limpeza da casa, não podiam ir à cozinha. Isto resultou em meninas incompetentes, que não sabem cozinhar, e meninos que são umas moçoilas. Se morarem sozinhos, suas casas serão um chiqueiro. Tive a sorte de, em minha casa, sermos obrigados a lavar privada, arrumar quarto, sala, etc. É uma sorte, o único defeito grave foi não terem me ensinado a cozinhar. Então, quando os portugueses viravam um pouquinho aristocratas queriam ficar parecidos com o resto da aristocracia. Estavam cansados de lavar penico, mas fingiam que não. Quanto a isso, acho a família real inglesa, de Windsor, admirável: os filhos lavam privada, aprendem a dormir ao relento, etc. Vejam



que há uma aristocracia que é idiota que acha que é melhor do que os outros, mas se a situação política der uma puxada no tapete, serão umas bestas por não saberem fazer nada. Ou seja, ao invés de aristocratas, são uns incompetentes.

• P – *Freud, n'O Futuro de uma Ilusão, diz que educamos os filhos para uma festa, quando, na verdade, estão indo para uma guerra.*

Há que educar para a guerra e para a fome. Numa entrevista com Bill Gates, ele foi chamado de pão-duro porque educava os filhos para o pouquinho, mas ele estava certíssimo. A classe média brasileira é mazomba. São uns fodidos que, se melhoram de vida, querem tirar os filhos de tudo por que passaram. É uma imbecilidade!

• P – *Uma família começa a enriquecer; a segunda geração usufrui e a terceira arreventa com o patrimônio.*

É o que se diz: pai rico, filho nobre, neto pobre. Já notaram que em certos países da Europa, nos Estados Unidos também, existem empresas familiares de séculos? As do Brasil acabam, porque filho nobre, neto pobre.

# 19

Quero exemplificar e situar algo que já coloquei como mera afirmação, sem apontar seus lugares de existência, quando disse que, **independentemente da ordem do Mundo e da ordem do Ser, há o sentimento, se não mesmo a percepção, do puro e simples Haver.** Ou seja, do Haver como algo que está incluído em cada um como o sentimento, se não for mesmo a percepção, de que *Há*, independentemente dos modos de Haver, das formações que estão em jogo nesse caso de Haver. Cada um tem o sentimento que a psicologia chama

de *proprioceptivo*: o sentimento de seu corpo, de seus órgãos, suas partes anatómicas e sua estada enquanto corpo próprio. O Haver não é isto, pois quando ele é percebido isoladamente – e é percebido melhormente em casos patológicos –, está presente na ausência e na independência desses sentimentos ou percepções proprioceptivas. Tenho aqui o livro intitulado *Os Hipocondríacos: vidas atormentadas*, escrito originalmente em 2009 por Brian Dillon (Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011), sobre casos de hipocondríacos famosos como Marcel Proust, Andy Warhol, Michael Jackson, Charlotte Brontë... Fiz algumas inferências a partir desses exemplos e também tomei outros casos.

Começo, então, por meu esquema. Digo que os hipocondríacos são de duas espécies: Sensitivos e Delirantes. Hipocondríacos **Sensitivos** são aqueles que não estão inventando o que sentem, e os **Delirantes**, aqueles que não estão sentindo nada. Estes estão inventando doença, mas não têm sensibilidade ou sensação corporal de coisa alguma. Todo dia “têm” um câncer, um enfarte, mas não sentem nada. Quanto aos hipocondríacos Sensitivos, existem os Positivos e os Negativos. O **hipocondríaco Sensitivo Positivo** tem efetivamente sensibilidades corporais estranhíssimas. Deixemos de lado a hipocondria e tomemos a experiência proprioceptiva de cada um. Há pessoas que vão ao médico e sentem coisas que não sabem localizar: estão sentindo “por aqui” um negócio. Há outras – como eu – que sabem localizar. Sei que estou sentindo algo no rim direito, no fígado... Sinto onde estou sentindo, pois, por causa de certo conhecimento da anatomia, sei dizer onde ficam meus órgãos. São, portanto, tipos de sensibilidade diferentes. Então, existem hipocondríacos – os Sensitivos – cujos órgãos se exprimem demais. Eles sentem a presença do fígado, sentem o intestino, sentem a presença do coração e ficam reclamando como se fosse uma doença, mas não é. Estes são aqueles que sentem mesmo e sabem apontar onde estão sentindo. Nem sei se devemos chamar isto de *hipocondria*, talvez seja uma hipersensibilidade orgânica, ou coisa dessa natureza. Abro um parêntese para dizer que esta é uma classificação mediana, pois não sabemos onde está a fronteira. Ou melhor, não há fronteira. Como não somos positivistas, em nosso mundo, quando tentamos fazer classificações, é no sentido de obter modos de apalpar a realidade. Podemos perceber quando

um analisando está apenas delirando, que não sente nada no corpo, que está tudo em sua cabeça. E há analisandos que percebemos que sentem mesmo. Os médicos até lhes dão diagnósticos...

O autor do livro diz, dos que chamo de hipocondríacos Sensitivos Positivos, que “é como se eles pudessem sentir os sentidos em si”. Deve ser incômodo, pois é como as pessoas que têm sinestesia: quando ouvem um som, veem uma cor. Eu tenho sinestesia olfativa. De repente, começo a sentir um cheiro. É porque vi algo na televisão. Sinto cheiros relativos a imagens e falas, mas sempre sou pego de surpresa, pois é sutil: um cheiro de comida, é alguém fazendo comida na televisão.

• P – *Você conseguiu o que todos querem, que a televisão tenha cheiro.*

Mas não sei se o cheiro corresponde ao que está lá, pois é uma invenção sinestésica. Isto é mais comum ser em relação ao ouvido e à visão: a pessoa vê uma cor e escuta um som. Rimbaud certamente tinha sinestesia. Em seu poema *As vogais*, cada vogal tinha uma cor para ele.

O autor continua: “uma camada de sentimentos mais fundamentais que dê base para os cinco sentidos”. O que é isto? Não faço ideia, pois certamente não é o que chamo de **percepção de Haver**. Michel de Montaigne, que é citado no livro, conta em seus *Ensaaios* que, quando caiu do cavalo e quase morreu, sentiu uma coisa esquisita porque não sentia nada, *só estava presente*. É como se não tivesse sensibilidade alguma, mas estava presente. É isto que chamo de percepção de Haver pura e simplesmente, sem experiência proprioceptiva alguma, ou de Ser, ou de Mundo. Não tem nem experiência de Mundo, simplesmente: *está!* O autor também usa a terminologia de Jules Cotard, que trabalhou com Charcot e publicou, em 1882, um trabalho sobre o fenômeno do *delírio de negação*, que quero relatar aqui. Não acho que seja delírio algum, mas simplesmente o que chamei de *hipocondria Sensitiva Negativa*, que é um caso patológico. Não costuma ser comum, a não ser quando conseguimos essa experiência de sacar o Haver independente do resto. Mas essas pessoas não apenas sacam o Haver independente do Ser ou do Mundo, elas ficam nessa situação como Montaigne ficou quando caiu do cavalo. Não há sensibilidade alguma a não ser de estar presente.

Isso ficou com o nome de síndrome de Cotard e o autor diz que, “em muitos aspectos, Cotard foi um precursor dos estudos de Freud sobre Schreber”. Não acredito que seja assim, está enganado. Schreber tem delírios corporais contrários, sensibilizados, de tetas, essas coisas... Continua ele, “o ensaio de Cotard descreve pacientes que alegam não sentir nada porque seus corpos foram parcialmente ou totalmente destruídos”. Ele reproduz algumas citações de Cotard sobre casos que chamou de *delírio de negação*, que hoje chamam de síndrome de Cotard e que estou chamando de *hipocondria Sensitiva Negativa*. “Madame E., 54 anos, casada, mãe, é internada no centro de saúde de Vanves” – um centro psiquiátrico como o hospital Saint-Anne ou la Salpêtrière – “no dia quinze de junho de 1863, após uma tentativa de suicídio. Madame E. está em um estado de agitação ansiosa, imagina que tem uma garganta engolida e um coração deslocado. Em paroxismos de agitação, grita e reclama em tom alto, sempre repetindo as mesmas frases. Todos os seus órgãos foram deslocados e não pode fazer nada quanto a isso”. Não acho que isto seja hipocondria Sensitiva Negativa, e sim hipocondria Sensitiva Positiva, com tudo fora do lugar. O autor é que está colocando tudo dentro do mesmo saco da síndrome de Cotard. Outro caso: “Senhor A., 48 anos, internado no centro de saúde Vanves, em março de 1879, após uma tentativa de suicídio” – as pessoas ficam querendo se matar porque não entendem mais nada –, “está em um estado de intensa agitação ansiosa, seu cérebro amoleceu, sua cabeça é como uma casca de noz oca, não tem pênis nem testículos, não tem mais nada”. Este é hipocondríaco Sensitivo Negativo: não tem mais nada, ficou vazio, só tem *eu* presente, a cabeça não existe mais, o pênis sumiu, os testículos foram embora...

Mais um caso, este o mais interessante: “Sr. C., 45 anos, de constituição robusta, casado, pai. Por volta de março de 1880, começou a expressar ideias negativas e completamente absurdas. Trazido para Vanves em 1890, insiste na ideia de que não é casado, que não tem filhos, que não tem nem pai nem mãe, que não tem nome. Resiste a todos os cuidados relativos a seu corpo, recusa vestir roupas porque seu corpo não é nada além de uma grande noz vazia. Recusa-se a comer porque não tem boca, recusa-se a andar porque

não tem pernas”. Esta é a patologia perfeita: ele está presente, tem plena noção de estar ali falando, mas não tem nada, o corpo, os órgãos, tudo sumiu. Tomo isto como exemplo da **percepção de Haver, sem nenhum Ser, sem nenhum Mundo** – deve ser terrível. O autor comenta que “é melhor uma hiperestesia do que uma distasia”, que seria o embotamento total das sensações. Aqueles que caem nesta patologia de sumiço das percepções ficam numa situação esquisita. Não está neste livro, mas alguns místicos também relatam que não têm mais existência. Como são místicos conteudizados, dizem ter uma existência direta com Deus ou coisas assim.

Tomo esses tipos de caso como exemplares da percepção pura e simples de Haver, como apagamento de Mundo e de Ser. São testemunhos de que o que estou dizendo é verdadeiro. E há pessoas que não têm apagamento, mas têm a distinção da sua posição puramente de Haver, independente das percepções que são conteudísticas de Haver, de órgãos, de Ser, de Mundo, etc.

Dou um pulo para outro caso, *princeps* da história da cultura: **Antonin Artaud**. É fundamental conhecer tanto sua obra quanto a seu respeito. Ele é testemunho de coisas incríveis. Ninguém sabe qual diagnóstico correto lhe dar. Vocês devem saber que, no hospital Sainte-Anne, há o centro Henri-Rousselle, onde nosso caro Dr. Lacan trabalhava. Saíram dali os casos como o da Aimée, que ele tratou em sua tese de doutorado escrita aos trinta e dois anos. Quando meteram Artaud lá dentro, pois achavam que ele estava louco, quem fazia a triagem era o Dr. Lacan, que tinha uns trinta e sete anos, portanto depois de sua tese, e que já devia estar envolvido com psicanálise. Lacan recebeu Artaud para fazer a triagem e não entendeu nada. A primeira fase de Artaud foi de abandono. Tanto é que tentou fazer análise com Gaston **Ferdière**, um dos fundadores da Sociedade Francesa de Psicanálise, justamente por causa do esvaziamento que foi produzindo. Ele foi bater em Saint-Anne em vazio extremo. Ele não estava produzindo, só depois é que retoma sua produção. De 1943 a 1946, tomou choque elétrico, choque de cardiasol, de insulina... Ele dá uma porrada no analista que é perfeita: em uma carta, diz que gostou de fazer análise, que a análise lhe fez bem, que até gostaria de continuar, desde que o analista parasse de dizer “quem e como eu sou”. Você não me conhece. É

por esta via que Deleuze e Guattari esculhambam com a psicanálise. Aliás, a psicanálise está custando muito a ficar abstrata. Observem que todo pensador pensante é melancólico. Infelizmente, sem melancolia não há pensamento. Isto porque ele precisa fazer o luto do Mundo e do Ser. A decepção é integral.

Não acho que Artaud seja situável como psicótico, acho dificilimo lidar com aquilo. Lembrem-se de que ele foi responsável por coisas importantes na cultura do século XX e tinha relações intelectuais com as pessoas notáveis da época, como Breton e aquela gente do surrealismo. Ele foi, então, parar até na mão de Lacan, mas não tinha relações com ele. Além de inventar o *teatro da crueldade* – e é preciso entender bem o que ele está chamando de *cruauté* –, que é fundamental na história do teatro, também inventou algo que persegue a mente de muitos: a noção de **corpo sem órgãos**. Persegue, por exemplo, a mente da dupla Deleuze-Guattari. No livro dos dois, *Mille Plateaux*, nas páginas 185-204 da edição francesa (de 1980), há o capítulo intitulado *Comment se faire un corps sans organes?* (como fazer para si um corpo sem órgãos?). O *corpo sem órgãos* é considerado por eles uma meta-limite a que precisamos chegar. Mas que diabos é o *corpo sem órgãos*? Eles se viram para descrever – e não conseguem. Acho que não há como pegar o que seja *corpo sem órgãos* na obra deles, ainda que cite os hipocondríacos que sentem isto. Não sei se leram Cotard para definir. Quanto a mim, leio, leio e não acho na obra deles uma indicação que possamos ter a respeito desta noção. Estou dando esta noção aqui hoje: **Corpo sem órgãos é o que aparece na hipocondria Sensitiva Negativa**. Parece-me que Artaud estava transmitindo com a ideia de *corpo sem órgãos* o sentimento que tinha de **pura presença** sem nenhum sentimento proprioceptivo. Pura presença, em que os órgãos desapareceram: é um corpo presente, mais nada. Ele chama de *corpo sem órgãos* porque tem um corpo presente, mas é só *presença*, mais nada. Não há aí o proprioceptivo dos órgãos, etc. Artaud esvaziou isto.

Quero levar a ideia de *corpo sem órgãos* mais adiante, pois tem implicações extremas para nós. Deleuze e Guattari dizem algo que pode parecer assustador para quem está lendo, mas faz todo sentido. Eles fazem considerações sobre um texto primoroso e fundamental no pensamento de

Artaud, *Heliogábalo*, que descreve a existência, o comportamento e a vida daquele imperador romano destrambelhento. Artaud o chama de “o anarquista coroadado”, mas o que está situando como anarquia não é no sentido mais comum hoje: Heliogábalo é uma figura completamente *cruel* (no sentido de Artaud). Ele fala de uma anarquia radical na cabeça de Heliogábalo, mas exatamente o que seu Heliogábalo descreve é o que chama de *crueledade* no teatro. Ele produziu o tal teatro da crueldade escrevendo textos, peças e sendo o excelente ator que era. Andava com gente como Balthus, o irmão de Klossowski, que fazia cenários para ele... Então, com aquela loucura *sui generis* que ninguém consegue enquadrar, seu teatro da crueldade é um pensamento tão herético que quer ir diretamente às coisas e recusa historietas de Deus. Seu famoso texto, *Para acabar com o julgamento de Deus*, é terrível. Era insuportável alguém, naquela época, querendo arrasar com tudo. E isto com lucidez: o que ele chama de *crueledade é extrema lucidez*. Exatamente como Freud supõe ser o funcionamento da psicanálise: crueldade pura, lucidez pura. Não me venham com historietas. Portanto, *Ad Rem*, que, lido indireito, é: *Merda!*

Vejam, então, que, para produzir tecnologicamente as **próteses** que produzimos hoje há que passar pelo corpo sem órgãos. Se não, ficamos fixados no orgânico. Aí, começamos a delirar, mas aquilo deixa de ser delírio se virar prótese, uma produção. Isto é caminho de conhecimento, sobre o qual Deleuze e Guattari têm razão ao dizer que é uma postura espinosista, e não cartesiana.

O interessante é que Deleuze e Guattari fazem a associação que está correta, embora pareça monstruosa: **Heliogábalo é Espinosa**. Perfeito! Parece um estupor, mas o que quer dizer isto? Quando Espinosa arrebenta com a estrutura da Europa e cria seu pensamento, *Deus sive Natura* (Deus não é senão a própria Natureza), isto é de uma violência e de uma lucidez que é a crueldade em pé. Ele *acabou* com o pensamento europeu e fez isto sozinho. Jonathan Israel, historiador, em seu livro *Iluminismo Radical: a Filosofia e a Construção da Modernidade 1650-1750* (São Paulo: Madras, 2009), toma a Europa da metade do século XVII até a metade do século XVIII para mostrar que a Modernidade propriamente dita nasceu com o pensamento de Espinosa derrotando o pensamento de Descartes, que ainda é cheio do Outro Deus.

Espinosa fingiu estar lendo Descartes, até publicou a respeito e as pessoas pensaram que ele estava ensinando o pensamento de Descartes, mas não estava. Jonathan Israel diz que Espinosa era um judeuzinho de merda, de uma comunidadezinha portuguesa, era português... Vejam que os portugueses não só descobriram o Brasil, como inventaram a Modernidade. O fato de Espinosa estar na Holanda foi mero acidente, sua família era toda portuguesa. Aliás, sentimos que ele tinha que ser português para fazer o que fez...

Jonathan Israel diz que duas coisas arrasaram com o pensamento europeu, inclusive com Descartes: a simplicidade do universo e a substância única. Ou seja, quem disse primeiro que *o Haver é homogêneo* foi ele. E mais, que o universo é muito simples, ele se pariu a si mesmo, se modifica a si mesmo... Foi por isso que Espinosa foi dejetado da cultura judaica. Ao dizer *Deus sive natura* (Deus e natureza são a mesma coisa) acaba dizendo que o que há a fazer é: *Amor intellectualis Dei*. Ou seja, trate de conhecer o Haver porque Deus é isso. (Já não sou tão espinosista porque, para mim, Deus não é o Haver). Israel também diz algo com que tenho que concordar: “Seria possível que um único autor, solitário, pensando sozinho, com todo mundo contra, no século XVII, português, sem posição acadêmica nenhuma, poderia forjar uma tradição de pensamento radical que tomou todo o continente europeu e que abalou as fundações da civilização ocidental?” Vejam que Espinosa sozinho, em casa, polindo lentes para vender, derrubou a Europa. Nem Adolph Hitler conseguiu...

Falei de Espinosa porque Deleuze e Guattari apontaram a equação: Heliogábalo = Espinosa. O pessoal não suportou a crueldade de Espinosa, pois o que tinham era o Outro Deus, religião armada... A comparação é com Heliogábalo, que, na prática, como imperador louco, arrasou com a situação do que é uma Pessoa. Artaud pergunta: no tempo de Heliogábalo, como todo mundo comia todo mundo, sua mãe transava com todos, era uma cadela vira-lata, quem sabe quem foi seu pai se ele nasceu num berço de esperma? Vejam, então, que **o corpo sem órgãos é o Haver enquanto tal**. Depois, quando ele sofre quebra de simetria, começa a instituir-se organicamente, aí já estamos no campo do Ser, do Mundo. Espinosa viu que o corpo sem órgãos é simplesmente o Haver. Há outra comparação que Deleuze e Guattari fazem e com a



qual também podemos concordar. O corpo sem órgãos, ou seja, o Haver, é o **Tao**. É o que Há. É o Caminho. Não há outro.

Quis hoje chamar a atenção para o fato de que temos testemunhos importantes tanto do lado patológico, quanto do lado filosófico e do pensamento oriental, de que há noção, percepção, sentimento, lucidez a respeito do Haver. Simplesmente, percepção de Haver.

## 20

Quero, hoje, tratar de vários assuntos. Vocês certamente viram o vídeo sobre Anísio Teixeira, disponível no youtube, intitulado *Educação não é Privilégio*, da série *Educadores Brasileiros* (<http://www.youtube.com/watch?v=PO-1liuYGzcw>). Não é muito bom, mas é bastante instrutivo. Tive intenção de dar depoimento sobre Anísio à tal Comissão da Verdade. Alguns contatos foram feitos, mas quando vi o que estavam fazendo achei melhor não insistir. Um dia, darei um depoimento integral.

# 21

Outro assunto. No *Dicionário* da Dama de Lata, meu nome só aparece para ser enxovalhado – mas não deixa de ser uma boa propaganda. Na versão brasileira, acho que publicada pela Zahar, que só agora conheci, vocês encontram termos de minha determinação para a língua portuguesa, mas sem menção a meu nome: só-depois, forclusão, renegação e *Mais, Ainda*, por exemplo. Na época da publicação em francês, 1997, enviei carta desaforada informando que o que ela estava dizendo nada tinha a ver comigo, pois colocou lá o que ouviu de terceiros, certamente inimigos. Não fui entrevistado, apenas uma garota bobinha veio aqui, à qual foram abertos todos os arquivos de nossa instituição. Já comentei sobre isto em meu Seminário (*Comunicação e Cultura na Era Global*, Rio de Janeiro: NovaMente, 2005, p. 201-206). Além disso, a menção a mim na edição brasileira parece bem mais curta do que na francesa.

Sempre tive a preocupação de deslocar a terminologia usada pela psicanálise. Já disse várias vezes que acho um absurdo a terminologia que Freud aproveitou da velha psiquiatria dinâmica, na qual Lacan embarcou e continuou usando nomes como neurose, psicose, perversão... Além de ser antiga, já era uma terminologia ruim quando a criaram. Era uma mistura, uma confusão enorme de termos na psiquiatria. O que “neurose” tinha a ver com “neuro”, com nervos? Naquele tempo, pelo menos, nada tinha a ver. Agora pode até ter. Minha implicância é, sobretudo, com o termo **perversão**. Seja na ordem progressa, seja no pensamento de Freud ou no de Lacan, este conceito é que é perverso, é celerado. Lacan tentou limpar com a ideia de *estrutura perversa*, que é uma bobagem. Por exemplo, a análise que fez em *Kant com Sade* está correta, mas não por causa da perversão. Lacan sabia o que estava dizendo, mas não tinha um dispositivo adequado para explicar. O texto está mal escrito e os inimigos descem a porrada, dizem que foi escrito para vencer Georges Bataille (inclusive na cama, por Lacan ter tomado a mulher dele).

Eles eram amigos, mas contrários em relação à psicanálise – ou à mulher, o que pode ser a mesma coisa. São pequenos detalhes que contam na teoria...

Fica, então, essa pedra no sapato que é o conceito de “perversão”. Já lhes indiquei o livro *Leitura das Perversões*, de Georges Lanteri-Laura (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994), no qual o autor arrasa com a produção do termo. Como sabem, ele mostra que, desde o começo, o termo está ligado à ordem policial e jurídica. Não creio que a ideia de perversão tenha que existir como um aparte nosológico. Tampouco acho que exista isso que chamam de neurose, psicose e perversão. Tanto é que fiz o esforço de mudar até mesmo a nomenclatura para o conceito se tornar mais abrangente. Como estou tratando o aparelho inteiro do Inconsciente como um conjunto de formações, e ele próprio como uma formação, então usei o termo **Morfose**. Falei em **Morfose Estacionária**, parecido com o que antigamente chamavam de *neurose*, mas que não precisa ser a mesma coisa. Morfose Estacionária é própria, abrangerá tudo ou não. Falei em **Morfose Regressiva**, que retirei do âmbito da ideia de *foraclusão*, termo que, como disse, está lá no dicionário da moça. (Os inimigos evitam falar *foraclusão*, falam em *forclusão*, que não existe em português). Não aceito a ideia de *foraclusão* por achar que foi um truque meio de forçação de barra teórica que Lacan fez em seu seminário das *Psicoses*. Havia nele uma grande vontade de economia da teoria e de manutenção do mesmo *padrão* em torno do significante, etc. Retomaremos esta história para ver a importação de Lacan diretamente de Lévi-Strauss, misturando com Saussure: *da interdição do incesto à foraclusão*. Já retirei e passei para o mesmo nível de articulação como **Recalque** e **HiperRecalque**.

• P – *O conceito de foraclusão tem algum tipo de pega na noção de interdição do incesto de Lévi-Strauss?*

Lacan nunca escondeu isto. Ele tomou o Édipo e substituiu pela interdição do incesto, de Lévi-Strauss, como fundação do simbólico. Tomou também a ideia de *passagem de natureza a cultura*, que é outra bobagem a não se repetir mais, no mesmo lugar da interdição do incesto fundando a ordem simbólica. Vejam que a ordem simbólica, de Lacan, tem fundação paterna. Ele confundiu tudo, pois a simples passagem de Segundo Império, no Neolítico, não é fundação

de ordem simbólica. Antes do Segundo Império, as pessoas já falavam, tinham articulação, tinham tudo. Se não, todos lá seriam psicóticos? Um dia, retomarei tudo isso para precisar melhor. Sobretudo, para mostrar a passagem que Lacan nunca confessou, mas que está evidente, que é de Jung a Lacan. Não se nota, e acho que não é dito em lugar algum, mas a resposta é para Jung.

• P – *Didier Eribon, no livro Échapper à la Psychanalyse, (Paris: Léo Scheer, 2005), comenta rapidamente a dívida de Lacan para com Jung. Nome do Pai e simbólico são, para ele, visões arquetípicas.*

Isto é bobagem. Ele tomou o passo que Lacan deu e reduziu para trás. O que quero mostrar é como Lacan toma a ideia de simbólico em Jung, que é figurativa e apoiada nas formações oferecidas tanto pelo Primário como pelo Secundário, e, mediante a ideia de *metáfora*, quer transformar num aparelho abstrato da ordem da linguagem. Temos que perseguir a passagem porque, depois que a metáfora é feita, recai em Jung de novo. É este o problema sério. Tomando de Espinosa a *Natura naturans* e a *Natura naturata*, temos o simbólico simbolizante, ou seja, a produção da metáfora, e o simbólico simbolizado. Já falei bastante sobre a função metafórica ser simbolizante, mas que, uma vez funcionando, torna-se produtora do simbolizado. Então, quando um analisando nos chega, traz todo o simbolizado e está falando o que Jung disse. Como sair dessa? Estou dizendo que destacar a função simbolizante é importante, mas esta função em Lacan está presa demais à ideia de simbólico herdada do estruturalismo de Lévi-Strauss. Por isso, ele fica figurando em cima do Pai dizendo que não está figurando. Não adianta dizer que o Nome do Pai é um significante, pois não existe pai sem significado, não existe esta função significante sem significado imediato. Está assim desde o Segundo Império. Se considero a função simbolizante como produtora do simbolizado, pois lidamos é com o simbolizado, há que saber que este simbolizado é aquele que Jung descreve. O que Jung não sabia era distinguir o figurativo do formal.

Quero deslocar mais ainda – e talvez definitivamente para o corpo da teoria NovaMente – o conceito de *perversão*. Há tempo procuro um lugar para ele e agora ficou claro para mim. O termo que preferi de início foi chamar de *perversidade*, mas vamos chamar com o termo certo: **maldade**. Freud já fez a

bobagem de, em vez de falar meramente de sexualidade polimorfa, chamar de *perversão polimorfa*. Sua intenção era boa, queria dar a resposta àqueles que se atinham ao conceito de perversão. Pensou estar abrandando ao dizer que a criança é um perverso polimorfo, mas piorou. Devia ter dito simplesmente que a criança tem uma sexualidade polimorfa. Tomar esse conceito idiota e colocar de novo faz muito mal à teoria.

Não me parece de modo algum que as variações sexuais sejam perversas. Já disse que as variações sexuais são diversas, mas confundiram diversão com perversão. E quem colocou o termo perversão foi o pessoal ligado à ordem instituída, sobretudo a ordem eclesiástica, religiosa. Tudo que queriam controlar da sexualidade dos outros, embora fizessem isso nos conventos, chamavam de perversão, de pecado, etc. Essa porcaria colou, mas nada temos a ver aí. As diferenças sexuais são meras diversões: cada um goza por onde pode. Então, o que fazer com o conceito quando é aplicado à maldade? A pessoa não precisa fazer maldade alguma para ser sacana. Mesmo o sado-masoquista tem muito fingimento, não precisa machucar ninguém de verdade, é um teatrinho divertido. Se entrar maldade, é maldade, é outra história.

Quando comparece essa perversidade no social, no político, na relação erótica, na relação de dominação, da ditadura ou mesmo do governo constituído com legitimidade, essa perversidade é maldade. Vocês viram que já retirei o conceito de perversão, coloquei o de Morfose Progressiva e expliquei como ela se situa, mas não desenvolvi bem a questão da maldade que, esta, na teoria pregressa, está associada à ordem da Morfose Progressiva. Aviso que não é Morfose Progressiva. Quando encontramos a maldade, sobretudo caracterizada com veemência no que antigamente chamavam de psicopatas ou de sociopatas – e gosto destes termos –, colocaram na conta da perversão ligada ao pecado e à ordem jurídica. Ou seja, misturaram tudo. Está errado. Existe essa perversidade? Sim. Em qual categoria incluí-la? Na Morfose Estacionária, na Regressiva ou na Progressiva? *Em qualquer uma*. Quero mostrar, em qualquer dessas situações, qual é o modelo de articulação que faz com que, agora usando termos velhos, neuroticamente se possa ser psicopata, psicoticamente se possa ser psicopata, e também perversamente.

Em todas as Morfofes há a possibilidade daquilo que chamavam de psicopatia, de celerado, de assassino, de outras maldades, mesmo aquelas descritas pelo Marques de Sade. Uma coisa é a sacanagem que há em Sade, que é científica e deliciosa, outra, é a maldade kantiana – Lacan *dixit* –, o imperativo categórico. O que Lacan não tinha para recortar *Kant com Sade* direito é a ideia de Revirão e a de Halo significante. Ou seja, imperativo categórico pode ser positivo ou negativo. Não adianta dizer que Kant era bonzinho porque sua lei era benéfica e que a lei de Sade era celerada. Lacan tem razão: o imperativo é da ordem da perversidade tanto em Kant quanto em Sade, um positivo – chamem assim se quiserem –, outro, negativo. Lacan está dizendo a mesma coisa, mas não tinha a ferramenta adequada. Portanto, esta mesma coisa não fica esclarecida como posso esclarecer com os conceitos de Revirão e de Halo significante. Lacan está apontando que, no nível do Inconsciente, são a mesma coisa: o império de uma ordenação. “Goza!”, diz Sade. “Respeita o outro como a você mesmo”, diz Kant. Além disso, diz Kant que há uma lei moral dentro de nós. O nome disto é: *sintoma*. Lei moral aqui dentro é sintoma, o qual pode ser positivo ou negativo. E se este sintoma for usado para ser imperativo categórico, Kant será o irmãozinho de Sade. Como Lacan não tem como explicar isto por lhe faltarem os nossos conceitos, o termo fica confuso. Estou, então, dizendo, a partir de hoje, que **toda e qualquer perversidade precisa ser observada para ver se é de natureza estacionária, regressiva ou progressiva.** É preciso arranjar um novo nome para ela. Se ela funciona em qualquer situação das Morfofes, o que acontece que faz com que uma Morfofe, de qualquer um desses três tipos, possa ser perversa – isto é, perversista, maldade – ou não? Conforme a história me mandou, comecei a pensar sobre a ideia de Morfofe Progressiva – a história me mandou obedecer à ordem da perversão para pensar isto –, mas, de tanto pensar, percebi que não está na Morfofe Progressiva, e sim em qualquer das Morfofes.

Em 1907, Bleuler inventou o termo genial de **autismo** para explicar (não o autismo dos nossos tempos, mas) como os psicóticos funcionavam. Depois, o termo migrou e foi parar nos síndromes específicos dos chamados autistas de hoje. Não acredito de modo algum que, no sentido desta psicaná-

lise, autismo seja uma Morfose. Para mim, autismo é da ordem do Primário, é defeito no Primário. Cada vez mais parece que se consegue comprovar isto. A última tese de que tomei notícia e que me pareceu interessante é de um americano genial, especialista em infectologia, um dos maiores nomes da América. De um tempo para cá, a taxa de crianças psicóticas baixou, o autismo está aparecendo muito e ele está descobrindo, com prós e contras, que *o autismo é um problema intestinal*. Como o autismo só aparece a partir dos três anos de idade, ele descobriu que sempre há uma história de muito antibiótico na vida anterior das crianças autistas. Nosso intestino é uma fábrica de porcaria, que não é a merda, e sim a quantidade de bactérias, cerca de dez mil diferentes. E há certo micróbio cujo crescimento populacional no intestino se mantém controlado pela guerra com outras bactérias, mas, quando dão antibiótico demais, matam muitas cepas de bactérias e esse micróbio fica reforçado, sem os inimigos. É um problema ecológico dentro do intestino. Então, como não tem os inimigos, produz uma toxina que destrói o cérebro da criança. É bonita a tese. Retira o autismo da nossa cepa: **nada temos a ver com autismo**. Podemos até cuidar de autistas, não nos custa nada, mas eles não são um problema psicanalítico, e sim um problema de estrago cerebral. E mais, diz ele, que não tem conserto. Se estragou nessa idade, não há volta. Entretanto, se as bactérias que a criança perdeu forem repostas, o autismo (não acaba, mas) diminui. Há que dar condições de re-equilibrar a flora intestinal. Ou seja, é um problema ecológico.

## 22

Tomei o termo *autismo* de Bleuler para mimetizar o termo que trago agora para o que se chama perversidade, perversão e que não tem a ver necessariamente com Morfose Progressiva. Pode até ter, mas não necessariamente. O termo que trago é: *Autarquia*, que, em português pode ser também **Autarcia**. Acho mesmo que, para nosso uso, fica melhor Autarcia. Há vários sentidos para autarquia, jurídicos, técnicos, etc., mas dois são importantes para nós: *poder absoluto* e *auto-suficiência*. Uma autarquia pode ser algo que tem um poder tomado como absoluto e não relativo, e que tem auto-suficiência. Quando o termo é aplicado à economia, uma autarquia é aquela que tem auto-suficiência, isto é, não tem dependência econômica. Uma autarcia ou autarquia, no sentido geral, é então a ideia de poder absoluto.

- P – *Pensei que você fosse chamar de tirania. Leo Strauss tem um belo estudo sobre a tirania, De la Tyrannie (Paris: Gallimard, 1983).*

A tirania é uma espécie de autarcia. Não gosto do termo porque τύραννος, em grego, é o rei: Édipo *Tirano* é Édipo Rei. E se o rei é perversista, as pessoas dizem que aquilo é uma tirania, mas tirano é o rei. O rei não precisa ser perversista, não precisa ser mau. O que é um perverso, chamando agora corretamente, o cara da maldade, da perversidade? Pode ser um neuroti-cozinho que pegou sua função recalcada, elevou-a à categoria de dominância e faz o que quer com os outros porque a situação permite. Isto fica mais nítido num psicótico, numa Morfose Regressiva, pois aí é um HiperRecalque. Vemos isto demais, pois há muito psicótico no poder. Acho Adolph Hitler um psicótico, e mesmo um Mao Tsé-Tung.

- P – *Mao era um excelente político.*

Hitler também. Gênio do mal pode ser para qualquer lado.

- P – *Olha como a China está hoje, virou outra coisa.*



E olha como a Alemanha virou o país mais rico da Europa. Terá sido por causa de Hitler?

Então, apoiado sobre seu núcleo, sobre o significado da formação que, no caso do Estacionário, é recalcada com todas as formações recalcentes, no caso do Regressivo, é hiperrecalcada, ou que tem a insistência do Progressivo, em cima de qualquer desses fenômenos pode acontecer o fenômeno de uma postura autárquica. Em havendo condições, declaro a minha significação como poder absoluto, como vontade absoluta, como significação absoluta, ou seja, por cima de qualquer outra. E nem é preciso colocar a palavra *Ego* aí. As fundações mórficas são suficientes no caso do Progressivo, o HiperRecalque no do Regressivo, e o mero recalque no do Estacionário. O que impede, por exemplo, que um neurótico, um Morfótico Estacionário, em havendo condições mórficas, venha a funcionar desse jeito? A pessoa pode ser só um neurotiquinho, mas ganha poderes, forças e situação de autarcia no mundo, e passa a funcionar assim. Vejam que é muito mais da ordem da *funcionalidade* do que da ordem da estrutura nosológica. Lacan fez um esforço enorme, Freud fez um pouco também, para dizer que se trata de uma estrutura específica da nosologia, mas não é. A questão é funcional, depende da funcionalidade em que o Morfótico está situado.

Pode ser que, simplesmente, a pessoa seja tão maluca, tão Regressiva, que se atribua e diga: “eu sou o rei, eu mando, eu faço”. Ou seja tão esteeda em sua fundação mórfica, caso do Progressivo, que, em tendo circunstâncias, toma o poder absoluto diante do outro. O que é um *torturador*? É necessariamente uma Morfose Progressiva? Andei vários anos dentro do Exército e acho que não é. Aquilo é mais um bando de neuróticos ou de psicóticos.

- P – *Autarquia lembra funcionalismo público.*

Por exemplo. Max Weber já deixou claro que o cúmulo da perversão é a *burocracia*. Em programas de humor na TV sempre tem um burocrata sacaneando todos com a sua burocracia, ela serve para sacanear os outros. A burocracia, portanto, é uma autarcia. Basta ler *O Processo*, de Kafka. Estou, portanto, retirando da nosologia estrutural e dizendo que qualquer Morfótico,

dadas as circunstâncias de funcionalidade adequada, torna-se um monstro autárcico. Qualquer um de nós pode, eventualmente, dada sua situação de vida, estar exercendo um autarcismo.

• P – *Eu que sou alemã e vivi na Alemanha no início da implantação do nazismo sempre achei que o que lá aconteceu foi possibilitado pela burocracia.*

Podemos entender que o movimento da autarcia, no sentido psicanalítico que estou colocando, é a própria estrutura da burocracia. E Max Weber viu tudo isso.

• P – *Há a tese de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.*

Ela tem razão, é banal. Eichmann é simplesmente um neurotiquinho que caiu naquela loucura de poderes do nazismo – e mostrou o monstro que está dentro de cada um de nós. Ela está dizendo que está aqui dentro, cuidado! Dadas as circunstâncias, fazemos coisas incríveis.

• P – *Em termos de Brasil, temos essa banalidade narrada no livro de Daniela Arbex, O Holocausto Brasileiro (São Paulo: Geração Editorial), sobre 60 mil mortes durante décadas no hospício de Barbacena.*

É o nazismo mineiro. Acho, então, que a partir de hoje temos uma ferramenta adequada para acabar com a ideia de perversão. Eu já tinha criticado e indicado que existe uma Morfose Progressiva. Graçasadeus!, pois não se faz nada em ciência, filosofia, arte, etc., sem ela. As Morfofes Estacionária e Regressiva não fazem.

• P – *O que acontece é que tomamos um sintoma e o autonomizamos numa máquina burocrática?*

Toma-se uma formação que consideramos patológica, nosológica até, que há em cada um de nós, para ser uma dessas coisas ou até as três. Freud, com razão, dizia que, na verdade, sempre temos as três formações: um pouco de neurótico, de psicótico e de perverso. Usando nossos termos, temos dominâncias de Estacionário, Regressivo e Progressivo. Temos dominância de uma delas e, no que a dominância é forte demais, isso toma poderes e arranja

situações no mundo financeiro, com perversidade econômica, por exemplo, no mundo social, com perversidade política, no mundo médico, no mundo jurídico... Está tudo solto por aí, vemos que o troço é autárcico. O nome que se dá juridicamente é *abuso de poder*. É disto que estou falando e que chamo de perversidade: abuso de poder. Assim como o professor, o cara que tudo que queria era ser diretor da escola, mas é um sádico e escroto, com inveja dos adolescentes, massacrando-os. É o recalque funcionando ali como autarcia. E não posso deixar de falar, o “analista” perverso, que, ao invés de ser *analista*, toma seus poderes para fazer as barbaridades que faz.

• P – *E o caso da fobia, que, em seu Seminário de 1989, sobre a Est’Ética da Psicanálise, você colocou como tendo a mesma estrutura da perversão, ambas agrupadas na morfose? Na época você utilizava o termo morfose apenas para o caso do que hoje chama de Morfose Progressiva.*

No sentido que coloco agora, a fobia não é o contrário da perversão, e sim o negativo da ordem Progressiva: é a ordem Progressiva em negativo. Com a introdução de hoje, temos que mudar a fala. Eu dizia que a fobia era o avesso da perversão, mas digo agora que é a Morfose Progressiva em estado negativo. E tem mais, não adianta lutar contra a fobia. Quando nos deparamos com o fóbico, há que procurar o positivo dele. Tenho provas concretíssimas disto na clínica.

• P – *Você considera o trabalho descritivo de Sade, de que você já tratou em 1996, no Seminário ‘Psychopahtia Sexualis’, tanto na ordem da diversão quanto da autarcia?*

As duas coisas. Diante da obra de Sade, não me interessa saber se ele, Sade, é ou não um perversista, um autarcista. Se quiserem estudar a pessoa Sade, que estudem, mas estou falando de sua obra, que, para mim, é Progressiva no sentido científico. A coisa que é proibida de falar – até certo ponto porque há o “inferno literário”, da biblioteca de Paris –, este inferno é tão científico quanto o de Sade. Ele, a meu ver, vai mais longe, pois toma as manifestações associadas ao Progressivo da sexualidade e as descreve completamente, com todo o horror. Então, sua obra é uma obra de ciência, é uma

mentalidade científica, bachelardiana. Como as pessoas ficam horrorizadas diante da leitura, e como também se costuma atribuir à pessoa do Marquês a perversidade, misturam tudo, quando não é para misturar. Mesmo que ele tenha sido um perversista da maior espécie, estou falando da *obra*. Aliás, ele parecia ser esquisitissimamente obsessivo. Se fizermos uma comparação da pessoa de Sade com Gilles de Rais, veremos que Sade é uma criança inocente. Gilles de Rais tem a questão da sexualidade até a morte. Acho que o grande exemplo de autarcia não é Sade, e sim Gilles de Rais. Já aconselhei que lessem *O Processo de Gilles de Rais*, em que Georges Bataille faz um excelente trabalho de levantamento do processo dele.

Vejam que estou generalizando ao dizer que qualquer formação nosológica, qualquer formação estrutural da nosologia, pode resultar em autarcia. Não é necessário ser uma fundação mórfica, pode ser um HiperRecalque ou um mero recalque. Simplesmente você está em cima de sua situação de recalque, com todos os ressentimentos que ela geralmente ajuda a produzir. Aí, as condições externas começam a dar poderes incríveis e, inconscientemente para o povo que está dando estes poderes, está dando a você em cima da sua ordem recalcante. O que você faz, já que seu sucesso político está dependendo diretamente de sua ordem de recalque, na qual as pessoas estão votando? Ora, é a sopa no mel, você faz o que quer.

• P – *Estudamos aqui durante este ano textos de Pierre Clastres, Vianna Moog, Raymundo Faoro, entre outros, para articular a questão da instituição psicanalítica com a perversidade social e podemos destacar nesta conexão os aspectos da nomeação, apropriação e titulação.*

Foi bom você lembrar, pois tem tudo a ver. Aí está a formulação burocrática.

• P – *Um soldado precisa ser um assassino?*

Ele não precisa ter o tesão de matar, pode ter apenas a obrigação. Mas a pessoa pode se aproveitar de estar com a arma da mão e dentro da permissão de matar para exercer a sua autarcia. As circunstâncias favorecem a que um mero neurótico comece a tomar gosto pela coisa. Nunca fui para a

guerra, já fui para manobra militar, que é também assustador, mas sabemos que é de mentirinha. Do pessoal que vai para a guerra, tipo Vietnã, etc., muitos retornam com a sede de matar, começam a ter tesão naquilo. Mas é algo que está dentro de qualquer um de nós. Um dos motivos por que não gosto do conceito de foraclusão é que não inclui que qualquer um pode ficar psicótico: dadas as circunstâncias, a sua ordem recalcada pode funcionar como HiperRecalque. O que estou trazendo é mais freudiano que lacaniano, tem a ideia de funcionalidade, de quantidade, de intensidade, de gradiente.

• P – *Se é a funcionalidade que permite que dada ordem recalcante se aventure pelo HiperRecalque, então a Morfose não é algo estanque.*

Depende de como ela vai funcionar. Quantos neuróticos há à nossa volta durante o dia? São milhares, que até se comportam direitinho. Por quê? Porque as coisas estão funcionando. Mexe na funcionalidade para ver o que fazem com você. Esquecemo-nos de que a ocasião faz o ladrão, faz o assassino, faz comparecer coisas incríveis. É bom teorizar para termos um plano de entendimento, mas não podemos bater de frente com o que existe. O grande analista de Freud foi Charcot ao dizer que “teoria é muito bom, mas não impede de existir”. Freud botou o galho dentro na hora.

• P – *A hipótese hobbesiana do Estado Leviatã é a suposição de que é preciso haver o monopólio da autarcia na mão do Estado.*

É preciso uma instância de abstração, de governo, que tenha o direito dessa autarcia, o direito de matar na guerra, o direito de que isso seja uma instituição, e não pessoas. Só que as pessoas se apoderam da instituição.

• P – *Geoffroy De Lagasnerie, no livro A Última Lição de Foucault (São Paulo: Três Estrelas, 2013), que também estudamos aqui, diz que Foucault viu que a esquerda é totalizante neste sentido.*

Foucault chama a atenção para que é mais fácil ocorrer um pensamento totalizante, mesmo que não totalitário, como são o pensamento de esquerda, o socialista e o comunista. O pensamento liberal não é totalizante. Eles dizem que é individualizante, mas não é preciso usar esta palavra. É, em meus termos, um **pensamento polarizante**: cada um, um polo – e isto não é

um indivíduo. Já mostrei que meu conceito de **Pessoa** não é o de indivíduo ou o de sujeito. Estou forjando um novo conceito de Pessoa, que não é o da Igreja, o dos existencialistas ou o de personalistas como Emmanuel Mounier. O conceito de Pessoa é: Primário, Secundário e Originário, com polo e franja. Então, Pessoa é uma polarização.

• P – *A pedofilia é diversão ou perversidade?*

É uma diversão como outra qualquer. Não se pode dizer isto fora daqui, pois imediatamente vem o massacre. Qual é o problema de alguém ter tesão no que ele tem tesão? Nenhum. O problema é social e político, não é psíquico ou sexual. É preciso entender a mistura que fazem. Quem faz o crime é a lei, e não o ato. O ato é o ato.

• P – *E o caso daquele americano que prendeu as meninas de treze anos no porão?*

É autarcia. Como está tudo misturado, nem se pode argumentar que as meninas não eram tão meninas para que aquilo fosse chamado de pedofilia. Elas foram trancadas porque o cara é um tarado autárcico, e não porque ele tinha tesão nas meninas. Aliás, quem não tem tesão nas meninas?

• P – *A ocasião faz o ladrão e é mais fácil fazer maldade com pessoas pequenas do que com as de seu tamanho. Há desequilíbrio de forças e quando se junta pedofilia com autarquia há maldade.*

Sim. Alguém achar que as crianças são um tesão é uma coisa. Outra, é o fato de que há uma relação política e social que não pode permitir que se faça aquilo. Se alguém é um pedófilo e não pode gozar com as criancinhas de cinco anos – mesmo porque há outros interesses em jogo e não se pode passar por cima de ninguém –, o que impede que ele veja uma história em quadrinhos sobre o assunto? É só um desenho. Ou, se não, inventam-se uns bonequinhos robôs. Aí não se estará fazendo mal a ninguém. Caso contrário, é falta de respeito com a fundação mórfica do outro. Podemos dizer que não pode não apenas porque prejudica a terceiros como também porque está na lei – e eles, então, que se virem dentro do tesão como ele puder ser realizado. É simples, mas as pessoas os chamam de monstros. Não são, têm um tesão igual a qualquer outro, só que diferente.

• P – *Saiu no jornal que cinquenta e oito por cento dos estupros no Rio de Janeiro foram com meninas entre oito e treze anos.*

Talvez seja mais do que isso. Mesmo porque é mais fácil engambelar um jovem. Mas é preciso assumir que a pedofilia é a estrutura da sociedade. **A sociedade é pedófila**, com sua pedagogia, etc. Só vive pensando nas crianças e gozando, o tempo todo. No fundo de todos, há um tesão nessa coisa jovem. Recalcamos, suspendemos, delegamos, mas há.

• P – *Mas nem todos são Lewis Carroll para resolver artisticamente sua pedofilia.*

Ele resolveu sua pedofilia fotográfica e literariamente. Basta ver a fotografia que fez da Alice, em que transmitiu todo seu tesão. Não podemos cair em conversas idiotas sobre pedofilia, precisamos ser um pouco mais lúcidos.

• P – *Tomando por outro lado, começaram uma pesquisa sobre mortes na terceira idade e pararam, pois viram que quase metade das mortes era causada pelos próprios companheiros.*

Isto pode ser brilhante. Vejam o filme *Amor*, de Michael Haneke. Lá não há perversidade. Trata-se de amor puro, de amai-vos uns aos outros, é cristão.

• P – *Mas, no caso da pesquisa, parece que as mortes eram causadas por ódio.*

Isso tudo está misturado. Amor é essa coisa. Ou você pensa que amor é o quê? Amor é ódio positivo, e o ódio é o amor negativo.

• P – *No momento atual de diminuição de contenção das vontades, há grande facilidade para o aparecimento desses fatos.*

Os fundamentos foram para o brejo e as regras se mostraram meio cafajestes. Ora, cada um se vê mais ou menos liberado para exercer sua autarcia. Este é o drama, é terrível.

• P – *Se aplicarmos sua ideia de que nada obriga à HiperDeterminação fica mais terrível ainda.*

Você pode ter grandes tropeços trágicos e hiperdeterminantes, tragicamente levar uma porrada e passar por uma HiperDeterminação à sua revelia. Pode-se, então, dizer que isto suspende minha ideia de *nada obriga*, mas quando digo isto é no sentido do movimento cotidiano do mundo. Momentos trágicos ou são destrutivos ou são construtivos. Aí, ou você sucumbe ou vira herói. Os momentos trágicos são temidos justo porque você tem que ir lá na beira do Cais Absoluto e, de duas uma, ou desabar ou tornar-se o herói que venceu, ultrapassou e foi em frente. O herói é aquele que não apenas suportou, mas criou um estado novo, uma nova situação de mundo para ele. Se você chega à beira do Cais, no limite do trágico, fica encagaçado, vai sucumbir, tem que dizer: “Foda-se! Vou passar por cima disso nem que morra”. Herói é aquele que arriscou a vida.

• P – *Tem gente que diz que é aquele que não fugiu a tempo.*

Há situações que não têm fuga. A fuga é simplesmente a derrota. Tomem a história de vida de qualquer um desses humanos que fizeram coisas grandes e verão que até Heidegger tem razão ao dizer que, para ele, pensar é ultrapassar o trágico, é o risco supremo. E é. Ter a audácia de pensar é heroísmo porque estamos nos arriscando às piores coisas. Basta a turma em volta mudar de ideia que estamos ferrados.

• P – *É segundo o entendimento de que só se faz passagem na ordem do Progressivo que podemos dizer que a produção de um Império, no sentido do Creodo Antrópico, é Progressiva. Já a instalação é religiosa.*

A instalação é geralmente religiosa porque as pessoas em geral são estúpidas.

• P – *Você colocou uma diferença entre a ordem do religioso e a do eclesiástico. Neste segundo caso você estaria chamando atenção para o aspecto do autárcico do processo? O eclesiástico tem vocação burocrática.*

Parece que não há saída. O lacanismo, hoje, é uma igreja, as IPAs da vida são uma igreja... Lança-se uma ideia no mundo e parece que as



peças não conseguem assimilar de maneira progressiva, isto é, continuar na produção. Elas imediatamente fazem uma religião, isto é, ficam rezando as ideias como beatos. Então, ao invés de as ideias serem funcionais, viram rezas, catecismo. E quando essa religiosidade se estrutura burocraticamente, vira um verdadeiro Estado, estamos numa igreja. Aí começa tudo de novo, a igreja se empenha em impedir o pensamento e tem que haver outra guerra, alguém tornar a pensar. Não há escapatória, pois se você abre a boca e fala, qualquer um pode fazer uma igreja com seu nome. Outro dia, olhava o romance que alguém escreveu sobre a vida de Espinosa. O escroto do autor – que não li, mas estou logo chamando assim – coloca na capa do livro que Espinosa foi influenciador de grandes nazistas. É claro que alguns nazistas tomaram Nietzsche, tomaram o diabo, mas o que Espinosa e Nietzsche têm a ver com aquilo? Então, o que a gentinha que passa na livraria e vê uma coisa dessas vai pensar de Espinosa? Já imaginaram o que seria tomar o pobrezinho do Espinosa e fazer uma igreja espinosista?

## 23

O JiJi Rousseau é um idiota, um idiota brilhante. Felizmente, existe Voltaire no Planeta. Acho inteiramente tola a aposta na boa vontade humana que vemos em vários autores. O mundo não anda por solidariedade, e sim por necessidade. Michel Foucault não está nessa. Podemos ver isto na exposição que Geoffroy De Lagasnerie faz no livro *A Última Lição de Foucault* (São Paulo: Três Estrelas, 2013) que recomendei que lessem. Ele chama a atenção para o fato de Foucault ver que há uma vontade de utopia também no liberalismo. Este é tão utópico quanto qualquer Esquerda. Aliás, o liberalismo

começou com o socialismo antes da Esquerda. É pura mitologia a ideia de que a Esquerda seja libertária e progressista. Ela é, na verdade, retardatária.

A posição que interessa, como indica nosso referente, é o Revirão. Só podemos pensar em futuro com políticas *ad hoc*. Não se pode decidir politicamente de maneira partidária, pois toda decisão partidária é hemiplégica. O Planeta já está grandinho o suficiente para saber que há atos socializantes e atos liberalizantes a serem tecnicamente utilizados no momento adequado. Alguns autores já pensam na possibilidade de uma economia que, em meu sentido, não seja partidária. É o caso do livro cuja leitura também lhes recomendei, 23 Coisas que não nos Contaram sobre o Capitalismo (São Paulo: Cultrix, 2013), cujo autor, Ha-Joon Chang, procura um caminho, que não é do meio, mas que, em minha terminologia, seria *ad hoc*, de Revirão. Quem comandar a economia de um país, por exemplo, terá que puxar para cá quando correr demais para lá, e puxar para lá quando for o contrário. Não se pode mais ter posição partidária dentro da economia e tampouco dentro da política. A ideia de *partido* é a ideia de atuação sintomática, é uma ideia de neurose. As concepções dos partidos devem ser tratadas tecnicamente. Em pleno século XXI, em virada de Terceiro para Quarto Império, ninguém pode dizer que é tal coisa ou que pertence a tal partido. Já está claro que ninguém é coisa alguma, e sim que *tem* coisas. É porque tem que dá a impressão de que é. O que há são opções de operação.

Foucault denunciou que a Esquerda é totalizante e que, portanto, tem vocação totalitária. Não direi que a Direita seja o contrário, e sim que o pensamento liberal é anti-totalitário, anti-totalizante, é da multiplicidade. No Ocidente, é este pensamento que começa a se reforçar com Stuart Mill, com o pessoal inglês de seu tempo e que foi abafado pela vitória – momentânea, durou cerca de setenta anos – do comunismo soviético e pela glória do marxismo. São totalizantes até no fato de que não se podia, nessa época, falar de outra coisa que não fosse de marxismo. Os mais jovens não viveram isto, mas o mundo estava tomado por Marx, o Deus, aquele que descobriu a pólvora. Sempre achei que ele, mesmo sendo brilhante, diz muita bobagem. Qualquer um que o criticasse era tachado de fascista no ato. Saltava-se diretamente de comunista para fascista.

• P – *Parece que o Brasil passou da ditadura para o Estado neo-liberal. Não tivemos o Estado de bem-estar social.*

Não esquecer, no meio, Getúlio Vargas, que fez o Estado trabalhista. Ele não pensava em bem-estar social, e sim em trabalhismo. No final da década de 1940, início da de 1950, o pessoal de baixo tinha adoração por ele. Ele fez tremendas negociatas com Roosevelt, mas saímos ganhando. Só entramos na Segunda Guerra por ele ter conseguido coisas como petróleo, aço... Os americanos ganharam a base aérea de Natal, chamada de *trampolim* para ataques na África. Zenóbio da Costa e Castello Branco bancaram os heróis... O mais aberto que tivemos depois foi Juscelino Kubitschek, que era liberal. Tudo cresceu com ele. Só não o perdoo por ter mandado Oscar Niemeyer fazer aquele bando de bolos de noiva, mas este nosso país é esquisito mesmo. O liberalismo é mais filosófico e ideológico do que econômico. É mais de ideias do que de ação econômica direta. Aposta na iniciativa privada como fator de desenvolvimento, mas não coloca todas as fichas no Mercado. Fernando Henrique Cardoso também não era liberal, embora tenha feito privatizações, etc. Neo-liberais são Margareth Thatcher e Ronald Reagan. O paternalismo brasileiro faz com que todos achem que o Estado é responsável por tudo, é ele que tem a iniciativa. Isto, aliás, é estamentário, coisa de português. A postura que tomo é que uma posição socialista, de bem-estar social, não pode sufocar a outra, liberal. O que nossa psicanálise tem a dizer é que é preciso ser anti-partidário e anti-ideológico. Ser o mais técnico possível. Se a aposta é demais no Mercado, sufoca-se o povão; se é demais no povão, paralisa-se a produção. É uma questão de equilíbrio (em psicólogos, isto se chama *homeostase*).

• P – *Os povos escandinavos seriam o quê? Jogam com o mercado e com o bem-estar.*

Eles têm um socialismo de capital. E mais, são comparativamente menos numerosos, são civilizados, não são católicos ferrenhos, há controle de natalidade, não ficam fabricando escravos como nós. Nunca se atingiu um estágio civilizatório decente por aqui, com um mínimo de educação, de operação mental, técnica... É preciso, pois, uma mentalidade não-partidária fora tanto da tendência do pensamento liberal extremo, que é a anarquia,

quanto da do social, que é o totalitário. O que qualifica mesmo o pensamento liberal é investir na iniciativa privada, achar que é ela que produz, cria bens...

• P – *E o Estado mínimo?*

É uma das ideias sócio-liberais, de Robert Nozick. Fica no meio como um Estado que continua segurando a situação, mas que não intervém demais. Acho que o Estado intervém demais na vida das pessoas, ele é abusivo. Que ele queira equilibrar a economia, tudo bem, mas se meter em minha vida, não. Isso é algo totalitário e que está na cabeça da Esquerda que está no poder aqui. Não é o caso de ficar contra o Estado. Os anarquistas é que são contra a existência do Estado, mas sem Estado nada funciona. Como estou pensando de maneira vetorial, digo que, se procurarmos a extremação do vetor liberal, ficaremos mais perto da anarquia, mas sem Estado não dá, é complicado demais. Por outro lado, é preciso limitar a ação do Estado, pois seu poder vai crescendo e chega a um ponto em que dirá como deve ser nossa casa, como devemos ir ao banheiro... E a tendência do socialismo é burocrática, tem muito mais vontade de burocracia do que o liberalismo.

• P – *No livro de Ha-Joon Chang, que você mencionou, diz ele que a política migratória dos países escandinavos é o próprio desenvolvimento deles. Não são apenas medidas a respeito do clima que os preocupam, mas também o controle da natalidade, o controle de quem está entrando, de quantos podem entrar...*

O Planeta está sobrecarregado, a produção não é compatível com a natalidade e a competência é mínima. Quanto mais a produção de *próteses* – disto que chamam de tecnologia – fica refinada, menos se precisa de pessoas. Mas aí a ideologia religiosa e politiqueira diz que não se pode fazer contenção de natalidade, que é *eugenia*. Não se tem coragem para dizer que queremos que as pessoas nasçam cada vez melhores e mais adequadas. Não é uma guerra genética, não se trata de determinar que tipo de pessoa vai nascer, e sim a quantidade e a melhor qualidade nas melhores condições possíveis. Não estou falando da ideologia eugênica, e sim da palavra *eugenia* que quer dizer *nascer bem*, produzir seres bem cuidados. *Eutanásia* – algo também proibido por

aqui – é o contrário da eugenia, é a pessoa ter o direito de morrer serenamente, sem ter que dar um tiro nos miolos. O que temos é ideologia de domínio produzida sobretudo pelas religiões, que são totalitárias. Pode parecer que não são, mas só porque perderam o poder. Devolvam o poder para a Igreja católica que o Chicão perde o emprego no ato e quem volta é o Ratzinger. Ele está lá empregado porque o pessoal não sabe mais o que fazer para não ir à falência. O Chicão é uma espécie de Tancredo Neves, aquele que carregava o barril de vaselina da República.

Durante os séculos que a Igreja conseguiu sobreviver, sempre que mexeram em seu poder, deu um jeitinho. Chicão agora diz coisas como: “Quem sou eu para julgar os gays?” Qualquer dia, está dando... razão para todo mundo. Eles fazem qualquer negócio no momento necessário. Seguram e, quando não dá mais, soltam a franga, mas se têm poder demais, colocam na fogueira ou ameaçam fazê-lo. Atualmente, estão perdendo poder, perdendo massa e se virando como podem.

## 24

Os evangélicos são mais eficientes em matéria de **magia**. Estudem a história da magia e verão como funciona. Aliás, aproveito para recomendar a leitura do livro de Henri F. Ellenberger, *Histoire de la Découverte de l’Inconscient* (Paris: Fayard, 1994). O original é em inglês, de 1970. Um excelente trabalho sobre magia e sobre psicanálise, sobretudo por não ter ranço da IPA, de Ernest Jones... Entenderemos por que os evangélicos de madrugada, na televisão, pedem que lhes enviem garrafas com água para serem benzidas e devolvidas a seus donos. Aquilo vira curativo – e cura! Como é um povão boçal, se lhe for oferecido um

aparelho mágico imediato, todos aderem. A própria Igreja católica está retomando com força suas operações de exorcismo que tinham sido abandonadas. Outro dia, Chicão já fez todos os gestos de exorcismo em plena praça pública. Ele é muito esperto, foi exorcismo, mas disfarçado. Aliás, até psicanalista pode fazer isso, pois dá certo. Disfarçadamente, fazemos alguns gestos, alguns atos, que sabemos que são mágicos. Já tive um analisando que me enviou email dizendo que descobriu que eu era um talismã. Para ele, funcionou. Suspende a pessoa por tempo suficiente para retomarmos o processo. Isso está no miolo da humanidade. Não adianta xingar Jung, é melhor entender o que ele fez: destrinchou as formações simbólicas e as descreveu uma a uma – isto é *leitura*. Não gosto disto como terapia, mas, se for preciso, usemos. Sobretudo, não é para crer, pois é formação simbólica decantada. Isto não cura, isto atravessa, usamos como travessia. Jung descreveu formações. É para acreditar naquilo como existente? Sim. É para pensar através daquilo? Não.

A magia é a ciência que não atravessou o Secundário. Há relatos de tribos primitivas, de situações especiais em que a coisa funciona mesmo, até em nível primário. Os autores dizem que as condições para isso são: 1) o suposto doente tem que acreditar, tem que ter fé naquilo; 2) o curandeiro também tem que ter fé, pois, se estiver fingindo, não vai funcionar. Houve um antropólogo francês que esteve na Bahia na década de 1970, meteu-se no candomblé e começou a fazer aquelas coisas lá deles. O pessoal o mandou cair fora, pois ele estava fazendo teatro e não estava com fé naquilo. Se não tivermos fé, não recebemos o espírito. O que é receber o espírito? É incorporar um sintoma de fato, e isto não ocorre fingindo ou fazendo teatro. Não adianta fazer os gestos, pois o pessoal percebe. E, continuam os autores, 3) toda a sociedade local tem que acreditar, aí funciona. Nosso ponto não é dizer que é credence, e sim perguntar como funciona.

• P – *O médium João de Deus atrai gente do mundo todo para Goiás. Já foi entrevistado no programa da Oprah, há filas enormes para consultá-lo e as pessoas saem curadas.*

Se as pessoas acreditarem, se curam. Há gente que simplesmente morre e há gente que se cura.

- P – *De um câncer?*

A tudo que for psicológico e psicossomático, ele tem acesso. Mas, quanto a um câncer, já acho esquisito, pois não considero que câncer possa ser psicossomático.

- P – *E como saber quando é uma coisa e quando é outra?*

Não sabemos nada. O que for psicossomático a psicanálise cura. Há muita falcatura, mas acontece cura efetiva quando é psíquico ou psicossomático. Vemos isto no consultório: consegue-se acabar com eczema, porque é psicossomático.

- P – *A psicanálise tem um pé na magia?*

Nossa origem e a de qualquer pensamento científico é a magia. Como tomar uma operação mágica que inconscientemente se aproveita do Secundário para intervir e transforma numa operação secundária consciente, organizada e acompanhável? É a mesma coisa só que em níveis diferentes. Tomemos um caso típico na alquimia, cujo desejo maior era produzir ouro a partir de algo barato como água ou mercúrio. Hoje, os físicos já sabem produzir ouro, mas o custo é dez vezes maior que o do ouro. Ou seja, não vale a pena, mas é possível em laboratório transformar mercúrio em ouro. Se valesse a pena, estariam produzindo ouro de montão. Vejam que o que sonhavam enquanto alquimistas era possível, o método é que estava errado. Como sair dessa? Tomar contato com essas coisas é bom para ficarmos mais humildes, sem a arrogância do saber, pois não sabemos. Uma coisa é apostar numa operação de laboratório, numa operação psíquica, numa teoria; outra, supor que o restante está abolido por não caber na teoria. Charcot colocou Freud direitinho no lugar e foi útil ao dizer que “teoria é muito bom, mas não impede de existir”.

# 25

• P – *John Lovelock, em entrevista à BBC, comenta que é pretensão nossa achar que vamos salvar o Planeta. O Planeta não precisa do homem para nada. Ao longo do tempo já sofreu e já se reconstituiu independentemente de nossa espécie. Esta espécie não se salva, é uma questão de tempo.*

Já passou do ponto. E mais, bastam alguns milênios para a frente que acabará. Pulsão de morte não é brincadeira, não adianta fugir dela. No que vai resultar, não sei. Já dá para perceber que, no universo, acende uma luzinha ali, apaga outra acolá e assim por diante.

• P – *Eva Jablonka, em reunião conosco, disse jamais ter entendido a pulsão de morte, em Freud. Isto porque o que ela vê é o contrário, um impulso vital presente em todo o percurso da espécie.*

O pessoal da biologia já faz muito de conseguir fazer o que consegue. Já merece aplauso, mas são vitalistas. Acreditam que a vida é a origem das coisas. Não é. Dizem não poder aceitar a ideia de pulsão de morte, pois, para eles, a vida é neguentrópica. Não é. Se fosse, não haveria morte. É o óbvio ululante. O que há é que, dadas as quebras de simetria, acontecem os fenômenos progressivos de produção. Se vagarmos pelo universo, encontraremos vários planetas que, se não estão em nossa situação atual, estão em nossa situação de vários milênios atrás. Vai tudo perecer.

• P – *Norbert Wiener diz que são ilhas de organização em meio a uma situação altamente entrópica.*

Pior, nem isto está certo. Não são ilhas de organização, e sim pura e simplesmente emergências de quebra de simetria. Se há quebra de simetria, emergirão coisas nomeáveis e configuradas. São as Formações do Haver. É simples: elas emergirão e perecerão. Uma analisanda me disse uma vez que ficava muito angustiada em estar percebendo que não iria conseguir realizar



todos os seus desejos durante a vida. Disse-lhe para perder a esperança e a angústia agora, pois ela que tinha nascido na década de 1950 já tinha o prejuízo de ter perdido milênios para trás. E mais, para a frente também terá prejuízo. Então, relaxa e aproveita. Como não existimos antes de comparecer, temos o que temos, sem medida. Ela estava angustiada com que medida?

• P – *Mas você aumentou a angústia dela, colocou-a em milênios para trás.*

Se a angústia ficar tão grande a ponto de explodir, acaba. Ela não sabe o que está perdendo, não faz ideia de todos os desejos para trás que não pode perseguir. Quando reconhecemos o Impossível, a cura está perto do fim. O velho Freud, que não sabia das coisas, chamava isto de *castração*. As pessoas têm o vício pseudocientífico da mensuração. Quem é mais feliz, eu ou um outro? Como sabemos? Quanto é?

• P – *Uma personagem de novela, quando lhe disseram que dinheiro não comprava felicidade, disse que queria dinheiro para comprar roupa, carro, passagem aérea, e não felicidade.*

O nível ideológico da bobagem é enorme. Reclamam do consumismo, mas o pessoal que nem comida tem direito está consumindo o quê? Consumismo onde? Aqueles que descem da favela e compram um tênis a perder de vista são chamados de consumistas. É uma imbecilidade ideológica com a qual não podemos conviver sem futucar terapeuticamente a situação. Os que chamam isto de consumismo “sabem” o tamanho do desejo humano, têm uma régua que pode medi-lo?

• P – *Em seu livro, Ha-Joon Chang aponta varias posições como direita e esquerda, unidade, multiplicidade, pluralidade, liberal, conservador, socialista, neoliberal... Em dado momento, a lógica do mercado é criticada por ser destrutiva de outra situação humana. O interessante é que ele não acha oposição para isto, não há o alelo oposto. Pela leitura, suponho que seria o amor, o fazer sem interesse.*

Não há nada mais interesseiro do que amor.

• P – *Mas é referido como se não fosse. Outro caso, o da educação, também não seria mercadoria.*

Educação é uma mercadoria como outra qualquer. Tudo é mercadoria como qualquer outra coisa. Já disse e repito que a prostituição não é a mais antiga das profissões, ela é a única. Estamos sempre nos vendendo a troco de alguma porcária. Aliás, Cioran diz algo brilhante a respeito das prostitutas: elas praticam o ceticismo de *trottoir*. Vocês já pensaram o que elas aguentam? Coisas que nos fariam vomitar. Isto é que é ser cético. Tirando Diógenes, aqueles filósofos não aguentam isto.

## 26

Dada a situação contemporânea do mundo nesta entrada de Quarto Império, algumas posições devem ser – ou certamente serão – tomadas no campo do **conhecimento**. Nós, sobretudo, temos que fazer esta reposição na consequência das colocações teóricas que têm sido feitas e em consonância com esta entrada de Quarto Império que cada vez mais se acelera. Quero hoje chamar a atenção para alguns pontos e, depois, tomar umas curiosidades da obra de Freud.

Se nossa Teoria do Conhecimento, a **Gnômica**, estiver compatível com o momento, não há mais motivo para referência a grandes narrativas, sejam elas filosóficas, literárias ou científicas. O conhecimento está – ou será – cada vez mais pulverizado. Isto, de tal maneira que não temos que ter *parti pris*, ou preconceito, se quiserem, com nenhuma produção de saber, seja um saber antiquado ou recente. Já coloquei esta receptividade da NovaMente no

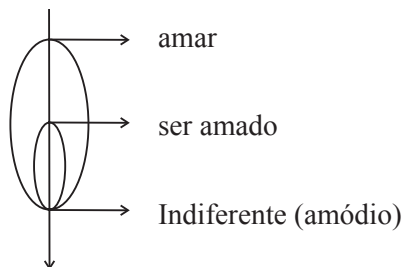
Falatório de 2006, intitulado *AmaZonas*: o que quer que possa funcionar em nosso trabalho, uma vez que seja compatível com nossa postura, pode ser utilizado a qualquer momento. Não é um *pot pourri* de saberes, e sim que, percorrendo outros saberes, saberes mais antigos que a psicanálise, podemos encontrar coisas que são recuperáveis hoje, seja de qualquer canto que for. Falarei melhor sobre isto na próxima conferência da Candido Mendes, que será exatamente sobre a Gnômica e a Teoria das Formações. Agora, estou dizendo apenas que não fiquemos de pé atrás com nenhum conhecimento. Isto que digo pode parecer incongruente com a produção tão amarrada e tão rigorosa de uma teoria como é a NovaMente. É uma produção amarrada sim, mas justamente é uma produção teórica que se formatou de tal maneira que ela mesma, com seu rigor, aponta para a pulverização que mencionei no início. É a melhor coisa que há nesta teoria: parece fechada, rigorizada, mas seu rigor aponta para a dissolução. Não gosto de chamar isto de paradoxo, e sim de **Revirão**: vai para um lado, vai para outro.

Então, dentro desta postura, ao retomarmos determinadas coisas do passado, nos damos conta de que uma releitura por nossa via pode ser muito produtora. Não tenho preconceito de leitura. Faço questão de, de vez em quando, ler Freud e Lacan. Até Melanie Klein e Jung leio, pois há achados lá dentro, ainda que a postura esteja supostamente errada. Não há motivo para um analista ser ignorante das ciências do cérebro, das ciências cognitivas, da psiquiatria, da filosofia, etc. Estudo essas coisas para ver como anda o campo e, às vezes, isto ajuda, faz surgir uma ideia. De vez em quando, abro os textos de Freud meio aleatoriamente para ver se ele me surpreende. Vai ver que não foi nada daquilo que as pessoas entenderam! E não é que não foi mesmo!

## 27

Vejam o que achei recentemente ao ler Freud tratando de como funcionam as **oposições no Inconsciente**. Diz ele algo brilhante que, ao que me parece, nunca aproveitou muito bem. Assim como falou do *sentido antitético das palavras primitivas*, ele dirá melhor ao acentuar a oposição mais importante – amor / ódio – que vem junto com o bebezinho. Melanie Klein deitou e rolou em cima disto e fez tudo que fez: posição paranoide, posição depressiva, etc., etc. Diz Freud que, na área desse sentimento, a oposição é *ternária*. Existe a oposição *amor / ódio*, a oposição *amar / ser amado*, tudo em torno do mesmo tema, até aí tudo bem, é binário. Mas ele entra com o **Terceiro** ao dizer que a verdadeira oposição é: **ser indiferente**. “O amar admite não apenas uma, mas três oposições. Além da oposição amor-ódio, existe a de amar-ser amado, e amor e ódio, tomados conjuntamente, opõem-se ao estado de indiferença ou insensibilidade” (*As Pulsões e seus destinos*, 1915). Vejam que está em Freud, estou salvo, vai ver que tirei foi de lá, li e ficou bem fundo em minha cabeça. Ele não sabia o que era Revirão, não tinha assistido ao meu Seminário, mas viu que, além de amar / ser amado e amor / ódio, há outra oposição a estas duas que é: ser indiferente. Portanto, não pensei sozinho. Aliás, quem pensa sozinho é maluco. Ou nem ele.

A oposição amor / ódio, amar / ser amado, está no mesmo lugar em que Lacan, por exemplo, colocou a confluência significativa – que os literatos chamam de *mot-valise* –, ou coisa que o valha, de seu *amódio*. Freud está dizendo que o *amódio* está no binário, e não na postura indiferente.



Digo isto porque, quando propus a ideia de oposição ternária não me ocorreu que a tivesse visto em Freud, mas, revendo agora, vai ver que vi lá, ficou guardada no Inconsciente e recompus. Pouco importa, a ideia está lá desde o começo da teoria psicanalítica.

## 28

Outra coisa importante é que, desde Freud até hoje, alguns inventaram **Tópicas** para apontar a composição ou a constituição da mente. Como sabem, Freud inventou duas. A primeira – *Consciente*, *Pré-consciente* e *Inconsciente* –, que ele utilizou bastante bem e, depois, resolveu fazer outra que, em latim, é: *Id*, *Ego* e *Superego* (aliás, vamos parar com esse negócio de traduzir por *supereu*, que é frescura de lacaniano). Uma tópica superou a outra? A outra não presta mais e é esta última que está valendo? Aí Lacan, em seu chamado *retorno a Freud* – que pensamos que é o retorno de Lacan a Freud, quando é *Lacan enquanto retorno de Freud*, ou qualquer coisa assim –, inventou outra tópica: *Simbólico*, *Imaginário* e *Real*, a tópica SIR, se quiserem. Com o desenvolvimento da teoria, ele mudou a hegemonia na tópica, trocou a ordem – o que, na verdade, é uma segunda tópica lacaniana, com as mesmas letras – e chamou de RSI (*herésie*, como ele disse). Ele trocou a ordem para dar dominância ao Real, mas é outra tópica.

Quanto a mim, inventei a **Tópica do Recalque**: Primário, Secundário e Originário. (Os *Cinco Impérios* não são uma tópica, e sim uma resultante da referência a esta tópica). Que eu saiba, até hoje só inventei esta. Repito, então, a pergunta: uma tópica supera outra? Uma tópica faz a gente abandonar as outras como superadas? Não! É preciso entender que, na produção de

teoria – mesmo nas teorias duras, mas, sobretudo, em *ciências* como a nossa –, a produção permanente de conceitos, aparelhos e ferramentas de operação deve ser mantida com seus achados. Portanto, uma tópica não supera a outra: simplesmente mudou a perspectiva. Estamos na *consideração* – observem que não há sujeito ou objeto aí nisto que estou dizendo – *entre formações*, e se uma formação, digamos, uma formação “considerante” que está abordando as outras, muda de posição, todas as outras formações também mudam. Isto porque o Real propriamente dito não acontece, então temos realidades e perspectivas diante das realidades. Na Gnômica, o conhecimento é isto: com-siderações, siderações recíprocas entre formações. Assim, quando tomamos a primeira tópica de Freud, ela é útil se continuarmos considerando o que ela pode considerar. A segunda também, se acharmos maneiras dessa consideração. As tópicas de Lacan também são interessantes. São pontos de vista resultantes, locais, regionais, de transa entre formações.

Notem também que paramos de considerar a ideia de Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, que é um achado brilhante. Usamos demais no passado, mas não é para abandonar, pelo menos em nosso caso. Em seu tempo, Freud tentava descrever estes três lugares – o que não significa que sejam geológicos, embora sua metáfora às vezes o seja: são *lugares* do ponto de vista topológico – e, ao considerá-los, repetia frequentemente que “o Inconsciente é o lugar da *representação de coisa*; o Pré-consciente, o *lugar da representação de palavra em sua emergência* – ou seja, a emergência de representação de palavras está no Pré-consciente –; e o Consciente é o lugar da representação de palavra que usamos”. Isto é brilhante. Então, se mudarmos um pouquinho a perspectiva, enxergaremos outras coisas. Vou substituir os nomes dados por Freud e chamar o Inconsciente de *Haver* pura e simplesmente, mas **Haver enquanto lugar e processo de articulação**. Como sabem, desde o começo digo que o Haver enquanto tal – sejam as estrelas ou a cabeça das pessoas – nada mais é do que um grande processo de articulação, que nomeei com o radical ART. No Haver, é tudo artificial, articulatório e artístico. Disse também que o Haver é homogêneo e tem uma substância só – podem matar a palavra substância –, é feito de uma só coisa, a qual é pura *informação em articulação*.

Estou, portanto, chamando o que Freud chama de Inconsciente de Haver enquanto O Articulatório, de qualquer nível, de qualquer caso, desde a ordem das estrelas até a ordem das bactérias e da nossa fala.

Quando Lacan diz que “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, não gosto deste *como* aí. Isto porque pergunto: mas o que não o é? Não há esta pergunta em Lacan. O que não é articulado como algo semelhante a uma linguagem? É tudo articulatório. Freud parecia não entender que o Haver é puramente articulatório e dizia que o Inconsciente era o lugar da *representação de coisa*. A maioria desses raciocínios está na *Interpretação dos Sonhos*, na *Traumdeutung*, em que ele precisava notar que o sonho era uma coisa muito esquisita. Lacan quer reduzir o sonho à ordem da palavra. Não é o que Freud faz. Para ele, são articulações as mais estranhas que, muito frequentemente, não são verbais. É a crítica que Lyotard faz com veemência naquela época maior do lacanismo ao tratar do *rebus* freudiano<sup>1</sup>. Chamarei, então, o Pré-consciente de o **Bívido**. Tenho o articulatório como Haver, e tenho o Bívido. Digamos que é início da representação de palavra como bifididade: o *amódio* de Lacan, etc. É o que chamei de **Ponto Bívido**, de nomeação bipolar. É a abertura para o Secundário. Se tenho esta perspectiva para olhar, quanto mais Freud tenta descrever o Pré-consciente mais fica parecido com isso. O sentido antitético das palavras primitivas, etc., tudo está no lugar do que ele chama de Pré-consciente. Atualmente, temos até ferramenta tecnológica para pensar isto. Poderíamos dizer que é o campo dos *q-bits*.

Chamo, então, de Inconsciente o articulatório puro e simples de quaisquer formações, até na ordem da materialidade, ou melhor, do Artifício Espontâneo. Quando começa a representação de palavra, entra o que é nossa facilidade, o Secundário. O Secundário começa a se produzir bifidamente. Por isso, as línguas primitivas deixam as pessoas tão confusas. É coisa notória no campo da linguística às vezes demorar anos para entender uma língua primitiva porque ela é cheia de bifididades. Há o caso daquele padre norte-americano, Daniel Everett, que foi estudar a *língua pirahã*, de uma tribo indígena

---

<sup>1</sup> Cf. LYOTARD, Jean-François. Rebus (loquitur). In: *Discours, Figure*. Paris: Klincksieck, 1971. p. 295-300

da Amazônia. Ele diz um monte de besteiras por causa da religião, mas mostra bem a dificuldade que teve em entender a sintaxe e a semântica daquela língua, que é radicalmente diferente de todas as outras (parece que é mais primitiva no campo da linguagem). Pergunto se não foi tão difícil porque até a sintaxe pode ter bifididade, quanto mais a semântica. Freud também chama a atenção para o fato de o Pré-consciente ser o lugar da clivagem entre o Consciente e o Inconsciente. É o lugar da separação, pois o articulatório do Inconsciente é menos recalcado do que o articulatório do Pré-consciente. Freud chega a dizer que quando entramos no Pré-consciente, temos a “*primeira censura*”. Estamos no primeiro nível do recalque, como chamo. Ele diz que a primeira censura é aí porque o processo articulatório do Haver é absolutamente solto, é articulatório do-que-quer-que, e quando entra o fenômeno da linguagem falada, que não pode não entrar segundo certo aparelho recalcante que chamamos de língua, já começa a primeira censura. Uma porção de coisas fica de fora, recalcada. A simples emergência de uma língua recalca as possibilidades de articulação que estão no Haver. Então, não só percebemos que toda língua exclui uma boa quantidade de coisas, tanto é que a tradução para outra língua fica impossível, como a *própria emergência já é a primeira censura*, segundo Freud.

O mais interessante é que Freud passa para a ordem do Consciente, que estou chamando de O Binário. O Pré-consciente é bífido ou unilátero e o Consciente é binário. O Consciente nos atrapalha demais por ser binário, por ser *bit*. E quando o Consciente é binário, ele já sofre a segunda censura. Do Inconsciente para o Pré-consciente, temos a primeira censura, parou de ser “representação de coisa” e virou “representação de palavra”, porém com a loucura – que não está mencionada neste mesmo texto – de sentido antitético de palavras primitivas. Ou seja, é região de indiferença ou de *mot-valise*, escolham. E quando entra o Consciente, já está decidida a representação de palavra e estamos diante da segunda censura. É aí que mora a linguística, essa que conhecemos, que é toda da ordem do Consciente. Lacan se aproveitou disto, pensou que Saussure era um tolo por estar vendo o significante só no opositivo e o elevou à ordem do Inconsciente, mas não colocou a bifididade. Em seus textos, Lacan frequentemente dá a impressão de que, ao falar de



*amódio*, etc., está colocando a bifididade, mas nunca ofereceu o conceito. Pior ainda, jogou o conceito de significante para o Inconsciente numa abstração, num vale-tudo total que parece mesmo com o que Freud disse, que é pura articulação sem sentido. Isto que estou dizendo, supponho que esclarece Lacan. Ele não consegue definir, ou, pelo menos, clarificar, ou melhor, desenhar, sua ideia de significante, pois seu aparelho não o ajuda. Tampouco consegue clarificar sua ideia de sujeito a não ser como puro intervalo: o significante, que não é coisa nenhuma, é aquilo que representa “coisa nenhuma” do sujeito para “coisa nenhuma” do significante. A única conteudização que posso achar para isto é Marx na Economia: a mercadoria representa o dinheiro para outra mercadoria assim como o dinheiro representa uma mercadoria para outra. Está bom, é isso mesmo, é o mercado inconsciente.

Lacan é esperto ao dizer que o Inconsciente é estruturado *como* uma linguagem, pois não está falando de línguas. Mas ele tampouco define a linguagem e fala de coisas como o *significante puro*, etc. Como a representação de coisa, de Freud, também é fraca como explicação, digo que, se o Inconsciente é um lugar de pura articulação, qualquer formação é tomada como possibilidade de articulação, e não como seu conteúdo. É como o que Freud chama de processo primário: corre para qualquer lado, junta com qualquer coisa. É disto, do processo primário, que Lacan está falando: o Inconsciente considerado apenas como lugar de articulação. E eu, que insiro a mente e a própria cosmologia no campo do Haver, digo que essas articulações todas se dão aí, *no que há*, estão nas estrelas... Por isso, Lacan faz a abstração do significante puro, que já critiquei bastante. Em se falando uma língua, não existe significante puro, não é possível. Se um significante é colocado, “alguém”, uma pessoa, dá um sentido. Tenho a impressão de que o entendimento de Freud que trago hoje esclarece mais a ideia de significante no Inconsciente em Lacan: como mera articulação. Também é preciso reler Lacan.

## 29

Trago agora para a linguagem e o estudo da língua a redução do aparelho mental de que falei acima (o Inconsciente como *articulatório*; o Pré-consciente como *bífido*; e o Consciente como *binário*). Chamarei agora, então – usando palavras de Chomsky, mas com outro sentido –, de: **competência secundária** ou articulatória; **desempenho pré-linguístico** ou bífido; e **desempenho linguístico** ou binário.

Competência secundária → Desempenho pré-linguístico → Desempenho linguístico

**O Articulatório**

**O Bífido**

**O Binário**

Quando estamos no campo do Secundário, repetindo a mesma estrutura num nível mais abaixo, temos a ordem da pura competência secundária. Aí é que acho que Chomsky se dá mal, pois começa do estudo das línguas (do Binário) para descobrir o que chama de *competências* (o Articulatório). Mas esta competência secundária não tem cara de língua, e sim de mera articulação, mesmo que languageira. Competência secundária é o puro Articulatório. Então, no nível do Secundário, de nossa fala, no fundo temos uma competência articulatória. Chomsky quer encontrá-la a partir do Desempenho Linguístico, do Binário, mas não a encontra. Aí tem a Competência, mas quando começa o Desempenho, o primeiro desempenho é bífido, que chamo de o Pré-linguístico. E quando isto desce mais um nível, estamos no campo do Linguístico, no campo do Binário – que é o campo de Saussure, de Lévi-Strauss, daquela gente toda.

A crítica de Lacan foi perguntar: onde está o significante? O significante de Saussure mora no Linguístico e, de vez em quando – ao ficar ambíguo, por exemplo –, resvala para o Pré-linguístico. Lacan coloca o significante como puro Articulatório. Por isso, chama-o de “significante puro”.

• P – E o que ele chama de letra?

A letra não pode ser pura, pois já tem desenho, está do Bífido para o Binário.

Como, então, um linguista tem que fazer para encontrar a Competência Articulatória? A ideia de Chomsky é que, se fizermos a *análise gerativa* – que é seu modo de analisar as línguas – de muitas línguas, acabaremos descobrindo a estrutura, que é a pura competência linguística, que tem uma gramática própria. Ao contrário, suponho que deve ter uma *competência gramatical*, e não uma gramática.

• P – Chomsky faz a seguinte brincadeira: se chegasse um ET e olhasse a humanidade de cima, acharia que todos falam a mesma língua. Então, para ele, há uma gramática universal que é inata e capaz de gerar as especificidades das línguas. O que vai se verificar em seus estudos linguísticos é de que maneira cada língua tem sua estrutura sintática de base. Tanto que a linguística chomskyana é sintática. A linguística saussuriana deixa a sintaxe para um segundo tempo e não parte da sintaxe. Chomsky não tem muito interesse em morfologia e fonologia, já o estruturalismo parte dos modelos fonológico e morfológico para chegar ao sintático.

Chomsky tem um grave defeito, de saída. Já está no título de um de seus primeiros livros: *Linguística “Cartesiana”* (as aspas são minhas). Mas sua intuição é perfeita: há um troço que é puro processo... de articulação. Suponho que este processo seja quase sem regras. Por isso, Chomsky não pode achar uma gramática. Não é uma questão de ter tais ou quais regras, e sim de ter encaixe: encaixou, articulou, quando não encaixa, não articula, há que encaixar. É uma questão, talvez, de *forma*.

• P – É como na química orgânica, só há formas.

Mas seus elementos são configurados, estão na escala estequiogenética de Mendeleiev. Observem que já são um significante localizado: quando escrevemos H de hidrogênio, acabou. O que estou dizendo é que no puro processo de articulação talvez não haja nem isto. Ou há? Não sei. Acho que, em algum lugar, o Haver é homogêneo. É, aliás, a tese dos cientistas contemporâneos que dizem estar procurando a Teoria de Tudo. A Teoria das Cordas, por exemplo. Ou seja, em algum lugar é tudo a mesma coisa. Gilles Deleuze tem um livro difícilimo, de 1968, intitulado *Différence et Répétition*. É incom-

preensível, já o li várias vezes, mas acho que ele tem razão. É o que Stephen Wolfram acaba de demonstrar, que a mera repetição do mesmo gera complexidade. Então, como sair dessa!?

• P – *Ao apresentar a primeira tópica, Freud diz que o que há no sistema inconsciente são traços mnêmicos, puramente traços sem articulação. Esta viria só no Pré-consciente.*

Trata-se aí de articulação linguageira. Lacan deita, rola e chama esses traços de *significantes*. Como Freud fala de *representação de coisa*, aí fica difícil, pois encontramos no sonho a articulação de pedaços que criam imagens e coisas incríveis. Passamos pelo mundo, vemos uma porção de fragmentos e, de repente, aquilo se junta, todos num sonho. O sonho produziu um cenário e um teatro inteiros só com os cacos que catou por aí. Isto é terrível, e não é só a narrativa do sonho que o analista quer escutar. É a produção, a **usina do sonho**. Já relembrei vocês há pouco sobre a crítica feita por Lyotard, no livro *Discours, Figure*, a Lacan, por exemplo, quanto à figuratividade do sonho em Freud.

## 30

• P – *A tópica de Freud também não está no campo da mente, da representação?*

Freud nunca saiu do campo da mente. Isto porque não tinha esta loucura que é a minha de colocá-la no campo do Haver. Embora fosse formado como um cientista de laboratório, tinha o maior cuidado com que o Inconsciente fosse puramente mental, assim como o de Lacan. Este é pior que o de Freud, é quase que puramente verbal.

- P – *Qual diferença você introduz?*

O Inconsciente é “espinosista”: é o Haver. Não é por nada que Lacan também dizia com ambiguidade, que “Deus é Inconsciente”.

- P – *Isto não é uma ontologia?*

Se você quiser, chame assim. Não sou filósofo e estou me lixando para a ontologia. A ontologia fala do Ser, estou me referindo ao Haver. Ontologia são as besteiras que o filósofo pensa que o Ser é. É o besteiro da cabeça do filósofo dizendo o que é o Ser. O Ser, em nosso pensamento, é o que se diz, é apenas o que o filósofo, por exemplo, está dizendo, mais nada. Se não, bancaremos o filósofo e diremos que o que o filósofo está chamando de ontologia é “o Ser como...” Mas isto já morreu e não tem mais maneira de ressuscitar. Filosofia acabou. O Ser é *o que se diz* do Haver. Falo de uma *havência*. A mente é uma constituição do Haver como qualquer outra. Tudo é mera articulação, mera arte do absolutamente artificial. É preciso parar com esse negócio de natureza / cultura: o que há é puro artifício, pura articulação, onde quer que a gente vá.

- P – *É o que Espinosa fala sobre natureza naturante e natureza naturada?*

Há o *Haver havente* e o *Haver havido*, ou seja, coagulações. Eu me deparo com o que há. Quando começo a achar perspectivas e formações na língua para tentar dizer diante do que estou, estou na ordem do Ser, que é pura falação. O Haver tampouco é *coisa em si*. Deparo-me com isso e se, do lado de cá, não houver formações que transem com aquelas para, como resultante, tentar algum entendimento, nada há a fazer. Isto porque ficamos *perplexos* diante do Haver. **A Gnômica é a pulverização radical do conhecimento.** Nela, acabou a paranoia. A filosofia é inteiramente paranoica. É o que, na discussão, tal cara acha do que o outro acha. Para mim, ele pode achar o que quiser, pois, se me for útil, pegarei. Filósofo pode dizer o que quiser, ele está brincando de pensar, deixa ele se divertir, vou estragar a punheta do rapaz? Quem sabe se ele não tem umas coisas excelentes para a gente usar? Só não me venham dizer que “o Ser é e o não-Ser não é” porque isto é o óbvio ululante.

Não é preciso ficar como Heidegger e Leibniz perguntando por que há o Haver e não, antes, o não-Haver. O não-Haver não há, a frase deles se derruba por si mesma. Como o movimento da Pulsão é necessariamente desejo de não-Haver e eles *sentem* este desejo, ficam putos com o Haver. Aí se perguntam angustiados por que há o Haver e não o não-Haver. A história da filosofia é cheia de perguntas cretinas. É preciso acabar com a parana de querer saber “onde está a Verdade”. Não tenho o menor interesse nesse tipo de Verdade.

• P – *Você fala de Inconsciente, Pré-consciente e Consciente como níveis de recalque?*

Naquele momento, Freud fala em níveis de censura, mas podemos falar em recalque.

• P – *Sua Tópica do Recalque coloca o Primário como recalcante.*

O Primário é o mais recalcante de todos. Não confundir o Primário com o Inconsciente. Primário é uma caretice. É um conceito e um termo que só uso relativamente à base constitucional das IdioFormações. Aqui em nosso caso, chama-se: macaco. Isto é o Primário. Não chamem o Haver de Primário. O Haver é o *artifício espontâneo*. Se quiserem considerá-lo como um Primário, em algum lugar ele está falando, pode ser aqui em minha boca. E se eu for a consciência do Haver? O Haver é consciente? Sim, olhem eu falando. Ou estou fora do Haver? Isto não é um filosofema com começo meio e fim, e sim uma cobra que come o próprio rabo. A serpente tem esta felicidade, a gente não consegue. Se misturarmos os conceitos, nos confundiremos. Se o Haver for o Primário, será o Deus de Espinosa que fala pela minha boca.

• P – *O Bífido pode ser a polimorfia da criança?*

Pode ser algo parecido. Pode ser até em estado de cosmologia. Vivemos uma época que é um terror e ao mesmo tempo maravilhosa. A última visão da cosmologia, coisa do século XXI, é espantosa. Quando pensamos na ideia de *multiverso*, ao invés de universo, temos um porrilhão ao mesmo tempo infinito de universos com constituição diferente. Neles, as leis da física deste universo não funcionam, são outras. Eles são outra formação. Ao mesmo tempo que os cosmólogos estão descobrindo – a descoberta é deles, e não do universo

(digo isto porque muitos pensam que o universo se desvelou para eles) – que quando um universo chega muito perto do outro, cria um fluxo escuro. Vejam que maravilha, como não sabem o que dizer, falam isto, que o fluxo vai para lá, que pode ser que o outro universo comece a chupar o nosso. É a maior sacanagem: estão achando que nosso universo está sendo chupado. Imaginem, então, uma porção de bolhas, um porrilhão infinito de universos, cada um absolutamente singular. Tanto é que não há como passar de um para o outro, pois as dimensões não são as mesmas, quanto mais “as leis gerais da física”.

• P – *Há também a conjectura de Bojowald de que este universo é reversível.*

Concordo plenamente: é o outro alelo.

• P – *Ele fala de amnésia que o universo tem porque não lembra do passado. É como se tudo estivesse começando.*

Lavou, está novo.

## 31

Vejam que grande sacação de Freud: se o Inconsciente é mera articulação, não tem tempo, morte, sexo e negação, tudo é afirmativo. O Haver enquanto tal não tem negação. A negação é o não-Haver. Quando isso replica aqui dentro, começa a negativizar dentro. Se quiserem chamar o Haver de Deus, como Espinosa talvez chamasse, dá para chamar, pois Deus perdoa tudo, não tem nada errado, está tudo certo. Observem como o Chicão é esperto: tomou posse e já disse que Deus perdoa. Ele deu um golpe de mestre e resolveu todos os problemas da Igreja. “Deus é puro perdão! A gente é que se esquece de

pedir perdão, Ele não se esquece de perdoar”. Com isto, acabou até com o pecado, pois: pecou-perdão, pecou-perdão... Acabou com o Terceiro Império. Logo ele, Chicão, o Rei do Terceiro Império, o destruiu quando disse isso. O Terceiro Império vai sobreviver mais uns séculos só com esta postura. O outro, idiota, o Bené, achava que estava no Segundo Império e ficava serrando o galho onde estava sentado. O Chicão, não, este é esperto, já sacou quase tudo. É um tremendo marqueteiro, é o Lula do Vaticano.

• P – *O Articulatório de que você falou hoje é o diabólico que você apontou em 1982, no Seminário A Música?*

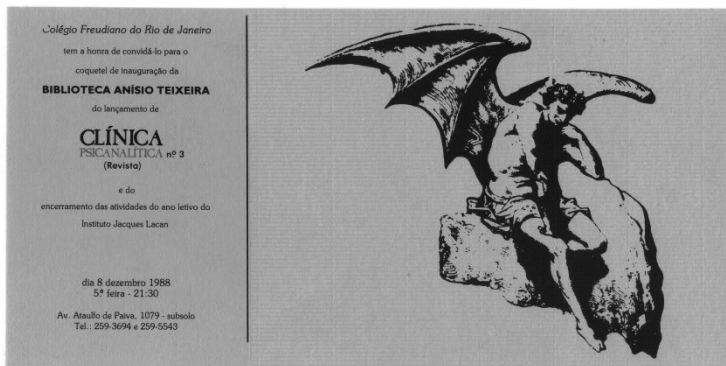
Estou falando da palavra, e não desse negócio de diabo. O *dia-bólico* quer dizer: vai através do lance. Não é o *sym-bólico*. Está tudo articulado, vale tudo. Se vale tudo, vale inclusive o pecado, então não temos que expulsar o diabólico, que só foi expulso porque diziam que isto pode, aquilo não pode... Não pode! Como? É o *Fausto*, de Goethe.

• P – *Mefisto é Fausto.*

Esta é a grande tese. Há que articulá-la. Já sugeri o título: Mefisto-fausto von Goethe.

• P – *Você também já chamou de transluciferação.*

Quando, no falecido Colégio Freudiano – não é falecido, é moribundo: não morre, está sempre voltando –, em 1988, fizemos uma biblioteca, denominei: BAT Biblioteca Anísio Teixeira, e coloquei como logo um Lúcifer sentado pensando. Fizemos até camiseta com a logo.





Lúcifer é o portador da luz. Está no Velho Testamento e as pessoas não notam. Ele é quem se rebela contra aquele Deus babaca e traz a Luz.

• P – *O Articulatório como você coloca é o articulatório no nível das Formações do Haver. Então, como há Formações do Haver no Secundário, o desempenho linguístico, que você põe como Binário, também não pode ser um desempenho articulatório?*

Tudo é desempenho articulatório. O que digo é que, lá em cima, é o *puro* Articulatório. Depois, como dizia Freud, ele sofre certa censura para poder constituir um campo de linguagem que tem exclusões. Lá em cima não tem. O que acontece quando muda o nível? Censura, recalque... Se pensarmos bem, veremos que não há recalque no Inconsciente. Como disse Freud, o Inconsciente é Princípio do Prazer: o que quer que venha, é bem-vindo. Se vivêssemos assim, o boneco morreria, pois ele é cheio de limitações. Por exemplo, não pode beber uma taça de ácido nítrico, o que é uma maldade, pois deve ser uma delícia – mas é o cúmulo do recalque. O boneco, que é feito de recalques, precisa recalcar a outra ordem, se não, morre. Depois de crescer, fará análise para desrecalcar e poder pensar mais à vontade, mesmo sem beber ácido nítrico – este é o dilema. Então, o que era puro recalque poderá ser tratado como *Juízo Foraclusivo*: não posso beber aquela coisa maravilhosa porque mato o boneco e aí não consigo mais nada. Não sou imbecil, apenas estou respeitando o boneco como recalcado, mas minha volição mental pode pensar o que quiser. (E também pode fazer, é só morrer depois). A única maneira é inventar *Próteses* para poder fazer o que é proibido pelo Primário.

A importância da psicanálise é que ela, em seu exercício, substitua o que é sintomático, devido a recalque, pelo Juízo Foraclusivo, sem recalques, sem chilikues. Falei, por exemplo, em **Pedagogia Freudiana**, que é uma operação de *Formação* da espécie. Infelizmente, a psicanálise não tem uma história suficiente, só tem cem anos, e muito menos competente para fazer realmente uma – o nome não é bom, pois é coisa da filosofia – *Escola*. Não existe isto na psicanálise, nunca existiu. Se tomarmos a história da produção de ideias que circunscrevem as possibilidades de formação das pessoas, mesmo que comecemos na Grécia, que já é uma coisa mais para cá – há coisa mais para trás:

China, Índia, povos primitivos –, veremos que os pensadores gregos são escolares, são todos pedagogos. Não pensem que a Academia de Platão era um lugar onde as pessoas pensavam. Era, antes, um lugar de ação e comportamento. O pessoal *tinha que* viver daquele modo. O Liceu de Aristóteles era terrivelmente exigente. Pitágoras, aquilo era quase uma religião total, com imposição do que se podia comer, vestir. Isto só renasce reinventado na Idade Média por Pacômio como mosteiro cristão. Havia vários tipos de mosteiro, dependendo da filiação. A psicanálise não conseguiu esta história. Isso que falam de “escola” é tudo falso, é só falação, pois não *existe um comportamento do psicanalista de acordo com sua Escola*. Não se consegue produzir isto. Espero que, daqui a um século, a psicanálise consiga fazer seu mosteiro. É uma pedagogia de *modus vivendi*. Quase todo esse povo aí que chamam de analista, seu comportamento é o da pequena burguesia cristã, sem nada a ver com a psicanálise.

- P – *Por isso ninguém dá bola aos psicanalistas.*

Não se tem que dar bola mesmo aos analistas, pois é um monte de bundão. Já a psicanálise está meio por baixo porque as pessoas estão acreditando que as neurociências estão fazendo alguma coisa. Aplaudos todos os seus esforços, mas estão muito longe de fazer alguma coisa. Não dá para substituir a psicanálise.

- P – *Mas mesmo essa pedagogia no sentido de formação, que havia na Grécia e na Idade Média, não aconteceu no mundo chamado moderno.*

Ficaram resquícios das ordens religiosas. Acho que não houve invenção moderna. Algo ligeiramente parecido pode ter havido na indústria japonesa. No Japão, a escola e a indústria são meio monasteriais.

- P – *Anísio Teixeira não pensou nada nesse sentido no Brasil?*

Anísio era aluno de Dewey e repetição de Peirce. A Escola Nova foi uma tentativa de integração pedagógica da pessoa, não tinha o caráter de formação total de uma escola filosófica ou um mosteiro. Em Anísio, tratava-se justamente de produzir uma formação para a diversidade democrática.

- P – *Mas isto não cai em recalque e em formatação? Quando você fala da formação da escola como um mosteiro, me vem a imagem de um recalque.*

Primeiro, tudo cai em um recalque. Nada se faz sem recalque ou sem juízo forclusivo. Uma coisa é ser sintomaticamente Flamengo, por exemplo. Aí, sou doente, um animal chamado Flamenguista. Outra, ver que o Flamengo está jogando bem, achar bacana e se lixar para o Flamengo. Num caso é recalque, noutro, Juízo Forclusivo. Segundo, as produções escolásticas e escolares da história da humanidade só se deram mediante recalque. A pergunta é: que formação a psicanálise poderia dar no sentido de, sabendo que não se pode eliminar o recalque, incentivar a produção do Juízo Forclusivo? Que pedagogia é esta? Este é o problema, pois é radicalmente outra Pedagogia. Imaginem tomar as criancinhas sabendo que há, sim, que recalcar, pois não podem fazer o que quiserem. Está na moda psicológica a criança fazer o que quer. Ou seja, vai ser um animal ou um delinquente. Criança, a gente reprime até virar gente. Aí começamos a conversar. Há que passar por esta “iniciação” pedagógica.

## 32

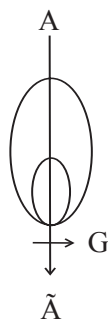
Em continuidade ao que vocês estão estudando aí no texto *Um Livro Forjado no Inferno: O tratado Escandaloso de Espinosa e o Nascimento da Era Secular*, de Steve Nadler (São Paulo: Três Estrelas, 2013), quero trazer uma questão. Esquecemo-nos frequentemente de observar que Espinosa ao se debater com os detratores, que o chamavam de ateu, dizia que não o era. Isto é um problema sério porque a imanência de Espinosa é transcendente. Já quiseram derrubá-lo com um Deus que parece tão transcendente, imaginem se ele dissesse mesmo que sua imanência era transcendente. Em nossa época, nem isto dá mais para suportar.

Na briga com o Deus transcendente das religiões e das filosofias, não esquecer também que é René Descartes, cujo Deus é transcendente igual ao da Igreja, quem está do outro lado da mesa do debate. Descartes era o que se impunha como razão e como racionalidade possível nesse momento. Espinosa dá a impressão de simplesmente estar explicando o que disse Descartes, mas vemos que é mentirinha. Então, como o Deus de Descartes é transcendente no sentido metafísico, etc., no que Espinosa põe Deus como imanente, no que diz que esse Deus imanente é idêntico à Natureza, a transcendência sai da metafísica e cai na física. Ou seja, o que fez foi tirar Deus de qualquer metafísica e colocá-Lo na física, só que sua *Physis* está em latim: Deus sive *Natura* = Deus sive *Physis*. A Natureza, da qual ele mesmo faz parte, transcende necessariamente à sua existência como filósofo, isto é, à sua existência enquanto o pensador que está dizendo aquilo. Ele tomou o boneco inteirinho que era metafísico e meteu na física. Ele, como filósofo, é algo animal, do Primário, metido na *Physis* que transcende a existência. Então, esse Deus é transcendente, embora não seja metafísico. Espinosa era corajoso. Se não, não teria escrito a *Ética* e dado o golpe que realmente deu ao tirar o Deus da metafísica e colocá-Lo na *Physis*. E esta *Physis* enorme, diante e dentro da qual ele está, transcende a existência dele, filósofo.

A Natureza *naturante*, de Espinosa, está no mesmo âmbito que a Natureza *naturada*. É o mesmo que dizer que uma metáfora é metaforizante ou metaforizada. No que se produz uma metáfora é a metáfora metaforizada e, no que se está no processo de metaforização, está-se na metáfora metaforizante. Ou seja, o processo é dinâmico: o Deus de Espinosa é dinâmico. À medida, então, que ele coloca um Deus imanente, no sentido de ser idêntico à *Physis*, do ponto de vista de quem está pensando isto, este Deus transcende. Como fazer para este Deus parar de ser transcendente radical? Estou falando assim porque, às vezes, as pessoas me perguntam isso quanto ao ponto de vista da NovaMente. Não tenho um Deus espinosista: Deus não é igual a Haver, Haver é desconhecido, Haver é a minha ignorância, só tomo algumas formações. Faço questão dessa pequena diferença. Onde coloquei a ideia de Deus? A pergunta é: Deus existe? É óbvio que existe. Não estou falando n'Ele? Se

não existisse, não falava. É o caso do português de Guimarães Rosa que sempre cito aqui. Ele diz “o senhor é um *hipotréllico*”. O outro lhe responde que essa palavra não existe. Ao quê o português retruca: “Como não existe se a estou *dizeire*?” Há um fato de *existência*. Deus existe, não tenho a menor duvida. Quem tem duvida são os teólogos, que escrevem tratados para demonstrar que Ele existe. Como não acreditam que Deus existe, ficam o tempo todo querendo provar Sua existência. Acho que não precisa de prova alguma, pois se o pessoal fala nesse troço, logo existe. Tomás de Aquino é um que fazia um esforço com enormes volumes para demonstrar, por via intelectual, que Deus existe.

Como, então, tirar radicalmente a transcendência desse Deus, que é um caso de fala? Fiquei neste impasse e me perguntei se, ao pensar meu teorema, não estaria dizendo o mesmo que Espinosa? Não, pois como coloco Alei “Haver desejo de não-Haver”, tenho o Haver, mesmo que seja em Revirão; em algum lugar, tenho o não-Haver; e o único lugar que concebo para colocar o termo Deus é no ponto *G*, que chamo de Gnoma. Deus é o ponto *G* do Haver, ou seja, onde o Haver goza de fato é na exasperação entre ele, Haver, e o não-Haver desejável, que não há.



Se coloco ali *G* como igual a Deus, o que estou dizendo é: o que quer que coloquemos nesse lugar para barrar a exasperação é Deus. Então, Deus é subproduto da manifestação humana. Logo, Ele existe no Secundário.

Não direi que Ele seja uma invenção humana pura e simplesmente, pois é quase que uma secreção do Haver. Isto porque *gente* também é Haver. Então, no ponto de exasperação entre Haver e não-Haver, *onde colocamos o desejo junto com a angústia*, movidos por esta exasperação diante do desejo

de não-Haver, vamos lá e inventamos essas coisas. Acho que não existe, nunca existiu nem vai existir alguma cultura que não invente essa figura. Deus é uma rolha para fechar aquele buraco. Arrolha até garrafa de Klein. Como já disse, a hipótese Deus é inarredável. Qualquer um coloca algo ali. Por exemplo, a *razão*, que então fica divina. Aliás, nosso caríssimo Feyerabend escreveu um livro intitulado *Farewell to Reason* – que fica melhor em português: *Adeus à Razão* – para provar que a razão já era. Mas se a razão já era, por que escreveu tanto para provar isso? Basta olhar para ver que ela não está lá. Gosto de Feyerabend pelo fato de ele ficar derrubando as bobices, mas isto tampouco deixa de ser bobice dele, pois a questão não é a razão ter acabado. O dito pensamento pós-moderno, que tem uma herança mais artística do que filosófica ou científica, disse essa bobagem: “Acabou a razão”. Não acabou. O que podemos é denunciar certos racionalismos como sendo de vontade de poder, tentativa de hegemonia, mas há muitas racionalidades. Afinal, lendo o título dele *novamente*, pode-se ler: A Deusa Razão.

Acho que o livro de Feyrabend, em ultima instância, é um ato de reafirmação. É a mesma coisa que alguém querer escrever um livro para provar que Deus não existe. Como pode? Não-Haver não há. Não há um livro capaz de provar que Deus não exista, mas posso escrever um pequeno artigo provando que Deus existe. Se estou a *dizeire*, como não existe? Existe na minha fala, por exemplo. Este golpe de Guimarães Rosa é uma coisa das mais lúcidas. É uma lógica absolutamente correta, que é a lógica que uso aqui. Se existe no Secundário, então existe. Como não existe o unicórnio se já o desenhei? Como não existe Papel Noel, se na época do natal a rua fica cheia deles? Esquecemo-nos de ver é *em que nível de havência a coisa se coloca*. Bom nisso era Borges, que sabia fazer a lista completa de inexistências supostas. Insisto nisso porque é uma torção no pensamento. Se a coisa não tem existência enquanto espontaneidade do Haver, digo que ela não existe? Ela é um *artifício industrial*. Se coloquei lá, logo existe. Além disso, acho difícil fabricar Deus de fato, mas um unicórnio, a gente dá um jeito. Hoje, podemos manipular a genética e fabricar um unicórnio. Ele não será espontâneo, será industrial, mas terá a mesma constituição do espontâneo. Aliás, não sei se Deus é tão difícil, pois no candomblé baixam aqueles deuses todos.

O que faz Espinosa ao escrever a *Ética more geometrico*? Ele quer evidentemente sacanear Descartes, que é um geômetra, inventou algo brilhante chamado geometria analítica que nos serve até hoje muito bem, afora seu trabalho com a óptica, com as dioptrias... Ele tem uma cabeça de geômetra, mas de geômetra euclidiano. Sua algebrização das formas geométricas é tratá-las não de maneira gráfica ou de conceituação de figura, e sim tomar a figura e reduzir à álgebra: a linha reta tem a equação tal, o círculo outra equação, não sendo preciso desenhá-los, pois podemos usar as equações. Isto é brilhante, mas continua euclidiano. Espinosa decide não escrever sobre geometria, embora fosse um especialista em óptica. Vivia disto, aliás. Não era um pobrezinho polindo lente de óculos, e sim um fabricante de telescópios que vendia caro. Então, escreve a *Ética* que fundamenta todo seu pensamento de maneira geométrica, segundo ele. Mas o que é geométrico é a forma de demonstração. É como se dissesse para Descartes: “Você pensa, seu bobo, que é só por via matemática. Minha lógica é cerradíssima, é outra racionalidade”. É uma racionalidade que não tinha sido dita nem por ele nem por ninguém de sua época, o que já vai ficar parecido com a geometria não-euclidiana.

• P – *Na Holanda, na época de Espinosa, havia uma pressão da igreja protestante e do judaísmo. Vemos um beco sem saída para alguém que contestasse o uso de Deus como força política.*

Os judeus tiveram a decência de só execrar Espinosa, não o mataram. Ele foi esfaqueado, mas por um fanático, não pela Sinagoga. Descartes, aliás, deixou de publicar por não querer enfrentar isso. Espinosa foi mais corajoso. Ele era terrível, tinha 24 anos quando enfrentou a sinagoga. Desde os dezoito já estava dizendo aquelas coisas.

• P – *Quando você diz que a psicanálise trabalha com uma razão n potencial é no sentido de que há várias razões?*

Sim. A psicanálise não se fecha a nenhuma formulação de racionalidade. Ela está escutando, ouvindo e aproveitando.

• P – *Neste sentido é que você diz ser hiper-racionalista?*

Aí que entro com o *Surracionalismo* de Gaston Bachelard. Há muito

tempo traduzi este texto dele.

• P – *A psicanálise não se fecha a razão alguma porque tem que considerar os sintomas?*

Não existe razão alguma que não seja sintomática. A razão absoluta é o quê? O silêncio. Se você quiser ter absoluta razão, não diga nada.

• P – *A razão espinosista, com um transcendente na Physis, também aparece em outras filiações. A de Deleuze, por exemplo.*

Deleuze é um estudioso de Espinosa e tem um belíssimo livro sobre ele, mas é muito depois. Nos anos 1970, fiz traduzir e publicar na editora que eu dirigia outro livro seu, *Nietzsche e a Filosofia*, que também é belíssimo. A capa dessa edição, aliás, é minha. O tipo da razão espinosista aparece em muitos lugares, na matemática, por exemplo, e na descendência de Nietzsche: Deleuze, Foucault... Sempre houve a reconstituição de alguma razão, de alguma racionalidade, que não a cartesiana ou a platônica. No Romantismo inteiro, por exemplo, que, do começo ao fim, na literatura, na música e na filosofia é maneirista, gnóstico, artificialista, místico...

• P – *O romantismo tem a figura da transcendência: a mulher, a pátria, a natureza, o amor, o ódio...*

Tudo tapando o buraco do G, que coloquei lá no esquema. Uma das rolhas é a mulher. Quem diria?! Mas vejam que é transcendental sem ser transcendente. No caso desta psicanálise, Alei é *Haver desejo de não-Haver*. Como não-Haver não há, então não tem transcendência, mas tem o desejo de transcendência. Este não acaba. A bobagem do *eterno feminino* é o quê? É criar uma Deusa. Minha Deusa, como sabem, também é feminina: *Kaganda Iandanda*.

• P – *Se a imanência de Espinosa é transcendente, qual seria seu outro lado?*

A Natureza é, pelo menos, *mais maior* do que ele, Espinosa. Como dizem meus outros patrícios, ela é *mais grande*. Transcende, portanto, a uma mera formação do Haver. A Natureza enquanto conceito transcende a uma de suas formações.



- P – *Mas ela está num outro lado?*

Depende de que lado estamos falando. Se estamos falando de uma formação, aquilo está de outro lado, nem que seja na fala.

- P – *É a ideia de Physis, tal como Heidegger, por exemplo, coloca. A Natureza é o que aparece, mas é o que se oculta.*

Tenho uma irritação com esse rapaz. A natureza não se oculta, eu é que sou ignorante. A Natureza vai ficar se escondendo de mim? Ela tem mais o que fazer. Eu é que sou uma besta. Em vez de ele dizer que é uma besta fica dizendo que a Natureza se oculta dele. Ora! É um bom poeta, mas...

- P – *Espinosa considerava tudo como Haver?*

É como se ele dissesse que Deus é o que há. Eu não digo isto, e sim que Deus é qualquer coisa que colocamos para acalmar a exasperação do desejo entre Haver e não-Haver, pois estamos desejando o Impossível. E isto deixa qualquer um doido. Somos doidos justo por isto. Então, para acalmar, colocamos um troço lá. Tomem o positivismo francês, por exemplo, em que Auguste Comte simplesmente colocou a Ciência no lugar de Deus – e ainda quis inventar uma religião cuja deusa suprema ou a sacerdotisa era a mulher dele, Comte. No Brasil, tem igreja dessas. As pessoas ficam exasperadas e inventando as rolhas, as trolhas, para meter no buraco do Haver, para tapar um *gap* entre Haver e não-Haver... Ou seja, como não tem o Outro lado, ficamos desesperados e pedindo o que não existe. É neste ponto que não quero e não posso concordar com Lacan para quem o desejo é só do possível. Não! O desejo fundamental é do Impossível: queremos o que não há.

A racionalidade de Espinosa é antiteológica. A racionalidade dominante então era teológica, mas, como diz com todas as letras, ele colocou uma racionalidade científica. Vejam que tudo isso estava brotando junto. O tipo de pensamento espinosista até ajudou a ciência a ficar besta, a achar que era a razão das razões. Hoje, já não acreditamos nisto. A ciência é uma racionalidade importante, mas dentro e fora dela há várias racionalidades. Em seu tempo, Espinosa estava aproveitando a emergência da força do pensamento científico para dizer: “Nada de teologia, é ciência”. Quando vemos Espinosa

na diagonal, vemos a fé que tem na razão científica. Chega a ficar bobo, às vezes, mas como ele foi enorme em seu momento, temos o maior respeito.

• P – *Qual a relação dos Cinco Impérios com esse tipo de racionalidade?*

Prestem atenção que verãõ que está tudo imperialmente determinado. Emergência de pensamento científico é só no Terceiro Império. Lacan diz que, sem o cristianismo, não haveria a ciência moderna, mas digo que não é porque é cristianismo, e sim porque é Terceiro Império. Dizem que foi o cristianismo que propiciou, mas pergunto: quem propiciou o cristianismo? O que propiciou o cristianismo foi um sintoma chamado Terceiro Império, que, aliás, poderia propiciar qualquer outra coisa. Frases como essa de Lacan são deletérias. Quem sabe se sem cristianismo não aconteceria um Terceiro Império mais decente? Li a entrevista de um filósofo inglês, que esteve no Brasil há pouco tempo, cuja tese é que a Ordem Imperial Romana produziu de propósito o cristianismo para dominar. Acho difícil ele mostrar esta correlação direta, pois, para mim, foi a ordem imperial que se aproveitou da subversão. Como a maioria do povo já estava bastante subvertida, a ordem imperial embarcou e puxou a ideia para si. Ou seja, não foi ela que a produziu. É o golpe de Constantino, no século IV: “Vai dar merda, então vamos ser cristãos”. Com referência ao Secundário enquanto tal, o Terceiro Império poderia ser de melhor qualidade. Já lhes disse que suponho que, se não tivessem assassinado Julio Cesar, ele estava encaminhando para lá. Por isso, precisava ser imperador, não podia ser republicano. Ele precisava do Império para dar o golpe. Acho evidente que, por seu comportamento audacioso, ele estava num encaminhamento para arrebentar com a cultura. Por isso é que disse: “Rubicão é o cacete!”

• P – *Ele era subversivo?*

Subversivos eram os cristãos, ele era imperial e queria passar por cima para mudar aquela porcaria toda. Ele tem uma cabeça parecida com Alexandre, e não com os cristãos. Toma a iniciativa de mudar o mundo com seu poder de comando, o que é diferente da subversão cristã e daquela porcariazinha judaica, tudo mentira. Jesus Cristo nunca existiu, mas aquela coisa pantanosa foi subvertendo a religião romana. Quando um Constantino, depois, percebe que está tudo mexido, não quer perder o trono, então passa para o lado deles.

É igualzinho ao Chicão, para quem ser viado já não é mais pecado. A esper-teza dessa gente é o restinho do Império Romano. O que sobrou dali virou o Vaticano, que até o século XX era apenas um cocô de mosca dentro da Europa, embora tivesse um poder incrível. Como não tinha estatuto para mudar isto, quem resolve o problema é um papa fascista, Pio XII, amigo de Mussolini, que ainda faz um troço chamado Tratado do *Ladrão*. O Vaticano, então, virou um Estado e ninguém mete mais a mão. Foi Mussolini quem criou o Estado Pontifício. Bené é meio nazista mesmo, o outro era um alto representante do fascismo mundial.

## 33

Repito, para maior esclarecimento, a definição de nossa **Oficina Clínica**, que, juntamente com os Grupos de Formação, o Polo de Estudos e a Análise pessoal, é um dos quatro dispositivos da **Formação do Analista**<sup>1</sup> na Nova-Mente. A Oficina Clínica é um lugar onde se *estudam* acontecimentos da clínica. Alguém apresenta algo e faz-se um trabalho de colaboração discutindo, trazendo ideias que quem apresentou não teve, acrescentando raciocínios... É um trabalho de operação teórica sobre a clínica de modo a ser até possível tirar conceitos da apresentação e da colaboração. Não é brinde social, é trabalho. Portanto, quando alguém apresentar, não é o caso de entrarmos em algum processo de denegação furiosa dizendo frases do tipo “gostei muito do que você apresentou”... Isto é *fake*, feio e da ordem da agressão denegatória, pois todos sabem que há um negócio chamado Inconsciente. Trata-se, sim, de

---

<sup>1</sup> Cf. “Formação, Formatação” no Falatório de 2005: *Clavis Universalis*: Da Cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica (Rio de Janeiro: NovaMente, 2007), p. 209-214.

fazer a teoria da clínica, pois, na Oficina, ninguém é analista do outro. Não é, portanto, possível, num lugar de discussão sobre teoria clínica, tratarmos o outro como se fosse nosso analisando. Estamos proibidos de fazer isto, sob pena de suspensão temporária da participação na Oficina para os que insistirem nessa prática. Só me autoriza a funcionar como seu analista o analisando que me escolheu. Quem nomeia o analista é o analisando. Não posso nomear-me analista dos outros. Posso, sim, o tempo todo, ter uma mente, uma postura analítica. Mas não estou autorizado a ser analista de quem não me nomeou. Isto é abuso. Observem também que, quando me coloco no lugar de analista do outro sem ter sido por ele nomeado, é justamente quando não estou sendo analista. Se fosse, não estaria fazendo isto. Mesmo porque quem dá “análise” de graça é débil mental.

Cabe, então, um trabalho permanente de revisão, de reconhecimento dos desvios que se praticam na Oficina Clínica. É natural acontecer de irmos trabalhando e nos desviando. Por isso, é preciso sempre retornar ao modelo em que ela foi concebida. Repito: Oficina Clínica é um lugar onde tomamos qualquer caso, ou leitura de algum acontecimento, trazido por alguém para procurar cada vez melhor entender o que possa ser uma teoria sobre a clínica. Não é lugar de supervisão ou de análise do colega. Quando isto ocorre, aquele que apresentou fica ainda mais defensivo. E se alguém está se defendendo é porque está se sentindo agredido, invectivado pessoalmente. Isto não é permitido ocorrer aqui, pois não estamos acuando ninguém, e sim, ao contrário, tratando de assuntos clínicos sob um ponto de vista teórico. Não cabe também nenhum pedantismo em relação ao outro. Como sabem, pedante vem do grego *paidós*, ou seja, tratar o outro como criança. E tampouco é o caso daquele que esteja apresentando vir se exhibir e ficar resistente ao que os outros disserem. Vejam, então, que temos que frequentemente fazer a crítica de nossos funcionamentos, pois, se ficarmos muito à vontade, no sentido social, a Oficina acaba. A crítica precisa ser permanente. Isto, sem ser pessoal, mas apenas dirigida ao funcionamento. Aliás, mesmo a palavra “crítica” que estou usando deve ser evitada, pois o correto é dizer “colaboração”.

Na Oficina Clínica, que trabalha algum material supostamente clínico,

um assunto deve ser falado até se esgotar, sem marcação prévia de tempo. As pessoas estão ali para se exercerem diante dos colegas em sua competência clínica e também para se colocarem à prova. É, portanto, necessário – o que é diferente de obrigatório – que todos os membros desta instituição participem dela. Não pode haver é burocracia quanto ao modo de organizar as apresentações. Se alguém estiver enrolado com um caso e tratar dele exigir várias sessões, que seja assim. Coisas que estragam a Oficina são: a burocratização, as conceituações pessoais... É preciso que cada um saiba de cada tarefa que está fazendo, pois há certas situações que podem ser trazidas nos Grupos de Formação, por exemplo, mas não na Oficina. Cada dispositivo é discursivamente diferente do outro. Se as atividades institucionais não tiverem perfil claro, será um clube de bate-papo. Não confundir bate-papo com conversa entre pares utilizando as ferramentas da teoria para considerar questões clínicas.

Entendamos, pois, que a Oficina não é uma clínica, e sim um trabalho teórico sobre questões clínicas. Aliás, não é preciso trazer casos, pode-se querer considerar questões teóricas sobre a clínica. Ou seja, trata-se de estudar a clínica, e não de praticar a clínica. É preciso ter sempre a disponibilidade de acolhimento do que está sendo dito e deixar o outro exprimir o que está tentando exprimir. Assim como o tempo é variável, não há regra de expressão. Haver esta regra é academicismo e não considerar que a pessoa pode até estar sofrendo diante do caso que expõe. A primeira coisa que faz um analista é acolher o que chega. Lacan era de uma grande gentileza ao acolher alguém. Ele podia dar uma bela de uma porrada, mas entendam que porrada é efeito no outro, e não que ele, Lacan, fosse grosseiro.

# 34

A importância de manter constante a referência à teoria clínica, à teoria enquanto pensamento sobre clínica, é para termos algum parâmetro, para nos referirmos a tal organização teórica para pensar. É preciso insistir nisto porque ninguém é dono do Inconsciente. O Inconsciente é que é nosso dono. Sabemos muito bem que qualquer um que pensar que sabe como manejar o Inconsciente será manejado por ele de volta.

Outra coisa em que é preciso insistir é: as pessoas são enormes formações sintomáticas, as quais jamais desaparecerão enquanto tais (se não, aquelas pessoas não mais serão aquelas pessoas). Por isso, elas têm que exercer seus discursos segundo seu aparelho sintomático. O que podem fazer – e devem fazer, segundo eu – é cada vez serem mais artistas, isto é, saberem dizer de seu jeito e melhor o sintoma. Portanto, não é possível escutar o outro e falar que o estilo dele não está de acordo. De acordo com o quê? Qual é a regra? Qual é o normal? Posso dizer ao outro que não estou entendendo, mas não que ele não está falando direito. Se a psicanálise diz que cada caso é um caso, como saber se o outro está ou não falando direito? É o mesmo que o caga-regra literário que diz que alguém não está escrevendo como deve. Escrever como deve é escrever brilhantemente de acordo com seu estilo próprio. A psicanálise é, sobretudo, uma questão de estilo. Desenvolva seu estilo muito bem de modo que os leitores o achem bom, embora diferente.

Não nos acontece de receber de algum analisando certa resposta que nos desloca radicalmente? Ele é quem é o analista? Essas coisas não têm dono. Há pessoas que gostam de trabalhar na clínica, querem se especializar, mas elas não são melhores eventualmente do que qualquer outra intervenção que alguém receba. Agora aqui, por exemplo, estamos diante de um caso clínico. A qual aparelho estou me referindo? Isto faz parte da clínica. Não posso operar clinicamente, ou mesmo teoricamente sobre a clínica, sem um aparelho de

referência, seja ele qual for. Aqui, supõe-se que seja o aparelho da NovaMente. Vejam, então, algo importante que só se dissolve clinicamente: por que não quero saber de *sujeito e objeto*? Primeiro, porque já bolei outra construção – a *Pessoa* – que me parece mais abstrata e mais solta. Mas, sobretudo, porque na relação – ainda velha, cartesiana, que está mesmo na cabeça de Lacan – de sujeito com objeto, a tendência à centralização é enorme: eu sou um sujeito e algo está “jetado”, lançado diante (*ob*) de mim. Ditos lacanianos falam, até em análise, coisas como “o sujeito do analisando”. Isto é doente demais, muito mais egoico do que costumamos pensar. Então, que tipo de exercício podemos fazer, em nosso trabalho clínico assim como em nossa posição diante do mundo ou em nosso trabalho aqui, para parar de pensar em sujeito e objeto? Algumas vezes, vejo artigos em que parece que o autor está citando meus textos, mas não está, pois está pensando em termos de sujeito e objeto.

## 35

Para quê está sendo colocada a **Teoria das Formações**? Por que fiz um Fala-tório intitulado *AdRem* (que, lido de trás para a frente, é: *Merda*)? Até tomei o lema de Edmund Husserl, “às coisas”, mesmo achando que é preciso ir mais às coisas do que ele supunha. Ou seja, não quero saber de sujeito ou de objeto porque me interessam *as coisas*. Só que, ao falar das coisas, é preciso ficar claro que *uma coisa não é um objeto*. É no sentido do que alguém quer dizer quando diz que está sentindo “uma coisa” ou que pensou “uma coisa”. Uma coisa é isto. Ao falar da coisa sem separar entre sujeito e objeto, estamos falando de rotação de coisa com coisa. É o que chamo de **transa entre formações**.

Observamos isto muito bem em nosso corpo quando quebra uma formação dele chamada “pé”. É um problema terrível. É quando notamos que não somos nós que andamos, é nosso pé que anda: lá está uma formação transando com o chão e nos carregando. É neste sentido que falo das formações e das transas entre as formações. Não as atribua a mim, pois sou um pobre diabo acossado pelas formações. Portanto, na clínica, a pessoa que está falando realmente não interessa. E mais, só posso ser acolhedor quando a pessoa não interessar. Interesse-me, sim, pelas formações que estão surgindo. Nem é eu que estou interessado: há aqui algumas formações que estão interessadas. Precisamos começar a pensar assim, a fazer a clínica da latrina mental, isto é, a limpar a merda da cabeça. Se permanecemos nessa de sujeito e objeto, é porque ainda estamos fora de um parâmetro de abertura.

A Teoria das Formações é o denominador clínico comum para entendermos as demais teorias da NovaMente. É importante destacarmos algo que possa ajuntar numa mesma ideia de clínica a Gnômica (teoria do conhecimento), a Transformática (da comunicação), os Cinco Impérios (da cultura), a Est’Ética (da arte), a Diferocracia (da política), a Economia Pulsional (da economia), a Pedagogia Freudiana (da educação), o Poder das Formações (do poder)... Como sabem, a postura clínica é a mesma postura ética. A ética que apresento para esta psicanálise é a de referência à HiperDeterminação e, portanto, à constante tentativa de indiferenciação. Sem o quê, não se escuta. Não posso escutar com *meu* ouvido. Com ele, não escuto nada, só canto... de ouvido. Já imaginaram que podem tentar escutar com o ouvido do outro? Se ouvirmos um grande autor da Música, estaremos escutando com o ouvido dele. Se trocarmos de autor e não mudarmos de ouvido, não receberemos a música. Por exemplo, ouvimos um romântico como Chopin e depois um músico indiano. Se não trocarmos de ouvido, nada ouviremos, ficaremos irritados. Será pior se, depois do indiano, ainda ouvirmos Stockhausen... Como as pessoas querem escutar com os próprios ouvidos, só escutam a mesma coisa. É o que François Jullien diz em seu livro *Entrer dans une Pensée* sobre o pensamento chinês. Se não entrarmos no pensamento do outro, não entenderemos nada desse pensamento.



Prometi falar aqui da peça musical de um neo-romântico, Rachmaninoff. Tomarei a partitura completa de seu *Concerto no 2*, que acho excelente e que tem algo próximo de nós: ele escreveu o *Concerto no 1* e entrou em depressão, pois era bem ruim, e não conseguiu mais compor. Foi seu analista, um discípulo de Charcot com referências freudianas, que o tirou da depressão e o fez compor o *Concerto no 2*, que é brilhante, além de ser tocante. Pretendo, então, como disse, trazer o concerto, a partitura e dar algumas explicações sobre a constituição da orquestra no interesse de cada vez mais pensarmos que *a escuta analítica é igual à escuta do maestro pelo avesso*. É, pois, uma escuta como a escuta musical. Em análise, não escutamos apenas o que a pessoa fala, mas todos os instrumentos que possam soar com a situação que ela apresenta. O maestro impõe uma escuta, mas o analista está apenas recebendo sem imposição a música que lhe é dada. Por meus estudos de música, sei mais ou menos escutar como maestro, sei o que eu impor à orquestra, e sei que esta não é a escuta do analista. Mas a escuta do analista também não é linear, ela é *sinfônica* e com certo concerto.

Em cada fala, sentimos que há um solista acompanhado: há toda uma instrumentação que soa junto. Como sabem, há muitas harmonias como há muitas razões além da razão clássica. Se estivermos ouvindo um concerto neo-romântico tocado por uma orquestra sinfônica ocidental com instrumentos ocidentais temperados por um piano, etc., pode parecer que só há sinfonia deste caso. Na verdade, o analista escuta mais a barulheira que faz um Stockhausen, por exemplo, em seu *Helicopter String Quartet*. E isto é sinfônico. Dizer *sinfônico* é metáfora, pois é *sin*-formações, *sin*-mórfico. Podemos mesmo descobrir que determinado tipo de estrutura musical é muito parecido com nossa sintomática. Isto, para saber escutar as outras estruturas.

Precisamos saber mais sobre música, sobre John Cage, por exemplo, que é o Marcel Duchamp musical. Ele ouve os sons da cidade, do tráfego das ruas, como música. Quanto a nós, ao escutar um analisando, devemos perguntar qual é sua música. Lacan dizia para seus analisandos frases como “essa é a sua música”. Ele tem a sua música, tem seu prefixo... Quem tem músico popular em análise, por exemplo, pode reconhecer que a prosódia –

que é juntar adequadamente o som com a letra – de sua música é quase igual à de sua fala, sai junto com a letra. Qualquer um tem uma prosódia. É assim que se fala.

## 36

Depois de toda teorização que apresentei, parece que o mais importante a desenvolver e aplicar em todas as áreas, se isto puder ser feito, é a **Teoria das Formações**, que não sei se já consegui transmitir com precisão e utilidade. Digo isto porque, no que é abandonada a ideia de *sujeito* – muito cara ao Ocidente durante alguns séculos, sobretudo ao pensamento francês –, junto com ela vai embora o *objeto*. Isto é grave em psicanálise, pois como bom francês e metacartesiano, Lacan apoiou toda a estrutura de sua psicanálise sobre o conceito de sujeito e sobre seu objeto *a*. Sujeito é, para ele, aquele que vocês sabem, um buraco, e o objeto *a*, que nem é uma rolha. É uma teoria bem construída, mas que aqui abandonamos em função de um maior deslocamento da centralidade da **Pessoa**. Parece-me que a Pessoa, tal como a defino, ainda fica centralizada demais se a remeto às ideias de sujeito e de objeto. Mesmo ao sujeito esburacado de Lacan e seu objeto intangível.

É ruim centralizar a Pessoa? Sim, pois começamos a fazer leituras a partir da aparência de unidade de um comportamento pessoal. Começamos a ver a Pessoa como se fosse uma entidade, o que ela não é. Ela é um **polo** constituído por formações. Defini o que chamo de Pessoa como um polo que está colado em formações (Primário, Secundário e Originário). Isto constitui um polo, mas quando penso em termos das formações que constituem este polo, em hipótese alguma estou conseguindo unificar ou mesmo configurar a

Pessoa. É só fazer um pequeno deslocamento na mente para ver: (1) que estou observando (cuidado com certas frases que digo, pois são muito velhas, já estou falando errado, o correto é dizer: “quando há observação”) três grandes formações (Primário, Secundário e Originário) que estão em movimento, que estão em comportamentos, as quais formações são formações compostas de muitas formações – portanto, já **pulverizou**; e (2) quando há observação, ou seja, conluio em transa entre formações, seja de um lado ou de outro, a transa é entre formações de formações de formações... *Polar* não significa unidade ou centralidade, e sim que tem *lugar*, é uma verdadeira *topologia*. A *Tópica* já está dizendo: Primário, Secundário e Originário. Então, é um lugar. Naquele lugar – definamos *lugar* do jeito que quisermos: espaço-tempo ou mera noção de topologia, lugar topológico – está polarizado um conjunto de formações primárias, secundárias e a originária. Como as formações deste lugar aqui não são as mesmas idênticas às daquele lugar ali, então a polarização é diferente – o que não significa que não existam formações que estejam, as mesmas, nos dois lugares.

Isso dá motivo a podermos até arrolar alguns polos num grande polo de semelhanças de formações. Mas é tudo fragmentado, tudo pulverizado. Tenho que arrumar uma transa com as formações dali a cada vez que pensar isso. E isto tem a cara da **Clínica**, pois ela é assim: não falo com sujeitos, indivíduos, etc., e sim com Pessoas polarizadas com formações em dinâmica. Num confronto supostamente dito de analista e analisando, em determinado momento podemos desprezar uma quantidade enorme de formações e estarmos em confronto com apenas uma formação que está bloqueando tudo. Sequer estamos falando com a Pessoa enquanto polo, às vezes estamos só de olho numa formação que está criando resistência demais: as formações supostamente analíticas, que estão do lado do analista, estão em agonística com uma formação que impede a análise. O importante é a ideia de **pulverização das formações**. As Pessoas, já que são polarizadas sobre certo Primário, são configuradas demais. Reconhece-se a Pessoa se ela vem andando pela rua, por exemplo, o que é terrível, uma estupidéz: sei lá com quem estou falando mesmo.

Se conseguirmos fazer uma torção no pensamento e começar a praticar essa transa só de formações, muda muito nossa cabeça. Somos ocidentalmente

viciados na centralidade de que fulano é fulano, sicrano é sicrano, da “identidade” da Pessoa... Alguém aqui teria depoimento sobre a possibilidade de estar se dando conta de transa entre formações e desfigurando o indivíduo ou o sujeito?

• P – *Posso falar de uma experiência de ter vivido sob o domínio de várias formações diferentes, uma a cada vez. A cada vez, no Secundário, uma formação se apresentava parecendo uma identidade, mas era uma identificação. O campo ficava totalmente fragmentado e uma não tinha muito conhecimento da outra. A partir da análise, à medida que essas formações foram se falando, houve uma integração num nível diferente, não sei exatamente onde nem qual...*

É preciso começar a mudar de vocabulário para ficar mais claro. Não houve integração, e sim uma re-transação.

• P – *Coisas que estavam perdidas na memória passaram a voltar espontaneamente.*

Voltaram a transar. Não há *integral* algum aí.

• P – *Coisas que eram estranhas ficaram familiares e coisas que eram aparentemente familiares começaram a sofrer o mesmo processo de distanciamento. Isso teve um efeito no Primário. Eu esbarrava muito nos objetos e agora tenho mais consciência de até aonde vai meu corpo, não perco mais as coisas como perdia, faço uma coisa de cada vez, antes me atropelava muito, estou menos impulsiva...*

Isto não é Primário. É o Secundário que, de certa forma, conseguiu educar, controlar o Primário.

• P – *Descobri formações que me sacaneavam e que eu atribuía para-noicamente aos outros. E, mais importante, percebi que a formação que me sacaneia está aqui.*

Ia estar onde? É preciso sempre lembrar que, se o polo tem foco e franja, por mais longe que a franja vá, ela está ligada ao polo.

• P – *Pensando segundo a teoria das formações me dá a impressão de que é mais fácil suspender e separar, pois desloca-se o centro onde ficaria tudo amarrado, preso.*

Teoricamente, parece assim. É mais simples porque generaliza o processo e temos uma visão mais clara para encaminhar. Isto é diferente de ir lá na transa e desamarrar. Aí é pesado porque as formações *resistem*. *Formações são resistências* e suponho que algumas jamais se deslocarão, pois há uma questão de sobrevivência do boneco e de suas formações. É o velho *conatus*, de Espinosa. Os recalques primários são muito pesados e os recalques secundários aprendem a ser pesados com o Primário. Mas para quê serve a teoria das formações? Para, em meu sentido, em minha prática, o processo de entendimento e de ação ficar cada vez mais claro, mais abstrato e homogêneo: em vez de uma porção de conceitos, reduzir tudo a formações, a ler as formações, buscar seus componentes. Assim, se abrange tudo. Os esforços anteriores, de Freud, Lacan, etc., não deixaram de ser entendimento de certas formações, mas conceituadas demais. Eles não têm um nome genérico: *formações*, com qualquer tipo de conteúdo, primário, secundário ou originário.

Faz enorme diferença escutar alguém com uma ideia de síndrome ou de conceito na cabeça, ou, simplesmente, olhar as formações, ver para aonde vão e como se compõem. Notaremos que não cabem em definição anterior alguma, que eram tentativas de definições de *certas* formações. Paremos, pois, de definir as formações e as encaremos como formações de formações de formações... Isto, para ficarmos à deriva nessa poeira até achar um **foco** para o caso. De repente, o caso começa a fazer foco, sem que previamente venhamos com os nomes que se usam sempre. Já tentei deslocar isto chamando-os de Morfose Estacionária, Morfose Regressiva e Morfose Progressiva. E já é muito pesado, pois trata-se de uma *tendência*, e não uma integração. Desde Freud, sabemos que fulano não é histérico, e sim histérico para cá, obsessivo para lá, etc., etc. Tem tudo ali. Vamos, então, ler as formações e ver quanto tem disso, quanto daquilo. O *quanto* não é calculável, mas sempre apenas tratado por sensibilidade. É um ponteiro, vai mais para lá, vem mais para cá, mas não sabemos exatamente a quantidade.

- P – *O foco é sempre a posteriori?*

Isto é fundamental, entender que **o foco é sempre a posteriori**. Ele tem que nascer diante de nós. Há que sacar bastante, razoavelmente, qual é o foco.

Quando Foucault disse que é preciso se deparar com a *morte do autor*, a reação foi enorme, mas acho que não entenderam bem o que ele disse. É ele quem tem razão. Vejamos o porquê dentro da teoria das formações. Quando alguém tem a cara de pau de assinar como autor de uma obra: livro, peça de teatro, quadro, qualquer coisa, como encaramos isto ao chamar essa pessoa de autor? Encaramos essa pessoa como fonte de onde emerge a obra. Mas não é, ela é um *resultado*. Ao tomar uma obra, estamos colhendo o resultado de uma pletora de formações. Então, não é daqui para lá, é de lá para cá. As formações caíram ali dentro e tomamos o resultado que, às vezes, é uma obra. Mas não há ninguém que tenha “produzido” uma obra que dê conta dela, ele não faz noção. Podemos achar que temos algum mérito, mas qual é? De a pessoa ter dado a sorte de ter aquelas formações? Isso cai no logicamente indecidível porque, de fato, esse processo passou por aquela pessoa, enquanto polo, e escoou por ali. Mas de onde veio? Para aquela pessoa enquanto *polo*, aquilo é terminal, ela *recebeu*. Não sejamos espiritistas, mas o autor é só *medium* (que é o singular de *media*, em latim, e que, no Brasil, estupidamente chamamos de *mídia*, imitando os americanos). Não nos damos conta de que os autores são *media*, de que o autor é *medium*: uma porção de formações bateram ali e até o obrigaram à obra. Esquecemos que ele é vítima, e não o autor do crime. Ele foi atingido e começa a fazer essas loucuras.

- P – *Não se pode imaginar que Cervantes fosse a fonte de Dom Quixote. Aquilo é uma pletora de não se sabe quantas outras narrativas.*

Por que *Dom Quixote*, *Fausto* e outras são obras que ficam? Qual é seu **poder** (sobre o qual falarei a seguir)? Elas têm um poder, elas se instalam e não saem mais. Por que, então, fica a referência? Porque o *medium* pegou muitos espíritos. Tanto Secundário baixou em cima dele que sua obra fica abrangente.

- P – *Esta é uma nova teoria do que é um cânone.*

É a teoria do que é um *cânone*, seja em qualquer ordem, literária, arquitetônica... Um *cânone* acaba se formando assim.

É preciso ficar claro para nós, enquanto Postura de Analista, a inversão radical do vetor no pensamento analítico. O que importa numa obra é ela ser, como eu disse, de lá para cá. Se não pensarmos assim, não entenderemos o analisando. É como se ligássemos um rádio e a antena comesse a captar muitas coisas. O cara está lá colocando para fora, ele é só um rádio, *media*, *medium*... Ele vai à sessão, liga e ficamos perplexos porque entrou um cara e saiu outro. É outra estação. Mas, geralmente, aquele rádio só pega as mesmas estações. Ficaremos escutando aquela coisa e será possível ver como esse aparelho está viciado apenas em tais estações. Aí, faremos algo para empurrar para outras estações.

• P – *Sempre me intrigou que grandes autores, grandes artistas, anotassem qualquer coisa que lhes acontecesse. Hélio Oiticica, por exemplo, anotava tudo que via, observava e percebia, no nível do pensamento, da transa interpessoal...*

Porque o gravador é dele, ligou o rádio. Ficava anotando porque devia ter clara noção do que *lhe* estava acontecendo: “Vamos gravar o que o outro diz”. Por isso, Lacan inventou a ideia de Grande Outro. O cara está no *mundo* e tem uma formação que o empurra para dizer coisas. Ou seja, tem a *compulsão* de criar. É uma compulsão. Compulsivamente se faz essa besteira como a que faço aqui, por exemplo. O cara está obrigado, é vítima, é cachorrinho do Haver, está na coleira. Então, o cara que tem certa noção das coisas que estão *lhe* acontecendo precisa gravar, pois não é nem dele, como ele vai lembrar?

• P – *Essas pessoas têm a noção de que tudo que lhes acontece importa e os Morfóticos Estacionários dão pouca importância...*

Porque acham que é deles. Não sabem que não é. É preciso saber que não é seu para anotar. Coisas que vimos, não são coisas nossas. O neurótico pensa que ele é ele mesmo. Ele é crente que é ele, ele “se acha”. Se parasse de se achar, ficaria procurando como outras pessoas ficam. O problema das formações ditas patológicas é essa pega, é se achar que se é. Vejam o chamado

psicótico, o Morfótico Regressivo, este acha que é à beça. É o contrário do que se pensava na Idade Média: aquele que realmente consegue um pouco de cura é meio dissolvido e dissoluto, não tem tanto carço, é meio mole.

• P – *E a questão da responsabilidade? De alguém matar outro, por exemplo?*

Este é um problema difícilimo de resolver. Enquanto formos os macacos que somos – pois nossa cultura ainda é o *Planeta dos Macacos* e demorará muito para deixar de ser –, confundiremos tudo e imediatamente responsabilizaremos a configuração primária de onde a coisa partiu como fonte. É um Direito imbecil, mas é o que se tem. Se tivéssemos uma grande progressão civilizatória, como isto seria tratado? Temos um aparelho jurídico que imputa – chama-se *imputação* – a determinado *indivíduo* (o nome é este) a fonte do crime. Crime este que a lei criou, pois, se não está na lei, não é crime. A lei cria o crime e quando alguém pratica aquilo que a lei chama de crime, a justiça imputa a ele como *fons et origo* da criminalidade. Isto não cabe em nossa cabeça. Não tenho forças e poderes para lutar com essa ordem jurídica, mas sei que não se trata disto. Então, punimos exemplarmente algo que não exemplifica nada. É mentira que a punição seja exemplar e educativa. A punição arrebenta com o cara e não exemplifica nada. Não podemos perder esta crítica.

É um absurdo total tomar um suposto crime – suposto porque indicado pelo que está escrito na lei, e só é crime porque é ilegal: quem constitui o crime é a lei, e não o ato (se a lei for diferente, o ato não será crime) – e atribuí-lo a uma *defecção moral* da pessoa. Hoje, com a comunicação fácil, televisão, internet, etc., a toda hora vemos um crime terrível anunciado, o qual, é nitidamente cometido por um psicopata. Mas não o consideram psicopata, e sim imoral. Isto porque, se for psicopata, se tenho o conceito de psicopatia, ele deve ser afastado da sociedade de algum modo, e não simplesmente chamado de monstro ou imoral. Tem que ser afastado por não ter competência para segurar a compulsão desse malfeito – tiremos a palavra *crime* – a alguém. Ou fazem uma imputação jurídica e ele vai para a cadeia, depois é solto para ser novamente praticante do mesmo ato, ou fazem uma imputação moral. Nenhuma das duas. Ele tem que ser afastado e controlado e pode viver lá. Mas



nada tem aí de imoral. É um psicopata, e tampouco pode ser tratado apenas por uma ordem jurídica que diz que ele vai ficar preso na cadeia ou vai para o manicômio judiciário. Ontem na televisão, havia depoimentos de pessoas que fazem parte da Comissão da Verdade. Um cara estava sendo acusado de tortura por vários que foram torturados por ele, e ele dizia: “Nunca fiz isso”. Era evidentemente um psicopata – fiquei olhando para a cara dele, não queria saber dos outros, queria os indícios de sua psicopatia – que jurava de pés juntos ser um santo.

• P – *É um cara de pau.*

É mais do que isso. Precisamos ter o sentimento de que estamos mentindo para pôr uma cara de pau. Não é o caso dele. É psicopata, simplesmente não sente nada, não pensa nada em relação ao outro. Não é denegação, é exclusão da *verdade*. O psicopata não denega, simplesmente não foi aquilo. Isto porque trata o mundo conforme o mundo é. O difícil é aceitar que ele trata a ordem jurídica como a ordem jurídica é.

• P – *Uma aluna da faculdade de psicologia, numa prova final de múltipla escolha, teimou que havia escrito a letra A quando, de fato, escreveu a letra C. Ela repetia que aquilo era um A e não um C.*

Outro aluno rasurou a resposta da prova corrigida na minha frente para reivindicar pontos. Dizia que estava me tratando com toda a educação...

Isto é grave do ponto de vista clínico. Varia da simples denegação à plena psicopatia. Qual é o grau? É uma situação difícil. A pessoa fica diante de nós dando um jeito de nos colocar como o sem educação, ou o que viu errado. Às vezes, bate na ordem jurídica e alguém vai preso porque o psicopata fez isto com ele. Aliás, o psicopata pode ser o juiz, ou o advogado. Saíam dessa! Nossa maneira de enxergar não pode ter compromisso com a ordem jurídica, com a ordem lógica oficial, com nada disso. Temos, às vezes, que baixar a cabeça porque eles têm o poder, mas aqui na psicanálise não temos compromisso com isso, mantemos a *suspeição* e a *suspensão*.

• P – *Esse tipo de coisa já acontece no ensino fundamental II, onde dou aula. O aluno rasura a correção, leva para casa e volta com a família*

*para reclamar. O professor e o coordenador é que são os errados, pois o filho “não mente”.*

No tempo em que eu era professor – felizmente, caí fora antes da mudança –, a autoridade máxima na sala de aula era o professor. Portanto, se o professor disse, acabou. Mesmo que fosse um psicopata, pelo menos estava resguardado. Hoje, o professor é empregado do aluno.

## 37

Quero agora retomar o conceito de **Poder**, sobre o qual falei ano passado. É algo maltratado pelos autores. Inclusive por este que vocês estão lendo aí, Moisés Naím (*O Fim do Poder*, São Paulo: LeYa, 2013), que faz uma bela descrição dos poderes, mas continua com os velhos conceitos. No caso de nosso entendimento, não vai a lugar algum, pois ele trata o poder como poder já instituído. O que nos interessa é *como se constitui poder*. Nosso conceito de poder não é de poder constituído, em exercício, e sim: o que é *poder* (verbo)? O que se pode? Aí, veremos os poderes se constituindo. Isto, para podermos lidar com aquilo como dissolução dessa constituição e como entendimento de sua generalidade. Ano passado, eu disse que “poder, verbo, é a capacidade que tem uma formação de sobrepujar outra formação ou outras em algum tipo de transa”. Está correto, mostra como funciona o poder: há certa formação – que é sempre formação de formações – que tem a capacidade de sobrepujar outras formações. Esta formação, no cômputo, exerce o poder sobre as outras, mas definir assim ainda não mostra a constituição do poder. Ainda é pouco, não gostei.

É preciso ver que **o conceito de poder** – pensem no verbo, pois a substancialização do verbo já é um truque de institucionalização: não existe o poder, e sim *poder* ou não isto ou aquilo – **está comprometido com a Teoria das Formações**. Faço, então, a crítica da definição que dei para arranjar uma melhor. Poder (verbo) é simples e apenasmente *poder*: pode-se isto ou aquilo. Assim, a definição melhor é: **poder é a competência que tem uma formação de exercer sua pulsionalidade** – isto é que é importante – **contra outras formações**. Desta definição podemos tirar todas as modalidades suponíveis de poder. Tomo agora como exemplo algo que deixa a Esquerda arrepiada e digo que a ideia lacaniana de que *o Inconsciente é capitalista* é derivável da definição de Poder que acabei de dar. **Capitalismo, antes de mais nada, é exercício da pulsionalidade em Economia**. Já falei disto outras vezes até comparando com coisas de biologia. Mas, em Economia, se exerceu a pulsionalidade, você está em exercício de poder e sobrepujará ou não outras formações. Não adianta querer historicizar o capitalismo, pois ele é isto em sua base. Lacan tem razão, o Inconsciente é capitalista: “Eu quero é mais!”

Entendamos o que estou chamando de **pulsionalidade**. Defini a Pulsão como Alei do Haver: “Haver desejo de não-Haver”:  $A \rightarrow \tilde{A}$ . Isto é um vetor. Onde quer que haja exercício de pulsionalidades, temos que encontrar vetores. Lembrem-se de que vetor é uma força com direção e sentido:



Direção ( $\Delta$ ) é sua posição no espaço, sentido é para onde ele está indo (de  $x$  para lá e não para cá, por exemplo). A força tem intensidades diferentes. No caso do que chamo Alei, enquanto Pulsão – Haver desejo de não-Haver –, é *konstante Kkraft*, em Freud. A Pulsão, cuja força ele chamava de *libido* ou *energia* – não precisamos mais chamar assim, basta chamar de Pulsão –, é a força que se encaminha do Haver ( $A$ ) para o não-Haver ( $\tilde{A}$ ). É o que está dito n’Alei. E quando o movimento pulsional está nas Formações do Haver, ele envisca, cola nas formações. As formações tomam um pouco dessa força e criam *resistência*.

Toda e qualquer formação é um vetor, do ponto de vista de Poder.



A formação *F* tem direção, sentido e tem seu *quantum* de pulsionalidade: ela tem sua força. Uma formação diante de outra tem mais ou menos força. **Poder** é exercer isto – e se demonstra mais ou menos poder diante do poder de outros poderes. Foucault chegou a falar em *microfísica do poder*, mas ainda estava – e os foucaultianos têm ódio quando se diz isto – tomando os poderes constituídos e suas pequenas formações. Mesmo Moisés Naím, autor citado há pouco, diz que as grandes formações estão perdendo para as pequenas. Foucault queria que as pequenas formações fossem capazes de exercer seus poderes para derrubar as grandes, mas isto ainda é formação instituída. O que pergunto é: **Como se institui um poder?** Toda formação tem sua força, sua direção e seu sentido. Então, é como formação que um poder se institui. Buscar quais são os componentes desta formação é que é entender sua microfísica mesmo. Toma-se uma formação, verifica-se que tem tal poder, tal força, tal direção e tal sentido. O que está dando isto a ela? É apenas seu conteúdo? Ou até as formações de fora lhe emprestam força? Pergunto isto porque quando uma formação é mais fraca do que eu, ela me emprestou força. O fraco dá força ao forte. Quem mandou ser fraco? Dizem que “o forte é mais forte e domina o fraco”, mas só domina porque o fraco empresta força ao forte.

Vejam que leituras marxistas e outras de esquerda são sempre do poder instituído: “Que maldade! Ele é forte e oprime o fraco”. Será? Tenho minhas dúvidas. Ele é forte, está cagando para o fraco e passa por cima. O fraco que saia da frente – ou que seja capaz de medir as suas forças e somá-las. A revolução da esquerda é no sentido de “salvar a humanidade”, de “pegar os pobrezinhos dos proletários e fazê-los vencer”... E quando consegue fazer isto, vira Stalin, pois os fracos continuam fracos. Como ninguém os ensinou a juntar forças, continuam na mesma. Não é espantoso tomar uma teoria marxista e acontecerem uma União Soviética e um Stalin? Cadê a revolução, a ditadura do proletariado? O proletariado se chama Stalin? Há algo errado nessa conta. Se não, isto não aconteceria.

- P – *As formações são plurais. A pulsão é plural?*

A Pulsão é uma só, *konstante Kraft*, é a *força pulsional*. Mas é apropriada, ela gruda, cola nas formações. Cada formação tem seu pedacinho de força. Por exemplo, como entender – e é difícilimo isto – o conceito de **neguentropia**, a entropia negativa? O sentido da Pulsão, d’Alei, é entrópico: Haver desejo de não-Haver. Então, começa que isto se torna impossível porque o não-Haver não há, mas o movimento, o vetor, é este: vai quebrar a cara e fracionar. No que o vetor fraciona ou fractaliza, como quiserem, há uma porção de formações, nada simétricas, nada iguais, cada uma com poderes diferentes. Esses poderes diferentes e momentâneos é que são neguentropia. No que resistem, começam até a criar vida, isto e aquilo. Só que a entropia vai vencer. Não adianta estrebuchar, pois cairão outra vez na entropia. No entanto, toda vez que chegar lá perto de nada, explode de novo. Então, volta. Enquanto o Haver por inteiro não apagar – e isto suponho que nunca acontecerá –, não me venham com entropia generalizada. Isto porque não acontece ao mesmo tempo: se aqui entropiza, ali neguentropiza. **O Haver** não é infinito ou eterno, é sempiterno, não tem fim, nem começo. Neguentropia é o resultado da entropia. Durante anos estudei a teoria da comunicação e procurando entender a neguentropia. Em nosso campo teórico, neguentropia é fácil de entender: a quebra de simetria produz neguentropia, ela faz a própria entropia criar bolsões de recorrência.

- P – *Norbert Wiener afirma que vivemos num universo com tendência entrópica com ilhas de organizações sistêmicas.*

Mas isto não explica como estou explicando.

- P – *Mas ele reconhece as ilhas como bolsões de neguentropia.*

Porque isso é funcionamento da entropia.

- P – *E será comido por ela.*

Mas explode outra vez porque é impossível chegar ao não-Haver.

- P – *Talvez Martin Bojowald, com as ideias de universo reversível e de gravidade quântica em loop, se aproxime disso que você está falando.*

Ele está perto. Este é o grande problema da física e da cosmologia contemporâneas.

• P – *Há a tese da termodinâmica estatística, chamada caixa de Boltzman. Boltzman imagina uma caixa que, num primeiro estágio, está cheia de moléculas bem organizadas, mas que, uma vez mexida, estará, no segundo estágio, mais desorganizada; no terceiro, mexida de novo, mais desorganizada ainda... Ou seja, está-se aumentando a entropia. Ele traz a seguinte questão: é possível que, de tanto mexer, chegue ao primeiro estágio? Diz ele que é possível, mas pouco provável. Então, não há impossibilidade de fato, e sim pouca probabilidade dada a configuração que se tem.*

Ele precisa esperar alguns milênios...

• P – *A vida é um exemplo pouco provável que aconteceu.*

*Vida* há em todo lugar. Agora já começaram a tomar coisas de muitos anos-luz de distância e sempre encontram uma vidinha lá. No meio de um vulcão, vida é banal, só que estatisticamente menor do que pedra. Tenho visto em jornais, na televisão, que biólogos tentam constituir simulacros de vidas diferentes. Querem entender a constituição de uma *vida*, isto é, de um ser capaz de reproduzir-se que não seja da ordem carbono, que viva numa atmosfera de metano e não de oxigênio, por exemplo. Eles conseguem fazer a simulação em computador e o bicho existe, é possível. Estão chegando perto de onde quero. Então, teremos um animal exterior que, se realmente descer aqui, morrerá, o oxigênio o comerá na hora. Sua constituição é radicalmente outra, e nem precisa ser robótica, é vivo, ou seja, é espontâneo. Não é uma vida resultante do artifício industrial – isto também existirá, pois vai-se acabar criando uma neo-vida, que é artifício industrial –, e sim que, em outros lugares, há artifício espontâneo radicalmente diverso de nossa constituição. Certamente, é IdioFormação como nós, mas este colega não pode conviver no mesmo espaço que nós, pois morre ou morremos se formos para sua Terra. Mas dá para transar, para conversar. Transar não é só fuque-fuque. Há próteses, mil maneiras, dá para transar pela internet: TransHaver. Não é preciso ser da mesma constituição primária que nós, é outra. O pessoal já está produzindo

esses simulacros por estar descobrindo que, em alguns desses planetas, há esse tipo de vida, vegetal e animal, que respira metano... Não é bacana?

Quero, portanto, recompor a ideia de **Poder** cada vez mais abstratamente para não cairmos nos engodos do poder instituído.

• P – *Falando em pulsionalidade, é interessante lembrar que Lacan falou que só havia pulsão parcial nas transas.*

Só encontramos a pulsão parcialmente. Mesmo porque teríamos que dar a volta no Haver inteiro para ver a Pulsão não parcial. O somatório de todas as pulsões, a confluência de todos os vetores em um vetor único, é que é Haver.

• P – *O que faz o fraco dar poder ao forte? Ele teria algum interesse em pulsionalmente delegar esse poder?*

Não tem jeito, não é porque ele quer. Às vezes, é assim, basta ver como o povo vota.

• P – *É o que está na Teoria dos Vínculos: transferência, projeção, identificação, alienação...*

A própria representatividade dita democrática é uma maneira de arrolar, arrumar e arranjar alienações. A massa não quer saber, delega para o outro. Por que o pessoal da política rouba, mete a mão e faz tudo que faz? Porque sabe que aqueles que os colocaram lá não estão nem aí. Quando há um deslize esquisito, isto é, que não é muito grande nem muito verdadeiro, é só esquisito (por exemplo, o tal *mensalão*), são pessoas que deram azar. Outros continuam roubando mais do que elas e não são pegos. Existem formações que são desejosas de alienação, que preferem se alienar, se encostar no outro, ao invés de se apoderar das coisas e entrar como força. Aliás, a maioria das pessoas prefere se alienar, inclusive nós mesmos.

• P – *Há um gozo masoquista?*

Desde Freud, sabemos que há. O gozo masoquista é positivo ou negativo? Parece negativo, mas se o fosse, a pessoa estaria gozando por onde? Ela não se submete. Está, sim, exercendo determinado poder. Caímos no engodo

de supor que o masoquista é negativo, passivo, mas não é. Ele está exercendo o masoquismo positivamente. Aliás, qual é o positivo? Vejam um tipo de coisa que, no social, definimos de saída. Por exemplo, quando se diz de alguma mulher que ela “está dando para todo mundo”. Ela está é comendo aquele bando de babacas, um a um. Mas como está numa posição previamente definida como “galinha”, não se vê efetivamente o que acontece. É mais frequente do que o contrário.

• P – *Há o negativo?*

Sim. Quando determinado poder se exerce sobre outro menos poderoso e o obriga *mesmo*, à revelia do desejo do oprimido. Eis algo difícil de destacar em política. É preciso analisar a história que contam sobre o povo estar oprimido. O povo está oprimido ou está positivamente se alienando? Se está positivamente se alienando, não há possibilidade de deslocamento político. Outra coisa, é o povo estar lutando sempre contra uma força, sem ainda ter conseguido força igual ou superior. Luta-se contra um poder que está oprimindo, mas não se está interessado em se alienar a esse poder. Estamos fracos ainda e, no que isto acontece, emprestamos poder ao outro. Vejam que é uma dinâmica terrível. A alienação é “deixar que resolvam”. Então, se não fizermos a análise da situação e definirmos como “povo oprimido”, como faz a esquerda, é igual a definir mulher como “galinha” quando é ela que está comendo todos e dispensando. Pensam que só homem faz isto?

• P – *A ideia de resistência em psicanálise é diferente da ideia de resistência em política?*

São a mesma coisa. Quando estamos resistindo a uma força, estamos usando a mesma ideia de resistência. É nossa resistência contra a resistência do outro. A própria resistência pode ser positiva ou negativa. Os dois alelos do Revirão estão sempre em jogo.

• P – *No livro O Andar do Bêbado, o autor diz que as pessoas preferem escolher explicações errôneas. Por exemplo, preferem a ideia de que não dão para nada, ao invés de insistirem até conseguir fazer algo.*

Nunca simplesmente engolir uma definição faz parte do que podemos



chamar de análise. Trata-se de colocar as formações para transar e ver no que resulta essa transa. De repente, não é bem assim como dizem, há algo errado aí. Se os povos que a esquerda chama de oprimidos o fossem de verdade, bastava diminuir um pouco a pressão de cima que a pressão de baixo subiria. Por que não acontece isto a não ser nas chamadas “primaveras árabes”? Ultimamente, aliás, isto está acontecendo um pouco. E quando isto acontece, é prova de que havia opressão.

## ANEXOS

### Emails enviados

1. Como já disse algures: Feliz é a Serpente – que pode comer o próprio rabo. Aliás, na perspectiva chinesa, vamos logo logo entrar no ano dela. (A propósito do texto *O Caminho da Serpente*, de Fernando Pessoa, s/d: “O caminho da Serpente está fora das ordens e das iniciações, está, até, fora das leis (rectilíneas) dos mundos e de Deus. O carácter maldito, o aspecto repugnante, da Cobra, traz marcado a sua Oposição ao Universo – profundo e obscuro Mistério Magno...” [In: *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética: Fragmentos do espólio*. Fernando Pessoa. (Introdução e organização de Yvette K. Centeno). Lisboa: Presença, 1985. p. 35].

02/JAN

2. “...Tu gardes le cœur de connaître / Que l’univers n’est qu’un défaut / Dans la pureté du Non-être!” (Paul Valéry: *Ébauche d’un serpent*, 1921). Já citei o mesmo aforismo [Serpent/Penser] em momentos adequados, sobretudo para lembrar que ‘a pureza do Não-ser’ se chama, NovaMente, não-Haver.

03/JAN

3. Donde a importância da *Teoria das Formações* (da Nova Psicanálise) que prefere não nomear grandes formações sintomáticas e sim fazer o levantamento das formações que aparecem para cada pessoa e, só então, desenhar um quadro específico dessa composição particular resultante (sempre sem nomeação obrigatória). 1) diferentemente da Psiquiatria que circunscreve uma suposta categoria, descreve seus supostos ingredientes aliás comportamentais, e acaba por ter que imiscuir outros ingredientes insuspeitados por tal nomeação quando o quadro resvala, deixando a DSMIV frequentemente uma composição absurda e confusa; 2) diferentemente da Velha Psicanálise que: ou

se além a descrições conteudísticas e/ou anedóticas, caras ao historial viciado dos freudianos e subseqüazes; ou se reporta a supostas estruturas linguageiras decantadas em esclero-esquemas ou em pseudo-matemas, como acontece com o lacanetismo acadêmico ora vigente. Que se pense um pouco nisso tudo. (A propósito do artigo “Optimal outcome in individuals with a history of autism”, de Debora Fein et al, publicado no *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol. 54, no. 2, p. 195-205, fev 2013, primeiramente publicado online em 16 jan 2013).

25/JAN

4. A moça não entendeu quase nada: a Ironia, um dos avatares do Revirão, é a expressão mais típica da instalação (possível?) do 4o. Império. Não haverá sobrevivência sem ela. (A propósito do artigo *Como viver sem ironia*, por Christy Wampole, Revista Serrote [online], 2013/1).

27/JAN

5. Então se pode ler a ironia destilada da querida Wislawa. Outrossim não é possível psicanálise de mapas: os quais se apresentam resistentemente em quantos analisandos. (A propósito do último poema escrito por Wislawa Szymborska, *Mapas*, tradução de Regina Przybycien, publicado na Folha de São Paulo, Ilustríssima, 27 jan 2013).

27/JAN

6. Citação: Leclair (15mar1977): “Mas o que há de mais idiota, hoje, que esses cenáculos onde o ser-lacaniano tem o lugar de escuta?”

09/FEV

7. Os três têm razões a apresentar. Mais, Le Goff que sacou melhor a correlação com Celestino V: O Bené não tem condição de suportar porque é

incompatível com a entrada do IV Império. (Comentário ao artigo de Giorgio Agamben, *O que a renúncia de Ratzinger ensina à política*, publicado no jornal *La Repubblica*, 16 fev 2013; ao texto de Toni Negri, *O que a renúncia de Ratzinger ensina à política*, publicado em *Diário Liberdade*, 16 fev 2013; e à entrevista de Georges Le Goff a Giampiero Martinotti, publicada no jornal *La Repubblica*, 12 fev 2013) [Diz Le Goff: “...em 1294, houve Celestino V, do qual Dante fala na Divina Comédia como aquele que fez ‘a grande recusa’. Apesar das diferenças muito grandes, há algo em comum entre Celestino V e Bento XVI. (...) Celestino V era um eremita tradicional; Ratzinger, um teólogo tradicional. (...) Celestino V pensava ser incapaz de guiar a Igreja porque pertencia profundamente ao cristianismo medieval tradicional, dominado pelo monarquismo, o anacoretismo, enquanto a cristandade havia se modificado profundamente, havia conhecido um desenvolvimento rural e urbano considerável e, no fim do século XIII, havia se tornado um mundo novo. Eu vejo uma semelhança entre essa época e este início do século XXI. (...) acredito que, nestas horas, estamos assistindo a um daqueles acontecimentos pluriseculares característicos do cristianismo. (...) Havia acontecido a mesma coisa com Celestino V: nunca se havia visto nada do tipo e, por isso, Dante fala a respeito. Ratzinger não rende homenagem à modernidade, porque, ao mesmo tempo, o seu gesto é uma rejeição da modernidade: o papa que abdica se retira dela”].

18/FEV

8. Veja-se então que, como tenho há muito dito e repetido, se houver mesmo chance, o 4o. Império vai se instalar e plenamente: nem Sujeito, nem Objeto: Formações, Formações, Formações... e suas transas multifárias. (Comentário ao artigo de Michael Schulman, *Assexuados, bichas & cia: A nova geração gay nas universidades dos EUA*, Folha de São Paulo, Ilustríssima, 17 fev 2013).

23/FEV

9. Em complemento ao SóPapos de hoje: 1) Vejam no Globo.com de hoje os negros louros da Melanésia. 2) Recomendo a leitura de Michel FOUCAULT:

*Em Defesa da Sociedade* ( Curso no Collège de France, 1975-76). São Paulo, Martins Fontes, 2000. 3) MD: Confiança é um sentimento que se adquire a prazo, em longuíssimas prestações – e se perde à vista, de uma só tristíssima vez.

04/MAI

**10.** Como diz o Avô: “But the struggle is not yet over.” (Sobre gravação de Freud à BBC, em dezembro de 1938).

23/MAI

**11.** Recomendo a leitura do livro de Niall FERGUSON: *A Grande Degeração: A Decadência do Mundo ocidental*, São Paulo, Planeta, 2013, bem como a do velho *Bandeirantes e Pioneiros*, de Viana MOOG. Para melhor entendimento da razão institucional em geral, bem como da nossa própria história institucional brasileira. Também é possível que encontremos sugestão de argumentos para uma possível abordagem psicanalítica dessa história toda, mediante o conceito de *Creodo Antrópico* em cruzamento com o de *Morfoses* (*Estacionária, Progressiva e Regressiva*), no âmbito da visão sintomal dos procedimentos e processos.

25/MAI

**12.** Como vocês sabem, há muito que já explicitamos a situação que agora ocorre. Minha conferência (justamente) no Palácio do Planalto (ao tempo do Fernando Henrique) em 1997 já era repetição de Seminário anterior. Então repito: estamos diante de incipientes manifestações da entrada turbulenta do Quarto Império – e com características de demanda que só encontram configuração adequada na ideia de *Diferocracia*. Sem instrumentos teóricos adequados, Governos, Universidades, Intelectuais, Jornalistas, etc., estão desorientados (perplexos?) e confessando que *não estão* entendendo nada:

está lhes faltando Orientador. Nós, *estamos*. (Comentário ao artigo *Representações*, de Hermano Vianna, O Globo, 21 jun 2013).

21/JUN

**13.** Recomendo vivamente a leitura imediata do pequeno livro, de Daniel BEZERRA e Carlos ORSI, Pura Picaretagem, São Paulo, Leya, 2013, onde há instruções importantes transmitidas com leveza e próprias para o entendimento de certas posições da NovaMente (sem picaretagem).

06/JUL

**14.** Pedir que lessem da obra de Espinosa talvez fosse mesmo demais... Mas acaba de sair, em português, o livro de Steven NADLER: Um Livro Forjado no Inferno (O tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular) (2011), São Paulo, Três Estrelas, 2013, 343 p. Boa leitura para se entender como funciona um PENSADOR.

10/JUL

**15.** Aí está o que lhes venho advertindo há décadas. A entrada turbulenta do 4o. Império deslineariza tudo, fragmentariamente, fractalmente, etc., etc. Há muito que encontrei motivos para uma reformatação da Psicanálise (paralém e apesar da Igreja Lacaniana), para uma Teoria das Formações (sem Sujeito e sem Objeto), para uma ideia de Diferocracia, para a sugestão da Intervenção ad hoc, para a pulverização das Pólis (“a cidade sou eu”), e assim pordiante e ainda tanto porfazer. (Comentário ao texto *A revolução será pós-televisiionada*, por Elizabeth Lorenzotti, publicado em 10/07/2013 na edição 754 do Observatório da Imprensa).

12/JUL

**16.** Como coadjuvante da terapia do Mazombo, podemos ler o livro de Aurélio SHOMMER: *História do Brasil Vira-Lata (As Razões Históricas da Tradição Autodepreciativa Brasileira)*, São Paulo, Casarão do Verbo, 2012. Quem sabe serve?

13/JUL

**17.** Hoje, 27 de Julho de 2013, é o aniversário (357anos) do Herem de Espinosa, execrado e excluído da sociedade judaica de Amsterdam (graças, adeus) só porque ele era... Espinosa. Hojendia, somos mais sutis...

27/JUL

**18.** Para melhor entendimento dos conceitos de Paranoia e Metanoia da Nova-Mente, pode ser interessante uma abordagem pregressa, embora diversa: Michel FOUCAULT, Aula de 10 de Fevereiro de 1982, Primeira Hora, p. 185 a 204 de *A Hermenêutica do Sujeito* (São Paulo, Martins Fontes, 2004).

02/AGO

**19.** Recomendo veementemente a leitura imediata do livro de Geoffroy de LAGASNERIE: *A Última Lição de Foucault* (São Paulo: Três Estrelas, 2013). Trata-se de uma explanação e desenvolvimento que servem bem para esclarecer em parte o que possa ser A POLÍTICA da NovaMente (A Diferocracia). Também, para quem quiser encarar o nazismo da psiquiatria, o livro de Daniela Arbex: *Holocausto Brasileiro*. São Paulo, Geração, 2013.

08/AGO

**20.** Sobre o Estilo Manuelino do *Mosteiro dos Jerónimos* em Lisboa, que considero Maneirista, leiam a observação da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen:

“Estilo Manuelino:  
Não a nave romântica  
onde a regra  
Da semente sobe  
da terra  
Nem o fuste de espiga  
Da coluna grega  
Mas a flor dos acasos  
que a errância  
Em sua deriva agrega”.

06/SET

**21.** Apesar dos chilikos reacionários e das publicações defensivas de lacanianos e outros, a *Velha Psicanálise* não se sustenta diante de críticas acuradas de autores sérios e importantes como Foucault, Deleuze-Guattari, Barthes, Lyotard, etc.-etc., bem como diante dos eventos contemporâneos que desdizem alguns de seus supostos achados.

Não que seu cerne careça de verdade e de força, mas porque ela teve que nascer premida por um sintoma de *2o. Império* (Freud, Judeu do Século 19) e melhor desenvolvida sob um sintoma de *3o. Império* (Lacan, Cristão do Século 20). Foi diante disso que me vi, NovaMente, na necessidade de reformatá-la, absolutamente dentro de sua paradigmática fundamental, como *Nova Psicanálise* – para que ela possa enfrentar o atual nascimento e crescimento, também sintomático, do *4o Império* que sucederá (MD, Leigo do Século 21).

16/SET

**22.** Leituras importantes para agora: 1) Didier ERIBON: *Échapper à la Psychanalyse*. Paris, Léo Scheer, 2005. Críticas severas e mesmo pertinentes à Psicanálise – mas que não cabem à NovaMente. // 2) Ha-Joon CHANG: *23 Coisas que não nos Contaram sobre o Capitalismo* (2010). São Paulo, Cultrix, 2013. Críticas severas, de um economista importante, ao funcionamento do



Capitalismo – um pensamento econômico compatível com o da NovaMente.  
// 3) Dany-Robert DUFOUR: *A Cidade Perversa: Liberalismo e Pornografia* (2009). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013 – de como um imbecil erudito pode (mal)tratar a psicanálise.

16/SET

**23.** Lamento hoje a morte de FERNANDO PAMPLONA, aos 87 anos, que conheci em 1958: gente da mais fina, ótimo caráter, grande talento, professor excelente da antiga Escola Nacional de Belas Artes. Os jornais o dizem grande Carnavalesco e mestre dos maiores depois dele (Joãozinho Trinta, Rosa Magalhães, etc.) – mas não lembraram os tempos do famoso Baile de Carnaval do Teatro Municipal (há tempos extinto) do qual ele sempre vencia concurso para a decoração: logo após o Carnaval, corríamos todos para ver de perto e detalhadamente o trabalho dele – que era então considerado Arte Decorativa e que hoje em dia teria que estar entre as Grandes Obras das Artes Plásticas. A última vez que o encontrei foi na sala de espera de um médico, há poucos anos.

Naquela famosa Passeata dos Cem Mil que inaugurou a queda da Ditadura Militar (1968) era ele quem me dava o braço do lado direito (do lado esquerdo era a Dirce Riedel... também falecida). Evoé, Pamplona!

29/SET

## **Sobre o Autor**

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

Psicanalista.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NovaMente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (work in progress) em SóPapos e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

## **Ensino de MD Magno**

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*  
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.
2. 1976/77: *Marchando ao Céu*  
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.
3. 1977/78: *Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa*  
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 3ª ed., 220 p.
4. 1978: *Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.
5. 1979: *O Pato Lógico*  
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 252 p.
6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.
7. 1981: *Psicanálise & Polética*  
Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.
8. 1982: *A Música*  
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 329 p.
9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*  
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 2ª ed., 264 p.

10. 1984: Escólios

Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: Grande Ser Tão Veredas

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos

Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Juízo Final

Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: Est’Ética da Psicanálise (Parte 2)

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: Pedagogia Freudiana

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: A Natureza do Vínculo

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 310 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 264 p.
22. 1996: “*Psychopathia Sexualis*”  
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 224 p.
26. 2000: “*Arte da Fuga*”  
Publicado em: *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito*  
Publicado em: *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.
31. 2005: *Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2014. 158 p.
35. 2009: Clownagens  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2012. 210 p.
36. Falatório [a sair]
37. SóPapos 2011 [a sair]
38. SóPapos 2012 [a sair]
39. SóPapos 2013  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015. 214 p.
40. Razão de um Percurso  
(Conferências Simplórias 2013, para divulgação da Nova  
Psicanálise, realizadas na Universidade Candido Mendes)  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015.
41. SóPapos 2015 [em curso]

## Obra Literária

1. *Oferta do Meu Mistério*

Livro composto e reproduzido pelo autor (mimeografado). Rio de Janeiro, 1966.

2. *Aboque/Abaque: Crestomatia*

Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974. 200 p.

3. *Sebastião do Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro / Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1978. 142 p.

4. *CantoProLixo*

Aoutra editora / Matias Marcier, 1985. 90 p.

5. *Kaluda* (O Nando e Eu)

Letras, Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), edição especial, jan/jul 1995, p. 254-285. Republicado em: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) Filosofia: por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 29-50. Terceira publicação: *Et Cetera*: Revista de Literatura e Arte, n. 3, março 2004, p. 170-177. Curitiba: Travessa dos Editores. ISSN 1679-2734.

6. *S'Obras* (1982-1999)

Coletânea de poemas. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002. Editada por Fábio Campana, com coordenação gráfica e editorial de Jussara Salazar.





Este livro foi composto nas fontes  
Amerigo BT, Garamond ITC Bold BT e Times New Roman  
e impresso em agosto de 2015 pela AlphaGraphics Guanabara  
sobre papel offset 80 g/m<sup>2</sup>.